Pernambuco
Governo Roberto Magalhães

Memorandum of Manuel Calado do Salvador.

O
MAGNANIMO
LVCIDENO
E
TRIVMPHO
DA
LIBERDADE
PRIMEIRA PARTE

DE J. J. ALMEIDA

POR O P. MESTRE FREI MANOEL CALADO
da Ordem de S. Paulo, e em 1.ª Egreja da Congregação dos
Benedictinos da Sé da Offa. natural de Villançôga.

D I D I C A D A

AO SERENISSIMO SENHOR D. N. THEODOSIO
Rey do Reyno, & Monarcha de Portugal.

EM LISBOA.

Em 1770. Na Santa Inquisição Ordinaria, & Mesa do Paço.

COLEÇÃO PERNAMBUCANA

2ª FASE

VOL XIII

O VALEROSO LUCIDENO E TRIUNFO DA LIBERDADE

Frei Manoel Calado

II

Prefácio de
JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO

4ª EDIÇÃO

GOVERNO DE PERNAMBUCO
Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes
Fundação do Patrimônio Histórico e
Artístico de Pernambuco
— FUNDARPE
DIRETORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS
RECIFE 1985

ISBN

85-85025-21-2

85-85025-23-9

CALADO, Manuel, Frei 1584-1654. *O valeroso lueideno e triunfo da liberdade*. 4 ed. Pref. de José Antônio Gonçalves de Mello. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1985. 2 v. il. (Coleção Pernambucana — 2ª fase, 13)

Reprodução gráfica da edição de 1942 do Governo do Estado de Pernambuco, com erratas e correções segundo confronto com a edição portuguesa de 1648. Índice onomástico elaborado por José Antônio Gonçalves de Mello.

C.D.U. 981 "16"

981.34 "16"

1. BRASIL — HISTÓRIA — DOMÍNIO HOLANDEZ, 1635-1646. 2. PERNAMBUCO — HISTÓRIA — SÉCULO XVII. PERNAMBUCO — COSTUMES E VIDA SOCIAL. I. Título. II. Mello, José Antônio Gonçalves de, 1916-

AHCC/APE

FR. MANUEL CALADO

O VALEROSO
LUCIDENO
E
TRIUNFO
DA
LIBERDADE

IIº VOLUME

RECIFE

O VALEROSO LVCIDENHO E TRIVMPHO DA LIBERDADE

DO QUE SVCEDEO AO GOVERNADOR
Ioão Fernandes Vieira, & aos moradores de Par-
nambuco, do fim de Julho de 1645. até o
mes de Nouembro do dito anno.

LIVRO QVARTO.

CAPITVLO I.

*Do encontro, que os moradores de Parnambuco
feiz com o General dos Olandeses,
& da gloriosa & milagrosa victo-
ria, que alcançaraõ.*

O vltimo dia do mes de Ju-
lho partio o Governador
Ioão Fernandes Vieira do
sítio, & casa do Couas com
toda a gente que consigo ti-
nha; & chegando ao monte
das Taboas, no alto de ne fez seu aloj-
amento, & se preparou para alli esperar ao
inimigo, & bugar com elle, até vencer, ou
morrer. E fendo que se entrão sempre se
acompanhaua com Antonio Cuaucanti,
rodaua ali por os matos, & certos au-
sos que tinha de pessoas fidedignas, de q
elle o queria matar por a melhor traua
que pudesse, & sendo certo de que se auia
comprado peçonha com esta parte, para
lha darem: mandou ali fazer uma can-
raça cuberta de ferro para si, & o Sar-
gento mór Antonio Dias Cardozo en-

comendou a guarda da pessoa do dito
Governador ao Capitão Paulo Veloso,
com ordem aos soldados da guarda, que
se vissem de noite chegar alguma pessoa, &
não desse o nome particular, logo o ma-
tasssem com huma balla. Mandou o Go-
uernador reconhecer todo aquelle sítio
por o Sargento mór, o qual como prati-
co na milicia, norou todas suas entradas,
& sahidas, & os postos acomodados para
poder pelejar com mais segurança, & fa-
zer dano ao inimigo, o qual ja tinhamos
nouas que vinha buscando a nossa gente
como leão rainoso.

Tanto que o Governador das armas
Olandesas Henrique Hus se vio incor-
porado com toda sua gente de guerra, &
com a tropa do Capitão mór Ioão Blar,
& com os Indios Brásilianos de sua par-
ciandade, achando consigo mil & qui-
nhentos soldados de armas de fogo, que
eraõ a flor da soldadesca Olandesa (a fo-
ra muitos Indios Caboclos) sabio da
pouação de S. Lourenço em busca de
Ioão Fernandes Vieira, & chegou a casa
do Couas, aonde lhe tinhaõ dito que es-
tava

O VALEROSO LUCIDENO E TRIUNFO DA LIBERDADE

DO QUE SUCEDEU AO GOVERNADOR JOÃO FERNANDES
VIEIRA E AOS MORADORES DE PERNAMBUCO, DO FIM
DE JULHO DE 1645, ATÉ O MÊS DE NOVEMBRO DO DITO
ANO

Livro Quarto

CAPÍTULO I

*Do encontro, que os moradores de Pernambuco tiveram com
o General dos holandeses, e da gloriosa, e milagrosa vitória,
que alcançaram.*

No último dia do mês de julho partiu o Governador João Fernandes Vieira do sítio, e casa do Covas com toda a gente que consigo tinha; e chegando ao monte das Taboas, no alto dele fez seu alojamento, e se preparou para ali esperar ao inimigo, e brigar com ele, até vencer, ou morrer. E sendo que até então sempre se acompanhava com Antônio Cavalcanti; todavia ali por os muitos, e certos avisos que tinha de pessoas fidedignas, de que ele o queria matar por a melhor traça que pudesse; e sendo certo de que se havia comprado peçonha em certa parte, para lh'a darem; mandou ali fazer uma barraca coberta de feno só para si; e o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso encomendou a guar-

da da pessoa do dito governador ao Capitão Paulo Veloso, com ordem aos soldados da guarda, que se vissem de noite chegar alguma pessoa, e não desse o nome particular, logo o matassem com um bala. Mandou o governador reconhecer todo aquele sitio por o sargento-mor, o qual como práctico na milicia, notou todas suas entradas e saídas e os postos acomodados para poder pelejar com mais segurança, e fazer dano ao inimigo, o qual já tínhamos novas que vinha buscando a nossa gente como leão raivoso.

Tanto que o Governador das armas holandesas Henrique Hus se viu incorporado com toda sua gente de guerra, e com a tropa do Capitão-mor João Biar, e com os indios brasileiros de sua parcialidade; achando consigo mil e quinhentos soldados de armas de fogo, que eram a flor da soldadesca holandesa (afora muitos indios Caboclos) saiu da povoação de São Lourenço em busca de João Fernandes Vieira, e chegou à casa do Covas, aonde lhe tinham dito que estava alojado; e chegando ali em dois dias de agosto. e não o achando, mandou queimar as casas do Covas, e todas as mais que ali estavam, assim de seus negros, como de outros vizinhos com todos os móveis que nelas estavam; e foi seguindo a trilha da nossa gente, para o outeiro das Tabocas; descobriu-se a fumaça do fogo por uma sentinela que tínhamos ao largo, e dando aviso ao nosso governador, mandou ele ao Sargento-mor Antônio Dias Cardoso que mandasse por gente prática da terra saber que fumaça era aquela. Mandou o sargento-mor descobrir o campo por o Capitão João Nunes, o qual em breve espaço de tempo deu com o inimigo, o qual lhe derrotou a gente que levava; e ele veio a dar aviso do que tinha visto, e como o inimigo se vinha chegando para a passagem do rio Tapacurá.

Ouvindo o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso esta nova, não perdeu o ânimo, antes com muito esforço e brio, e com maior diligência fez logo quatro emboscadas em lugares para isso acomodados, cobrindo umas a outras, e repartiu os capitães com suas companhias por seus postos, deixando um batalhão no alto do monte, em companhia, e guarda do Governador João Fernandes Vieira, para dali ir mandando gente de socorro às partes aonde houvesse mais necessidade dele. Veio o inimigo nos três dias de agosto véspera da véspera de N. Senhora das Neves a buscar-me. E vindo chegando à passagem do rio Tapacurá, suspeitando que entre aquelas reboleiras de mato houvesse alguma em-

boscada da nossa gente, deu uma carga cerrada e os seus índios levantaram um grande alarido de festa, como de quem tinha já o pleito vencido, o qual ouvido despediu o sargento-mor ao Capitão Domingos Fagundes com quarenta homens para lhe ter o encontro, e meteu as emboscadas, e em uma pôs aos capitães João Pessoa, e João Pais Cabral, e em outra o Alferes Inácio Pita, e logo outros capitães; e em outra parte ao Capitão Paulo Veloso, e em outra ao Capitão Antônio Borges Uchoa, e logo ao Capitão João Soares de Albuquerque senhor do engenho de Muribeca, o qual socorria as partes aonde havia necessidade de socorro; e não andava menos diligente o Capitão Antônio Gomes Taborda, o qual não se descuidava em acudir a uma e outra parte com muito esforço, e brio.

Vinha-se chegando o inimigo ao nosso alojamento, e o Capitão Domingos Fagundes o saiu a receber um largo espaço do nosso corpo da gente; e com quarenta soldados que levava consigo brigou com toda a tropa do inimigo mais de uma hora, e o deteve que não passasse avante; e foi-lhe mui favorável o ser o caminho estreito, e áspero, e rodeado de matos, e barrocas, aonde os seus soldados por serem poucos se podiam bem menear entrando, e saindo, e fazendo dano aos contrários, que vinham unidos em esquadrão formado; enfim o Capitão Fagundes veio brigando mais de uma hora sempre de cara com o inimigo, e retirando-se até que meteu suas tropas, que o vinham seguindo, dentro das nossas emboscadas, aonde lhe matamos muita gente; e tanto que deixou a briga travada, e tudo baralhado, se meteu por entre o mato, e chegando ao nosso corpo da gente, se melhorou com oitenta homens a um campo aonde brigou com o inimigo até se acabar a batalha, a qual foi desta maneira.

Tanto que o General holandês se viu junto da passagem do rio Tapacurá, aonde o veio a receber o Capitão Fagundes, e brigou com ele tão animosamente até o meter nas nossas emboscadas, reconhecendo que no alto do monte estava o Governador João Fernandes Vieira com a nossa gente; entrou com toda a sua pelo rio com grande orgulho, para passar da outra parte, e alcançar a vitória, que já lhe parecia que a tinha na mão; e aos soldados que recusavam a passagem do rio, os sargentos os feriam com as alabardas; nesta passagem como o lugar era estreito lhe matamos muita gente, porém isso não obstante o inimigo passou, e se pôs da outra parte do rio, e tanto que se viu em um campo, não

mui largo, nem comprido, que esta junto ao rio, formou seu esquadrão com grande ímpeto, e coragem, porém os nossos capitães, que o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso tinha posto com seus soldados nos lugares acomodados, lhe deram tão terríveis cargas, que os fizeram retirar com perda de muita gente; e os nossos capitães de nossa parte que estavam nestas emboscadas distantes trezentos passos do nosso alojamento eram os seguintes: o Alferes Inácio Pita com trinta homens, na segunda os capitães João Pais Cabral e João Pessoa Bezerra com quarenta homens, na terceira o Capitão João Gomes de Melo com vinte e cinco soldados, na quarta o Capitão Jerônimo da Cunha do Amaral com vinte e seis soldados.

Retirado o inimigo para a campina, que terá pouco mais ou menos, quatrocentos passos de comprimento, e largura; ali se reformou e pôs seu esquadrão em ordem, porém já na campina achou aos nossos dois capitães Domingos Fagundes e Francisco Ramos, que começando a brigar com ele valorosamente, lhe mataram muitos de seus soldados, e o fizeram deter, dando tempo aos nossos que tornassem a reformar as emboscadas. Vendo isto o Governador João Fernandes Vieira, abraçou uma rodela, e arrancou a espada, e se foi abalanzando para o inimigo com muito orgulho, e furor com o corpo de gente que consigo tinha, gritando: *A eles, a eles, à espada, à espada*. Porém o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso e o Padre Simão de Figueiredo o detiveram pondo-lhe as pontas dos dardos nos peitos; e vendo que lhe não podiam reprimir o ímpeto, o Padre Simão de Figueiredo lhe requereu da parte de Deus, e de sua Majestade, e da liberdade divina, e do povo cristão de Pernambuco, que se detivesse, e não arriscasse sua vida, porquanto em sua pessoa consistia o remédio total da Capitania de Pernambuco se ver livre do tirânico cativo em que estava metida, e que tivesse consigo o corpo da gente para ir provendo os lugares que se vissem necessitados. Ouvido este requerimento se deteve o nosso governador, ainda que mui cheio de ira e cólera.

Reformado pois o governador holandês, repartiu uma tropa para brigar com os capitães Domingos Fagundes e Francisco Ramos na campina, e com todo o mais corpo de sua gente acometeu ao Tabocal com intento de chegar a apoderar-se do posto aonde estava o corpo da nossa gente, porém os nossos que estavam emboscados lhe deram carga à

mão-tente e lhe mataram muitos soldados e se retiraram para mais perto, para onde estavam os nossos sem perda alguma. Foi o inimigo abalançando-se avante dando sempre grandes cargas; e em uma deles mataram ao Capitão João Pais Cabral, natural de Pernambuco, filho de Julião Pais Daltro, homem nobre, e grande soldado, que o havia feito com grande valor, o qual sendo ferido com uma grande pelourada, querendo-o retirar, o não quis consentir, antes se tornou a meter entre os seus soldados dizendo: *Não é nada, não é nada, vamos a eles, viva a Fé de Cristo*. E estando brigando animosamente, lhe deram segunda pelourada, de que caiu morto em terra; também mataram ao Alferes João de Matos, homem natural desta terra, filho de Baltazar de Matos, homem natural de Viana, o qual já tinha perdido três filhos nas guerras de Pernambuco, e a este João de Matos mataram com uma bala, que lhe entrou por um olho, e caindo em terra os holandeses e Caboclos lhe fizeram o corpo em retalhos.

Levantou então um sacerdote a voz dizendo: *Senhores portugueses, estamos com a morte diante dos olhos, pelo que se aqui estão entre nós alguns que estejam divididos em inimizades; façam-se amigos e reconciliem-se com seus próximos; e se algum se sentir com a consciência perturbada com qualquer género que seja de pecado, confesse-se, e ponha-se bem com Deus, para que nos acuda com sua misericórdia nesta ocasião tão apertada*. Logo desceram ao baixo do outeiro aonde a escaramuça andava bem travada, que podia ser um tiro de arcabuz do nosso alojamento, o Padre Simão de Figueiredo e o Padre João de Araújo e o Padre Frei João da Ordem de S. Bento, foram confessando a todos os que pediram confissão, com as circunstâncias e solenidades, que a tribulação tão precisa e apertada estava pedindo; e ficando-se no baixo do monte o Padre João de Araújo com o Padre Frei João do qual logo trataremos em particular, porque o merece melhor que muitos; o Padre Simão de Figueiredo depois de assaz cansado de andar por entre o mato confessando aos nossos soldados de uma em outras parte. Tornou a subir aonde estava o Governador João Fernandes Vieira, para lhe dar guarda, porque como sabia que com ódio o queriam matar, tudo por inveja, não se ousava apartar dele, nem o Capitão Francisco Gomes de Abreu, e outras pessoas a quem se havia encomendado a guarda da tal pessoa, e instigado o dito governador de um santo zelo do ser-

viço de Deus, que o não deixava refrear a cólera, arremeteu de corrida para onde estava o batalhão dos holandeses; e o Padre Simão de Figueiredo pegou dele, e dizendo-lhe que não deitasse a perder uma empresa tão honrosa, arriscando a sua vida, porque sem dúvida o haviam de matar traidores se o vissem empenhado na bulha; o mesmo lhe requereram os homens leais, e fiéis que ali estavam, e assim às mãos, e à força de braço o fizeram deter; e porque o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso andava no meio da bulha governando os capitães e soldados, dèscorrendo por as estâncias e provendo com socorro aonde sentia fraqueza; o Padre Simão de Figueiredo estava junto do governador e dali dèspedia alguns troços de soldados para os lugares, aonde eram necessários e se lhe pediam, dando à execução o que o governador ordenava.

Chegou o inimigo à boca do tabocal e querendo sair a uma segunda campina, que se seguia à primeira, os nossos o receberam com ânimo determinado, e valente. Apresentou-se-lhe logo diante o Capitão Antônio Gomes Taborda, que este dia fez maravilhas e com ele o Capitão Mateus Ricardo, que em defesa da pátria, e da Fé Católica, ficou ali morto com grande glória; os demais capitães também fizeram sua obrigação, com muito valor e esforço, os quais aqui não nomeio por serem muitos, e por não cortar o fio da história, o que farei em seu lugar acomodado; resistiram os nossos naquele passo por mais de uma hora ao inimigo tão porfiadamente, que lhe foi forçado retirar-se alguns passos atrás, aclamando os nossos, vitória, vitória, e vendo o inimigo que não podia romper a nossa gente, lançou pelas ilhargas de seu esquadrão algumas mangas, para que encobertas com o mato nos viessem a dar nas costas, porém como o nosso governador e sargento-mor andavam vigilantes, e tinham posto boas sentinelas, foram as mangas recebidas, e abatidas com tanto esforço, que se tornaram a retirar com muita perda sua, e pouca nossa, e o primeiro, que foi dar carga nestas mangas, foi o Capitão Tomé Dias da Costa com doze homens, e as fez retirar, e neste dia mostrou grande valor.

E para que se saiba em como esta empresa foi favorecida do céu, succedeu que dois capitães nossos com trinta homens de dardos e paus tostados, iam fugindo por entre o mato, e vendo-os ir, lhe disse o Capitão Manuel Soares Robleas as injúrias que naquela ocasião eram bem que lhes dis-

sesse, ao que eles não responderam, e foram varando, succedeu pois que indo fugindo, deram de rosto com uma das mangas do inimigo, o qual imaginando que era contra emboscada nossa, virou logo as costas para o seu esquadrão a rédea solta, de maneira que até os que nos iam fugindo com temor da morte, até eles sem pelejar, pelejaram, e sua covardia nos foi de proveito, porque quando Deus quer, moscas e mosquitos e música de rãs, bastam para perturbar ao mais soberbo Faraó do mundo.

Ao retirar do inimigo lhe foi dar carga o Capitão Bartolomeu Soares ao descoberto, com vinte e seis soldados, e como se empenhou muito, lhe deram duas pelouradas mortais; neste tempo os oficiais holandeses andavam com muito fervor animando os seus e procurando que ganhassem terra, ora com palavra, ora com pancadas, com o que se animaram, de maneira que nos iam ganhando o posto; não se descuidaram os nossos oficiais de animar aos nossos, metendo-os no perigo; e o Governador João Fernandes Vieira da gente que tinha consigo ia mandando socorro a várias partes, segundo a necessidade o pedia, e com semblante tão alegre e ânimo tão inteiro, como se não estivera pelejando com o inimigo tão alentado; e assim se tornou a rebater o inimigo, havendo já duas horas e meia que se brigava sem descansar. Andava no exército holandês o seu sargento-mor a cavalo, entre outros, governando a gente com uma bengala na mão, este se saiu fora do esquadrão com seis homens, para ver por onde mandaria a gente a nos cortar, mas não saiu com seu intento, porque um soldado nosso lhe fez tiro, e o derrubou pelas ancas do cavalo e os seus o levaram logo em braços.

Enfadados os inimigos da contenda tão porfiada, arre-meteram com muito furor aos nossos e os puseram em grande aperto, com tanta porfia, que muitos dos nossos ficaram quase sem fôlego de cansados, e foi necessário retirá-los, e meter logo outros em seu lugar o sargento-mor, mas como o inimigo tinha tanto poder, e os descansados succederam aos cansados, ganharam desta vez tanta terra, que esteve a coisa muito arriscado a se perder de todo, se o céu não acudiria por os seus fiéis; estava junto ao governador um sacerdote com uma imagem de Cristo crucificado nas mãos, animando a nossa gente, e vendo o grande perigo em que estávamos, fez uma exclamação pedindo a Cristo pelos merecimentos de sua paixão e morte, e pelas dores e angústias que a Virgem

padeceu ao pé da cruz, que não atentasse para nossos pecados, merecedores de eterno castigo, senão para seu amor e misericórdia, e que não permitisse que os inimigos de sua Santa Fé, que tantos agravos lhe tinham feito, profanando seus templos, e despedaçando as sagradas imagens dos santos, triunfassem do seu povo católico, que estava pelejando por sua honra, e que pois a empresa era sua, nos desse vitória contra aqueles tiranos hereges, para que o mundo soubesse que aos que pelejavam por a honra de Deus, não lhe faltava o divino favor e adjutório.

E depois de um breve arrazoado que fez aos circunstantes, exortando-os a pelejar varonilmente pela honra de seu Deus e Senhor, pediu a todos com grandes encarecimentos, que cada um fizesse seus votos a Cristo nosso Redentor, para que os socorresse, e à Virgem Santíssima mãe sua, para que os favorecesse com sua intercessão, o que todos fizeram, prometendo cilícios, disciplinas, jejuns, romarias e esmolas; e o Governador João Fernandes Vieira, como não é menos cristão, que bom e valeroso soldado, prometeu de levantar duas igrejas, uma a Nossa Senhora de Nazaré, e outra a Nossa Senhora do Desterro; e despediu os negros Minas seus escravos, que tinha em sua guarda, e outros Angolas e crioulos, e os mandou para onde a escaramuça andava travada, prometendo-lhes cartas de alforria se o fizessem como valerosos. Descenderam os negros do alto do monte por duas partes, armados com arcos, flechas, zagunchos, e facões, todos com penachos a seu modo, e tocando flautas, atabaques, e buzinas, fazendo grande vozeria, e com tanta fúria, e estrondo desceram do monte, que os nossos começaram a aclamar, vitória, vitória, e o inimigo começou a perder a terra, e a nossa gente a segui-lo; os que tinham armas de fogo diante, piqueiros atrás e por não dar lugar o sítio, não puderam chegar a pôr as mãos ao inimigo, sendo que por vezes o investiram com tal valor, que o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso e os capitães tinham mãos neles às pancadas, e à espada, porque os não matasse o inimigo ao desembocar ao estreito do tabocal; contudo como estavam de mistura com os espingardeiros, ficaram nove feridos, e três mortos, os quais foram Martim Machado, Francisco da Costa, capitão do campo da freguesia do Cabu e Jerônimo da Silva da Cunha, os quais iam brigando valorosamente.

O inimigo pelejava com palanquetas e balas enramadas, e muitas delas hervadas, segundo se viu, porque nas

bolsas dos mosquetes que os mortos deixaram se achou toucinho e sebo entre as balas; e por esta causa as feridas, ainda que aliás fáceis, eram ruins de curar; a este tempo estava o campo aonde o inimigo pelejava todo tinto de sangue e alastrado de corpos mortos, os quais iam retirando, e deitando no rio, para que não fossem vistos dos nossos, mas como eram muitos não os podiam retirar todos. Entre os flamengos morreram muitos índios, que os acompanhavam, e também se achou uma índia, que morreu com a criança que trazia nos braços, ambas passadas de uma bala, que neste tempo eram tão bastas, que parecia uma chuva.

Já neste tempo se o inimigo pudera se retirara sem dúvida, mas não o fez, porque o havíamos de seguir, e por ser de dia, no alcance, os houveramos de matar a todos, pelo que vendo que a noite se vinha chegando, determinaram de dar o último combate com maior força, por ver se nos podiam vencer, e quando não, para se retirarem tanto que chegasse a noite, que por ser por matos e escuro, o fariam com mais segurança. Com esta resolução, com grandes gritos e alarido, nos acometeram com uma fúria espantosa, dando tais cargas, que as carnes tremiam; não desmaiaram os nossos soldados, antes alentados com a presença de seus maiores oficiais, lhe resistiram com grande esforço, matando e ferindo a muitos; tocava da nossa parte de continuo uma trombeta um índio, chamado Batista, que havia trazido a nova da vinda do Camarão, e com ela esforçava tanto aos nossos, que o faziam como uns leões, mas como o inimigo pelejava como desesperado, apertou tanto com os nossos, que os veio retirando e ganhando muita terra, e aqui esteve a coisa mais arriscada que nunca, e já muitos se davam por perdidos.

Vendo o Governador João Fernandes Vieira o grande aperto em que estavam os seus, arremeteu com grande valor, para se meter no meio dos inimigos, dizendo: *Valorosos portugueses, viva a Fé de Cristo, a eles, a eles*. Mas os que com ele estavam o detiveram com bem trabalho, requerendo-lhe da parte de Deus que o não fizesse, porque de sua pessoa dependia todo o bem de Pernambuco e que se ele perdesse a vida, se perderia tudo. Nesse tempo levantou o Padre Manuel de Moraes a imagem de Cristo Nosso Senhor em alto e aclamou: *Senhor Deus Misericórdia*. E todos os circunstantes responderam o mesmo, e disse: *Irmãos digamos todos uma Salve Rainha à Virgem Mãe de Deus*. E em

dizendo todos em alta voz: *Salve Rainha, Madre de Misericórdia*, se viu logo o favor da Mãe de Deus, porque o inimigo se começou a retirar descomposto e ir perdendo terra a olhos vistos e os nossos começaram a gritar: *Vitória, Vitória*, e acometeram com tanto impeto, que o desalojaram e deitaram fora do campo, ficando com uma gloriosa vitória alcançada pelos merecimentos da Sacratíssima Virgem Maria Mãe de Deus aos três de agosto deste presente ano de mil e seiscentos e quarenta e cinco, dia do proto-mártir Santo Estêvão, durou este terrível combate quatro para cinco horas contínuas, da uma e meia depois do meio-dia até a noite fechada, que foi a que fez cessar a briga.

Foi esta gloriosa vitória de grande honra para os nossos, e de grande abatimento para o inimigo, que tão soberbo andava, porque nela perdeu a reputação e a mais florida gente que tinha e não se lhe seguiu o alcance, por ser noite fechada e mui tempestuosa, esperando sempre com as armas nas mãos e boas sentinelas, que chegasse a luz do dia, para o acabarmos de desbaratar de todo em todo; porém ele derrotado e com grande temor, caminhou toda aquela noite, fugindo por caminhos mui trabalhosos, tais que de dia se anda por eles com dificuldade; perderam neste encontro os melhores oficiais de guerra que tinham e no campo e mato achamos as insígnias de seus cargos militares, com que governavam o exército.

Houve muitos particulares que mostram ser esta vitória dada pelo céu e por milagrosos caminhos. Principalmente as nossas armas eram poucas e fracas, comparadas com as do inimigo, porque o inimigo trazia mil e quinhentos homens bem armados com armas de fogo e oitocentos índios Pitiguares, inimigos capitais do sangue português, os quais sendo criados aos peitos da Santa Igreja Católica, e doutrinados na Fé de Cristo com contínuo trabalho dos padres da Companhia de Jesus e de outras religiões, tanto que viram os holandeses na terra, logo se uniram com eles, e se puseram contra nós, e nos fizeram mais cruel guerra, que os mesmos luteranos, ensinando-lhes os caminhos secretos da terra, e sendo os executores de suas tiranias e crueldades e os que lhes descobriam os lugares secretos, aonde os pobres moradores andavam retirados, e os que roubaram a todos, e mataram a muitos inocentes, mulheres e meninos, com crueldade nunca vista, também estes vinham armados, os mais deles com mosquetes, e outros com arcos, e flechas. E de

nossa parte no princípio da peleja não se acharam mais que mil e duzentos homens brancos, e estes com duzentas espingardas, e se foram refazendo de outros cento dos que estavam repartidos por outras estâncias, que acudiram ao estrondo da bateria; e os demais dos nossos tinham dardos, facões, e espadas, e rodelas, e paus tostados, e com tudo atuaram as nossas espingardas toda a bateria, que durou quatro para cinco horas contínuas, sem nenhuma arrebentar, nem faltarem, ou quebrarem as pedras nos fechos, atirando algumas delas mais de cinquenta tiros, e matando-lhes nós tanta gente ao inimigo, ele nos não matou a nós mais que oito homens, e feriu trinta e dois, dos quais são mortos três, e os demais se vão curando com muito cuidado.

O inimigo gastou não só a pólvora e balas que os soldados traziam, que era muita, mas também despejaram os barris de pólvora, e cunhetes de balas, que traziam de sobressalente; e a nós com estarmos faltos de pólvora, acrescentou Deus de modo, que nos sobejou atirando a nossa gente quatro para cinco horas contínuas; e quando pediam pólvora, a acharam aonde se não esperava havê-la. E succedeu que andando por ordem do sargento-mor um genro de Estêvão de Paiva, chamado Jacinto de Teves, repartindo pólvora de um cabacinho, que poderia levar uma libra, andou de uma e outra estância dando pólvora aos que a pediam, e andando por entre as balas, que eram tão bastas como chuva, não saiu ferido; e dando pólvora a todos os que a pediam em todo o tempo que durou a bateria, quando acabada ela, se recolheu, ainda achou o cabacinho meado de pólvora.

Além disto deram muitas balas dos inimigos em soldados nossos, e perdendo a fúria que traziam, lhes caíram aos pés, sem lhes fazer dano, deixando somente um sinal no lugar em que deram; além disto os mais dos holandeses, que escaparam com vida deste encontro, confessavam por suas bocas, que no mais fervoroso e perigoso da bateria, viram andar entre os portugueses uma mulher muito formosa, vestida de branco e azul, com um menino nos braços, e junto a ela um velho venerando, em hábito de ermitão, os quais davam armas, pólvora e balas aos nossos soldados; e que era tanto o resplendor que a mulher, e o menino tinham, que os olhos se lhes ofuscavam, e não podiam olhar para eles de fito a fito; e que isto lhes meteu tanto temor e espanto, que lhes fez logo virar as costas, e retirarem-se descompos-

tamente. Bem se mostra claramente que esta mulher era a Virgem Maria Nossa Senhora Mãe de Deus, que acudiu a nos favorecer tanto que a nossa gente implorou seu favor, e socorro, e a saudou, dizendo em altas vozes com lágrimas nos olhos: *Salve Rainha Madre de Misericórdia*. Bem mostrou a Virgem neste feito que nos queria ajudar com seu favor a vingarmos os agravos que estes cruéis tiranos e pertinazes hereges lhe tinham feito quebrando e fazendo em pedaços as suas santas imagens e de seu bendito Filho.

Pois o venerando velho, que vinha acompanhando a esta Senhora, bem se deixa coligir que seria o glorioso Santo Antão, o qual entre aquelas ásperas montanhas, e inhabitados campos tinha uma igreja, aonde os moradores de Pernambuco (quando Deus queria) lhe iam todos os anos, aos dezessete dias de janeiro com os moradores daqueles matos circunvizinhos, a fazer uma festa, com missa e pregação, para que lhes guardasse, e defendesse seus gados, e cavalgaduras dos tigres, onças e suçuaranas, que se criam e vivem entre aquelas brenhas, e também para que lhe defendesse as suas roçarias de farinha e legumes dos porcos do mato, chamados na língua brasílica *Taiassuaté*, ou *Taiassuaterica*, os quais aonde chegam deixam tudo destruído; e como depois que os holandeses entraram em Pernambuco ficou a sua igreja ao desamparo, e os hereges lhe fizeram a sua imagem em pedaços; tanto que os viu naquela paragem, brigando com os cristãos católicos que era a nossa gente, veio ajudar-nos a vencer, e a significar-nos que estava de nossa parte, e juntamente castigar os desaforos que os inimigos da Fé fizeram em sua igreja, e a despertar em nós a memória, e cuidado de o servirmos, e venerarmos.

Retirado o inimigo, ficaram como era de noite, em emboscada os capitães Jerônimo da Cunha do Amaral, Francisco de Figueiredo da Silva, Francisco Gomes de Abreu e Cosmo do Rego, os quais se houveram nesta ocasião com muito valor e esforço; o Capitão Domingos Ferreira pelejou tanto e com tal fervor, que no fim da peleja caiu em terra de cansado sem poder tomar fôlego, e o governador o mandou retirar por quatro homens, o qual em tomando alento, e bebendo um púcaro de água, logo se foi para as emboscadas que se haviam feito, sem reparar na grande chuva que caía do céu, não me atrevo a especificar o esforço, valor e cuidado, com que nesta empresa se assinalou o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, andando por entre as balas, que

choviam, sem medo, nem temor, metendo e tirando soldados, segundo era necessário, animando a todos e mandando prover tudo o que convinha em ocasião tão perigosa, por os seus dois ajudantes, um chamada Amaro Cordeiro e outro Francisco Gomes, os quais com muita diligência e cuidado fizeram neste dia sua obrigação, dando à execução as ordens que o sargento-mor lhes mandava e juntamente exortando aos soldados a pelejar, com palavras mui corteses e mui efêctivas.

As dez horas da noite nos melhorou o sargento-mor de sítio para irmos a buscar o inimigo tanto que amanhecesse, o que não teve effeito por ele se haver retirado e fugido a mata cavalo; em chegando a luz do dia foi descobrir o campo o Capitão Francisco Ramos, que é um dos mais espartos homens em diligência, que na no Estado do Brasil, para tomar o rastro, e descobrir emboscadas, e andar por entre os matos, e de ânimo, e valor para qualquer perigosa fação; e sobretudo grande espingardeiro e mui certo no atirar, o que bem mostrou neste encontro, matando a muitos holandeses, e ferindo a outros; tornou o capitão, e disse, que não havia inimigos por aquella paragem, e que tudo estava seguro, saíram então os nossos capitães e soldados, a correr os campos, matos e campinas; e na campina achamos cento e setenta holandeses mortos; e no rio Tapacurá se acharam em uma parte cincoenta e cinco, e em outra vinte e nove, que fazem número de duzentos e cincoenta e quatro afora outros que acharam em várias partes, por entre o mato.

Ficaram os nossos soldados mui alegres e alentados, vendo-se armados com os mosquetes, que os holandeses mortos haviam deixado no campo, também os nossos negros se aproveitaram dos móveis que acharam, indo percorrendo por várias partes do campo e mato, e vendo-se vestidos e armados com as armas de fogo, ficaram tão briosos e soberbos, como se foram assanhados leões; sendo certificados os nossos que o inimigo havia fugido, e não estava nos lugares circunvizinhos, mandou o Governador João Fernandes Vieira que todos dessem a Deus e à sua Santíssima Mãe as graças da assinalada mercê que nos haviam feito; e acabada a oração que todos fizeram a Deus, postos de joelhos, se levantaram em pé e disseram três vezes em alta voz: *Viva a Fé de Cristo, e a liberdade. Vitória, vitória, vitória.* E logo o Governador João Fernandes Vieira com o chapéu na mão.

foi abraçando a todos os capitães e soldados, agradecendo-lhes e louvando-lhes o esforço e brio, com que se haviam mostrado naquela ocasião, e para que constasse a todos a grande alegria e contentamento, que em seu peito se encerrava, deu liberdade e alforria a cincoenta escravos seus Minas e Angolas, que naquela ocasião o haviam ajudado valentemente; e deles elegeu dois capitães, dando a cada um vinte e quatro soldados, e a alforria que lhes deu foi com cláusula que o acompanhariam, e serviriam na guerra enquanto durasse a empresa da liberdade. Morreram dos nossos neste encontro oito homens, e saíram trinta e dois feridos. dos quais até hoje morreram três.

Os capitães que nesta empresa acompanharam ao Governador Joao Fernandes Vieira, suposto que muitos deles não tinham mais que oito e dez soldados, são os seguintes: Amador de Araújo, cabo dos capitães de Ipojuca, S. Antônio, Manuel de Araújo de Miranda, seu filho, Simão Mendes que acompanhou a Domingos Fagundes e veio brigando com o inimigo até o meter nas nossas emboscadas, Cosmo do Rego, João Soares de Albuquerque, animoso homem, Antônio de Crasto, Francisco Gomes de Abreu, Antônio Gomes Taborda, valoroso soldado, Sebastião Ferreira, Antônio Borges Uchôa, Francisco de Lisboa, Tomé Dias da Costa, Manuel Soares Robres, cabo de capitães, o qual o fez maravilhosamente. Marcos Pires com três filhos seus, dos quais lhe morreu um com uma pelourada chamado Manuel Soares, Paulo Velozo, Fernão Gomes, Inácio Mendes, Pedro Marinho Falcão, Pedro Correia, Braz de Barros, João Barbosa

Os moradores que acompanharam a pessoa do governador, alistados em sua companhia, são os seguintes: Domingos de Sá Barbosa alferes da companhia, Antônio Cavalcanti com dois filhos, Francisco Berenguer de Andrada, sogro do governador com um filho, Arnão de Holanda com dois filhos, Cosmo de Crato Passos, um dos mais fiéis servidores que El-Rei teve nesta ocasião, Manuel Cavalcanti de Albuquerque seu genro, Antônio Bezerra, homem de muitos mercementos, João Lourenço Frances com dois filhos, Bernardino de Carvalho com um filho chamado Manuel Alures de Carvalho, que pelejou valorosamente, Jerônimo de Oliveira Cardoso, e Diogo da Silva, ambos da casa do governador, Manuel Fernandes da Cruz com dois filhos, este foi levado por força, Amaro Lopes de Madeira mui fiel e vigilante no segredo desta empresa, João Dias Leite com dois filhos.

Alvaro Teixeira de Mesquita, Antonio Gomes, Antonio de Magalhães de Melo, que andou animando, e metendo gente em um cavalo, Antonio da Silva, Luiz da Costa de Sepuveda, Antonio Tavares, Francisco Rodrigues Tavares, Baltazar de Azevedo, Simão Velho Barreto com dois filhos, Lourenço de Abreu com um filho, Cosmo Soares de Araujo, Antonio da Costa e Tomas da Costa irmãos, Manuel Barreto e Francisco Barreto irmãos, Antônio Coelho Serpa, o Capitão Antônio Carneiro Falcato, e outros, cujos nomes ignoro; João Cordeiro de Mendanha, o qual serviu de almoxarife e trabalhou grandemente, em dar todo o provimento aos soldados, e ajudou com um filho seu a curar os feridos com grande zelo cristão e caridade, e faço aqui advertência, que esta vitória se alcançou só com a gente de Pernambuco, moradores da terra, antes de lhe vir da Bahia, nem de outra alguma parte socorro de gente, nem munições, de que estavam tão necessitados e nisto resplandeceu o favor do céu e a misericórdia de Deus.

Tambem neste perigoso combate se acharam três clérigos sacerdotes, a saber o Padre Simão de Figueiredo, natural de Pernambuco, o Padre João Batista Lobo natural de Lisboa, o Padre João de Araújo, natural de Ponte de Lima e um religioso da Ordem de S. Bento, chamado Fr. João da Ressurreição, os quais todos trabalharam muito, confessando aos feridos e animando a gente; porém o que mais se assinalou entre eles e trabalhou mais foi o Padre Frei João da Ressurreição. Este padre com outro seu companheiro chamado Frei Antônio havia vindo da Bahia com os embaixadores holandeses com pressuposto de se ficarem em Pernambuco no engenho de Mussurepe aonde estava o Abade Fr. Anselmo da Trindade e tanto que chegaram ao Recife, e se apresentaram aos do supremo Concelho, dando-lhes obediência, eles lhes mandaram que não saíssem do Recife para fora, até tornar outra embarcação para a Bahia, e eles nela, achando que eram espias, que vinham a vigiar a terra, e solicitar os moradores a que se levantassem; tardou a embarcação, e os ditos padres por suas intengências ofereceram um suborno de quatro caixas de açúcar a um dos do Concelho chamado Henrique Amel, para que os deixasse ficar na terra, e isto foi por mão de um judeu corretor do dito Amel, e estas caixas veio a entregar ao Recife o Abade Fr. Anselmo, então se deu licença aos ditos padres para poderem sair do Recife por alguns dias, enquanto se preparava

embarcação, e tanto que eles estiveram fora logo os mandaram nunciar que se tornassem para dentro em espaço de oito dias, para se ir um para a Bahia e outro para Holanda. neste tempo os avisou o Padre Frei Manuel do Salvador, que se metessem por o mato, porque dentro em quinze dias abria Deus caminho para poderem andar na terra livremente (o que os ditos padres fizeram) e como dentro neste limite se levantou Joao Fernandes Vieira, o Capitao-mor João Blar, chegou a Mussurepe e roubou aos padres de S. Bento tudo quanto possuíam, até os ornamentos ricos do convento, que haviam escapado na tomada de Pernambuco; então fugiu o Padre Frei João com seu companheiro e veio de mato em mato sem saber caminho, até que o guiaram aonde estava o Governador João Fernandes Vieira, e o acompanhou na bataria das Tabocas, e enquanto ela durou sempre este dito Padre Fr. João andou entre as emboscadas e lugares perigosos, aonde estava pelejando a nossa gente, confessando aos necessitados de confissão, e metido por entre as balas sem temor algum, animava de sorte aos nossos soldados, que não sei se diga que mais parecia valoroso capitão, do que humilde religioso; e acabada a bataria, que foi de noite fechada, foi visitar as emboscadas com muito valor. Este é o successo de nossa milagrosa vitória, e para que ao curioso leitor seja mais agradável o quero escrever por maior em verso, refrescando na memória a curiosidade da poesia, a que no princípio de minha mocidade fui algum tanto inclinado.

Ia o governador do bando ingrato,
Buscando ao nosso General Vieira,
Já perseguindo-o vai de mato em mato,
Já com tropas lhe toma a dianteira,
Porque alguns traidores de seu trato
Contrário da Fé Santa e verdadeira
O tem aos holandeses já vendido
E a cabeça por cartas prometido

Tinha-lhe o Padre Frei Manuel dado,
Aviso da maldade que se urdia,
Porque dentro no béglico senado
De um traidor as cartas lido havia,
Pelo que já Vieira acautelado
De três que traz em sua companhia
Põem guardas a seu corpo e ordem dada
Que de noite ninguém dêem franca entrada.

Por entre incultas brenhas e atoleiros,
(Cujo viscoso lodo aos pés se apegava)
Por fundos vales, e ásperos outeiros,
Ao sítio (aonde mora o Covas) chega
Com trezentos soldados venturoiros
Amador de Araújo se lhe agrega,
Com cuja fausta e próspera chegada
Nossa gente ficou mui consolada

Também chegaram nesta ocasião,
Treze brasileiros e um trombeta
Do bravo, e valoroso Camarão
(com cujo nome o belga se inquieta)
Dão novas que seu grande capitão
Marchando vem, por via mui secreta,
Com o Governador Henrique Dias,
E que serão conosco em quatro dias.

Ouvidas estas novas, Lucideno,
Fica alegre brioso e alentado,
Manda caixas tocar, e o vale ameno
Se vê da nossa gente rodeado,
Logo com rosto alegre e mui sereno.
(No meio da campina colocado)
A toda sua esquadra belicosa,
Esta prática fez sentenciosa.

Senhores camaradas: esta guerra,
É mais vossa, que minha, pois nasci
(Se nesta terra vós) eu noutra terra,
Distante mais de mil léguas daqui,
Se amor da liberdade em vós se encerra,
Por vos servir é certo, que perdi
Cinco engenhos reais, meu ouro e prata,
E convosco me vim para esta mata

Aqui vos tenho dado o mantimento,
E as armas que em segredo ajuntar pude,
E nas angústias do maior tormento
Não tenhais arreceios que me mude;
De vos servir, e a Cristo tenho intento,
E estou certo, que a Mãe de Deus me ajude
A libertar a vossa pátria amada
Da canalha holandesa depravada.

Bem conheço, que alguns, que andam comigo,
De coração covardes e acanhados,
Pretendem perturbar meu bando amigo
Por invenções e modos rebuçados,
Pelo que sem refolho aqui vos digo,
Que quantos são de peito acovardados,
Podem tornar-se a suas casas logo
Porque nas suas mãos ponho este jogo

Lá viverão no duro cativeiro,
Confiados nos falsos passaportes
Que o belga lhes promete como arteiro
Para após eles lhes dar cruas mortes
O que for firme amigo, e verdadeiro
Os amigos dos filhos e consortes,
Vão caminhando para o des'ro lado,
Que quero conhecer meu bando ousado

Cuvida esta razão, todos passaram,
Para o lado direito em brevidade,
E no ponto que ali todos se acharam
Tocaram caixa e em conformidade
Ao bravo Lucideno apelidaram
Por general da morta liberdade,
Dizendo a vossos braços cometemos
A fação generosa que empreendemos.

Vê Lucideno aquele posto aberto,
Com mil caminhos de uma e outra parte,
Por onde o holandês que já vem perto
Meter pode esquadrões do fero Marte;
Por tanto abala a gente a um deserto
Monte para onde o guia André Duarte,
O qual estava todo rodeado
De um tabocal espesso e intrincado.

Não tinha (feito em forma) alojamento,
Quando uma sentinela lhe traz novas
Que vem chegando o belga coragento,
E que as casas já queimou do Covas;
Nossa briosa gente em um momento
Se prepara mostrando largas provas
De vencer ao flamengo em crua guerra
(O qual já vem chegando ao pé da serra).

Cesse do louro Apolo a doce lira,
Que o mundo indouto pôs na quarta esfera,
Cesse o novercal rancor e a ira
De Juno, executado por Megera;
Pare o Cristal das fontes da mentira,
Que tanto a turba de Helicon venera,
Ao ressonar da frauta com que canto
Glórias do luso e do belga espanto

Meus dedos entropeça a fabulosa,
Fantástica, e fingida Citaréia,
E de mim fuja a cópia deleitosa
Do celebrado cetro de Amaltéia,
Porque se nesta empresa gloriosa
A graça me impetrar a Sacra Astréia
Que da Trinome Astréia está calçada,
Das ninfas o favor estimo em nada.

Origem dos eternos resplendores,
Moderador de quanto o mundo encerra,
Que sentindo-vos peso dos amores
Do mundo, abreviado cá da terra,
Na terra destilastes os licores
Que tornaram em paz a antiga guerra,
Vosso favor me dai, para que possa
Esta empresa escrever, que é toda vossa.

Soberano princípio, que gerado,
Antes de haver princípio nesse assento
Do peito paternal santo e sagrado
Fostes por obra de entendimento:
Destruidor da morte e do pecado,
Feito homem no virgíneo aposento,
Pois o proveito é nosso e vossa a glória,
Minha pena guiai para esta história

Incompreensível fogo, originado,
Do recíproco amor do Filho e Padre
Fecundo obreiro do Verbo encarnado
No ventre puro da Virgínia Madre
Amor em vivo amor todo abrasado
Se luz me dais, por mais que gema e ladre
O trífauce porteiro de Plutão,
Seus rancores e fúrias cessarão.

Soberana Donzela Palestina,
De vosso Filho, e Pai filha, e esposa
Estrela radiante matutina,
Branca açucena, e encarnada rosa;
Ornato da Cidade Cristalina,
Depois de Verbo em carne a mais formosa,
Vós destes o princípio nesta empresa
Da liberdade e honra portuguesa.

A vitória foi vossa e vós a destes
Por entre as silvas hórridas do mato
(morada própria de animais agrestes)
Apartados de todo o humano trato
Ali aos holandeses apparecestes
Com régia majestade e aparato,
Adornada das galas de brancura,
Certas mostras de eterna formosura.

O bravo holandês, pasma e titubeia,
Não sabe resolver-se no que faça,
Já quer passar avante, já receia,
Não dá lugar o tempo, a manha e traça;
Alô, exclama a turba a boca cheia,
Avante, avante, que isto é riso e graça,
Coragem alustech, ânimo holandês,
Que hoje há de ser o fim do português.

Passa um turbado rio, que banhava,
O pé do monte, em que nos sitiamos,
É estreito o lugar, a fúria é brava,
E ali alguma gente lhe matamos
O belga general, que então bramava,
A um campo saiu que o divisamos,
E tirando o chapéu, mostrando a calva,
Aos nossos fez em som de guerra a salva

João Fernandes Vieira de repente,
Com duas balas e com um grito horrendo,
Lhe respondeu dizendo: Ingrata gente,
Aqui vossas desgraças estou vendo;
Os nossos negros com furor ardente,
Mais Hércules, que negros parecendo
Atroam as esferas cristalinas,
Com flautas, com atabaques e buzinas.

Pretende o holandês subir ao monte,
Aonde o nosso esquadrão está formado,
Mas nenhum deles pode haver que conte,
Que foi sem sangue, ou morte retirado;
Já não há aí holandês bravo que aponte
A subir pelo monte inabitado,
Porque o Sargento-mor Antônio Dias
Dispôs os postos e ocupou as vias.

No meio desta bulha tão travada,
Entre as balas, que rompem os arneses
Sendo aos nossos a pólvora acabada,
Maria se mostrou aos holandeses;
Dos ministros dos céus acompanhada
Pólvora e balas dava aos portugueses,
E entre este favor santo e do céu
Um venerando velho apareceu.

O qual tendo na mão um só cajado,
Em que arrimar-se há tempos demonstrava,
Aos nossos soldados com cuidado,
Arcabuzes nas mãos lhes apresentava;
E com este favor tão sinalado,
Brio, esforço e valor aos nossos dava,
De sorte que o holandês enfraquecido
As costas vira e fuge mui corrido.

O que posso inferir do sobre escrito,
Que este grandevo velho demonstrava
É ser o grande Antônio do Egito,
Que entre aquelas montanhas habitava;
Ali tinha seu templo este bendito
Arquimandrita Antônio, e ajudava
Aos que em criar vacas se ocupavam,
E outros mantimentos que plantavam

O qual vendo seu bosque profanado,
Da indômita nação falsa holandesa,
Logo acudiu com gosto e com cuidado
A socorrer a gente portuguesa;
Sente-se o belga triste e perturbado,
Já se arrepende da presente empresa,
Um desmaio lhe dá, e outro desmaio,
Da roubadora morte certo ensaio.

E para que se saiba claramente,
O fraco cabedal de nossa parte,
Para escapar da morte, que presente
A via entre o estrépito de Marte;
As poucas armas e a bisonha gente,
Que em vários pareceres se reparte,
Contemos como o pérfido inimigo
Um bizarro esquadrão tinha consigo

Mil e quinhentos homens doutrinados,
Na tremenda palestra de Mavorte,
Mui atrevidos, ricamente armados,
Dos quais fez esquadrão luzido e forte,
Leva oitocentos índios conjurados
Para aos nossos darem fera morte.
Armados de mosquetes e de flechas,
Que ensinam a compor tristes endechas

João Fernandes Vieira acha consigo,
Soldados quase mil e quatrocentos,
Gente sem armas, mas é bando amigo
E todos de briosos pensamentos;
Alguns crioulos, tem neste perigo.
Angolas, Minas e Ardas setecentos,
Nossas armas são chuços e alabardas,
Duzentos arcabuzes e espingardas

Acham-se neste bélico teatro,
O católico povo e luterano,
Qual ardendo com fúria do Baratro,
Qual defendendo o ser pernambucano;
Não viu tão suntuoso anfiteatro,
Batalha mais gostosa, algum romano.
No campo vencedor o luso fica,
E por vencido o belga se publica

Como folhas dos álamos sombrios,
(Que com rígido vento fustigados)
Semeia o outono c'os primeiros frios
Nas húmidas areias e nos prados;
Assim cheios de atrozes desvarios
Caem na dura terra exanimados
Os feros e inumanos holandeses,
Por mãos dos valorosos portugueses

O sargento maior a rédea solta,
Como bom capitão do fero Marte,
Entrando aonde sente a feira envolta,
Granjeia fama e nome em toda a parte.
Sai o holandês queixoso da revolta,
As armas deixa, perde o estandarte.
Este fica sem pés, este sem braços,
Aquele deixa o corpo em mil pedaços

Vai dando ao belga infame o justo pago,
Do seu atrevimento na batalha,
Por onde passa vai fazendo estrago.
Desbaratando a pérfida canalha;
A muitos manda ver o Estígio lago,
Não lhe resiste o arnês e a fina malha
Porque o Sargento-mor Antônio Dias
Privando os vai de suas alegrias

O cristalino Apolo que regia,
O cintilante carro, parou logo
Vendo a braveza, a fúria, a bizzarria,
Com que o sargento-mor se há neste jogo;
A luterana esquadra vê que ardia
(Mosquetes disparando) em vivo fogo,
E a Lucideno vê por outra parte
Favorecido estar do sacro Marte

Mil e quarenta e seis sobre seiscentos
Se nomeava a era que corria,
Quando do Norte vem correndo os ventos,
E o verão no Brasil se principia;
Em três dias de agosto, os coragentos
Holandeses, com fúria e ousadia,
Nossa total ruína procuraram,
Mas perguntai-lhe vós quanto ganharam

Enfim com haver tal disparidade,
Tão conhecida de uma e outra parte,
Pode tanto o amor da liberdade,
Que cada qual se mostra um fero Marte;
Mostram os nossos tal ferocidade
A sombra do crucífero estandarte,
Que o pérfido holandês ficou vencido,
Confuso, quebrantado e abatido.

Oito soldados nossos acabaram,
As vidas, fortemente pelejando,
Trinta foram feridos, mas deixaram
Muitos sem vida no contrário bando,
No qual afora os índios, que mataram
As nossas balas e indo numerando
O belga seus soldados atrevidos
Achou seiscentos mortos e feridos.

Morreram vinte e cinco oficiais,
Capitães, ajudantes e sargentos,
Alferes quatorze e os demais
Soldados bravos, feros, coragentos;
Não lhes sucedeu bem nos tabocais,
Não tiveram efeito seus intentos,
Souberra-lhe melhor vinho, e cerveja,
Do que achar-se em tão áspera peleja.

Três vezes acomete o tabocal
Todas três fortemente é reprimido,
Sente que vai perdendo o cabedal,
Premissas certas de se ver vencido,
Com cólera e furor chora seu mal,
Quanto mais briga, se vê mais perdido,
E grita em altas vozes, sacramento,
Esta é mui grande força e muita gente.

Uns têm atravessados os pescoços,
Com as balas, que saem de entre o mato,
Outros despedaçados vêem seus ossos,
Que as feridas não param sobre o fato;
Sentem fraqueza no inimigo os nossos,
E descalços sem bota e sem sapato,
Por entre as densas silvas vêm saltando
Cabeças, pernas, braços, jarretando.

Alevantou-se em alto o soberano,
Estandarte da Sacrossanta Cruz,
E nela o amoroso Pelicano
Verbo divino em carne o bom Jesus;
Este invoca ao santo lusitano,
Que tem nas mãos o Autor de nossa Luz,
Todos em grito, que ao céu subia,
Invocam a puríssima Maria.

Não tarda a Virgem, porque e seu costume,
Tanto que do alligido é invocada,
Inclinar o rigor do eterno lume,
E nunca sua prece sai frustrada;
Com as balas o mato se consome,
A onça em sua cova está pasmada
Com o estrondo horrissono de Marte,
Que causa espanto e medo em toda a parte.

Durou a briga horrenda e trabalhosa,
Quatro noras inteiras, sem perigo
Dos nossos, que enim era empresa nonrosa
Da Sacra Virgem, como canto, e digo:
Na primeira investida gloriosa,
Tiveram morte em nosso bando amigo
Dois Hercules cristãos, dois Viriatus
João Pais Cabral e João de Matos.

Deito os louros cabelos escondeu,
Cessando do trabalho acostumado
E a celeste pastora appareceu,
Na mais vizinha esfera sem seu gado.
A negra noite o ar escureceu,
Deixando o mundo todo tão turbado,
Que um soldado ao outro não se via,
Nem pôr na terra fixo o pé podia.

Revira o holandês por entre os matos,
Inabitados e desconhecidos,
Seguem-no os nossos, fazem-lhe tais tratos,
Que os que escapam da morte vão feridos.
Julgam por algodão os garavatos
Dos bosques, e os rochedos mais erguidos,
Lhe parecem estradas mui perfeitas,
Como se para o caso foram feitas

A briga fez parar a noite escura,
Com desonra dos belgas e nossa glória
Retumbando entre os bosques da espessura,
Liberdade da Santa Fé, Vitória;
João Fernandes Vieira, em quem se apura
A generosidade que é notória,
Rende as graças a Deus e abrindo os braços
A seus soldados dá muitos abraços

João invicto, que no excelso assento,
Da lusitana esfera estais sentado
Gozando a gloria do prometimento
Por Deus a Afonso Rei no Ourique dado;
Quando entre sobressaltos e tormento,
Vendo-se de ismaelitas rodeado,
O filho da Donzela Palestina
O que gozais da cruz lhe vaticina

O Cita, o Persa, o Mouro e o Gentio,
Só de ouvir vosso nome angustias sente,
Paroxismos lhe dão ao Norte frio,
E vê sua ruína a África ardente;
E os que habitam junto ao santo rio,
Que rega e banha as praias do Oriente,
Já vem ressuscitada em que lhe pèz
a memória do braço português.

A terra do Brasil, que sopeada,
Esteve por espaço de quinze anos
De falsas seitas toda salpicada
Até do judaismo e seus enganos;
Tanto que soube a nova desejada
Da criação do Rei dos lusitanos,
Rei dado pelo céu, logo procura
Deitar de si a carga fêra e dura.

João Fernandes Vieira que vivia,
Na Varzea de Marim mui florescente,
E cinco bons engenhos possuía
Com grande cabedal e muita gente;
Começa a revolver na fantasia
Sobre o futuro bem e o mal presente,
Mil traças, mil caminhos e mil modos
Por onde os holandeses mate todos.

Convoca os homens graves, seus amigos
Põem-lhe diante os males, que padecem,
Diz-lhe que não se assombrem c'os perigos,
Que diante dos olhos se oferecem;
Desbaratemos estes inimigos,
Nossas espadas de cortar não cessem,
E desta empresa digna de memória,
Se seguiu o que conta minha história

Portanto invicto Rei, sacro João,
Ao povo português pelo céu dado,
Aqui vos apresento um capitão,
Que illustre vosso nome e vosso Estado;
João no nome e no valor leão,
De ânimo liberal, de peito ousado,
E assim para lhe dar título honroso
Lhe chamo, o Lucideno valeroso.

Descansemos um pouco, amada Musa,
Porque temos jornada trabalhosa,
E quem anda por brenhas não escusa
Gozar de alguma hora deleitosa
Deixemos da cabeça de Medusa
A cabeleira falsa e portentosa,
E para andar por todo o universo
Fale a prosa e descanse um pouco o verso.

CAPITULO II

De outra victoria que o Governador da liberdade João Fernandes Vieira alcançou com os moradores da terra, contra os holandeses, e das coisas que succederam até aos dezessete do mês de agosto deste presente ano de 1645

Tanto que o Governador das armas holandesas Henrique Hus se viu desbaratado por os nossos no encontro das Tabocas, veio-se retirando descompostamente com os muitos feridos que trazia e caminhando toda a noite subsequente aos três dias de agosto, chegou ao ponto do amanhecer a povoação de S. Lourenço, aonde fez alto, alojando a sua gente por as casas dos moradores, que todas estavam ao desamparo; e na igreja se fez forte, metendo nela aos feridos (dos quais alguns morreram ali) e avisou no mesmo dia aos governadores do Recife que lhe mandassem socorro de mantimento, munições e gente para resistir ao ímpeto do Governador João Fernandes Vieira, se acaso lhe viesse no alcance: o qual socorro lhe foi no mesmo dia e lhe chegou com três horas de noite, e logo lhe passou por os Apipucos, por ser caminho mais enxuto e mais seguro, porquanto tinham assegurado a todos os moradores desta povoação com seus passaportes e obrigando-se a os defender e guardar de todos os perigos e conserva-los na possessão de todas suas fazendas, de móveis e raiz.

Tanto que este socorro lhe chegou com tanta brevidade, logo foi mandando para o Recife todos os feridos que consigo tinha, uns em carros, outros em redes às costas dos negros e outros em cavalgaduras; e se os que passaram por os Apipucos, faziam numero de trezentos e vinte e dois, que todos os contamos, e por a Várzea passaram outros tantos, dos quais muitos morreram pelo caminho, e outros em chegando ao Recife porquanto estiveram cinco dias sem es

curaram; e suposto que os holandeses confessaram, que entre mortos e feridos naviam perdido somente seiscentos homens, todavia nos vimos com os olhos o contrario, porque de mil e quinhentos soldados flamengos, com que o governador se achou nas Tabocas, só com quatrocentos se recolheu; não falando nos índios brasileiros Pitiguares, que destes não falo, ainda que morreram muitos; tanto que o Governador holandês Henrique Hus teve mandado todos os feridos para o Recife, veio com toda sua tropa em seu seguimento, e passando por a povoação dos Apipucos, aonde os moradores lhes parecia que estavam mui seguros debaixo dos passaportes que lhes haviam dado, mandou alojar sua gente no meio do terreiro da igreja e enquanto se pos a comer um pouco de biscoito negro, e a carne seca ao fumo, ajudada com cerveja e aguardente, mandou por os seus soldados e índios brasileiros saquear as casas de todos os moradores daquela povoação e distrito, o que eles fizeram com tanta crueldade e desaforo, que depois de roubarem todos os móveis das casas e fazerem em pedaços o que não podiam levar, despiam as mulheres, deixando-as nuas e rasgando-lhes as orelhas para lhes tirarem as arrecadas; e chegou a tanto o desaforo que depois de despojarem das roupas e vestidos as pobres mulheres as pretendiam desonrar e deflorar as donzelas, e porque elas o não quizeram consentir, mas antes com gritos e lágrimas se defendiam, as espancavam cruelmente os flamengos e índios brasileiros seus aliados; e ao Padre Joao Dias, que é um sacerdote mui virtuoso e honrado, de idade de setenta anos, dependuraram os índios por os braços de uma trave e começaram a lhe dar paricadas, que entregasse o dinheiro que tinha, até que o dito padre lhe mostrou aonde tinha escondido umas poucas de patacas, então lhe desataram a corda e o puseram em terra, e ao Padre Fr. Manuel do Salvador, que ali estava retirado lhe roubaram quanto tinha em casa e o que não puderam levar o fizeram em pedaços, e até as portas e telhados de casa lhe quebraram.

Feito isto mandou o Governador Henrique Hus tocar uma trombeta e levantou a gente dos Apipucos e se foi alojar no engenho de Dona Ana Pais, aonde havia uma casa espaçosa e forte e outras menores, e ali dormiu aquela noite. distância de uma légua do Recife; no seguinte dia foi o Governador Henrique Hus escoteiro e só com dois soldados a visitar os do supremo Concelho, a assentar com eles o que

havia de fazer, e tornando depois do meio-dia para a casa forte de Dona Ana Pais, mandou sobre a tarde saquear a todos os moradores da povoação do Arraial velho, por os flamengos e indios brasileiros, os quais o fizeram com tanto rigor e crueldade, que nao somente roubaram tudo o que acharam por as casas, e despiram aos homens e mulheres de suas roupas, mas ainda fizeram outros desaforos mais pesados, indignos de se escreverem aqui e sobretudo deram muitas feridas e pancadas nos que se queixavam, sendo que todos tinham seus passaportes, com os quais os haviam assegurado; e a Dona Brazia mulher do Capitão Pedro Cavalcanti de Albuquerque e a sua mãe Maria Pessoa, depois de lhe roubarem tudo e lhes tirarem os vestidos, as arrastaram por a terra; e na igreja do Arraial, depois de lhe quebrarem as portas e os caixoes das confrarias, e roubaram todos os ornamentos, fizeram em pedaços as imagens sagradas dos santos; o que também haviam feito nos Apipucos, com grande ódio da Santa Fé Catholica Romana; e depois de navegarem roubado tudo o que puderam achar, cavaram todas as casas e quintais dos moradores, para ver se achavam algum dinheiro, prata, ou ouro enterrado; e o pior e que acharam muito e foi isto causa de mandarem fazer grandes e agudos espetos de ferro, com os quais faziam buracos na terra e paredes, para descobrir alguns escondedouros secretos; e até os telhados das casas revolviam.

No seguinte dia que foi aos quinze de agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção, mandou o inimigo tornar a saquear os moradores dos Apipucos e roubar o que não puderam carregar da primeira vez, e desta tomaram a Gaspar de Mendonça todo o seu gado de cabras, carneiros e porcos e alguns bois, e os cavalos dos moradores e escravas, e as levaram consigo para a casa de D. Ana, aonde tinham seu alojamento, e mandando Gaspar de Mendonça (por um francês que assistia nos Apipucos) aos de supremo Concelho, com grandes queixas, estranhando-lhe as tiranias, roubos e crueldades, que os seus soldados, assim flamengos, como indios faziam aos moradores, estando todos assegurados, debaixo de seus passaportes e salvo-condutos; e que isto não era conservá-los na posse de seus bens, e defendê-los de perigos, senão incitá-los a se levantarem e rebelarem, eles lhe responderam que aquilo era coisa de soldados, os quais se queriam vingar das mortes e do sangue que João Fernandes Vieira e os que com ele estavam haviam dado e derrama-

do aos holandeses, e índios seus amigos e camaradas; e que pois os portugueses levantados e rebelados lhes haviam feito tanto mal à sua gente, todos os moradores da terra o haviam de pagar e que aquilo não era nada para o que logo havia de ser. Vendo os pobres moradores esta resolução trataram de se pôr em vigia por os outeiros e bordas dos matos, para salvarem as vidas; porém como os holandeses traziam consigo índios Pitiguares rastejadores, nada havia de ser obstáculo para os moradores deixarem de ser mortos, se dentro em dia e meio, ou para melhor dizer, dentro em dia e noite, Deus não acudira com sua misericórdia, como logo diremos.

Convém agora que tratemos do que fez o Governador João Fernandes Vieira depois de alcançada a vitória, para que procedamos em tudo com clareza. Tanto que João Fernandes Vieira se viu vitorioso no campo e o inimigo retirado para a povoação de São Lourenço, tratou de dar remédio aos que mais necessitados estavam dele; havia-lhe chegado um mensageiro com triste e infaustas novas, em como uma tropa de holandeses, com outra maior de Caboclos Pitiguares e Tapuias selvagens, haviam chegado ao Cunhau, e em dia de São Pedro e São Paulo, mandaram chamar aos moradores daquele distrito e lhes disseram que se ajuntassem todos à porta da igreja, porque tinham que tratar com eles um negócio de muita importância e de grande proveito para os moradores; permitiu Deus que chovesse naquela noite tanta água, que não se podia andar por os caminhos e esta foi a causa de se não ajuntar muita gente. Todavia acudiram trinta e nove homens moradores e tanto que estiveram junto à porta da igreja, puseram seus soldados e índios em ala, e mandaram meter no meio aos miseráveis portugueses para lhes fazerem a prática, e esta foi que arrancaram as espadas e os mataram a todos e ao capelão da igreja, executando em seus corpos nunca vistas crueldades; porém é de notar que sendo senhor daquele engenho e fazenda Gonçalo de Oliveira, filho de Antônio de Oliveira e genro de Sebastião de Carvalho, a ele lhe não fizeram dano algum, nem em toda sua casa; e como sobre este caso houve entre os portugueses leais muitas murmurações, fique ao pio leitor a consideração do porquê desta obra, e nós, também o trataremos ao diante.

Com este cuidado, que atormentava seu coração, e com as petições que lhe faziam os moradores de Goiana, que os socorresse com gente e armas, tratou logo de lhe mandar so-

corro, o que sabido por Antônio Cavalcanti, meteu suas valias, para que o mandassem a ele com este socorro, porque como havia novas certas, que a gente da Bahia havia chegado por mar a Tamandaré, a saber os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martin Soares Moreno com os seus dois terços de infantaria, para aquietarem aos moradores de Pernambuco, e ajudá-los, e que João Fernandes Vieira se preparara para os ir a receber ao caminho. Como ele dito Antônio Cavalcanti havia sido uma das principais cabeças da conjuração da empresa da liberdade e depois de ajuramentado havia prevaricado e tornado o pé atrás, e posta a empresa, e contingência de não poder conseguir efeito; não quis aparecer na primeira instância diante da gente da Bahia porque os soldados lhe não deitassem alguns remosques pesados, donde se originassem muitos desgostos; e esta foi a causa por onde proenrou por seus meios, que João Fernandes Vieira o mandasse por cabeça do socorro, que mandava, para amparar os moradores de Goiana e Paraíba; e o Governador João Fernandes Vieira lh'o concedeu facilmente por se ver livre de uma carga tão pesada, como era o trazê-lo em sua companhia, porque como viu tão claros indícios, que por sua via o queriam matar, ou com uma bala, ou com peçonha (o que também podia ser mentira) quis o governador com o apartar de si, ficar livre de suspeitas tão pesadas.

E porquanto é necessário, que nossa história leve fixo fundamento, é de saber, que depois que João Fernandes Vieira assentou com os principais moradores de Pernambuco e em particular com os da Várzea do Capibaribe, a empresa da liberdade da pátria, e se ajuramentaram todos em um missal, e firmaram um papel de guardarem segredo na fação e fidelidade na obra, e depois de todos haverem escrito a S. Majestade e ao Governador da Bahia Antônio Telles da Silva, pedindo-lhe socorro com todos os encarecimentos, para se livrarem do cruel e tirano cativoiro que padeciam, Antônio Cavalcanti com alguns seus aliados, tornou o pé atrás e se arrependeu do que tinha assentado, ou fosse por temor dos holandeses, ou porque lhe era mais que afeiçoado, ou por receio de perder os bens que possuía, ou por ter ânimo apoucado e nenhuma inclinação aos trabalhos da guerra, ou fosse por esta, ou por aquela causa, ele se arrependeu do que estava ordenado com outros muitos, que o seguiram; e tão baralhada e desfeita esteve a empresa prin-

ciada, que quando o Capitão Antônio Dias Cardoso chegou a última vez da Bahia com carta do Governador General Antônio Teles da Silva, que tivessem ânimo e segredo, porque ele os socorreria com gente e munições, tão baralhada achou a coisa que esteve para se tornar para a Bahia, e João Fernandes Vieira o mandou retirar para a mata do Brasil, aonde Jerônimo da Cunha do Amaral e Miguel Fernandes lhe ministravam a sustentação por conta do dito João Fernandes Vieira, assim a ele, como a quarenta e dois soldados velhos, que tinha consigo e só esperavam para se tornar a que chegassem o Camarão e Henrique Dias com as suas tropas, para se tornarem todos juntos por os secretos caminhos por onde haviam vindo, para o que João Fernandes Vieira tinha na mata do Brasil preparados oitenta bois e oitocentos alqueires de farinha e algum peixe, sal e aguardente, para a matatagem do caminho.

As coisas neste estado, vendo-se João Fernandes Vieira com seu crédito arriscado, sua palavra no ar e seu primor e fidelidade deitada por terra para com S. Majestade e para com o Governador Antônio Teles da Silva, não por culpa sua, senão de pusilânimes e apoucados; começou a parafusar e a deitar mil traças, para poder sair com sua honra a limpo, e assim deu uma traça digna de generoso peito. Tinha Antônio Cavalcanti um filho e uma filha já casadouras, e Francisco Berenguer de Andrada, sogro do dito João Fernandes Vieira, tinha outros dois filhos, macho e fêmea, já em idade de se poderem casar; que fez João Fernandes Vieira, tratou com Antônio Cavalcanti, que casasse seu filho com a filha de Francisco Berenguer; e com Francisco Berenguer que casasse seu filho com a filha de Antônio Cavalcanti, e que pois eles por causa de sua pobreza não estavam em tempo de darem estado a seus filhos, eles lhes queria fazer graça de lhe dar o dote para os casamentos; e este seria além das alfaias de casa e ornato corporal das desposadas, a uma daria o seu engenho de S. Antônio da Várzea e a outra o de Santa Ana, moentes e correntes, para que os desfrutassem os primeiros quatro anos para si, com o que ficariam ricas e abundantes, e que por outros quatro anos lh'os daria de terço. Foi este alvitre tão grande e de tanto proveito para Francisco Berenguer, e Antônio Cavalcanti, que aceitaram o partido e lhe renderam as graças, por o grande favor, esmola e mercê, que lhe fazia, começaram-se a preparar os casamentos (suposto que até a hora presen-

te não se deu fim a eles) e os pais se tornaram a reduzir ao grêmio dos fiéis e leais vassallos d'El-Rei, e à conjuração dos ajuramentos na empresa da liberdade. E reduzido Antônio Cavalcanti, se aquietaram todos os de sua parcialidade, até a hora do alevantamento.

Tanto que o inimigo desalojou de S. Lourenço e se veio para mais perto do Recife, mandou logo o nosso Governador João Fernandes Vieira a Antônio Cavalcanti com trezentos homens bem armados e alentados a socorrer aos moradores de Goiana e da Paraíba; e com uma ordem do Governador Geral da Bahia, que de caminho prendesse a Gonçalo Novo de Lira e a seus filhos, e lh'os mandasse a bom recado, porquanto estavam acusados, por darem alvitres ao inimigo e lhe descobrirem todos nossos intentos, e por maquinadores de nossa total ruína; e o dito Antônio Cavalcanti não quis passar de Igarassu e ali se deteve muitos dias tratando de seus particulares interesses, e não somente não foi socorrer a quem era mandado, mas além disto, mandou aviso a Gonçalo Novo de Lira, que andasse precatado enquanto ele ali se detivesse, porque trazia ordem para o prender. Sabido isto Gonçalo Novo, não se escondeu nos matos, nem veio a buscar ao nosso governador e pedir-lhe perdão, que se o fizera tudo se havia de pôr em bem, como succedeu a outros; mas logo se saiu do seu engenho e casa e se foi meter dentro no Recife com os inimigos holandeses e levou consigo a dois frades de S. Francisco, a saber Frei João da Cruz, que havia sido o que deu a causa por onde os holandeses desterraram de Pernambuco a todos os religiosos, como atrás temos dito e a um companheiro seu chamado Frei Ângelo. Este Frei João era pregador e havia sido degradado com outros religiosos, que todos morreram no mar a mãos dos holandeses) e ele escapou porque foi para Holanda e de Holanda foi a Portugal e de Portugal tornou a Pernambuco e devendo ir-se agasalhar com os religiosos de sua Ordem, que já então por permissão do Conde de Nassau João Maurício tinha comunidade na povoação de Ipojuca, se foi agasalhar em casa de Gonçalo Novo em Araripe, e ali morava com ele com título de parentes mui chegados; em resolução, ele e Gonçalo Novo se foram para o Recife e lá estão com os holandeses até esta hora, que é no fim de dezembro, quando escrevo isto. Vendo pois Deus que Antônio Cavalcanti não passava de Igarassu, ou por temor de se avistar com o inimigo e se pôr em perigo de morrer, ou por

outra alguma razão, deu-lhe um sangue pleuris com uma pontada, da qual morreu dentro em três dias. *Quem incomprehensibilia sunt indicia eius, e investigabiles viæ eius.* Como se dissera. E tudo sendo esta guerra minha, e em defesa de minha Fé Católica e por a liberdade de meus fiéis, não queres chegar às mãos com os inimigos de minha Igreja por não arriscares tua vida? Pois eu t'a tirarei sem entreres em guerra

Tanto que o Governador Joao Fernandes Vieira despediu a António Cavalcanti com socorro para Goiana; também abalou toda a sua gente do sitio das Tabocas e foi marchando até a casa de Baltazar Gonçalves Moreno e dali a Gurjaú ao engenho de António Nunes Ximenes, aonde encontrou ao Governador Dom António Felipe Camarão com a sua tropa dos índios e a Henrique Dias crioulo, Governador dos negros crioulos e de Guine, e dadas e recebidas as boas vindas de parte a parte, com grande mostras de alegria dos moradores de Pernambuco por se verem já com gente de socorro e bem armada de mosquetes miscainhos, em cuja prova celebraram seu contentamento com o estrondo das armas, segundo o estilo acostumado entre os soldados e em tomando ali duas horas de descanso, e se deu de comer a toda a soldadesca, marchamos todos juntos para a vila de Santo António do Cabo, para render um corpo de guarda, que o inimigo ali tinha com um reduto, que lhe servia de fortaleza, e como marchamos aquelas quatro léguas com tanta pressa e por tantas águas e lamas, como havia, por ser no coração do inverno, já um traidor de entre nós tinha avisado ao inimigo. Chegamos à dita vila já noite fechada e o nosso governador lhe mandou pôr cerco, o qual não teve efeitos, porque como os holandeses estavam avisados todos fugiram por dentro de um mato e se foram meter na fortaleza do pontal de Nazaré aonde se deram por seguros; e indo o Capitão Domingos Fagundes com cem homens em seu seguimento já os não pôde alcançar, porém ainda lhe tomou cincoenta cabeças de gado vacuum e um cavalo tanto que amanheceu o dia em dezesseis de agosto, investiram os nossos soldados com a vila, e não achando nela flamengos, roubaram o que eles em seus alojamentos haviam deixado.

Naquela mesma manhã chegou a esta vila o Mestre do Campo André Vidal de Negreiros com a infantaria de seu terço, e tanto que se avistou com João Fernandes Vieira, lhe disse estas palavras: *Vossa mercê sabe a que venho eu aqui*

da Bahia? Ao que João Fernandes Vieira respondeu: *Vossa merce o dira. Disse então o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros: Eu venho aqui por mandado do senhor Antônio Teles da Silva, governador e capitão general deste Estado, para prender a vossa mercê, e a todos os que foram cabeças deste motim e alevantamento, e levá-los presos para a Bahia e venho também a aquietar aos moradores e deixá-los em paz, e amizade com os holandeses, enquanto Sua Majestade não ordenar outra coisa em contrário. Ao que João Fernandes Vieira respondeu dizendo: Pois também vossa mercê há de saber que eu e esta multidão de gente que trago comigo, todos vimos a prender a vossa mercê e ao senhor Mestre de Campo Martim Soares Moreno, que fica mais atrás, e a todos os senhores soldados que consigo trazem, e amarrá-los com algemas de amor e com grilhões de obrigação, para que nos ajudem a vingar os agravos, crueldades, traições e aleivosias, desprezo dos templos sagrados, quebrantamentos da lei divina, e humana, com que os pérfidos hereges holandeses nos têm tratado e tratam; e se aos estranhos é razão de Estado o socorrê-los quando pedem favor em suas opressões, muito maior razão será que vossas mercês nos ajudem a sair deste cativeiro em que estamos, pois todos somos portugueses, e os mais parentes uns dos outros, e sobretudo todos vassallos do mesmo Rei e Senhor, a quem temos pedido socorro para esta tribulação; e esta prisão lhes venho eu a fazer a vossas mercês da parte de Deus e de sua Santa Igreja Católica Romana, e da parte desta atribulada Província; e quando vossas mercês nos não ajudem a vingar tantas ofensas de Deus e dos seus fiéis, estamos deliberados não só a brigar com os holandeses, senão com nossos próprios parentes, e amigos, até se acabarem nossas vidas, ou sair com o que pretendemos. A isto respondeu o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros: Eu neste breve caminho que tenho feito por terra, pois que desembarquei, já trago sufficiente informação do que nesta Província se passa; pelo que vamos a buscar alojamento para esta soldadesca, aonde todos descansemos, e logo trataremos do que mais conveniente for, para o serviço de Deus e de Sua Majestade, e prol desta Capitania. E com isto, sem mais detença alguma, veio toda a gente misturada uma com a outra, marchando para a Muribeca, aonde chegamos entre as dez e as onze do dia, aos dezesseis de agosto.*

Estando os soldados começando a tomar refeição, chegaram o Padre Mateus de Souza Uchoa e João Alures da

Guarda por a posta, e disseram ao nosso Governador João Fernandes Vieira, que o inimigo andava por a Várzea roubando as casas e prendendo as mulheres dos moradores, para as levar para o Recife, e que já tinha presas e levadas para a casa forte de Dona Ana Pais (aonde tinha seu alojamento) a Dona Antônia Bezerra mulher de Francisco Berenguer de Andrada, sogro dele dito Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e a Dona Izabel de Góes mulher de Antônio Bezerra, e a Luzia de Oliveira mulher de Amaro Lopes de Madeira, e que iam prendendo outras; ouvidas estas novas, levantou-se em pé João Fernandes Vieira, e disse em altas vozes: *Vamos acudir por nossa honra e por nossas mulheres e filhos, morramos na demanda, pois mais val uma morte honrada, que mil vidas com afronta. Porventura não somos nós portugueses, filhos e netos de nossos pais e avós, que em outro tempo foram assombros do mundo? Que fazemos? Como não caminhamos?* Ouvidas estas palavras, logo todos os moradores da terra e principalmente os da Várzea, a quem mais tocava a causa, arrebataram as armas, com um furor nunca visto dizendo, *vamos, vamos*, e se partiram para a Várzea com o Governador João Fernandes Vieira, sem que o mestre de campo o pudesse impedir, o qual se abalou também com sua infantaria em seu seguimento, para atalhar os males presentes e remediar os que estavam ameaçando.

Partiu a nossa gente da Muribeca entre a uma e duas horas depois de meio-dia, e por ásperos caminhos cheios de água e lodo, e por os outeiros dos Guararapes, chegamos ao rio Tejipiô com uma hora de noite, e os nossos descobridores do campo, que iam com os capitães Francisco Ramos e Mateus Fagundes encontraram duas sentinelas do inimigo, que tinha postas ao largo, e os mataram, e um deles chamado João de Rua antes de o matarem confessou que o Governador dos holandeses estava com a sua gente de guerra na casa forte de Dona Ana Pais, e que no seguinte dia por a manhã se havia de recolher para o Arraial. Viemos marchando pelo escuro da noite e chegamos com muito trabalho entre as onze e as doze ao engenho de Dona Cosma Frois, mulher que havia sido de Pedro da Cunha de Andrade; e tão cheia de lama estava aquela fazenda que não tiveram os nossos soldados aonde poder descansar, salvo os que se puderam recolher dentro no engenho, casa de purgar e dos negros e na capela de S. Sebastião, e ali comeram em

pé, o que estavam para comer na Muribeca e haviam trazido em suas mochilas, encostou-se o Governador João Fernandes Vieira sobre uma esteira, que ali lhe deram com um travesseiro, e André Vidal de Negreiros em uma cama, para tomarem algum alívio do grande trabalho que haviam passado; e tanto que João Fernandes Vieira entregou os olhos ao sono, começou a sonhar, que Santo Antônio falava com ele, e o repreendia de descuidado e pouco zeloso do serviço de Deus, e das necessidades e aflições de seus próximos, e que lhe mandava que se levantasse com pressa e fosse a buscar o inimigo, porque lhe daria seu favor e adjutório em pago dos serviços que nas suas confrarias havia feito, e que senão se desse pressa a caminhar, Deus lhe tomaria a ele conta das aflições, crueldades, roubos, desonras e mortes, que aos moradores desse distrito estavam ameaçando.

Despertou João Fernandes Vieira, aflito e perturbado com este sonho, ou para melhor dizer, inspiração divina; e depois de revolver várias imaginações, e pensamentos, já parecendo-lhe que poderia isto ser ilusão do demônio, já que poderia ser obra do céu, desceu por a escada abaixo dizendo: *Santo Antônio me manda, eu hei de lhe obedecer*. E posto no terreiro do engenho, com a lama até meia perna, chamou ao seu Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, que pusesse a gente em ordem de marchar, e ele mesmo começou a despertar os soldados, dizendo: *É tempo, é tempo, senhores portugueses, é tempo de acudirmos por a honra da Fé de Cristo nosso Redentor, e por nossas vidas e honras*. E despertados todos, ele mesmo andou sargenteando; e tanto que os teve em ordem foi marchando para a casa forte de Dona Ana Pais; levando ele e a sua gente de Pernambuco a vanguarda; e o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros veio marchando com o seu terço, que havia trazido da Bahia, na retaguarda, para ver o designio e determinação, que os moradores de Pernambuco levavam, e acudir com seu socorro nas necessidades, segundo visse que mais convinha ao serviço de Deus e de Sua Majestade, e mais proveito e quietação dos moradores de Pernambuco segundo a ordem que trazia do Governador Geral Antônio Teles da Silva e o secreto aranzel que lhe havia dado.

Fomos marchando do engenho de D. Cosma Frois, e chegando ao Engenho do Meio de João Fernandes Vieira, ouvimos bulha de gente nas casas aonde havia morado o Lamargem holandês, e chegando a ela os nossos descobrido-

res, que iam com o Capitão Francisco Ramos, acharam ali seis flamengos e três índios Pitiguares, que andavam roubando, e os mataram, tomando-lhe o que haviam roubado, e indo mais adiante saindo à campina do outro engenho de João Fernandes Vieira, chamado de Santo Antônio, o qual havia sido de Francisco de Brito Pereira, encontramos a um flamengo com dois brasileiros, que também andavam roubando, e a um dos índios matamos logo e o outro fugiu por entre um canavial, e o flamengo, dizendo-lhe o Capitão Francisco Ramos que rendessem as armas e lhe daria a vida, ele o não quis fazer, antes levando a clavina ao rosto, apontou para matar ao capitão, porém ele andou tão ligeiro, que antes de disparar a clavina deu um salto e o passou com uma estocada de parte a parte por os peiros e deu com ele em terra.

Chegamos ao ponto de amanhecer ao rio Capibaribe na passagem de Ambrósio Machado, e achamos que ia tão cheio, que não se podia vadear sem grande risco e perigo, e não achamos ali batel, canoa, nem jangada, para passar da outra banda. Vendo isto o Governador João Fernandes Vieira, mandou entrar pela água a um mulato seu, grande nadador, para que fosse tomando o vau; e ele entrou pelo rio em seguimento do mulato em um cavalo brioso e forte, e com água pelo arção da sela, passou da outra banda. Vendo os nossos soldados, que o governador da liberdade estava da outra banda, começaram todos a entrar pelo rio, uns despidos e outros vestidos e calçados, pegados uns nos outros, e com as armas de fogo em alto, e em breve se puseram da outra banda; e tanto que ali se viram, pôs o sargenteiro os soldados em ordem de marchar em forma de peleja, suposto que o caminho com a muita lama e água não dava lugar a ordem, nem conserto militar; e despediu diante seis mancebos ligeiros e atrevidos, acostumados a andar por entre os matos, os quais agachados por debaixo dos ramos, toparam com duas sentinelas do inimigo, e dando sobre eles de súbito, os tomaram às mãos, e se informaram deles em como o inimigo estava em casa de D. Ana Pais, já de caminho para o Recife, a qual casa estava dali distante dois tiros de mosquete em direitura. Mortas estas sentinelas foi marchando a nossa gente com mais pressa, e o capitão Francisco Ramos descobridor do campo, foi por entre o mato, e metido detrás de duas árvores grossas e copadas, descobriu duas sentinelas holandesas, que estavam na porteira

do pasto de D. Ana Pais, e fazendo-lhe tiro matou a um deles e o outro tocou a rebate, porém não se pôde recolher, porque os nossos soldados deram sobre ele de corrida e o fizeram em postas.

O Governador das armas holandesas Henrique Hus estava almoçando, e brincando alegremente com seus oficiais e soldados e já com os cavalos selados e enfreados e os bois metidos nos carros, para se partir para o Recife, que distava dali uma légua, pouco mais, ou menos, e em ouvindo os dois tiros, ficou um pouco com a orelha a escuta; e vendo que as duas sentinelas não se haviam retirado a dar recado do que havia, entendeu que não havia de ser nada, porque se o fora as sentinelas haviam de dar rebate e haviam de vir dar aviso do que passava, e assim foi continuando com os seus brindes e galhofas, como eles costumam fazer quando bebem. Neste tempo chegou a tropa da nossa gente de Pernambuco com o Governador João Fernandes Vieira à porteira do pasto, o que visto por os holandeses que estavam nas janelas da casa, tiveram tal perturbação, que deram com os frascos de cerveja, aguardente e vinho em terra, e cada um arremeteu a tomar suas armas, e alguns que estavam mais à ligeira, foram fugindo para o Recife à rédea solta.

Tocaram os holandeses trombetas, e caixas e com a brevidade que a ocasião pedia, se ajuntaram todos, e formaram seu esquadrão, fechado com duas mangas de reformação, e se prepararam para receber o encontro da nossa gente, a qual tanto que chegou à porteira do pasto do engenho e viu a cara ao inimigo, também se preparou para o acometer. O Governador João Fernandes Vieira, vendo-se naquele posto, fez a todos os seus soldados o arrazoado seguinte: *Senhores irmãos e amigos, bem experimentado temos todos à custa de nossas fazendas, nossas honras e nossas vidas, as tiranias e crueldades, que estes pérfidos obreiros do inferno têm usado conosco, e agora de presente como nos têm presas nossas mulheres; bem patentes são os agravos que têm feito a Deus nosso Senhor, profanando seus templos e fazendo em pedaços as santas cruzes e imagens dos santos, e morte geral, com que têm ameaçado a todos os moradores desta Capitania. Aqui os temos diante dos nossos olhos, a causa é Deus e a obrigação de acudirmos por ela é nossa; se somos portugueses e nos prezamos de tão honrado e esclarecido braço, vamos a eles; viva a liberdade.*

O Sargento-mor Antônio Dias Cardoso ordenou logo, como destro na milícia, toda a gente em forma de peleja: despediu ao Capitão Domingos Fagundes com uma boa tropa de soldados, para que lhe fizesse uma manga, e lhe tomasse a retirada para o Recife, e brigasse com o seu socorro, se acaso lhe viesse, o que ele fez mais voando que correndo, e por outro lado mandou ao Capitão Gaspar Fagundes irmão do sobredito, homem mui valoroso e assentado, com sessenta espingardeiros, para que descompusesse o esquadrão do inimigo; e logo formou um batalhão de capitães briosos, para que dada a primeira e segunda carga, tanto que a briga estivesse travada, arremettesse com o esquadrão inimigo à espada e dardo, e neste batalhão pôs aos capitães João Soares de Albuquerque senhor do engenho da Muribeca, João de Albuquerque, Antônio Borges, Francisco de Lisboa, Sebastião Ferreira, e Antônio Gomes Taborda, e diante deste batalhão iam os dois ajudantes, Amaro Cordeiro e Francisco Cardoso, e Paulo Veloso na vanguarda, os outros capitães ficaram volantes para acometer o inimigo por várias partes e acudir aos nossos aonde houvesse falta de gente.

O Governador Camarão tocou o seu apito, como costuma, a cujo som o rodearam todos os seus índios, e mandou uma tropa deles, que lhe fossem cercar a casa forte de D. Ana Pais e ocupar o caminho que ia para o Arraial, para que o inimigo se não retirasse por ele, e o mais corpo de sua gente deixou ficar consigo para investir com o esquadrão holandês; por outra parte Henrique Dias disse aos soldados crioulos e Angolas de seu terço: *Eia mancebos, aqui temo os holandeses inimigos da Fé de Cristo, aqui se há de ver o que pode e val cada um de vós; não consentais que os brancos vos levem vantagem. Vá uma esquadra a brigar detras daquela olaria e os demais venham-se comigo, e tanto que dermos duas cargas invistamos logo com o esquadrão.* Arrancou João Fernandes Vieira a espada, e o mesmo fizeram o Camarão e Henrique Dias, e tanto que João Fernandes Vieira disse: *Viva a Fé de Cristo e a liberdade,* mandou o sargento-mor abalar todo o corpo da gente, vindo ele diante a cavalo, e um trombeta do Camarão deu sinal de acometer, e os nossos negros Minas também tocaram suas buzinas e atabaques, e fomos nos chegando ao inimigo com tal furor por todas as partes que ele se viu pasmado e perturbado.

Não tínhamos bem acabado de dar a primeira carga, quando chegou correndo o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros com alguns soldados do seu terço, que tinha trazido da Bahia, com os capitães Ascenso da Silva e Antônio Gonçalves Tição, porque os demais ficavam passando o rio Capibaribe; e tanto que chegou, se meteu logo no meio da escaramuça com tanto valor e brio, como se fora um Cipião Africano, e os dois capitães com seus soldados entraram com tal furor e sanha, que a todos tomaram a dianteira, e os nossos que estavam repartidos em mangas por os lados, vieram carregando por todas as partes, que em se dando a segunda surriada de arcabuzaria e mosquetaria com tanto estrondo, logo o inimigo de perturbado começou a se descompor, e então os nossos gritando, à espada, à espada, arremeteram com o esquadrão dos holandeses, e os fizeram virar os costas e recolher-se dentro na casa forte, e nela se puseram em defesa, brigando das varandas e janelas animosamente, e os seus índios brasileiros de uma casa térrea e mui comprida e espaçosa, entrincheirada com uma paliçada de madeira, faziam o mesmo.

E como os nossos soldados arremeteram de corrida com o esquadrão holandês, nesta investidura lhe ganhámos a ermida do engenho, e um grande monte de lenha, que estava junta, para o engenho deitar a moer, e como esta ermida e esta lenha estavam junto da casa forte, amparados com as paredes da ermida e monte de lenha, começaram os nossos espingardeiros a seu salvo uma bateria bem travada, e mais de largo por todas as partes varejava a mosquetaria, que como eram os nossos mosquetes biscoinhos e reforçados, toda a parede da casa iam fazendo com um crivo em buracos, e ali lhe matamos muita gente, o que visto por os holandeses, e que vinha chegando mais e mais gente, trouxeram a uma das janelas a três mulheres que tinham ali presas, a saber Dona Antônia Bezerra mulher de Francisco Berenger de Andrada, Dona Izabel de Góes mulher de Antônio Bezerra e Luzia de Oliveira mulher de Amaro Lopes de Madeira com um menino de quatro meses nos braços, para que a nossa gente, ou cessasse com a mosquetaria e arcabuzaria, ou as nossas balas as matassem; o que visto por os nossos governadores mandaram cessar a bateria, e o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, lhes mandou um tambor, e um alferes reformado chamado João Batista com uma bandeira branca, com recado para que se rendessem.

logo, porque tudo se poria em bem e a seu gosto, como fosse razao, porquanto ele vinha ali, não para pelejar, senão para apaziguar os moradores e deixá-los em paz e conformidade com os holandeses; porém eles como são traidores, vendo-se com aquele breve tempo de alívio, saíram de súbito às janelas e varandas, e deram aos nossos uma terrível carga, e mataram com uma bala a João Batista, que era o que levava a bandeira branca de paz; e ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros conhecendo-o pelo hábito de Cristo que levava no peito, lhe atiraram muitos a mão-tente para o matarem, o que Deus não foi servido que tivesse efeito, porque parece que o tem guardado para outras gloriosas, e honrosas empresas, porém com duas balas enramadas lhe mataram o cavalo, e com uma palanqueta lhe deram em uma das caixas aonde levava duas pistolas e lhe a fizeram em pedaços.

O que visto por o nosso Governador João Fernandes Vieira e o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, chamaram em altas vozes: *Traição, traição, estes caes nos querem matar a todos, debaixo de um engano paliado; conhecida está sua má intenção, não temos mais que esperar a eles, a eles, morram todos a ferro e a fogo; carga, soldados, carga. Meta-se lenha debaixo daquela casa, morram logo abrasados.* Não se haviam bem acabado de ouvir estas palavras, quando (já as mulheres estavam retiradas da janela e recolhidas em um aposento baixo) os nossos soldados mais quieteiros começaram a dar tão fortes cargas que não assustava holandês que não ficasse morto, e os demais dos nossos soldados e capitães arremeteram ao monte de lenha carregando cada qual o mais que podia, encheram os baixos da casa e seu contorno de madeira, e o primeiro que entrou debaixo da casa e tomou a escada ao inimigo foi o Capitão João Soares de Albuquerque, o Capitão Domingos Ferreira e Domingos de Sá Barbosa, e com tanto ânimo e brio acometeram a casa e se assenhorearam dos baixos dela, que o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros disse: *Eu já vi homens valorosos e atrevidos, mas nenhum igual a aqueles três.* Após estes entraram também com bravo orgulho e valor, debaixo da casa, os capitães Antônio Gomes Taborda, o Capitão Paulo Veloso, João de Albuquerque, Sebastião Ferreira e Diogo Lopes Ferreira, o qual foi o primeiro que se levantou na freguesia de S. Lourenço, e se aggregou ao Governador João Fernandes Vieira, com dois cunhados

seus, todos com armas de fogo, e deu ao governador uma botija de pólvora, que foi de muito préstimo, e como uma lança na guerra para se conseguir o efeito da vitória das Tabocas, e juntamente proveu os nossos soldados de morrão, porquanto tinha feito para esta empresa quarenta e oito mil braças dele, o qual todo ofereceu logo ao nosso governador graciosamente, e se ofereceu a fazer serviço a El-Rei de dar todo o morrão que se gastasse nesta empresa da liberdade, e este não por dinheiro, senão de graça e por fazer este serviço a Sua Majestade, como bom e leal vassallo do dito senhor.

Também com estes capitães entraram debaixo da casa forte os dois ajudantes Amaro Cordeiro e Francisco Cardoso, e não se descuidou o Padre Frei João da Ressurreição da Ordem de S. Bento, o qual andava no meio da batalha confessando aos nossos soldados e animando com grande valor aos pusilânimes, e trazendo já um pé escaldado de uma bala, que lhe havia passado por entre o sapato e a sola do pé, mas também com uma perna passada de parte a parte com outra bala, e não obstante isto, também carregou seu feixe de lenha e se meteu debaixo da varanda da casa. Pegou-se fogo na lenha, e começou a arder, e a grande fumaramada a rodear toda a casa, e os holandeses a brigar valorosamente, e os nossos a dar-lhes terríveis cargas com as espingardas, arcabuzes e mosquetes, e toda a nossa gente com grandes alaridos, já no contorno da casa, gritando: *Morrão estes cães a ferro e fogo, não se dê vida a nenhum*. Determinaram os holandeses sair da casa, por escapar do fogo e vender no meio do campo suas vidas honradamente. Porém acharam a escada ocupada por os capitães, que temos nomeado, que os fizeram recolher com perda de algumas vidas e derramamento de muito sangue.

Neste tempo entrou pelo meio do pasto do engenho um homem pobre do Arraial, chamado Frazão, com uma imagem em vulto da Virgem Nossa Senhora do Socorro a quem os holandeses haviam despojado de seus vestidos e quebrado os braços, a qual imagem vinha suando muitas gotas de água e gritando o dito Frazão: *Milagre, milagre, que a imagem da Virgem Maria está suando*. Acudiram logo muitos de nossos soldados, e vendo suar a sagrada imagem, lhe alimpavam as gotas do suor com os lenços e os guardaram como santas relíquias, e em lhe acabando de alimpar umas, brotavam logo outras (caso milagroso) tanto que a

imagem da puríssima Virgem Maria entrou em nosso esquadrao, logo os inimigos enfraqueceram de tal sorte, que começaram a deitar por as janelas da casa panos brancos, em sinal de paz e de que se queriam render; e o Governador Henrique Hus, tanto que parou a nossa bateria assomou a uma janela com duas pistolas nas mãos com as bocas viradas para a terra e tirou o chapéu, em sinal de que se queria render. Acudiram então os nossos soldados e apagaram o fogo, que se ia já ateando debaixo da casa, e o Capitão Antônio Gonçalves Tição e os dois ajudantes Amaro Cordeiro e Francisco Cardoso, subiram por a escada arriba e o Ajudante Cordeiro entrou por uma janela e os dois por a porta; e se trataram os concertos do rendimento; e suposto que o nosso Governador João Fernandes Vieira não queria consentir em partido algum, senão que fossem ali todos os inimigos abrasados de uma vez, todavia o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, foi de parecer que se lhes desse bom quartel; e assim se lhes concederam os partidos seguintes. Que ao governador das armas, e ao seu sargento-mor e ao Coronel João Blar, e ao capitão e governador dos índios, e os mais oficiais da milicias e concedia que saíssem com suas armas e insignias militares, até se apresentarem diante dos olhos dos nossos governadores; e que os demais holandeses seriam desarmados ao sair da casa e sairiam sem armas; e isto sem mais réplica, sob pena de serem todos abrasados; porém que aceitando o partido se lhes concedia a todos a vida, com benigno tratamento.

Aceitou o Governador Henrique Hus o partido e veio saindo da casa forte, ele diante e logo os três cabeças da milicia, e após ele os outros oficiais, capitães, alferes, sargentos, e no fim todos os demais soldados, sem armas, porque os nossos dois ajudantes, e os capitães Antônio Gonçalves Tição e Paulo Veloso, os foram desarmando ao sair da porta. Queriam também vir saindo os índios brasileiros esperando que se lhes desse bom quartel como aos holandeses, porém os nossos dois governadores, instigados dos grandes clamores do povo e das justiças que pediam a Deus sobre esta fera casta de gente, mandaram que todos fossem passados pelo fio da espada; porquanto sendo vassallos d'El-Rei, e nascidos na Capitania de Pernambuco, e criados aos peitos da Santa Madre Igreja Romana, e doutrinados na Fé de Jesus Cristo nosso Salvador, eles se haviam metido com o inimigo e o haviam encaminhado e ajudado a nos ganhar

a terra, e haviam sido os maiores traidores e mais carniceiros tiranos que nesta guerra havíamos tido, roubando aos moradores, profanando as igrejas, desflorando por força as donzelas e violando as casadas, e finalmente matando aos inocentes por comprazer aos flamengos e por a grande sede que têm do sangue português.

Logo se deu a execução esta sentença e os degolaram a todos, e vendo estes cães infames que não se lhes dava quarter, determinaram vencer as vidas valorosamente; e assim se puseram em defensão, e passaram de parte a parte ao Capitão Antonio Gomes Raborda com dois peiucos, das quais rendas esteve muito em risco de perder a vida, e já desconfiado dos cirurgiões, porém por Deus servido de dar a vida por o grande esforço e valor que tinha mostrado nesta guerra, e succedeu que estando já todos os índios degolados e estendidos na terra, se levantou um deles com ansias de morte, e puxando por uma faca, que lhe haviam deixado por inadvertência, deu com ela três facadas penetrantes em António Fais, e logo caiu quase morto; pôs-se grande cuidado e diligência na cura do dito António Fais, e escapou da morte; tanto pois que os holandeses rendidos se apresentaram diante dos nossos dois governadores, com a humilhação, e submissão com que costumam estar os vencedores ante os vencedores; estando toda a nossa soldadesca posta em fila em contorno, disse o nosso Governador João Fernandes Vieira ao Governador das armas holandesas: *Que é isto, senhor Henrique Hus? Vossa mercê é o que dizia que me havia de meter na sua estrebaria com uma braga no pe para lhe pensar os seus cavalos? Pois como está vossa mercê agora aqui debaixo dos meus pés e com sua viua em minhas mãos? Agora saberá que as crueldades e tuarias não podem prevalecer, e que mais val um meio quarto de hora do serviço de Deus, e de seu favor, do que muitas vidas entre os enganos do demônio, ora não tem que me temer, porque eu tenho mais de piedoso, que de vingativo e cruel.* Ao que Henrique Hus não respondeu e somente disse estas palavras: *Pois Vossa Senhoria me venceu a mim e me tem por seu prisioneiro, bem pode ir a tomar posse do Recife, porquanto eu tinha aqui comigo a nata e a flor da nossa gente de guerra.*

A este tempo, e diante de todos os holandeses rendidos disse o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros ao nosso Governador da liberdade João Fernandes Vieira estas palavras: *Vossa mercê o tem feito muito mal, e como não*

devia; e possível que venho eu da Bahia a esta Capitania por mandado do Governador Geral deste Estado Antônio l'eles da Silva, para aquietar aos moradores, e deixa-los em paz e amizade com os holandeses, e vossa mercê dizendo-me que me vinha dar alojamento para descansar com meus soldados do trabalho do caminho; e sem me dar conta de sua determinação, se parte diante de mim, e vem a fazer guerra e a brigar com holandeses? Pois esteja vossa mercê certo em que ha de ir comigo preso para a Bahia, donde o Governador Geral há de mandar a vossa mercê para o Reino, e S. Majestade há de castigar a vossa mercê rigorosamente. Ao que Joao Fernandes Vieira respondeu: Ao que vossa mercê me diz que me há de levar preso para a Bahia, respondo que eu tenho muitos e valerosos soldados, os quais defenderão minha pessoa com tanto esforço e orio, como estão deliberados a defender a Fé de Cristo, e a livrar em minha companhia sua pátria do tirano cativeiro em que a tem posto os depravados hereges holandeses, e no que toca a S. Majestade me castigar pelo que tenho feito e faço, respondo que eu sou seu vassalo e mui leal, e quando Sua Majestade me mande cortar a cabeça, eu haverei a morte por bem empregada, porém também estou certo em que Sua Majestade e Rei, e Senhor reto, e pontual, e que há de ouvir minha razão e defesa, e que há de julgar minha causa e a de todo este povo, com igualdade e justiça de rei cristão e católico; eu tenho conseguido meu intento, e estou mui satisfeito de me haver sucedido à medida de meu desejo, o que agora resta é darmos todos graças a Deus pela mercê que nos tem feito, pelo que (senhores soldados, e moradores) viva a Fé de Cristo, morram as tiranias e viva a liberdade. Vitória. Vitória. Levantaram logo todos os circunstantes as vozes, e com um alarido nunca visto, e banhados de alegria, aclamaram por três vezes a vitória, e a celebraram ao som de charamelas, caixas e trombetas, o que também fizeram os nossos negros Minas tocando suas buzinas, flautas e atabaques.

Acabado isto entraram os nossos soldados e mais moradores que haviam acudido ao estrondo da bateria na casa forte, e nas mais casas circunvizinhas, e saquearam toda a bagagem que ali tinha o inimigo, e se aproveitaram de todo o fato e mais alfaias que os soldados flamengos, e os seus índios haviam roubado àqueles dias (o que não foi de pouca consideração) e juntamente muitos dos moradores que es-

tavam sem armas de fogo, ali se armaram com as do inimigo, que eram mais de seiscentas, e também carregaram muita pólvora e balas, e muitos bastimentos de comer e beber, e tomaram muitos cavalos selados e enfreados. E nesta ocasião e na das Tabocas perdeu o inimigo mil e quinhentas armas de fogo, das quais a nossa gente se aproveitou e bem podemos dizer com verdade, que não tendo nós armas para fazer guerra aos holandeses, eles nô-las deram apesar de sua soberba.

Morreram neste encontro seis soldados dos nossos e foram feridos trinta e cinco; e dos feridos um foi o Capitão Domingos Fagundes, que investindo dos primeiros com o esquadrão dos holandeses, o passaram com um pelouro pela barriga de parte a parte, e não havendo esperanças que pudesse viver, Deus lhe deu vida e saúde dentro em vinte dias, e já anda servindo, com a fidelidade, e valor que dele se esperava; também foi ferido em uma perna o Governador dos crioulos e Minas Henrique Dias, porém tanto valor mostrou, que não se quis retirar enquanto durou a bataria, mas sempre andou animando seus soldados, tirando uns e metendo outros nos lugares mais perigosos, e acabada a bulha e alcançada a vitória, então ele mesmo se curou, escaldando os buracos da ferida com uma pequena de lã de carneiro frita com azeite de peixe, e sarou em breves dias sem haver mister cirurgião.

Deu o Governador João Fernandes Vieira ordem para se curarem os feridos, e encomendou a Gaspar de Mendonça senhor dos Apipucos, que por os seus escravos em redes mandasse levar a uns para a Várzea para serem curados, e outros mandasse levar para sua casa, e tivesse cuidado deles, o que o dito Gaspar de Mendonça fez com muita pontualidade e com a muita caridade cristã, que em seu peito se encerra (e faço aqui esta advertência).

Tanto que a nossa gente deu a primeira surriada ao inimigo na casa forte de Dona Ana Pais, ouvida nos Apipucos, que é distância de um quarto de légua, logo Gaspar de Mendonça, sendo velho e enfermo, se partiu descalço pela lama, com a gente de sua fazenda, provida de armas, que as tinha escondidas para a ocasião, e se foi apresentar na bulha, diante do Governador João Fernandes Vieira, com seu filho Cristóvão Pais e o Padre Fr. Manuel do Salvador religioso da Ordem de São Paulo, que andou por as casas de todos os moradores daquela povoação, e lhes persuadiu a todos, brancos e pretos, homens e mulheres, grandes e pe-

quenos, se fossem por sobre o outeiro, que estava junto ao lugar aonde estava o inimigo, e dali com altas vozes e alaridos aclamassem vitória, o que se fez assim; e vendo o inimigo a turbamulta de gente por detrás de suas costas, ficou pasmado, e perdeu as forças e brio.

Neste encontro morreram muitos holandeses, e todos os índios que ali se acharam, que foram quase duzentos, foram passados a espada, e outros muitos fugiram por entre os matos com alguns holandeses, os quais forçados da necessidade vinham a dar nas casas dos moradores, e ali eram mortos por mãos dos negros; e houve uma negra crioula dos Apipucos, loura, e casava com outro crioulo chamado o Araujo, que em encontrando a um flamengo com espada na cinta, e uma clavinha nas mãos, arremeteu com ele, e com um bordao que levava o matou, e lhe tomou as armas; então os mais que fugiram da bateria foram mortos; os rendidos que levamos vivos e prisioneiros, foram duzentos e cinco; e o Governador Joao Fernandes Vieira mandou dar um cavalo ao Governador holandês para que não fosse a pé; logo o nosso governador tomou nas ancas do seu cavalo a Dona Antonia Bezerra mulher de seu sogro Francisco Berenguer; e Francisco Berenguer nas ancas do seu a sua cunhada D. Izabel de Góes mulher de Antônio Bezerra; e Amaro Lopes de Madeira a sua mulher Luzia de Oliveira, que eram as três mulheres que o inimigo tinha presas, e com os duzentos e cinco rendidos, ao som de charamelas, trombetas e densadas aclamações de vitória, nos recolhemos todos para a Várzea a descansar do importuno trabalho, e tomar refeição no engenho do Governador João Fernandes Vieira, intitulado de São João. E suposto que tenho escrito o que me foi possível acerca desta vitória, aonde todos, capitães e soldados, mostraram seu valor, quero torná-la a escrever em verso, para mais alívio e entretenimento dos leitores. Porém há de se advertir, que os capitães e soldados de Pernambuco da freguesia de S. Lourenço, foram os que mais se assinalaram neste encontro.

Estreia matutina, é tempo agora,
Que a cítara me deis, para que cante
Vossos favores, cristalina aurora,
Que do incriado sol vindes diante;
Se me favoreceis, Virgem Senhora,
Das escuras quadrilhas triunfante,

Cantarei docemente, em voz suave,
Com saudoso acento, agudo e grave

Estava Lucideno sobre o leito,
Do importuno trabalho descansando,
Revolvendo mil traças no conceito,
Diversos pensamentos espalhando;
Bate-lhe o coração dentro no peito,
Os sentidos lhe ocupa o sono brando,
Tanto que adormeceu, sonhou que via
O santo português, que lhe dizia.

Como estás Lucideno descansado.
Importando-te tanto o trabalhar?
Quando o fero holandês tem decretado
De os moradores todos degolar;
Este infausto decreto, e inopinado
Em dois dias pretende executar.
E em se mostrando ao mundo a nova aurora
Se parte ao Recife sem demora.

E reformado ali de armas, e gente,
Com suas tropas posto a som de guerra,
Ardendo em ira e em furor ardente
Os moradores matará da terra;
Portanto não te mostres negligente,
E se zelo cristão em ti se encerra,
Corre depressa, porque se não corres
Não dirás com verdade que os socorres.

Por duas vezes viste a porta aberta,
Por si, do templo aonde me servias.
No que te prometi vitória certa
Se esta honrosa empresa acometias;
Portanto Lucideno, alerta, alerta,
E se em meu patrocínio te confias,
Parte depressa e investe ao inimigo,
Não te acovardes, que eu serei contigo.

Tanto que o holandês se reformar,
De soldados e armas sem demora
Determina sair a degolar
Os moradores nesse ponto e hora;
Levanta-te e procura caminhar

Antes que o inimigo saia fora
Aos Apipucos, Vila, e Beberibe,
Várzea, Tejipiô, Capibaribe.

Movam-te o peito, as lágrimas ardentes,
Dos velhos, das matronas e donzelas,
Os gritos dos meninos inocentes,
Que penetram os ares e as estrelas;
E pois com brios raros e excelentes,
Tomas à tua conta o defendê-las.
Parte como brioso ventureiro,
Que o belga hoje há de ser teu prisioneiro.

Despertou Lucideno perturbado,
Não sabe resolver-se no que faça,
Já diz isto foi sonho imaginado,
Que tudo é fingimento, riso e graça;
Por outra parte vê que apressurado
Saltando o coração se despedaça
E diz: isto obra é de Santo Antônio,
E não quimeras falsas do demônio.

Levanta-se com pressa e vem clamando,
Alerta, alerta, alerta, gente honrada,
Valerosos soldados de meu bando,
Alerta, porque a hora é já chegada;
Merchemos com cuidado, porque quando
Aparecer a aurora matizada
De variadas cores e aparato,
Vencido se há de ver o belga ingrato.

Põem-se logo os soldados em fileiras,
Não se ouve o som de caixas, nem trombetas.
Nem levam estandartes e bandeiras,
Senão mosquetes, chuços e escopetas;
Caminham pelo escuro; e as primeiras
Assanhadas, valentes, circunspetas
Esquadras, deste exército brioso.
São as de Lucideno valoroso

Pessoalmente andou sargenteando,
Não reparando em ser governador,
E por as outras partes ordenando
Andou a todos o sargento-mor;

Chama-se Antônio Dias, que lidando,
Coberto todo o corpo de suor,
Com grande esforço e brios valerosos
Ilustra o sobrenome dos Cardosos.

Parte a gente de Olinda na vanguarda,
Marcha após eles logo o Camarão,
A quem medo e temor nunca acovarda,
Nem toda Holanda e quantos nela estão;
O bravo Henrique Dias nada tarda
Governador o etíope esquadrão,
O qual já quebrantou por muitas vezes
O orgulho e furor aos holandeses.

Na retaguarda o Anibal valente,
Marcha com os briosos venturoiros,
Que trouxe da Bahia, brava gente,
Valentes, esforçados e guerreiros;
Este governador grave e prudente
André Vidal se chama de Negreiros,
A quem pôs Marte estátua no seu templo,
Por ser de valerosos raro exemplo

Chega ao Capibaribe o esquadrão,
Ao despertar da aurora e sente mágoa,
Porque acha que naquela ocasião
Vinha crescendo com enchente de água;
A gente para, e Lucideno então
Abrasado de amor na ardente frágua,
Entra a cavalo na água, que ia envolta,
E passa da outra banda a rédea solta.

Vendo isto os soldados valerosos,
Que o rio se podia vadear,
As roupas deitam fora e pressurosos
Todos juntos começam a passar
Vendo-se da outra parte desejosos
De encontrar o holandês e pelejar,
Em ordem vão buscar este inimigo.
E é menor o temor do que o perigo

Mandam diante seis descobridores,
Do campo, a andar no mato acostumados,
Valentes e mui destros corredores,

E cada qual valia cem soldados;
Partem sem sobressaltos, nem temores
Por debaixo dos ramos agachados,
E duas sentinelas encontraram
Do pérfido inimigo e os mataram.

Tinham as nuvens água derramado,
Com tanta fúria aquele tempo todo,
Que o caminho estava embaraçado,
E não se via mais que água e lodo;
Foi caminhando o nosso bando ousado.
Com tanta ligeireza, e de tal modo,
Que em breve descobriu o sítio adonde
O astuto belga general se esconde.

Estavam dois flamengos em vigia,
Na porteira do pasto, senão quando
Um aplicando a orelha, diz que ouvia
Rumor de batalhão, que vem marchando;
Já nesta conjunção se descobria
A gente de valor do nosso bando,
Disparam, dão rebate os holandeses
Mas não podem fugir aos portugueses.

Porque já quando viram nossa gente,
Vinhão por entre o mato alguns dos nossos,
E chegando-se à cerca ocultamente
Se esconderam detrás de dois paus grossos,
E em ouvindo o rebate de repente,
Deram sobre eles, e seus corpos, e ossos
Lhe fizeram em postas e em retalhos,
Livrando-os de passarem mais trabalhos

Os holandeses, que deliberados,
Estavam de partir-se, e almoçando,
Com os cavalos selados e enfreados,
Com aguardente, e bira, enfim brindando;
Em ouvindo o rebate salteados,
De um súbito temor, e reparando
Que haviam disparado suas postas,
E não fugiram, revirando as costas.

Um sacramento diz, que será isto?
E com o frasco nas mãos aos mais esforça,

Responde outro, pois nada temos visto,
Brindes alegremente, isto não força;
Outra assoma à janela, e diz por Cristo
Que isto bocados são, mas não de alcorça,
João Fernandes Vieira é o que chega,
Cada qual titubeia e arrenega.

Dão com os copos em terra, e de repente,
Tocam suas trombetas e tambores,
Em breve espaço ajuntam toda a gente,
De índios e belgas, seus governadores;
Formam seu esquadrão incontinenti,
Os que têm mais valor perdem as cores,
Os capitães dão vozes, e os sargentos
Se perturbam com vários pensamentos.

Qual toma o morrão e o cossolete,
Este o chuço, aquele a alabarda,
Aquele a bandoleira e o mosquete,
Qual prepara a clavina e espingarda.
Este as balas enramadas mete
Na bolsa, e aos nossos animoso aguarda
Entre brio e orgulho perturbado,
Em tropa unida e esquadrão formado.

Não chegava ainda a tropa da Bahia,
Porque os deteve o rio na passagem,
Mas os de Pernambuco, que à porfia
Corriam com esforço e com coragem:
João Fernandes Vieira que se via
À vista do holandês nesta paragem,
Como governador de peito ousado,
Aos seus fez o seguinte arrazoado.

Chegada a hora é fortes soldados,
De mostrardes valor de portugueses,
Pois sois filhos de pais nobres e honrados,
Que souberam romper fortes arneses;
Considerai as ânsias e cuidados
Que o rigor vos causou dos holandeses,
Aqui os tendes, obrem vossos braços,
E em breve os fazei todos pedaços.

A eles, a eles todos, vamos, vamos,
A eles meus soldados valorosos,
A eles Capitão Francisco Ramos,
E os mais que sois da honra cobiçosos;
Todos de mão comum acometamos,
Porque só de nos ver estão medrosos,
Invista-os cada qual por sua parte,
E cada qual se mostre um fero Marte.

O sargento maior reparte em breve,
De capitães briosos, e soldados
Duas mangas, e cada qual se atreve
A soberanos feitos e extremados;
Tanto que as mangas despedidas teve,
Forma um batalhãozinho de animados
Mancebos, coragentos e ligeiros,
Para que fossem no investir primeiros

A mais tropa da gente congregada,
A acometer caminha, senão quando,
O bravo Camarão leva da espada,
E dá vozes aos índios de seu bando;
Parta uma esquadra, e seja rodeada
Por vós aquela casa que eu o mando
Os mais soldados venham-se comigo
A acometer de cara ao inimigo

Clama por outra parte Henrique Dias,
A sua esquadra etíope, que é isto?
Hoje se hão de acabar as tiranias,
E há de resplandecer a Cruz de Cristo;
Aqui quero ver vossas bizarrias,
E os que ânimo têm; e estando nisto
João Fernandes Vieira grita: vamos.
A liberdade viva, acometamos.

O que entre as tropas entra sem ter medo,
(Porque delas por cabo estava eleito)
É o Padre Simão de Figueiredo
De bravo coração, de forte peito;
E com a espada nua, e rosto ledo
A todos diz com venerando aspeito,
Antes de sacerdote capitão
Me vistes, e hoje os belgas o verão

A briga se começa bem travada,
Com grão furor daquela e desta parte,
Em se dando a primeira surriada
O ministro chegou do sacro Marte;
André Vidal com quem a sublimada
Belona, esforço e brio, assim reparte,
Que ficando-lhe atrás seus bons guerreiros,
Se mete ele na bulha dos primeiros.

Dos que não se sentiram quebrantados,
Do rio e lodo, ali também chegaram,
Os quais em vendo aos belgas, como ousados
A todos os demais se adiantaram;
Brigando com tal fúria, que os passados
Cipiões e Aníbais atrás deixaram,
São de Ascenso da Silva e do Tição,
Cada qual valoroso capitão.

Tinha o lero holandês sobre quinhentos,
Trinta e cinco beligeros soldados,
Dos índios do Brasil tinha trezentos
A vencer, ou morrer deliberados;
Os nossos que têm altos pensamentos,
Muitas cargas lhe dão por os dois lados,
E cada qual com brio e ousadia,
Correndo ao holandês arremetia.

Acha-se o holandês metido em talas,
Em tudo vendo está desgraças suas.
Por aqui vê que o matam nossas balas,
Por ali vê luzir espadas nuas;
Conhece que pretendem afiá-las
Em seus corpos com mais que entranhas cruas
Estima a vida, e para não perdê-la
Corte à casa, e nela se encastela.

Ali estava uma casa edificada,
Sobre fortes esteios de madeira,
De rígido tijolo fabricada,
Mui espaçosa e forte em grão maneira.
Tinha uma galeria sorteada,
Que ao holandês servia de trincheira,
E nela todos juntos se meteram.
E nela unidos, fortes se fizeram.

E como a nossa gente de corrida,
Seguiu aos belgas que se retiraram,
O amparo e paredes de uma ermida,
E um montão de lenha lhe ganharam;
E dali com coragem nunca ouvida,
Chusma de tantas balas lhe atiraram,
Que qualquer belga tanto que assomava,
Logo chegava a bala que o matava.

Os mais nossos soldados mosqueteiros,
Em contorno da casa se espalharam,
E jogando das armas mui ligeiros,
Quase toda a parede esburacaram;
Em vendo isto os belgas, como artoiros
Duas mulheres nobres nos mostraram
Dona Antônia e mais Dona Izabel
Consortes de Bezerra e Berenguel.

Como quem diz: soldados se quereis,
As vidas apartar de todos nos,
Primeiro as todas vidas tirareis
A estas senhoras, não seiemos sos,
Portanto vede agora o que fazeis,
Se estumais vossos filhos mais que vos,
Ou cessai de mostrar vossas bravezas,
Ou matareis as maes que temos presas.

Parou um pouco a briga e o clamor,
Cessou a escaramuça tão travada,
Despedimos-lhe logo um tambor,
Que se entreguem sem reparar nada;
Mas de dentro da casa, com rigor,
Uma bala lhe tiram enramada,
Cai João Batista em terra traspassado
Com o pelouro, de um ao outro lado

Nossa gente assanhada, exclama logo,
Isto é aleivosia declarada,
Arma soldados, arma, ferro e fogo,
Morrão todos sem reparar nada;
Experimentem a fúria deste jogo
Provem as balas uns, outros a espada,
E tantas mosquetadas lhe atiraram,
Que muitos logo as vidas acabaram.

Mandaram logo os dois governadores,
João Fernandes Vieira e André Vidal,
Que combatam a casa os tiradores,
E os piqueiros lhe façam todo o mal;
Carreguem todos lenha, e os ardores
Experimentem do fogo cada qual,
Aos madeiros todos arremetem,
E debaixo da casa a lenha metem.

Chegam-lhe logo o fogo, o qual se ateia,
O condensado fumo os vai cegando,
O fero noandes pasma e titubeia,
Porque vê que seu fim se vem chegando:
A morte vê diante, e arreceia,
Porquanto o fumo tudo vai cercando,
Toma conselho enfim com seus soldados,
Se é justo que ali morram abrasados?

Sente o mestre de campo grande abalo,
No coração de grande raiva e sanha,
Porque lhe tinham morto o seu cavalo
Com duas balas e maldade estranha;
Conhece o fero intento, e por vingá-lo,
E por quebrar do belga a arte e manha,
A todos grita: à casa, à casa logo,
Seja toda abrasada em vivo fogo.

Os holandeses tanto que escutaram,
A voz horrenda do furioso Marte.
Com uma palanqueta lhe passaram
O arção da sela de uma a outra parte;
Os nossos com tal pressa carregaram
A lenha, e a puseram por tal arte,
Que aplicando-lhe o fogo, a labareda
Com adensado fumo ao belga enreda.

O primeiro que a lenha carregou,
De outros de bravo peito acompanhado,
E os baixos da casa lhe ganhou
Ao holandês tirano denodado;
E no topo da escada se parou
Com espada e rodela petrechado,
Chamando à nossa gente, que se acerque,
João Soares se chama de Albuquerque.

Corre com ligeireza o valoroso,
Entre muitos guerreiros capitão,
De ânimo mais ousado, que medroso,
Exemplo de valentes, o fiação;
Chega o Taborda, e nem Paulo Veloso
Mostra preguiça, nesta ocasião,
Muitos de esforço e brio os vão seguindo
O valor de seus braços descobrindo

Nosso governador embravecido,
Grita: acenda-se o fogo em brevidade,
Morra este tirano fementido,
Inimigo de Deus, e da verdade;
Carga soldados, carga, seja ouvido
O castigo de tanta crueldade
No mais profundo vale, e na montanha
Mais seca, mais estéril, mais estranha.

A labareda sobe, e os estouros,
Dos mosquetes que estão assoviando,
São ao fero holandês tristes agouros
Dos males que o estão ameaçando;
Ve-se entre fogo e fumo, e que os pelouros
Toda a casa lhe vão esburacando,
Foge-lhe a cor do rosto, as mãos lhe tremem
E os corações (sem dar gemidos) gemem.

Pois Severo Alexandre a morte deu,
A Vetronio com fumo atormentado
(Diz Vieira) este bravo filisteu
Seja entre fogo e fumo sepultado;
Não viu tantas abelhas Aristeu
Sair do touro morto, e sepultado
Quantos correm dos bravos portugueses
A pôr o fogo aos feros holandeses.

A lenha com que a casa se rodeia,
Com a importuna chuva está molhada,
O fumo sobe e o fogo não se ateia,
Segundo era a pressa desejada;
Mas com seco sapé se remedeia,
Com que se viu em breve entressachada,
Já se acende, já sobe a labareda,
E cada qual da casa já se arreda

O tumulto cerca a casa incontinente,
Os olhos aos flamengos se lhes cegam,
Um diz com ira e furia, sacramento,
Outros falam blasfêmias e arrenegam;
Neste entretanto toda a nossa gente
Sobre a casa os mosquetes descarregam,
Todos dão vozes: fogo (a ira é braba)
Olinda viva, pois que Holanda acaba.

Sente o cruel flamengo, que do estrago,
Que ele e os seus têm feito aos moradores,
Ja se lhe vem chegando o justo pago,
E vê da morte horrenda seus rigores;
Mui perto se vê já do Estígio lago,
E chamando-o então seus moradores.
O Cerbero os espera e vem de frente,
Para os passar, a barca de Acheronte.

A cada qual lhe morre o coração,
A vista das usadas tiranias,
Pelo que os portugueses com razão
Usar não quererão de cortesias;
O general das armas abre então
Uma das atrancadas gelosias,
E com sinal de paz com muita pressa
Humilde o chapéu tira da cabeça.

Cessa o estrondo do furioso Marte,
Mata-se o fogo, abrem-se as janelas,
O inimigo as armas põe de parte,
Para que os nossos venham recolhê-las,
Correm os do crucífero estandarte,
Fornecidos de espadas e rodela,
O concerto se faz, o belga pede,
O que é justo, e razão se lhe concede.

Se Milton com seus braços sustentou.
Uma pesada casa, que caía,
Até que largo espaço se afastou
Toda a gente que dentro nela havia;
Lucideno a Olinda libertou
Do rigor e inumana tirania
Do belga depravado carniceiro,
Com seu valor, seu sangue e seu dinheiro.

Estava duro o belga, senão quando,
O humilde frazão chega ao nosso posto
Com uma imagem da virgem e gritando:
Ómai todos para este ledo rosto,
Não reparais cristaos, que está suando,
Para que não tenhais pena, e desgosto?
Muitos se chegam logo ao redor,
E lhe alimpam as gotas do suor.

Estas limpas, divisam que outras brotam,
Mui adensadas como graos de incenso;
Ao ponto os holandeses se alborotam,
E mostram da janela um branco lenço;
Nossos governadores decretaram,
Que o dia onzavo e de São Lourenço,
Que como em rogo foi martirizado,
Não quer que o noíandês morra abrasado.

Mata-se o fogo, e o Governador,
Henrique Hus, que rege aos holandeses,
Pando o rosto e desmudada a cor,
Da varanda se mostra aos portugueses;
Pede aos nossos que amansem seu rigor,
Que não quer da fortuna mais reveses,
Enfim benignidade e quartel pede,
O qual sem mais tardar se lhe concede.

Ao governador e às três cabeças,
Que governam as tropas dos soldados,
E aos officiais, fazem promessas
De saírem com armas adornados;
Aos mais se outorga a vida com expressas
Seguranças de serem bem tratados
Sai o governador e os três com ele,
Nos demais não há quem do assento apele

Os índios, porque foram traidores,
A lei de Deus e a sua pátria amada,
Usando de tiranos desprimores.
Violando a donzela e a casada,
Seguranças de serem bem tratados,
Com crueldade e fúria nunca usada.
Nossos Governadores decretaram,
Que morressem, e a todos degolaram

Havia um índio entre eles mui valente,
Que era seu principal e capitão,
Ao qual por conhecido e por parente
Degolou Dom Antônio Camarao;
Nao quis que o degolasse a outra gente,
Mas ele o quis fazer por sua mão,
Para exemplo de que castigava
A quem do amor de Cristo se apartava

ao outro dia, tanto que a luz pura,
Visitou os outeiros empinados,
Lhe mandou dar honesta sepultura
Por quatro, ou seis de seus fortes soldados,
No meio o enterraram da espessura,
Ficando os demais todos estirados
Dentro e fora daquela casa infame,
E é bem (por de quem é) que assim lhe chame.

No ponto pois que os belgas já vencidos,
Se apresentaram entre a hossa gente,
Com os corações quebrados e rendidos,
Tocamos charamelas docemente;
Ouvem-se logo as vozes e alaridos,
Que podem penetrar a esfera ardente,
Vitória aclamam em conformidade,
Vitória, viva, viva, a liberdade.

Com duzentos e cinco prisioneiros,
Nossos governadores caminharam
Para a Várzea, aonde os nossos bons guerreiros
Do terrível trabalho descansaram;
Os outros feros belgas carneiros
Mortos na casa e campo se ficaram,
Seis morreram dos nossos, e feridos
Trinta e cinco mancebos atrevidos.

Vão caminhando e tocam charamelas
Fazem eco as trombetas e tambores,
Chega o som da vitória até as estrelas,
Enchem-se de alegria os moradores;
As mulheres se assomam nas janelas,
Com ledo rosto, e já com outras cores
Das que sóiam ter bem poucos dias
Antes destas bonanças e alegrias

Alguns índios, e belgas, que escaparam,
Quando andava a bulha embravecida,
Alguns para o Recife caminharam,
Sem parar no caminho de corrida;
Outros por entre o mato se emboscaram,
Temendo de perder a leda vida,
Os moradores têm tomado os portos.
E os mais por mãos de negros foram mortos

Sagrada Virgem Mãe, tanto que entrastes,
No meio do esquadrão dos portugueses,
Logo com vosso aspecto quebrantastes
O orgulho e furor dos holandeses;
Bem creio, Virgem Santa, que rogastes
Por nós a vosso Filho muitas vezes,
E em vós chegando, fonte da bondade
Logo alcançou vitória a liberdade.

Agora amada Musa descansemos,
Porque já não me atrevo a cantar tanto,
Outras ocasiões cedo teremos,
Nas quais começaremos novo canto;
Agora os parabéns, e as graças demos
A aquela, a quem o sol serve de manto,
A lua de sapatos, e as estrelas
Em seu toucado de boninas belas

CAPÍTULO III

Das coisas que succederam nesta empresa da liberdade, dos dezessete de agosto até o fim do mês

No mesmo dia que o Governador da empresa da liberdade Joao Fernandes Vieira alcançou a vitoria contra o Governador holandês na casa forte de Dona Ana Pais, se levantou um mancebo filho de Pernambuco, chamado Manuel Soares Barbosa, com crinta mancebos seus amigos os quais se haviam armado com armas de fogo dos despojos do inimigo, na casa forte; e no mesmo dia à tarde se foi pôr na vila de Olinda uma légua do Recife, aonde o inimigo tinha uma pequena fortaleza com sessenta soldados a um tiro de mosquete da mesma vila, chamada em outro tempo a Guarita de João de Albuquerque, e naquele tempo amparou e defendeu aquela vila, e impediu ao inimigo a saída, assim do Recife, como da fortaleza, com muito valor, cuidado e vigilância, por espaço de quarenta dias, até que as coisas se puseram em ordem da nossa parte, e o Governador João Fernandes Vieira o mandou chamar e o proveu de companhia em forma. E já que tratamos deste Manuel Soares, é bem que digamos o princípio donde tomou brio e coragem para não temer os holandeses. Sucedeu que estando a nossa gente conjurada retirada aos matos com João Fernandes Vieira antes do glorioso encontro das Tabocas, e andando todo o mais povo perseguido e sobressaltado, vieram dezesseis holandeses por o rio Beberibe abaixo, os quais vinham carregados de muita fazenda, que haviam roubado aos moradores do Jaguaribe e Paratibe; e havendo mandado os negros que traziam carregados para o Recife, porque lhe não ficasse morador a quem não saqueassem; chegaram ao outeiro do Barbosa, uma légua do Recife e começaram de noite a roubar os moradores daquele distrito, e chegando à

casa de Luzia Barbosa, irmã deste Manuel Soares Barbosa, aonde esta honrada mulher estava com outras suas irmãs donzelas; e estando os holandeses quebrando-lhe as portas da casa, para entrarem dentro e as pobres, e afligidas donzelas gritando que as queriam matar, ouviu os gritos o dito seu irmão Manuel Soares, que estava escondido com cinco mancebos seus amigos em um mato, a tiro de mosquete da casa, porque todos então andavam perturbados com o temor dos holandeses; e como este mancebo sabia bem os caminhos, veredas e atalhos daquela paragem, deu sobre os dezesseis holandeses de súbito, e estando os holandeses todos armados com mosquetes e clavinas; e não tendo Manuel Soares, nem seus cinco companheiros (que todos eram moços sem barba) mais que duas espingardas, duas espadas, um bordão ferrado e uma foice roçadoura, com tanto furor e brio, investiu com eles, que logo deixaram as armas e se puseram à infame fugida, indo regando os caminhos por onde passavam com muita cópia de sangue, tomou Manuel Soares e seus companheiros as armas dos holandeses, e ficaram tão briosos vendo-se armados, que logo ajuntaram consigo a outros mancebos seus amigos, e os proveram de armas e fizeram uma quadrilha de vinte soldados; e a modo de ladrões salteadores andavam fazendo emboscadas e matando os holandeses que achavam desgarrados. Foi este feito digno de que não fique em esquecimento, pois seis moços, que o de mais idade não chegava a vinte anos, e quase sem armas e em tempo que todos andavam perturbados acometessem a dezesseis soldados criados na milícia, e matassem a alguns e ferissem a outros, e a todos lhe tomassem as armas; isto feito logo o dito Manuel Soares retirou a suas irmãs para outro mato mais fragoso e denso, aonde estivessem seguras, e os moradores daquela paragem desampararam suas casas com temor da vingança que o inimigo havia de querer tomar, como quis, mas não achou em que executar seu furor e sanha.

Agora é bem que tornemos três, ou quatro passos atrás e tratemos da jornada que os dois mestres de campo Matim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros fizeram com os seus dois terços de infantaria, da Bahia para Pernambuco a aquietar os moradores daquela Capitania, segundo o havia prometido o Governador Antônio Teles da Silva aos embaixadores holandeses. Aos doze dias do mês de agosto appareceu defronte do Recife uma frota de trinta e sete velas

entre grandes e pequenas, aonde vinha por capitânia um vistoso galeão, o qual era de Salvador Correia de Sá de Benevides, que vinha por general da frota, com cuja vista os holandeses do Recife e Cidade Maurícia ficaram tão perturbados, que já andavam tratando entre si de como se haviam de entregar, e com que partido e concertos, porque se achavam sem naus, nem cabedal para resistir, e o Governador das armas Henrique Hus com a melhor gente de guerra andava por a mata do Brasil buscando a João Fernandes Vieira para brigar com ele, fez a frota fundo sobre a barreira, afastada da terra, aonde não pudesse alcançar a artilharia do forte do mar, porque como estes hereges tratam sempre de traições, temeu o general que lhe fizessem alguma das que costumam.

Tanto que a frota deitou fundo, era coisa para ver o como os moradores de Pernambuco (principalmente os que viviam junto do mar) subiam sobre os altos montes, banhados de contentamento e alegria a ver a frota, não somente os homens, senão também as mulheres e meninos, que pareciam formigas, quando saem de seus alojamentos a buscar a sustentação para a guardarem em seus celeiros para o tempo da necessidade; uns diziam, aquele é um galeão real, aquelas são naus guerreiras, aquel'outros são navios de força e as outras são caravelas que trazem provimento e munições, Deus é conosco, aqui se acabará nosso cativoiro; os que subiam aos montes perguntavam aos que desciam, quantas naus apareciam, os que desciam lhes davam as boas novas, e todo o povo andava alborotado, uns cortavam pelos matos varas grossas e lhe inseriram nas pontas ferros de lanças e dardos, outros faziam paus tostados, outros encavavam as foices roçadouras em hastes compridas, outros aguçavam as velhas e ferrugentas espadas, que estavam enterradas pelos monturos, e todos tão alentados e animados para abalroarem com o Recife, e com tanto ânimo de o ganharem, como se já tiveram a vitória alcançada, e até os meninos faziam seus arcos e se proviam de flechas para se acharem na empresa.

Tanto que Salvador Correia de Sá de Benevides teve toda a frota ancorada, despediu um batel para o Recife e mandou a dois nobres mancebos muito bem trajados com uma embaixada aos holandeses do supremo Concelho. Entrou o batel pelo porto da barra e chegou ao Recife com uma bandeira branca; e foi coisa muito para notar o como

todos os holandeses, franceses e judeus, cercaram em roda aos dois mancebos portugueses, uns notando seu bizarro traje e grave compostura; outros reparando em suas graves palavras, e o brio, e bizarria no andar; e assim indo uns holandeses diante e outros detrás, e outra turbamulta por os dois lados, os foram acompanhando até os meteram na casa do supremo Concelho, na qual os dois portugueses entraram, ficando-se à porta os holandeses e judeus esperando desejosos de saber o que os dois portugueses vinham a tratar.

Entraram os nossos dois portugueses no supremo Concelho e falaram aos assistentes nele desta maneira: *Salvador Correia de Sá de Benevides general daquela frota, que ali está ancorada, manda por nos saudar a Vossas Senhorias, e lhes faz a saber, que não têm que recear em ver ancoradas aquelas naus diante desta barra, porquanto ele não vem a fazer guerra, nem a brigar, porque assim o tem ordenado Sua Majestade El-Rei Dom João seu Senhor, que se não faça guerra aos holandeses de Pernambuco, senão que os tratem com muita paz e cortesia enquanto durar o tempo das tréguas; e assim que bem podem deitar fora de seus corações o temor e suspeitas que tiverem, porquanto ele vai com o seu galeão acompanhando aquela frota de açúcares, que vai do Rio de Janeiro e da Bahia, para o Reino de Portugal, e se se quiserem certificar mais desta verdade, podem mandar um batel ao seu galeão (ficando eles dois portugueses em reféns) e com os olhos verão como leva consigo para o Reino a sua mulher e família; e que se de caminho lhe quiserem mandar algum refresco de frutas da terra por seu dinheiro, lh'o pagará honradamente e que em remate lhe faz a saber em como o Governador General Antônio Teles da Silva é tão pontual em cumprir sua palavra, que porquanto eles holandeses lhe haviam pedido por seus embaixadores que mandassem aquietar aos moradores de Pernambuco, que se haviam levantado e rebelado com João Fernandes; o dito governador mandava a esse efeito aos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno com a infantaria dos seus terços, não só a aquietar aos moradores, senão também a prender os culpados, e que já ficavam na enseada de Tamandaré e vinham marchando por terra, deixando na mesma enseada nove embarcações mercantis, nas quais haviam vindo e acabada a empresa para que haviam sido chamados, nelas se haviam de tornar para a Ba-*

hiu. Mandaram os do Concelho aposentar aos dois embaixadores, e logo se divulgou pelo Recife que a armada era de paz e não de guerra, com o que todos, assim grandes, como pequenos ficaram muito alegres e prazenteiros, e aliviados das perturbações de que tinham os corações sobressaltados.

No mesmo dia mandaram os holandeses do supremo Concelho duas lanchas à nossa capitânia, com algum refresco de queijos, manteiga, aguardente de Holanda e algum peixe pau, o que os mercadores flamengos venderam por bom preço e os portugueses compraram de boa vontade, e o general lhe mostrou o seu galeão, e viram como levava ali sua mulher e família, e juntamente lhe permitiu a que chegassem a bordo das outras naus, o que eles tiveram por grande favor, e debaixo do rebuço da mercância, notaram o que havia na frota, e tornando-se para a terra disseram aos do Concelho o bom tratamento que o general português havia lhe feito, e que por o que haviam visto nas naus da frota, tudo era verdade o que os dois embaixadores haviam dito, e que a armada não vinha de guerra, senão de paz, e que ia fazendo viagem para o Reino. Largaram então os do supremo Concelho os dois embaixadores, os quais se tornaram para a nau capitânia com o seu batel carregado de laranjas, limões e cidras, e outras frutas que haviam comprado na praça do Recife.

Sobreveio no seguinte dia uma tempestade de chuva, e vento, tão extraordinária, qual os homens do Brasil não se acordaram haver visto outra semelhante, pela qual razão temendo os pilotos que lhe arreventassem as amarras, e as naus viessem com a fúria dos ventos a dar nos arrecifes, e se fizessem em pedaços, levaram as âncoras e todos se fizeram à vela, andando de um, e outro bordo, volta ao mar, e volta à terra, porém sempre engolfados ao largo. Continuou a tempestade com tanto ímpeto e fúria dos ventos, que em espaço de seis dias nunca puderam achar abrigo para tornar a ancorar, e como o vento corria do Sul, por não irem a dar nas índias de Castela derrotados, foi força e necessidade tomarem a via de Portugal, e em breve espaço desapareceram da vista da terra; mandaram os holandeses dois patachos em seguimento da frota, e tanto que a viram tomar a derrota de Portugal, vendo-se já livres de sobressalto, prepararam nove naus grossas, a saber quatro que tinham no porto do Recife e cinco que estavam à carga na Paraíba de viagem para Holanda, e três patachos mais, com alguns bar-

cos do alto, e petrechando-os de gente de guerra, e boa artilharia e invenções de fogo, mandaram a investir os nossos oito navios, que estavam na enseada de Tamandaré só com a gente do mar e duzentos soldados, aonde estava por capitão-mor Jerônimo Serrão de Paiva, valente e esforçado como um Roldão, e investindo com os nossos navios, suposto que havia na força e cabedal tanta disparidade, todavia houve de parte a parte uma cruel e sanguinosa batalha, e o inimigo perdeu a melhor nau que levava, porque lh'a atravessaram com uma bala de parte a parte, e outro navio nosso vendo a coisa mal parada, não quis esperar dentro na enseada, antes saiu fora do porto e brigou no mar alto com o inimigo, e lhe desenxarcou duas naus e lhe matou muita gente, e vendo que toda a frota inimiga vinha sobre ele, se fez na volta da Bahia e se foi embora. Mas tornando aos que ficaram dentro na enseada vendo o pleito mal parado, brigaram com todo o esforço e valor, enquanto as forças os ajudaram, fazendo notável dano ao inimigo, porém vendo-se com pouca força e cabedal, duas caravelas e dois navios vararam em terra, e salvando-se a gente, se pôs a defender as suas embarcações com tanto brio, que o holandês as não pôde ganhar. Dos outros navios se deitou muita gente nossa a nado, principalmente a gente do mar, e 3 mais se salvaram, e vieram à terra em paz. Os holandeses deitaram fogo em dois navios nossos, e os queimaram, e tomaram um patacho já quase desfeito com a artilharia, e também tomaram o navio que servia de capitania, aonde vinha o Capitão-mor Jerônimo Serrão de Paiva, o qual depois de haver brigado como um Hércules e de ter feito grande estrago nas naus inimigas, vendo-se abordado por três partes com a espada na mão se defendeu bizarramente, até que vendo-se ferido e tão cansado de brigar, que já não podia menear os braços, se entregou, e os holandeses depois de lhe darem algumas pancadas e cutiladas o trouxeram para o Recife com o seu navio todo desfeito.

Morreram neste traidor e aleivoso encontro, quase cem pessoas portuguesas, não que os holandeses matassem a todos, senão que uns deitando-se a nado, sem saberem nadar, se afogaram, outros morreram na briga, pelejando valorosamente e outros ficaram feridos, aos quais os holandeses acabaram de matar com tormentos e lentas mortes e a outros deitaram ao mar atados os pés e as mãos. Soube-se esta nova entre os moradores de Pernambuco, e tanto que a con-

taram aos dois governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, logo eles juraram de vingar esta traição e aleivosia e o começaram a pôr por obra, do que os moradores se deram por satisfeitos. E o que daqui se seguiu logo o relataremos. Chegou também esta nova à Bahia, e como se começaram a ouvir alguns clamores das mães que haviam perdido seus filhos em Tamandaré, mandou o Governador Antônio Teles da Silva, que ninguém trouxesse luto por filho, nem parente, a quem os traidores holandeses houvessem morto em Tamandaré, porquanto ele prometia de lhe vingar suas mortes com as demonstrações do sentimento, que tal traição e aleivosia estava merecendo, porque a ele fazer o contrário, e não tomar satisfação de semelhante agravo, desdouraria muito o nome português e o sangue fidalgo, donde ele dito governador procedia, e Sua Majestade se daria por muito mal servido; e teria muita causa e razão de o castigar rigorosamente; e logo começou a mandar socorro aos portugueses de Pernambuco, assim por mar, como por terra, de infantaria, armas, bastimentos e munições de guerra.

Agora sera justo que tratemos do que succedeu em Sirinhaém nesta empresa da liberdade e da chegada da nossa armada ao porto de Tamandaré. Sabido em Sirinhaém como as demais freguesias e povoações da Capitania de Pernambuco se iam alevantando e rebelando aos holandeses, não podendo sofrer as tiranias que com os moradores usavam. Mandou o comendor e capitão holandês da fortaleza de Sirinhaém com ordem dos governadores do Recife publicar um edital, com pena de morte, sem remissão, que todos os moradores portugueses daquele distrito de qualquer qualidade e condição que fossem, entregassem logo dentro em três dias naturais todas as armas ofensivas e defensivas que tivessem na mão do dito comendor até foices de roçar e facões; e suposto que alguns moradores com temor da morte entregaram as que tinham, todavia não faltou que atalhasse a este dano; este foi um mancebo chamado Hipólito Alonso de Vergosa, o qual sendo casado com mulher e filhos, e tendo sua casa junto da fortaleza do inimigo, e não sendo dos ajuramentados na empresa da liberdade, todavia vendo que um dos conjurados que na dita vila morava, havia entregado as armas aos holandeses, segundo o seu edital, e que este feito havia acovardado os ânimos dos moradores daquele distrito. Ele deixou sua casa, mulher e filhos

ao desamparo e ao rigor do inimigo, sem tratar de mais que do serviço de Deus, de Sua Majestade e da liberdade da pátria; e saindo ao campo ajuntou quarenta e nove mancebos, dos quais foi eleito em capitão e com eles foi a tomar as armas aos moradores que sabia que as tinham, para que as não entregassem ao inimigo; e logo deitou no fundo três barcos que no porto estavam carregados de açúcar, tabaco e mantimentos, para se partirem para o Recife; e sabendo que a nossa armada havia entrado no porto de Tamandaré, se veio a avistar com os dois capitães Paulo da Cunha Souto Maior e Cristóvão de Barros e lhes requereu que logo sem mais demora fossem pôr cerco à fortaleza do inimigo, que estava despercebido, e lhe tomassem a água de beber, da qual tinha muita falta; e que sem dúvida se entregariam logo, porquanto ele lhes tinha tomado todos os mantimentos, que para a fortaleza vinham chegando.

Marcharam os nossos dois capitães e após eles outra muita infantaria, para a vila de Sirinhaém, e tomaram a água e puseram cerco à fortaleza ao largo, e logo o Capitão Paulo da Cunha Souto Maior mandou dizer ao governador da fortaleza, que lhe fazia a saber em como o Governador General Antônio Teles da Silva por petição que lhe haviam feito por seus embaixadores, os governadores do supremo Concelho do Recife mandava ali aos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno com a infantaria dos seus terços, para apaziguarem aos moradores de Pernambuco e prenderem a João Fernandes Vieira, como cabeça do bando e levantamento, chamado aclamação da liberdade, porém que tanto que desembarcaram em terra tinham ouvido por boca dos moradores tantas queixas, tantos agravos, tantos roubos, tantas crueldades e tiranias, que os holandeses haviam usado com eles e de presente estavam usando, que estavam resolvidos em não deixar força alguma dos holandeses por detrás das costas, sem que ficasse rendida, porque temiam que depois de passar a nossa infantaria tornassem eles a usar com os moradores das mesmas tiranias e crueldades, pelo que ele comendador e os mais que estavam dentro na fortaleza se resolvessem logo sem dilação, e se entregassem, e que se lhes fariam todos os bons partidos e favores possíveis, a saber que a todos dariam as vidas e sairiam com suas armas e bandeira estendida, e tocando caixa, e que os que quisessem servir ao nosso exército, se lhes fariam boas pagas e vantagens; e aos que qui-

sessem ir para o Recife se lhes daria passagem livre, e os que quisessem viver na terra em suas granjas que nela tinham, se lhes concederia livremente, e que gozassem suas fazendas como de antes, e que se logo, logo não mandassem resposta com resolução, estivessem certos, que todos haviam de ser passados ao fio da espada, ou abrasados com fogo.

Vendo o comendador e os mais que com ele estavam a fortaleza cercada por todas as partes dos moradores da terra, que todos saíram naquela occasião armados, e por outra parte com as duas companhias dos capitães Paulo da Cunha e Cristóvão de Barros, e que os mestres de campo vinham chegando com toda a tropa de gente, logo sem mais dilatar se entregaram, e se lhes cumpriu pontualmente tudo o que se lhe havia prometido; os flamengos rendidos foram sessenta e dois; também com eles estavam na fortaleza cincoenta e seis índios brasileiros, aos quais porquanto sendo vassallos d'El-Rei e nascidos na terra de Pernambuco, e criados aos peitos da Santa Madre Igreja Romana, se haviam rebelado contra os portugueses e executado nunca vistas tiranias e crueldades com os moradores, assim homens como mulheres e crianças; o povo todo clamou que se lhes não desse quartel; e assim o Doutor Francisco Bravo da Silveira que vinha por auditor general, os condenou à morte, e foram enforcados ao redor da fortaleza e as mulheres e meninos dos índios foram dados, e repartidos por os moradores, para que os servissem, não como escravos cativos, senão por administração; e nos concertos que se fizeram com os holandeses e mais coisas que succederam em Sirinhaém, sempre se achou presente Hipólito Alonso de Verçosa, como pessoa nobre, e bom soldado. Nomeou o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros por capitão da gente estrangeira que quisesse servir ao nosso exército, a Francisco de Latour francês de nação, natural de Bordéus, católico romano, casado com uma mulher portuguesa e homem tido entre os moradores em muita conta e por qualificado cristão, o qual deixando logo sua casa, mulher e filhos em Sirinhaém aonde tinha seu domicílio, se veio logo em companhia da nossa gente para o sítio aonde estava o Governador da liberdade João Fernandes Vieira.

Deixaram os nossos mestres de campo em Sirinhaém por capitão dos moradores e da fortaleza a Alvaro Fragoso de Albuquerque, e logo marcharam adiante Martim Soares Moreno veio mais devagar com o seu terço, caminhando em

direitura para o Pontal de Nazaré e Cabo de Santo Agostinho, e André Vidal de Negreiros partiu diante e com mais pressa, em busca de João Fernandes Vieira, ao qual encontrou na vila de Santo Antônio do Cabo, como atrás temos dito, e veio em seguimento seu até a casa forte de Dona Ana Pais, aonde João Fernandes Vieira alcançou a segunda vitória e prendeu ao Governador das armas holandesas Henrique Hus, e os três cabeças de seu exército com mais duzentos e treze soldados e lhe matou todo o mais restante do seu exército.

Estando pois André Vidal de Negreiros descansando do encontro perigoso em que se viu, e dos importunos trabalhos do caminho nas casas de João Fernandes Vieira, e no seu engenho chamado de São João Batista, aonde os seus soldados acharam todo o mantimento necessário, e toda a boa hospedagem, segundo a apertura do tempo o permitia. E tratando com João Fernandes Vieira as coisas necessárias para o decurso, e bem da guerra, lhe vieram diferentes mensageiros, com várias e não esperadas novas, a que foi necessário acudir com diligência e dar expedição conveniente, segundo a estreitura do tempo e a opressão presente o requeria; para o que será necessário fazemos novo capítulo para as tratar especificamente como convém, para que não fiquem em esquecimento.

CAPÍTULO 1 V

Das coisas que sucederam dos dezessete de agosto até o fim do mês, como se nos rendeu a fortaleza do pontal de Nazaré, no Cabo de Santo Agostinho

A triste nova do infeliz successo, e aleivosa traição, que os holandeses haviam cometido emirem debaixo de capa de amizade a queimar os nossos navios, que estavam de paz, e despojados de gente no porto, e enseada de Tamandare, chegou ao nosso Arraial por testemunhas de vista, e fidedignas, e juntamente das crueldades extraordinárias, que usaram com os portuguezes que puderam tomar vivos às mãos, as quais novas ouvidas, disse o Governador da liberdade João Fernandes Vieira ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, e ao Auditor General Francisco Bravo da Silveira, que com ele estava: *Agora conheceram vossas mercês a grande razão que os moradores desta terra tiveram em se alevantar, e rebelar, e a obrigação que têm de defender sua pátria com as armas nas mãos, até morrer na demanda, ou vencer, e sair de tão infame cativo: e se certificaram por seus olhos da verdade, e fidelidade, que estes cães hereges tratam com toda a casta de gente, sem temor de Deus, nem vergonha do mundo, pois mandaram seus embaixadores em uma nau à Bahia a pedir ao Governador Geral deste Estado Antônio Teles da Silva, que mandasse a sua infantaria a aquietar os moradores desta terra, e a prender as cabeças do alevantamento (do qual eu sou a principal, e como tal aclamado por todo o povo, no que tenho despendido muito ouro, e prata, e hei de despende até o sangue das veias) e para este efeito lhe prometeram portos abertos, e francos, provimento, e todo o mais adjutório necessário, com a fidelidade que o caso requeria.*

Muitos avisos tenho feito ao Governador Geral Antonio Telles da Silva, que não se fie deste malditos luteranos, e calvinistas, e agora vêem vossas mercês com seus olhos, e por experiência a pureza de minha verdade, e os enganos desta gente, pois tanto que viram a vossas mercês dentro nesta Capitania, e sabendo que tinham os seus navios em Tamandaré para se tornarem para a Bahia, depois de aquietada a terra logo lh'os foram queimar, para que vossas mercês estivessem encontrados com os moradores da terra, prendendo-me a mim como a cabeça do bando, e assim não se mancomunassem com a gente da Bahia, e ficasse a terra como em guerra civil, e querendo-se vossas mercês tornar para a Bahia com os seus dois terços que de lá trouxeram, não tivessem embarcações para a fazerem, e a pura fome, e necessidade lhes matassem a injeunaria que haviam traziao (que é a flor da gente militar da Bahia) e esta morta ficassem senhores absolutos desta terra, e cortadas as cabeças das pessoas principais dela, jossem logo com sua armada sobre a Bahia, e achando-a cheia de gente de guerra, a rendessem, e ficassem senhores de todo o Brasil. E senão, veja vossa mercê senhor mestre de campo o que lhe succedeu na casa forte de D. Ana Pais, que estando-lhe eu dando bateria com a minha gente da terra, chegou vossa mercê, e à vista de um lenço branco, que eles haviam mostrado de uma janela (sinal de pedir misericórdia) vossa mercê lhe mandou um tambor, tocando de paz, e d João Batista alferes reformado com uma bandeira branca, a lhe dizer que se aquietassem, e rendessem porque vossa merce não vinha a lhes fazer guerra, senão a aquietar tudo, e deixá-lo em amizade, e concórdia, e que tudo se faria como eles quisessem, e eles como infames que são, e traidores mataram a João Batista com uma bala, e a V. Mercê com duas pelouradas lhe mataram o cavallo, e com uma palanqueta lhe passaram os arções da sela de parte a parte: eis aqui o para que chamaram a vossas mercês a esta terra, para lhe tirarem as vidas com estratagemas, e enganos; eu bem lhes conheço os corações, e assim não hei de desistir da empresa que tenho principiado até os deitor fora desta terra, ou perder a vida na demanda, e a vossa mercê, segundo a lei de Cristo, e de português lhe cabe em obrigação forçosa o ajudar-me a defender a Fé de Cristo, e a libertar esta terra, que mais é pátria de vossa mercê do que minha. Ao que o Mestre do Campo André Vidal de Negreiros respondeu: Eu lhe juro a

vossa mercê por este hábito de Cristo, que honra meus peitos, que o hei de acompanhar, e ajudar a levar ao fim esta empresa, e nisto não há de haver falta, ainda que saiba que S. Majestade me haja de mandar cortar a cabeça, porque tantas aleivosias não se sofrem.

Nesta conjunção mandaram os do supremo Concelho do Recife um embaixador a André Vidal de Negreiros, com uma bandeira branca na mão, e com uma carta, na qual lhe estranhavam muito o desprimor, que com eles tinha usado, e que se admiravam de que eles lhes fizesse guerra, sendo mandado ao Governador Geral Antônio Teles da Silva a aquietar os moradores de Pernambuco, e a prender as cabeças do alevantamento, e traição, e rebelião; e que pois o havia feito tanto ao contrario, lhe fizesse merce de lhe mandar o Governador das armas Henrique Hus, e aos outros tres officiaes maiores, que tinha prisioneiros em seu poder, e que lhe mandariam em retorno a Jerônimo Serrão de Paiva que tinham no Recife. Ao que o Mestre de Campo Andre Vidal de Negreiros respondeu desta maneira: *Vossas mercês me escrevem que estão admirados de que eu lhes faço guerra havendo-me aqui mandado o Governador Geral Antonio Teles da Silva a aquietar os moradores desta terra, e não se admiram de seu modo, seu trato, suas cavilações, estratagemas, enredos, enganos, aleivosias, e traições, que costumam usar com todo o gênero de gente: é possível que havendo vossas mercês mandado pedir ao senhor Antônio Teles da Silva, que mandasse aqui a sua infantaria a aquietar este povo com tão justas razões, e coisas rebelado, e que esse chamamento de socorro fosse para nos degolarem a todos debaixo de um ódio, e traição, rebuçada com capa de amizade; vossas mercês devem de imaginar que os portugueses comem palha, e não conhecem velhacarias, e maranhãs: descobriram seu depravado intento muito de antemão, e assim mandaram queimar os navios, que tinham em Tamandaré, para que fallando-nos embarcações para nos tornarmos, nos degolassem aqui a todos; e logo vindo eu seguindo ao chamado Governador da liberdade João Fernandes Vieira para o prender, e achando-o combatendo na casa forte ao Governador Henrique Hus, aonde o tinha cercado, e a ponto de o queimar vivo, e a todos os holandeses que com ele estavam, e havendo os holandeses deitado um pano branco por uma janela (sinal de que se queriam render) em eu chegan-*

do, fiz parar a bataria da nossa parte (o que os agravados moradores não queriam fazer) e me succedeu o que se segue.

Mandei logo ao Governador Hus, e aos que com ele estavam cercados um tambor, e um aljezes reformado, chamado João Batista com uma bandeira branca a dizer-lhes, que se entregassem, e que eu poria logo tudo em paz, e concordia; e a resposta que me mandaram foi matar-me o aljezes com uma baía enramada, e a mim matarem-me o cavallo com duas pelouradas, e passarem-me os arçõs da sela com uma palanqueta. Pergunto eu se condiz isto com o mandar-nos chamar à Bahia para virmos aquietar a terra, ou se não enganoso, e traições para nos matar aqui a todos? Meus senhores vossas mercês fazem como quem são, e não se podem esperar outros primores de peitos tão baixos, e injames, porém conhecida esta sua maldade, pelo que de hoje em diante vossas mercês me tenham por capital inimigo, e saibam que com muitas veras hei de ajudar ao Governador João Fernandes Vieira, e aos moradores desta terra a saírem do tirano cativo em que estão; e assim m'o pedem com clamores os capitães, e soldados, que trouxe comigo da Bahia, os quais quase todos são filhos desta terra, e juram de vingar as tiranias, e crueldades que vossas mercês têm usado com seus pais, irmãos, parentes, e amigos, e os desacatos que têm feito nos templos sagrados; e quando S. Magestade queria castigar meu atrevimento em fazer guerra aos holandeses de Pernambuco havendo o dito Senhor mandado que os trate com paz, e amizade, com oferecer a cabeça do cutelo pagarei meu erro (se julgar que o é).

E quando Sua Real Magestade se não dé por bem servido de mim, e me despeça de seu serviço por vassallo desobediente a seus mandados, não faltará um príncipe cristão, à sombra de cuja bandeira eu arrisque minha vida, e derrame meu sangue com a verdade, e pontualidade que devo; porém estou certo que primeiro S. Magestade há de ouvir minhas razões, e descargos, como reto juiz, e Católico Senhor: e primeiro lhe hão de ser apresentadas todas as aleivosias, e traições, que os holandeses de Pernambuco lhe têm feito depois das tréguas capituladas, e assentadas, como foi irem-lhe tomar aleivosamente o Reino de Angola, S. Tomé, e o Maranhão, e haverem-lhe tomado muitas caravelas, e navios, que iam da Bahia, e do Rio de Janeiro para Portugal, das quais traições o Governador Geral Antônio Teles da Silva mandou fazer queixa a esse supremo Concelho, e nunca

se pôs emenda em tão grandes maldades, nem se restituiu, o que como depravados ladrões haviam furtado, das quais trações foi S. Majestade feito sabedor, e o dito Senhor como supremo Rei, e que deseja conservar amigos, tem dissimulado, e avisado ao Príncipe de Orange, e aos Estados, esperando que haja emenda, e se restitua o que indevidamente se tem usurpado, o que até o presente dia não conseguiu efeito e se vossas mercês se fiam (para obrar suas maldades) em dizer que S. Majestade é soberano Rei, e que não há de quebrar a palavra que tem dado das tréguas, isso fora quando vossas mercês lh'a não tivessem primeiro quebrado por tantas vezes, e faltado com o que lhe prometeram nas capitulações, porém já que vossas mercês o conhecem por soberano Rei, para não lhe haver de quebrar a palavra que lhe tem dado de paz, e amizade: também é necessário que o conheçam por soberano Rei para vingar as aleivosias, e trações que vossas mercês lhe fazem à sua coroa, e cetro. E se João Fernandes Vieira foi o primeiro que com os moradores de Pernambuco empreendeu a tomar vingança de tantos agravos feitos a seu Rei, e Senhor, eu quero ser o segundo sem primeiro que tome à minha conta esta empresa: e estou certo que me não há de faltar com um, e outro socorro o Governador Geral Antônio Teles da Silva, porquanto é um fidalgo tão brioso, que não sabe sofrer ancas em vingar aleivosias cometidas contra o respeito devido a seu Rei, e Senhor Dom João o Quarto deste nome.

Ao que vossas mercês me pedem que lhe mande o Governador Henrique Hus, e que me mandarão em retorno ao Capitão-mor do mar Jerônimo Serrão de Paiva? Respondo que por um português lhe largara eu todos quantos holandeses lhe tomamos prisioneiros na casa forte, porque em maior preço estimo eu a qualquer português honrado, que a todos os flamengos que indevidamente occupam o Estado de Pernambuco, quanto mais ao Capitão-mor Jerônimo Serrão de Paiva, em quem (além de eu ser seu particular amigo) concorrem mui honradas partes de primor, cortesia, e valeroso ânimo: porém faço a saber a vossas mercês, que assim o Governador Henrique Hus, como os mais prisioneiros, que aqui tínhamos, os mandamos já para a Bahia, para que o Governador Geral lhes mandasse dar passagem para suas pátrias: e somente a João Blar mataram no caminho com quatro pelouradas os soldados que o acompanharam, vingando-se das crueldades, que aquele tirano fero havia usado com

os moradores da terra, mulheres, e meninos; e bem podem escrever á Bahia ao Governador Geral que ele lhes mandara a Henrique Hus com muita facilidade, se ainda não for embarcado; e que ultimamente lhes fazia a saber que alguns soldados francezes e flamengos haviam pedido, que os deixássemos ficar entre nós, porque queriam assentar praça, e tomar armas contra os holandeses do Recife, o que se lhes concedeu facilmente: e se estes se quizerem ir, os largaríamos, porque não nos falta gente, nem corações desejosos de vingar tantos agravos.

Agora e bem que tratemos da viagem que fez com o seu terço o Mestre de Campo Martin Soares Moreno do porto de Tamandare aonde desembarcou, o qual tomando o caminho da praia do mar, veio marchando até o rio da Camboa, e pontal de Nazare, aonde acnou aos moradores da terra com o Capitão-mor Amador de Araujo, e o Coronel Pedro Marinho Paicao, os quais por mandado do Governador Joao Fernandes Vieira tinham ao largo posto em cerco a fortaleza do Pontal, que era a melhor, que os holandeses tinham, e com um porto navegável, ao qual chamam o Cabo de Santo Agostinho, e os moradores contando primeiro ao mestre de campo as aleivosias, e traições que os holandeses tinham usado, o obrigaram com grandes requerimentos da parte de Deus, e do povo cristão a que os ajudasse naquella empresa. Não dilatou o mestre de campo muito tempo o despacho desta petição, antes logo mandou chegar o cerco mais para a fortaleza, e mandou de noite fazer uma trincheira, da qual a seu salvo pudesse a mosquetaria jogar livremente, e fazer dano ao inimigo.

Isto feito mandou ao Capitão Paulo da Cunha com uma embaixada ao Sargento-mór Teodósio de Estrate (que era o governador da fortaleza) a que se entregasse porque não o fazendo lhe faria guerra a fogo, e a sangue, a qual embaixada Teodósio de Estrate não quis aceitar, antes despediu a Paulo da Cunha com palavras mui arrogantes, dizendo-lhe que se os portuguezes queriam pólvora, e balas, que ali tinha boa quantidade para os receber. Isto disse em público, porque lhe importava assim para seu negócio, porém em secreto lhe disse, que mandassem chamar ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, e que tanto que ele chegasse lhe tornasse com a segunda embaixada, e então responderia a propósito. Tornou o Capitão Paulo da Cunha com a resposta pública, e secreta, e logo mandou aviso ao

mestre de campo, o qual logo se pôs a caminho, e veio do quartel de S. João sito na Várzea, aonde a nossa gente estava alojada e o Governador João Fernandes Vieira ficou deitando uma finta pelos moradores, para a sustentação da guerra, a qual eles aceitaram de tão boa vontade, acudindo este com dois mil cruzados, aquele com os mil, aquel'outro com quinhentos, este com os cem mil réis aquele com os cinqüenta; um oferecendo as cadeias de ouro, outro a prata lavrada, outro trazendo as jóias ricas da mulher, e das filhas, com tanta liberalidade que suposto que todos estavam roubados, e saqueados pelos holandeses, todavia qual mais, qual menos, todos os que podiam acudiram com seus oferecimentos, e empréstimos, de sorte que em breve se ajuntou boa soma de dinheiro, com o qual se fez fundamento para se sustentar, e seguir a guerra.

Tanto pois que o Mestre de Campo André Vidal chegou a Nazare mandou Martim Soares Moreno outra embaixada ao Governador da fortaleza Teodósio de Estrate, que entregasse a fortaleza, porquanto André Vidal era chegado com muita gente de guerra, a qual se lhe havia de fazer com muita ira, e sanha, sem esperanças de partido algum, e Teodósio de Estrate lhe respondeu por escrito, que ele não se deixava vencer de ameaças, nem bravatas, nem conhecia aquele embaixador por oficial da milícia, portanto que mandasse lá ao Capitão Paulo da Cunha e que a ele responderia em forma. E isto disse porquanto tinha tratado com o Governador Antônio Teles da Silva, que somente a André Vidal e a Paulo da Cunha, e a João Fernandes Vieira em pessoa havia de descobrir seu peito.

Tornou Paulo da Cunha à fortaleza, e o governador dela o recebeu com muita benignidade, e o convidou a comer, e lhe disse em presença de todos os seus soldados, e oficiais que no tocante à amizade ele sempre havia sido mui amigo, e afeiçoado aos portugueses, e assim em tudo o que ele os pudesse servir sem encontrar a fidelidade que tinha prometido a seus superiores, o faria de boa vontade; porém que no tocante a entregar a fortaleza, antes queria morrer honradamente, do que acometer tal traição. E com isto despediu a Paulo da Cunha, e vindo-o acompanhando até a porta da fortaleza, lhe disse em secreto, que dissesse a André Vidal de Negreiros que se fizesse logo senhor da fortaleza da Barra, a qual não tinha mais que três peças, e estas tão mal pregadas, que ao primeiro tiro se haviam de fazer as carre-

tas em pedaços porquanto ele de indústria as tinha preparadas daquela sorte; e rendida esta fortaleza a preparasse logo em forma, que pudesse impedir o entrar-lhe por a barra qualquer socorro, que do Recife lhes viesse; e que também lhe tomassem a fonte donde bebiam, porquanto a fortaleza estava muito falta de água, e que tivesse paciência por seis, ou sete dias, porque assim convinha à sua honra; porém que soubesse de certo que a fortaleza estava por a Majestade d'El-Rei Dom João o Quarto, a quem ele conhecia por Rei, e Senhor, e a cujo serviço desde aquela hora estava sacrificado; e finalmente que dentro em oito dias lhe viessem com outra embaixada, por amor dos oficiais da milícia que tinha consigo, que se lhe não arruinassem, vindo a conhecer o que estava tratado.

Fez o Mestre de Campo André Vidal o que lhe tinha apontado o Governador Estrate, e ganhou com facilidade a fortaleza da barra, e se apoderou da fonte donde os da fortaleza bebiam, e começou a concorrer em socorro tanta gente da terra, que cobriam todo o outeiro de Nazaré. Em vinte e seis de agosto escreveu o Mestre de Campo André Vidal ao governador da fortaleza por Paulo da Cunha, que cumprisse a palavra que tinha dado; e ele lhe respondeu de palavra, que sua palavra era certa. Neste tempo saiu do pé da fortaleza um barco carregado de gente com muitas mulheres, aonde também ia Alardo Holt Escolteto do distrito da vila de Santo Antônio do Cabo, carregado de muita fazenda, que ia fugindo para o Recife; e porquanto não podia sair pela barra, por ser já nossa a fortaleza dela, intentou sair pela barreta, e faltando-lhe maré, tocou em um banco de areia; e o Capitão Barreiros foi a ele em outro barco cheio de infantaria, e o tomou, e matou ao escolteto, e aos homens que com ele iam, e deu vida, e liberdade às mulheres, e os soldados se aproveitaram de tudo o que o barco levava dentro, que não era de pouca consideração.

Em o primeiro de setembro mandou André Vidal de Negreiros com o Capitão Paulo da Cunha, e o Auditor Francisco Bravo da Silveira, e o Capitão João Gomes de Melo, dizer ao governador da fortaleza que a entregasse, sob pena de lhe não dar quartel a nenhum dos que dentro achasse; e que se se quisesse render, pois via todo o campo, e monte coberto de gente de guerra, mandasse um oficial da milícia em refém, para se tratarem os concertos, os quais ele lhe concederia com toda a conveniência possível. A isto

respondeu o governador que não podia responder naquele dia, porque queria tomar sua resolução, e de palavra disse a Paulo da Cunha, que dissesse ao Mestre de Campo André Vidal, que não esperasse mais tempo, senão que apertasse que se entregassem logo, logo, e quando o não fizessem levaria a fortaleza, e aos que nela estavam pelo rigor das armas. E enquanto Paulo da Cunha foi com este aviso, fez o Governador Teodósio de Estrate uma prática aos seus oficiais, e soldados, dizendo-lhes que bem sabiam o pouco poder que havia no Recife para os socorrer, e defender, e que já era vencido, e preso o Governador das armas Henrique Hus com toda a flor de sua infantaria, e muitos holandeses mortos, e que os portuguezes faziam bom partido, e tratamento aos rendidos; e que era melhor tomar um bom concerto, e entregar a fortaleza a El-Rei Dom João, que era o natural senhor daquela terra, do que servir a mercadores, que nem lhe pagavam o seu soldo, nem lhes davam de comer, nem vestir, e somente atentavam a seus particulares interesses; e que ele faria os concertos de sorte que todos ficassem honrados, e satisfeitos.

Tanto que o Mestre de Campo André Vidal ouviu o recado que lhe trouxe Paulo da Cunha, o tornou a mandar com recado a Teodósio de Estrate, dizendo que já estava enfadado de usar de tantas cortesias, e comedimentos com quem lh'os não sabia agradecer; e que se logo, logo, se não entregavam dentro de três horas, jurava pelo hábito de Cristo, de quem era Cavalheiro, de arrasar a fortaleza, e queimar em vivo fogo a todos os que nela estavam. Um official flamengo chamado João ficou mui carrancudo com esta embaixada, e disse aos outros: Mais val que todos morramos, do que entregar esta fortaleza, que é o melhor porto marítimo, que tem esta Capitania depois do do Recife. Porem como os outros officiais se puseram da nossa parte, mandou logo o Governador Estrate um official da milícia, com o Capitão dos Cavalheiros Gaspar Vandlei a Nazaré, a tratar, e fazer os concertos com o mestre de campo, e os artigos deles levavam escritos em um papel, do teor seguinte:

Primeiramente que os soldados saíam tocando seu tambor, e com suas armas, e balas em boca, e bandeira estendida, e que aos que quisessem servir aos portuguezes na empresa da liberdade, se lhe assentaria praça, e se lhes fariam seus pagamentos pontualmente, e aos que se quisessem

ir para suas pátrias, ou para Portugal a servir a El-Rei D. João, se lhes daria passagem livre, e segura; e que aos que estivessem dentro na fortaleza, e tinham fazendas na terra, se lhes concederia que as possuísem livremente, e que aos soldados se lhes pagaria o soldo, que os da Companhia lhes deviam, para o que seriam necessários nove mil cruzados. Tudo isto aceitou o mestre de campo, e escreveu ao Governador João Fernandes Vieira, que lhe mandasse o dinheiro, o qual logo lhe veio no mesmo dia. Aceitados os concertos escreveu Teodósio de Estrate ao Mestre de Campo André Vidal, que fosse tomar posse da fortaleza em nome d'El-Rei Dom João.

Veio o mestre de campo com a infantaria para baixo aos três dias do mês de setembro, e tanto que chegou lhe entregou o Governador Estrate a fortaleza, e deitou os soldados todos fora, os quais eram duzentos e setenta e cinco, e alguns flamengos moradores da terra, que na dita fortaleza se haviam recolhido, e logo lhe entregou as chaves, e lhe deu os parabéns da vitória, e a fortaleza se guarneceu com a nossa infantaria, e muitos dos nossos soldados se armaram com as armas dos rendidos. Isto feito mandou o Mestre de Campo André Vidal armar uma mesa, e sobre ela mandou deitar o dinheiro, e se deu a cada soldado holandês quatro mil réis por princípio de paga, do que eles ficaram mui alegres; e os que quiseram tomar armas por nossa parte, se lhe assentou praça, e se lhe acudiu com seus pagamentos mui pontualmente, e os que eram moradores da terra se foram para suas casas, e os que se quiseram ir para suas pátrias, foram mandados para a Bahia ao Governador Geral, para que lhes mandasse dar passagem honrada, e com isto se aclamou a vitória por parte da liberdade da pátria.

Tinha a fortaleza dez peças de bronze de artilharia, muitos mosquetes de sobressalente, muita pólvora, e balas, e outros petrechos de guerra, com muitos mantimentos. No mesmo dia em que se entregou a fortaleza, chegou à boca da barra um barco grande, que vinha do Recife de socorro com bastimentos, e munições; e duvidando a entrada por algumas novidades que viu, disse o Governador Estrate que levantassem em alto na fortaleza uma bandeira, e a deixassem outra vez cair, e disparassem uma peça de artilharia, que era o sinal que tinham os holandeses entre si, o que logo se fez, e vindo o barco já quase embocando, divisou com um óculo de cana, gente portuguesa no forte da barra, e quis

voltar fugindo, porém o Capitão Barreiros, em outro barco com muitos mosqueteiros o foi tomar ao mar.

No porto de Nazaré se deteve André Vidal com Martim Soares Moreno cinco dias, e logo se partiu para a Várzea de Capibaribe, aonde estava João Fernandes Vieira, e trouxe em sua companhia a Teodósio de Estrate, e aos soldados oficiais rendidos, que se ofereceram para tomar armas por a nossa parte. Aos oito dias de setembro fez João Fernandes Vieira uma solene festa ao nascimento da Virgem Maria N. S. em ação de graças por a vitória, que seu benditíssimo Filho lhe havia dado por sua intercessão contra os inimigos de sua Santa Fé, houve missa cantada de três coros, oficiada com ricos ornamentos, e instrumentos diversos, e pregou nela o P. Frei Manuel do Salvador da Ordem de S. Paulo, ainda que estava muito doente, e em cama, e tão fraco, que em braços o puseram no púlpito, o qual depois de se espalhar nos louvores da Virgem Mãe de Deus, exortou de tal sorte aos soldados, e moradores a seguir a começada empresa da liberdade, que em muitos causou dor, e arrependimento de seus erros, em outros lágrimas nascidas de alegria, e em todos tanto fervor, e alento, que saíram da igreja tão animados, que prometeram de ir abalroar com o Recife dentro de suas oito fortalezas, e ganhá-lo, o que se não pôs em efeito, porque tomando conselho sobre o negócio, se averiguou que não se podia conseguir glorioso fim, sem muitas mortes, e por respeito da pouca gente armada que tínhamos, e assim por então se suspendeu a empresa.

Acabada a missa, levou João Fernandes Vieira a imagem da Virgem Nossa Senhora para o seu engenho, e a pôs na igreja de S. João Batista, que ali tem, aonde de presente estava o nosso alojamento, e pelo caminho iam os músicos cantando muitos salmos, e graciosos motetes, fazendo os soldados com a arcabuzaria, e mosquetaria as festas que na milícia se costumam. Chegou o Mestre de Campo André Vidal ao nosso alojamento da Várzea, aonde o esperava o Governador João Fernandes Vieira, e logo chamaram a conselho todos os capitães, e principais moradores da terra, para assentarem o modo que haviam de ter para fazer guerra em forma. Alguns foram de parecer que se reformasse o Arraial velho no mesmo lugar aonde havia estado no tempo de Matias de Albuquerque, e que ali nos fizéssemos fortes para resistir, e sair a fazer mal ao inimigo, quando nos buscasse, porquanto aquela paragem, além de ser forte, e enxuta

para o tempo do inverno, tinha provisão de água, e lenha para o provimento necessário; outros foram de opinião, que este Arraial se fizesse no sítio, e passo de João Velho Barreto junto ao Capibaribe, porquanto ficava mais perto do Recife, e donde se podia acudir com facilidade a todas as partes, por onde o inimigo saísse fora; e que para isto se fizesse uma ponte de madeira sobre o rio que lhe ficava batendo nas paredes da força que se havia de fazer.

O Governador João Fernandes Vieira, e o Governador dos índios Dom Antônio Felipe Camarão, e Henrique Dias Governador dos negros, e os capitães Ascenso da Silva, Antônio Gonçalves Tição, Paulo Veloso, Paulo da Cunha, e todos os da terra seguiram diferente caminho, e disseram que não convinha que se fizesse Arraial, porque isto era ficar a infantaria encurralada, que se fizesse estâncias em contorno do Recife, e Cidade Maurícia, e que em cada uma se pusesse um capitão com sua infantaria para que o inimigo não pudesse sair fora sem ser sentido, e saindo lhe matássemos a sua gente de mão posta. Este parecer foi aprovado de todos; e assim se pôs por obra, e logo o Camarão com seus índios tomou à sua conta a estância da casa de Sebastião de Carvalho, por ficar mais vizinha, e em fronteira da fortaleza dos Afogados; e Henrique Dias com os seus negros Angolas, Minas, e crioulos, tomou o sítio de João Velho Barreto, que está na saída da Cidade Maurícia, e não se dando ali por bem alojado, se chegou mais para a cidade a tiro de peça sobre o Capibaribe, e se alojou em umas casas de um flamengo, chamado Giles Vanufflo, as quais tinham uma torre alta, da qual vigiava tudo o que saía, e entrava na Cidade Maurícia, tendo por muro o rio Capibaribe, o qual se passava a vau na baixa-mar, e dali fez grande dano ao inimigo por muitas vezes, como ao diante diremos. Os sítios das Salinas, e carreira dos Mazombos até a ponte da vila de Olin-da ocuparam os capitães da terra, para industriarem nos caminhos aos que haviam vindo da Bahia, e nenhuma vez saía o inimigo fora que não deixasse alguns mortos na campanha, e levasse feridos, quando se retirava para dentro, até se meter debaixo da sua artilharia. A paragem do rio Doce ocupou Jerônimo da Rocha com quarenta soldados; e pela praia em contorno da vila se puseram homens de cavalo, que vigiavam toda a noite, e estava por superintendente deles Paulo Brandão Soares, pessoa de grande cuidado, e diligência.

As coisas neste estado, succedeu que vindo uma lancha do inimigo da ilha de Itamaraca para o Recife com alguma fazenda aonde vinham alguns flamengos, e três judeus mercadores, a saber um que havia nascido no judaísmo, e os dois naturais de Lisboa os quais havendo sido batizados, e nascidos no grémio da Santa Madre Igreja Romana, haviam fugido para Holanda, e nela haviam circuncidado, e deixando a lei de Cristo, haviam abraçado a de Moisés, e nela viviam desaforadamente, e ainda dizendo muitas blasfêmias contra Cristo Nosso Senhor, e pretendendo afeiçoar a seus erros, e cegueira a alguns cristãos ignorantes com que tratavam. Era o piloto da lancha português, e entrou pela boca da barra do Pau Amarelo, e varou com a lancha em terra. Acudiram os nossos soldados, que estavam de vigia naquela paragem, e tomaram a lancha, e trouxeram presos aos flamengos, e judeus ante os governadores João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, os quais mandaram os flamengos para a Bahia, e ao judeu que havia nascido no judaísmo lhe outorgaram a vida, porque disse que se o industriassem na lei de Cristo, se queria fazer cristão; e os padres da Companhia João de Mendonça, e Francisco de Avelar, se ofereceram para o doutrinar na lei de Cristo, e lh'o entregaram; porém ele tanto que se viu solto fugiu para o Recife.

Aos outros dois condenou o auditor general a morrerem enforcados, e porque haviam de padecer os mandaram meter dentro na igreja de S. João até a hora de os enforcarem, pondo-lhe guarda de soldados nas portas. Acudiu logo o P. Frei Manuel do Salvador da Ordem de S. Paulo, e sentado entre ambos no degrau que sobe para o altar, diante dos padres da Companhia João de Mendonça, e Francisco de Avelar, e diante do P. João Batista Lobo natural de Lisboa, e outros sacerdotes, e muito povo que concorreu a se achar presente neste ato, lhes falou desta maneira: *Irmãos, vós estais condenados à morte, por haverdes tomado armas contra os portugueses, sendo portugueses de nação, e por serdes traidores a Jesus Cristo, pois havendo nascido no grémio da Santa Madre Igreja Romana, e tendo recebido a água do santo batismo, apostatastes da Fé Católica, e vos passastes à lei de Moisés, circuncidando-vos, e vivendo como até agora vivestes no judaísmo, e dizendo muitas blasfêmias contra Jesus Cristo nosso Salvador, como se vos tem provado, e outrossim por serdes vós, e os de vossa nação os que incitáveis*

aos holandeses a que usassem de tiranias, e crueldades com os moradores desta terra, e por outras culpas que os ministros da Justiça acharam bastantes, e ainda eficazes para vos condenar à morte. Já sabeis que haveis de morrer, e em breves horas, pelo que se antes que morrais quereis conhecer a cegueira em que andais metidos, e ficar inteirados em como Jesus Cristo nosso Redentor é o verdadeiro Messias prometido na lei, e apregoado pelos profetas, e que os que se hão de salvar, há de ser crendo em sua Santa Fé Católica, e que sem ela não há aí remedio para entrar no céu. Argumentai comigo, e propondo-me todas as dúvidas que os judeus põem contra os cristãos, e todos os passos da Sagrada Escritura que alegam para sustentar sua pertinácia, que eu vos resolverei todas vossas dúvidas brevemente, e vos declararei todos os passos da Escritura com tanta verdade, e clareza que fiqueis por uma parte satisfeitos, e por outra confusos dos erros em que andais metidos.

Responderam os dois judeus, que estavam contentes com o partido, e começaram a propor todas as dúvidas, passos da Santa Escritura, e fundamentos em que se estribavam, para negar que Cristo era o verdadeiro Messias, e para esperar por outro que havia de vir a levá-los a todos para Jerusalém cheios de muitas prosperidades e riquezas. Ouviu o P. Fr. Manuel todas as dúvidas, e propostas, e logo com grande alegria dos cristãos que estavam presentes, começou desde o princípio do livro do Gênesis, e resolveu em espaço pouco mais de uma hora e meia toda a Sagrada Escritura do Testamento velho, e aqui lhe resolvia uma dúvida, e ali outra, e assim lhe ficou declarando todos os passos da Escritura, que se lhe propuseram, com tanta erudição, e provando uns passos com outros, confirmações dos profetas, textos do original hebreu, e dos Talmudes, assim caldeo, como jerosolimitano, e livros que estes têm em muita veneração, e explicações dos seus mesmos rabinos profecias que deixaram em seus testamentos os doze patriarchas filhos de Jacob da vinda do Messias (os quais testamentos se acharam no terceiro tomo da Biblioteca dos Santos Padres, traduzidos do grego por Roberto Bispo Lincolinense, no ano do Senhor de mil cento e quarenta) enfim tantas coisas disse o dito padre, e com tanto espírito, e com tanta verdade, e facilidade declarou aos dois judeus todas as dúvidas que lhe propuseram, que os judeus ficaram confusos, e corridos, vendo tanto ao claro a cegueira, e os enormes

erros em que andavam sepultados. E os padres da Companhia com os demais sacerdotes, e povo circunstante, ficaram admirados do desenhado com que o dito padre confundi aos judeus, e a grande lição, e verdadeira explicação da Sagrada Escriitura em que andava versado, porém isto não era muito para admirar, porque como o dito padre andava de ordinário disputando com os judeus do Recife, e tinha já trazido à Fé de Cristo a sete dezes, e os havia batizado, e andava catequizando a outros, sempre andava estudando para confundir seus erros.

Tanto que os dois judeus se deram por convencidos lhe disse o R. Frei Manuel que pois estavam propinquos à hora da morte, que não perdessem suas almas, cuja redenção havia custado ao Filho de Deus Encarnado, não menos que o derramar seu precioso sangue, e entre crudelísimos tormentos, e dar sua vida liberalmente nos braços de uma cruz, e que se quis morrer com os braços abertos, foi para dar a encender que ainda que um homem houvesse sido o mais depravado pecador do mundo, todavia se se arrependesse de seus pecados, e se chegasse a ele, o receberia com abraços de piedoso pai, e com amor, e misericórdia. Portanto que se se quisessem fazer cristãos, e pedir perdão a Deus, estivessem certos que se haviam de salvar, e haviam de ser perdoados pelos merecimentos de Jesus Cristo Salvador do mundo? Responderam os judeus que se queriam tornar à lei de Cristo, e morrer em sua Santa Fé Católica.

Então o P. Fr. Manuel do Salvador lhes declarou todos os mistérios da Santa Fé Católica com muito fervor, espírito, e verdade, e no fim lhes tornou a perguntar segunda vez, se queriam tornar-se à Fé de Cristo de suas livres vontades, sem constrangimento, e respondendo eles que sim; o dito padre lhes fez abrenunciar toda a cegueira do judaísmo, e todas as heresias em que andavam enlodados; e fizeram em suas mãos protestação da Fé sobre um missal, na forma que se costuma fazer nos Autos da Fé; e acabado isto, começaram ambos a chorar, e perguntando-lhe o dito padre o porque choravam? e se estavam arrependidos de se haverem tornado ao grêmio de Cristo? Respondeu um deles: *Padre, estas lágrimas que derramamos não são de arrependimento do que temos feito, nem causadas do temor da morte, que tão merecida temos por nossos pecados, mas são causadas da alegria, e contentamento que nossas almas sentem; pois havendo até agora estado quase metidos no inferno, Jesus*

Cristo verdadeiro Messias nas tirou dele por sua misericórdia sem nos th'o merecermos: seja ele louvado para todo sempre. Então se virou o P. Fr. Manuel para os dois padres da Companhia, e lhes disse: *Reverendos padres, não quero eu só levar o premio desta obra, sejam vossas reverências também participantes deste merecimento, aqui lhes entrego estes dois cristaos para que os confessem, e exortem, e consolem, enquanto eu vou tomar algum alivio, porquanto estou muito enfermo, e fraco.* Saiu-se o padre a tomar um caldo de tarinha, a que no Brasil chamam mingau, e os padres da Companhia ficaram fazendo seu officio, até que se chegou a hora de padecerem os dois judeus, e todos os sacerdotes os acompanharam até que morreram; e depois de mortos lhes deram sepultura em sagrado no adro da igreja de São João, e acompanhou os corpos toda a soldadesca, fazendo as cerimônias na forma militar, e os sacerdotes quando se lhes deu sepultura lhes rezaram as orações, e fizeram os sufrágios que a Santa Igreja ordena. Bendito, e louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, o qual por sua grande misericórdia livrou a estas duas almas de boca do inferno, quando nienos o esperavam.

Considerando o Governador João Fernandes Vieira nos trabalhos que podiam succeder, aos quais era necessário preparar o remédio antes que chegassem, ordenou uma casa da Santa Misericórdia para nela se curarem os soldados enfermos, e feridos, provendo-a de cirurgiões, e médicos, confinando-lhe o ordinário provimento por os moradores, acudindo cada um com o que era justo, segundo seu cabedal; e deputou por provedor da dita Casa a Cosmo de Crasto Passos, por concorrerem nele todas as partes requisitas para o tal cargo, e por enfermeiros a Manuel João de Neiva, e a Matias Henriques, moradores nos Apipucos, pessoas além de caritativas, muito compassivas, e maviotas, para acompanhar os enfermos, e os ajudar a bem morrer; e isto feito partiram para a vila de Olinda o Governador João Fernandes Vieira, e o Mestre de Campo André Vidal com boa cópia de soldados, aos quais também acompanhou o Mestre de Campo Teodósio de Estrate, com os estrangeiros de sua quadrilha, com intenção de renderem uma fortaleza pequena, que o inimigo tinha junto à dita vila, em distância de tiro de mosquete, edificada no meio de uma restinga de areia, que divide a costa do mar das águas do rio Beberibe, caminho por onde se serve a gente que vai da vila para o Recife, e os do Re-

cife saem para entrar pela terra dentro, e não tem outro. Esta fortaleza esta uma légua do Recife, e se chama o forte de Santa Cruz; e se chamava em outro tempo a guarita de João de Albuquerque; e passando uma tropa dos nossos soldados pelo buraco de Santiago por onde o rio Beberibe se vadeava em baixa-mar, se fizeram senhores da restinga de areia, e impediram o passo ao inimigo para poder acudir com provimento aos que no forte estavam; e logo da vila carregaram os nossos governadores com toda a gente que tinham sobre o forte; e Teodósio de Estrate chegou ao pé da fortaleza, e fez uma prática ao sargento que nela estava com sessenta soldados; e logo se renderam a partido, e tomaram armas por nossa parte o forte ficou, e está por nós, o qual tinha seis peças de artilharia, e muito mantimento, do qual se aproveitaram os nossos soldados de presidio, que deixamos no forte para guarnição sua; e ficou mais uma companhia na vila para socorro do mesmo forte, se acaso o inimigo salsse ao recuperar, o qual não saiu, nem se atreveu a tal, por estarem as nossas estâncias mui vizinhas ao dito forte, e ter o socorro mui propinquo. Agora será bem que tratemos de como rendemos a fortaleza do Porto Calvo, e a do rio de São Francisco, que eram as melhores que o inimigo tinha da parte do Sul, para o que será necessário fazer novo capitulo, porque não caminemos tão confusamente. Porém antes que façamos novo capitulo, quero escrever aqui (como por entre parêntesis) trasladada bem, e fielmente uma certidão que todo o povo de Pernambuco, altos, e baixos, nobres, e peões, ricos, e pobres, juizes, e vereadores, e mais officiaes das Câmaras, o secular, e o clero, capitães, e soldados deram a João Fernandes Vieira, em como o tinham aclamado por governador da liberdade, e como a tal lhe obedeciam de comum consentimento, por ele haver sido, e ser o principal, e ainda o total remédio daquela Província.

CERTIDAM, E ACLAMAÇÃO.

Nós abaixo assinados, Povo, e Nobreza e Clero e gente de guerra de Pernambuco, por conhecermos, e alcançarmos em João Fernandes Vieira partes, suficiência, e talento assim por seu valor, e constância de ânimo, como acudir ao bem comum, e ao serviço de Deus, e de S. Majestade, experiência que nós temos do muito, que para estes serviços despendia de sua fazenda, desprezando todo o risco por não

faltar neles em toda a occasiao, mas antes as procurava pondo de sua casa o busca-las e mostrar-se o mais zeloso nelas o que de todo mostrou, e ser grande servidor de S. Magestade, e o maior que o dito Sennor, tem nesse Estado, nesta occasiao da liberdade divina, o que nos conhecemos bem nele por cujos respeitos o elegemos por nosso governador, em o qual posto nos esta governando com o zelo, e valor que pede seu cargo, com grande aceitaçao do povo, que com todos os privilegios, e preeminências, que os mais governadores tinham por S. Magestade, o aclamamos, e o mantemos por muitas causas e razões seguintes.

No serviço de Deus, e exaltação da Fé Católica, e seus templos se mostrou com grande zelo, levantando os queimados, e derrocados, e alcançando licença do flamengo (que o impedia) com dadivas de sua fazenda, gastando em servir as confrarias muito, não só na Várzea, mas em muitas outras freguesias, donde era buscado para isso, por o grande ânimo que nele se conhecia de gastar no serviço da Igreja sua fazenda, não reparando em despendê-la, antes tomava a mão a quem o largava, ou por temor do inimigo, ou receio de gasto, sendo uma católica coluna do culto divino neste Estado. Além disto exercitou a caridade com tanto excesso que era público remédio dos pobres, e órfãos, acudindo à sua casa os mais deles a pedir esmola, a qual ele cristamente dava, buscando-lhe amparo, e casamento com sua fazenda (ação a que muito se applicou) e aos religiosos acudia com porção todas as semanas em seus conventos, sendo conhecido remédio da pobreza, como acharam nele roubados, e prisioneiros que a este porto vieram por holandês já de Angola, já do mar solicitando a estes suas causas, e embarcação, e dando o necessário a aqueles.

Remediou a muitos moradores perseguidos por débitos (que eram mais onzenas, que licitos) dando-lhe sua casa e fazenda para poderem viver, acudindo a todo preso por o holandês inimigo, livrando-o da morte que lhe queriam dar por crime, que lhe ajuntavam de traição, e outros, o que tudo acabava com o holandês a força do interesse, que eles mais amam; de donde (ainda que ao princípio lhe pareceu piedade) lhe vieram a cobrar grande ódio, como foram mostrando; e se acrescentou com o inimigo presumir que ele aos soldados que vinham da Bahia mandados por seus governadores, dava sustento no mato, mandava de vestir, e avisos de seus desígnios, oferecendo-lhe bois e vacas de seus cur-

rais, com que por falta de sustentação não parecesse o intento de seus maiores (o que tudo fazia com larga mão) e vontade sendo fiel deles, a quem os governadores da Bahia mandavam avisos para se darem aos capitães que estavam na campanha, o que ele com toda a confiança fez, desprezando todo o risco; este cresceu, não querendo exercitar muitos cargos na República por as tiranias, e injustiças, que nos tribunais se faziam aos moradores, por cuja causa fez capítulos contra eles para os mandar à Holanda, assinando-os por alguns nobres do povo, do que sendo sabedores, e precedendo as coisas do Maranhão, lhe mandaram tomar seus papéis, e as chaves de seus escritórios, retendo-o no Recife em som de preso, dizendo-lhe que escrevia cartas a S. Magestade, e que assim o criam, de quem fazia capítulos deles para os mandar à Holanda, a Haia, corte do Príncipe de Orange.

E crescendo ódio nos holandeses por este respeito, começaram a dar mostras de quererem debelar, e destruir este povo, e a ele principalmente, com que o obrigaram a acalvear-se, e dormir no mato fora de sua casa todas as noites, chamando-o por algumas vezes ao Recife para o prenderem a que não obedeceu; antes vendo o miserável, e infimo estado deste povo, as tiranias usadas com ele, expulsando a uns, matando a outros (o que já haviam feito em Angola) e que no Rio Grande ajuntaram gentios Tapuias, com os quais tiranicamente haviam morto setenta pessoas, e intimidavam aos mais com eles; buscou alguns nobres da terra manifestando-lhe que os holandeses tratavam destruí-los, tratando sua morte depois de os haver roubado, e que viviam entre judeus, e hereges, que por ódio da nossa Santa Fé, e semear suas infestuosas seitas procuraram nossa ruína, o que se remediava tomando as armas, e sacudindo jugo tão pesado, e abominável aos olhos de Deus, e que morrendo por sua Fé Católica se cumpria com a obrigação de cristãos, e com a de portugueses, por a pátria, mulheres e filhos.

Sem embargo que alguns puseram dúvidas, e dificuldades (as quais ele alhanou) pareceu bem; e assinado um papel dos conjurados tomada a palavra, e encarregado de baixo do juramento dos Santos Evangelhos o segredo do intento, e do que convinha à fação: tratou de fazer armazéns no mato com mantimentos de farinha, carnes, munição, e roupas, mandando fazer facões, chuços, comprando armas de fogo, tirando as que podia (sem nota) do Recife, o que

corria grande risco, o que tudo ia pondo em diversas partes, gado, e criações com grande ânimo, não reparando no grande dispêndio de sua fazenda, e tudo isto fazia por amar a liberdade: para que tudo prevenido, lhe dar nos quartéis que o inimigo tinha fora, e aldeias de índios, com cujo efeito era fácil assaltar o Recife por a muita falta que tinha de navios, e o grande descuido em que estavam.

Foi declarado este intento, e prevenção ao inimigo, por pessoas da mesma conjuração, e de quem ele muita confiança fazia, nomeando em próprios termos conjuração, intentos, lugares, e armas donde se tratava, e com quem esta fação, o que reconhecido do inimigo, em doze de junho de noite saiu com o segredo que pôde, com gente de armas por o forte dos Afogados, e repartindo a gente para dar nas casas dos conjurados com maior poder; e primeiro deu no engenho em que vivia João Fernandes Vieira, ao qual não achando em casa por já de muito antes dormir no mato, e com cautela, lhe saqueou a casa, pondo-lhe guardas, e apri-sionou sua mulher, e família, esbulhando-o logo de toda sua fazenda, sendo cinco engenhos, e bem fabricados de cobres, bois, e peças, levando-lhe a prata, e ouro que lhe acharam.

Visto, e sabido tudo do mato aonde estava, tratou (ainda que frustrado o primeiro intento) não perdendo o ânimo, e constância da fação, antes obstinadamente sair à campanha, como o fez ao outro dia, acompanhado só de onze pessoas das nobres da terra, e da conjuração que logo se lhe ajuntaram; e os criados, e escravos que o dito governador tinha prevenido com suas armas, para em todo o successo o seguirem, apelidando liberdade, tendo em menos o risco em que deixava sua mulher, e perda de tanta fazenda, que deixar ação tão católica, com livrar um povo de misérias, e opressões.

A este exemplo, e a seu chamado se lhe foi agregando a maior parte do povo de quem ele se fazia também temer com a gente que trazia; e aos que se lhe ajuntavam desarmados, dava armas, e munições das que para isso tinha; em cujo tempo o inimigo o buscava com grande excesso, prometendo quantidade de dinheiro por sua pessoa, ou cabeça, o que fazia público por editais, fazendo grande dano nas casas dos retirados, permitindo insultos, e roubos aos índios, e infantaria que consigo trazia; por cuja causa houve em nossas tropas algumas pessoas que conspiraram contra ele, e o quiseram matar, ou dar peçonha na água, pondo-o em ex-

tremo de pôr-lhe sentinela, e ao repouso de sua pessoa, o que tudo fez com a prudencia que pedia façao tao arriscada com este principio, e que tanto importava o effeito, para o qual no decurso da jornada, que durou dois meses em que se talou a campanha por diversas partes, passou grandes incomodidades do tempo, por ser inverno, e rigoroso, em meio do qual lhe pareceu bem propor uma pratica para conhecimento dos ânimos da gente, que o acompanhava, e pondo-o por obra, lhe disse no quartel do Covas geralmente que até ali o desviara do inimigo por falta de medicinas para os curar se pelessem, o que já não podia fazer por não dar occasião a apoderar-se o inimigo de toda a campanha; e que com a ajuda de Deus ele queria seguir o intento, até dar a ultima gota de sangue em sua companhia, e que quem o quisesse seguir o fizesse, e o que não, e andasse violentadamente, se podia tornar, e que ele o deixava ir livremente, que só com os que o seguissem se poria ele a todo o perigo, a quem em nome da liberdade divina, ganhando a campanha, e vencido o inimigo, lhe prometia (em recompensa do dano, e roubos que por suas casas lhe andava fazendo) todos os bens que se achassem, assim dos judeus, como flamengos, retirados, e inimigos, e que S. Majestade se houvesse por bem servido da tal façao, e do prêmio acima prometido, e por o dito Senhor remunerados com: mercês suas todo o dano, e perda que recebessem.

Foi respondido logo por todos, que o queriam seguir e morrer por a liberdade, pelejando com o inimigo para cujo feito aclamavam a ele por seu governador, e queriam em tudo seguir sua pessoa, e ordens, instando nisto, pois só o conheciam por eondutor daquelle povo, e zelo da paz dele. Com esta persuasão aceitou, tratando de fazer officiaes para a guerra, como logo fez um sargento-mor, dois ajudantes e capitães necessários com quem repartiu a gente; partindo daqui a buscar sitio conveniente, e defensável para aguar-dar o inimigo, e pelejar com ele.

Chegado ao posto que era em as Tabocas do rio Tapacurá nove léguas ao sertão; depois de alojada a gente, e exortada a não passar dali, mas morrer, ou vencer. Tocou armas o inimigo à vista, o qual vinha em nossa demanda com mil e duzentos homens bem armados, e em pessoa o general das armas holandesas chamado Henrique Hus com os mais officiaes maiores seus, a quem também acompanhavam trezentos e cinquenta índios, com os quais mais atrevida-

mente campeava o sertão, sendo nós oitocentos com trezentas armas de fogo, e o de mais chuços que o governador mandou tomar logo, dispondo a gente, e capitães com muita ordem a recebê-los, que já não pôde ser no rio aonde estavam as primeiras sentinelas nossas, por o inimigo haver invasado de borboto, sendo necessario ser na campina com o peito descoberto às balas, aonde com muito valor se começou a peleja, que durou quatro para cinco horas, das duas depois do meio-dia até à noite, havendo no decurso dela uma tenaz porfia, entre nós, e o inimigo, em que sempre mostrou o governador o valor de sua pessoa; e por obra, e ânimo, o que tantas vezes de palavra, sendo companheiro com as armas nas mãos, e a pé, expondo sua vida (se era necessario) primeiro que a de qualquer soldado como bom, e esperto capitão; e por mais que o inimigo pugnou por nos romper, por mercê de Deus, e boa diligência do governador, foi roto, e retirado do posto com meia hora de noite, largando por onde se retirava, armas, e feridos, que com a pressa deixava (que os corredores que em seu alcance foram) nos trouxeram. Indo o inimigo amedrontado de sorte que sendo a noite a mais rigorosa, e de água daquelle inverno, foi fazer alto quatro léguas de nós no engenho do Tapacura quatro léguas donde deu a batalha, de donde foi avisado que levava seiscentos homens de perda, entre mortos, e feridos; não parando ali, antes pelo escuro da noite avançou à povoação de S. Lourenço da Moribara, que distava sete léguas de nosso alojamento, e ao outro dia foi marchando para o Recife, tomando ali aos moradores carros, e bois, cavalos, e negros, com redes para retirar os feridos, e deixou alguns pedindo-lhe que os amparassem da morte, recolhendo-se com a mais tropa, sem parar a suas fortificações (notícia que o governador teve de espias, que sempre costumam ter em todas as partes) para lhe avisarem os intentos, e successos do inimigo.

Sabido isto se deixou o governador estar no posto sete dias (refazendo a gente, curando os feridos, que foram trinta e dois, e enterrando os mortos que foram oito) no fim dos quais chegou aviso, em como na vila de S. Antônio do Cabo estava o Capitão dos Cavalheiros Gaspar Vandlei (que tinha cargo de governador da gente de guerra, que ali estava) em uma fortificação, e sujeitar os moradores daquelas partes: com o qual aviso marchou logo o nosso governador com toda a tropa em sua demanda, marchando toda à noite.

com intento de sitiá a fortificação aonde estava fortificado, do que avisado o holandês por alguns traidores, se retirou na mesma noite à fortaleza do Pontal de Nazaré, deixando bagagem, e alguns doentes no quartel, aonde chegado o nosso governador, se alojou, e lhe derrocou a fortificação, deixando até ali a campanha sujeita, e quieta.

Neste alojamento aos dois dias de estada chegou aviso em como na barra grande havia desembarcado o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros com gente de armas, o qual vinha da Bahia com ordem do Governador Geral Antonio Teles da Silva, a petição dos holandeses, para prender, ou aquietar o povo, e quem o governava (o que fez a saber por uma carta) e que quando não cessassem nossas armas, ajudaria ele aos holandeses: ao que respondeu o governador, e o povo, que ele trazia falsa, e má informação, e o governador geral também a tivera, para o mandar a tal empresa, dando crédito aos holandeses, que lhe mandaram pedir socorro com intento de lhe matarem a infantaria que da Bahia mandasse a aquietar o povo, e que o tempo descobri-ria esta sua rebufada traição, o que conhecendo o dito mestre de campo, e nossa estada naquela povoação, deixando a infantaria atrás, partiu aforrado com doze soldados, e se veio avistar com o Governador João Fernandes Vieira, a quem já achou com mil e trezentos homens bem armados com armas de fogo, que haviam tomado ao inimigo nas Tabocas, e por ele, e por o povo lhe foi manifestado, as tiranias, insultos, roubos, desfloração de donzelas, violências cometidas com as casadas, e homicídios em sangue frio, que os holandeses haviam cometido, e seus índios impiamente em mulheres, e meninos, requerendo-lhe da parte de Deus, e de Sua Majestade, não só não tratasse do intento a que vinha, mas ajudasse a todo este povo a eximir tão execranda carga, a que estava disposto o povo, e antes de fazer outra coisa, a defender-se de quem lhe persuadis- se o contrário, no que o dito mestre de campo veio, por no mesmo ínterim, ou instante chegar aviso de que o holandês andava na Várzea matando, e roubando (com todo o poder, e resto que lhe havia ficado nas Tabocas) a gente quieta, e popular, que nunca lhe tinha feito guerra, e executando suas costumadas tiranias, e levava presas algumas mulheres dos retirados, a cujo incentivo, não só nos quis ajudar, mas mandando vir sua gente, e junto com o nosso governador, mandaram tocar a marchar com toda a pressa, em demanda do inimigo

Com este ordinário cuidado se marchou aquele dia, e a maior parte da noite por alcançar a Várzea — aonde chegamos mui tarde, entre as dez, e as onze da noite, por lodos, águas, barrancos, e desconmodidades grandissimas; ali tivemos aviso, que meia légua de nós estava alojado o general das armas holandesas no engenho, e casas de Dona Ana Pais, filha de Izabel Gonçalves, para onde duas horas ante manhã se marchou, levando a gente da terra, e o nosso governador a vanguarda. Marchando assim, ao passar do rio Capibaribe, se avistou o inimigo, que por mais que estava prevenido foi o acometimento nosso tão acelerado, que nos não impediu a passagem, começando-se a peleja da outra parte do rio quase em o sítio inimigo, o qual mal recebeu a primeira carga nessa, quando se recolheu às ditas casas por serem fortes, e grandes, para se defender nelas por espaço de três horas que durou a bateria que se lhe dava, até que ultimamente se tratou de pôr fogo à casa (o que o Governador João Fernandes Vieira applicou com todo o ânimo, tendo por menos que se queimasse sua sogra dentro a qual estava entre as demais mulheres prisioneiras) que padecer a infantaria o dano, que de dentro da casa se lhe fazia, a cuja resolução tratou o inimigo de render-se a partido, depois de haver perdido muita gente, o que fez deixando entre mortos, e feridos, flamengos, e índios, trezentos homens, e prisioneiros trezentos e vinte e dois, com seus capitães, o Governador das armas Henrique Hus, o Mestre de Campo João Blar, e um sargento-mor, com o Governador dos índios João Bilth. os quais todos vieram rendidos alojar-se no engenho do Governador João Fernandes Vieira, e no quartel intitulado de São João Batista.

Neste estado, pareceu bem ir pôr cerco à fortaleza do Pontal de Nazaré no Cabo de Santo Agostinho, aonde estava recolhida toda a infantaria, que havia estado na povoação de Santo Antônio do Cabo, para onde marchou o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros com sua infantaria, e algumas companhias de gente da terra, ficando o Governador João Fernandes Vieira na Várzea com a mais gente da terra, o qual logo tratou de se chegar ao Recife, guarnecendo por junto ao rio dos Afogados até à vila de Olinda com gente de guerra, não deixando que pudesse sair fora algum holandês, pondo-os em grande necessidade de água, e proverem-se dela de fora, mandando gente, e aviso à Paraíba, e quem a governasse, como a Igarassu, e a Goiana, porque em nada

faltasse a sua obrigação, e a de fazer guerra ao inimigo por todas as partes.

Neste tempo avisou o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que a fortaleza do Pontal se queria render a troco de dinheiro, e se o havia lh'o mandasse logo, que era aquela barra, e praça de muita importância, o que o Governador João Fernandes Vieira com toda a brevidade pediu, e ajuntou por os moradores, os quais com uma exemplar liberalidade (senão ele o primeiro que deu com grande largueza, como sempre fez) levou o povo atrás de si a fazer o mesmo, dando tudo o que podiam com boa vontade, estimando mais aquele porto, que suas fazendas; e junta quantidade necessária e mandou logo ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros a Nazaré, com o que a força se rendeu, com trezentos e quarenta homens, e o seu Comendor e Capitão Teodósio de Estrate, e alguns oficiais maiores recolhidos nela, que por ser forte, e com boa artilharia de bronze, e guarda daquela barra, a fizeram os que governavam aqueles distritos.

Rendido este forte, como o de Sirinhaém, e o do Porto Calvo, e o do rio de São Francisco (com os modos, e circunstâncias que o Padre Frei Manuel do Salvador aponta no tratado) que a petição de todo este povo, escreve, sendo ele um dos mais interessados nesta empresa, ficando por a costa, e campanha dela até Nazaré, rendido tudo às nossas armas, se tratou de ir ao forte da vila de Olinda a pôr-lhe sítio, o que os de dentro não esperaram, mas à primeira vista se renderam a partido de dinheiro, que o governador fez logo vir (resto do que se havia pedido para Nazaré) o que sempre farão com o exemplo de tal governador, em o qual posto fica, a cuja pessoa se devem os bons sucessos desta fação, e guerra, no qual governo se há com todo o bom zelo, e procedimento, sem escândalo do povo, mas antes com grande aplauso de todos, mostrando bem que tudo merece por seu valor, e quão dignamente exercita o posto, em que tantas vezes o aclamamos; o que tudo passa na verdade, e afirmamos por o juramento dos Santos Evangelhos. No Real Novo do Bom Jesus, aos sete dias de outubro de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos. E esta certificação firmamos de nossos nomes, e a mandamos justificar, e reconhecer os assinados por públicos tabeliães. Dia, mês, e ano, ut supra.

Oficiais da milícia, que assinaram.

Amador de Araujo de Azevedo, Capitão-mor do Distrito de Ipojuca

Antônio Dias Cardoso, Sargento-mor da Infantaria de Pernambuco

Pedro Marinho Falcão, Coronel da gente da freguesia do Cabo.

Antônio da Silva, Capitão da Cavalaria de Pernambuco.

O Capitão João Soares de Albuquerque, senhor do engenho da Muribeca.

O Capitão Antônio Borges.

O Capitão Manuel Soares Barbosa.

O Capitão Antônio Gomes Taborda.

O Capitão Domingos Ferreira.

O Capitão Sebastião Ferreira.

O Capitão Domingos Fagundes.

O Capitão reformado Mateus Fagundes.

O Cabo de Capitães Manuel Soares Robles.

O Capitão Jerônimo da Cunha do Amaral.

O Capitão João Gomes de Melo.

O Capitão Francisco Ramos.

O Capitão Luiz da Costa de Sepúlveda.

O Capitão Cosmo do Rego.

O Capitão Manuel Pereira Corte Real.

O Capitão, e Cabo de Capitães Francisco Lopes de Orosco.

O Capitão das sentinelas de cavalo, Paulo Brandão Soares

O Capitão da Artilharia Manuel Gonçalves Diniz

O Capitão Antônio de Crasto.

O Capitão João Pessoa Bezerra.

O Capitão Manuel de Araújo Pereira.

O Capitão Francisco Gomes de Abreu, o qual foi enviado ao Reino por Procurador do povo de Pernambuco.

Oficiais da Câmara, e da República do distrito da vila de Olinda.

Francisco Berenguer de Andrade, Juiz Ordinário

Braz Barbalho, Juiz Ordinário.

Paulo de Azevedo de Araújo, Vereador mais velho.

Gregório de Barros Pereira, Vereador

Antônio Vieira Carneiro, Vereador

Francisco Gomes de Abreu, Procurador do Concelho.

Antônio Dias de Abreu, Escrivão da Câmara por o proprietário Aires Tavares, que estava enfermo.

Manuel Ribeiro de Sá, Tabelião Público, e das notas, no ofício de Simão Varela, e Escrivão dos Órfãos.

Matias Henriques, Escrivão do Meirinho da alçada, e público Tabelião no Ofício de Gaspar Pereira.

Domingos Dias Timbó, Escrivão do Ouvidor, e Auditor General

Feliciano de Araújo, Juiz dos Órfãos.

Lourenço Guterres, Meirinho da alçada.

Também as duas Câmaras da Vila Formosa de Sirinhaém, e de Igarassu, se assinaram nesta aclamação, e certidão, com todos seus oficiais públicos, e com toda a nobreza, e povo dos ditos distritos, e não ficou de fora a Cidade da Paraíba com todos os do governo, nobres, e populares, pois viam que todo o remédio de sua liberdade, depois do da mão de Deus, que tudo governa, estava posto em João Fernandes Vieira, e de sua mão dependia, como da primeira pessoa, sem segunda, de todo o Estado de Pernambuco, e o dito governador os socorros a todos com a possibilidade possível.

Eclesiásticos.

O Padre Fr. Manuel do Salvador Religioso da Ordem de São Paulo, Pregador Apostólico por Sua Santidade.

O Padre Francisco da Costa Falcão, Vigário da matriz da Várzea.

O Padre Manuel Alures, Coadjutor na dita Paróquia.

O Padre Manuel Ribeiro.

O Padre Luiz Alures.

O Padre Fernão Rodrigues da Cruz. Vigário Geral que foi em São Tomé.

O Padre João de Araújo, Capelão da Misericórdia

O Padre João Batista Lobo

O Padre Antônio Rodrigues.

O Padre Gaspar de Almeida Vieira, Vigário confirmado da Paróquia de São Lourenço da Moribara.

O Padre Frei Anselmo da Trindade, Abade da Ordem de São Bento.

O Padre Frei João da Ressurreição, Capelão-mor das estâncias, e Infantaria da empresa da liberdade, Religioso da Ordem de São Bento.

- O Padre Frei Antônio da Cruz, da Ordem de São Bento.
- O Padre João Dias, Capelão, e Cura dos Apipucos.
- O Padre Antônio Bezerra, Vigário de São Pedro da vila de Olinda.
- O Padre Manuel Machado, Capelão de Nossa Senhora do Amparo.
- O Padre João de Abreu, Vigário da Muribeca.
- O Padre Frei Pedro de Albuquerque, da Ordem do Carmo.
- O Padre Mateus de Souza Uchoa, Vigário de Santo Antônio do Cabo.
- O Padre Frei Francisco de Andrada, da Ordem da Mercê.
- O Padre Pedro Vicente, Capelão de Pananduba, e Gurjaú.
- O Padre Antônio Gonçalves, Capelão da Moribara.
- O Padre Manuel Rebelo, Ouvidor da Vara Eclesiástica. e Juiz dos Resíduos.
- O Padre André Jorge Pinto, Vigário do Porto Calvo.
- O Padre Simão de Figueiredo, Vigário nomeado da vila de Olinda.
- O Padre Baltazar Ribeiro, Vigário da vila de Igarassu.
- O Licenciado Lourenço da Cunha de Quebedo.
- O Padre Tomaz Coelho, Capelão da igreja de Guadalupe.
- O Padre Gaspar Ferreira, Ouvidor da Vara Eclesiástica, Vigário encomendado na Paraíba.

Pessoas principais de Pernambuco

Arnão de Holanda.
Pedro da Cunha Pereira.
Cristóvão Berenguer de Andrada.
Bernardino de Carvalho.
Cosme de Crasto Passos.
Antônio Bezerra.
Luiz Braz Bezerra.
Álvaro Teixeira de Mesquita.
Sebastião Ferreira.
Gaspar de Mendonça.
Cristóvão Pais de Altro.
João Carneiro de Mariz.
Francisco Carneiro de Mariz.
Manuel Carneiro de Mariz.
Antônio de Bulhões.
Diogo Soares da Cunha.
Antônio Nunes Ximenes.

Fernão Soares da Cunha.
Felipe Pais Barreto.
Francisco de Andrada Caminha
João Pimenta.
Jerónimo da Rocha
Sebastião Falcão Soares.
João Cordeiro de Mendanha, Almoхарife
Antônio Fernandes Pessoa.
Dom Gregório Suninga e San Martin, Ec.
Diogo Tomaz de Ávila.
Paulo Leitão de Albuquerque
Manuel Alures de Carvalho
João de Mendonça.
Zacarias de Bulhões.
João de Torres de Ávila.
O Licenciado João de Cabreira.
O Doutor Manuel Barbosa da Silva.
Henrique Mendes de Souza.
O Licenciado Pedro Machado.
Baltazar de Matos Homem.
Belchior Rodrigues Covas.
André Soares de Albuquerque.
Matias Gomes.
Duarte de Souza.
Miguel Bezerra Monteiro
Francisco Dias Delgado.
Diogo da Costa.
Diogo Lopes Ferreira.
Sebastião Afonso Vieira.
Manuel Fernandes Caminha
Francisco de Macedo.
Miguel Correia de Antas.
Antônio de Antas.
Baltazar Leitão de Holanda.
Vasco Marinho Falcão.
Francisco de Souza Falcão.
Domingos Gonçalves Marzagão.
Julião de Lima
Francisco Gonçalves Barreto
Luiz de Paiva da Cunha.
Pedro Correia de Quebedo.

O Licenciado João de Brito.

Pedro Francisco da Rocha

Diogo da Silva.

Pedro Dias Torrado.

Antônio de Souza de Albuquerque

Antônio de Azevedo.

CAPÍTULO V

De como os nossos portuguezes renderam as duas fortalezas, que os holandeses tinham no Porto Calvo e rio de São Francisco, e de outras coisas notaveis que succederam até o fim de setembro de mil e seiscentos e quarenta e cinco.

Nos capitulos atrasados temos dito, que tanto que o dia de Santo Antônio se alevantou, e retirou para os matos João Fernandes Vieira, e ajuntou gente consigo para se defender do tirano inimigo holandês, logo os do supremo Concelho do Recife mandaram ordem a todos os comendadores que tinham em todas suas fortalezas, e quartéis para que prendessem a todas as pessoas nobres, e ricas de toda a Capitania de Pernambuco, nomeando-lhe as pessoas por seus nomes, e que os mandassem presos, e a bom recado para o Recife, porque presos os homens nobres, e ricos da terra, logo a gente popular se aquietaria vendo-se sem cabeças que os governassem, e lhes dessem favor. Chegou esta ordem ao Porto Calvo, e o primeiro que prenderam foi Rodrigo de Barros Pimentel, um dos principais moradores daquelle distrito, o qual por via de riqueza possuia dois engenhos de açúcar com as moendas de água, e canaviaes próprios; e em diferentes partes muitas terras, e currais de gado, e muitos escravos, e largo cabedal, e por via de nobreza a tinha sufficientemente por si, e por sua mulher d. Jerônima de Almeida, que era filha, e neta de pais, e avós muito nobres.

Tanto que Rodrigo de Barros foi preso, e mandado para o Recife, todos seus parentes se puseram em cobro, de sorte que os holandeses indo a suas casas para os prenderem os não acharam. Havia ali um mancebo chamado Cristóvão Lins de Vasconcelos, filho de Bartolomeu Lins, e neto de Cristóvão Lins, illustre fidalgo estrangeiro, parente em grau não mui distante do Grão Duque de Florença, o qual

havia conquistado aquela terra toda, e deitado dela os m-dios Pitiguares que a possuíam, e o primeiro que ali alevan-tou uma igreja em louvor da Virgem Maria N. S. e possuiu assim naquele distrito, como em outros sítios até o cabo de S. Agostinho sete engenhos de açúcar, os quais fabricou, e pôs moentes, e correntes, e se casou com Adriana de Ho-landa mulher mui principal, a qual ainda hoje é viva, e de cento e dez anos de idade, e chegou a ver filhos, e netos, bis-netos, tresnetos, e quatrinetos, e a este Cristóvão Lins fez El-Rei mercê por os bons serviços que dele havia recebido de o fazer capitão e alcaide-mor do Porto Calvo, e seus ter-mos, com pretexto de fazer vila aquela povoação. Este cargo por jure hereditário veio a Cristóvão Lins seu neto, man-cebo mui brioso e animado, que era senhor de um engenho no rio de Camarajibe, aonde chamam Buenos Aires.

Venno este honrado mancebo a determinação que os holandeses unnam de prender a todos os nomens nobres do Porto Calvo, foi ter com Vasco Marinho Falcão, o qual es-tava casado com Ines Lins de Vasconcelos, irmã de seu pai, varão mui prudente, e experimentado, assim nas coisas da guerra, como do governo politico, e sobretudo mui animoso para difficultosas empresas, e lhe deu conta do que se pas-sava, e de como estava determinado a se levantar com a gente da terra; porem que isto o não queria fazer sem seu conselho, para que declarasse a ordem, e modo que havia de ter nesta empresa, para alcançar glorioso fim, ao que Vasco Marinho Falcão respondeu, que não se esperava me-nos valor, e brio de um filho, e neto de tão honrados pais, e avós, e que logo sem mais dilação, fosse levantar a gente das partes do Morro, e da Furrícosa, e beira-mar do rio Mangaba, e rio Comendaituba, e que ele com seus filhos Francisco de Souza Falcão, e Leão Marinho, e Leandro Pa-checo alevantariam a gente do Escurial, Camarajibe, e Mata Redonda, e que com esta gente fariam dois quartéis, ou es-tâncias, a saber uma no outeiro do Mocaíta a tiro de peça da povoação, aonde ele com seus filhos, e agregados queria assistir pessoalmente, e que o dito Capitão-mor Cristóvão Lins faria o seu quartel sobre o outeiro de Amador Alures da outra parte da povoação, com o que poderiam impedir ao inimigo as entradas e saídas da sua fortaleza, pondo boas sentinelas por os caminhos, e atalhos.

Assim se fez como o apontou Vasco Marinho Falcão, ajuntaram-se os moradores cada um com as armas que ti-

nha, as quais eram paus tostados, dardos, espadas velhas, e facões, foices, e alguns arcos, e flechas, porem entre todos não se acharam mais que doze espingardas, e quatro mosquetes ferrugentos, e com tão pouco cabedal de armas de fogo, assentaram as duas estâncias. Soube isto o inimigo, e deitou fora da fortaleza quatorze soldados com um sargento, para que fossem buscar a nossa gente, e a matassem; e verdadeiramente que se eles caminharam direitos para qualquer das estâncias, tinham o pleito vencido, e houveram de destruir aos nossos, segundo estavam desaparelhados de armas de fogo; porém tomaram por um atalho secreto para virem a dar sobre os nossos pelas costas, e acolhê-los entre si, e a fortaleza. Deram as nossas sentinelas aviso a Cristóvão Lins da saída dos holandeses, o qual os foi esperar de emboscada, e dando sobre eles de mão posta, matou aos treze, e só um lhe fugio mal ferido, o qual chegando à fortaleza deu novas ao comendador do infeliz successo, e lhe disse que um grande número de portugueses andavam pelos circunvizinhos da povoação mui bem armados. Tomaram os moradores do Porto Calvo os quatorze mosquetes dos flamengos, e vendo-se armados, e com tão bom princípio, cobraram grande brio, e alento, para seguir a empresa.

Dentro de três dias chegou outro aviso ao Capitão Cristóvão Lins em como um barco do Recife havia entrado no porto das Pedras, e que já vinha pelo rio da Mangaba arriba caminhando para a povoação; partiu-se logo o capitão com alguma gente a esperá-lo em um estreito, bem estreito, suposto que mui fundo, que o rio faz, que forçadamente havia de vir dando quase com as vergas em terra, e deu sobre ele de súbito, e da primeira carga lhe matou nove holandeses que vinham encima da coberta, e os demais soldados se deitaram a nado, e mataram mais a seis que vinham debaixo, e tomaram o barco no qual acharam muito provimento de comer, e beber, e muita pólvora, e chumbo, e mosquetes, com os quais se armaram de armas de fogo os que se acharam na presa, e trouxeram armas para os camaradas que haviam ficado no quartel; deitaram logo em terra tudo o que no barco vinha, a saber, vinho, azeite, vinagre, cerveja, aguardente, carne salgada, peixe, manteiga, queijos, e biscoito de guarnição; e acudindo com carros, trouxeram tudo para o nosso quartel, vindo pelo caminho tão animosos, que cada qual não se fartava de contar o que havia feito. Este dizia eu derrubei um holandês do primeiro tiro:

outro, e eu dei a outro pelos peitos, outro dizia eu cortei um braço a um holandês com uma cutilada; outro eu me deitei a nado, e entrei o primeiro no barco, e outras semelhantes bravatas, que costumam fazer os soldados bisonhos quando lhes succede bem em alguma ocasião.

Chegados que foram os nossos ao quartel carregados com a presa, mandou Cristóvão Lins um embaixador ao comendador da fortaleza com uma carta notada por Vasco Marinho Falcão, a qual dizia desta maneira: *Senhor Comendador, vossa merce, e todos os seus camaradas que consigo tem nessa fortaleza, estão bem inteirados do bom tratamento cortesia, e amizade com que eu, e todos meus parentes, e os mais moradores deste distrito (de quem eu sou capitão e alcaide-mor, e o foram meus avós) temos tratado a vossas mercês até agora, acudindo-lhe com o provimento necessário, e fazendo-lhe os mimos que cabiam em nossa alçada; agora as tiranias, e crueldades que vossas mercês começavam a usar com os moradores, prendendo a Rodrigo de Barros Pimentel, casado com minha prima, e querendo-nos prender a todos nós, desdourou esta amizade em que vivíamos, e me obrigou a ajuntar toda a gente deste distrito, a qual é muita em numero, e muito bem armada (suposto que vossas mercês a não vêm com os olhos) e a tenho detrás destes outeiros; eu não quisera derramar o sangue das pessoas a quem já tratei com benignidade, e os agasalhei em minha casa, e assentei comigo à minha mesa; portanto se vossa mercê quer escusar muitas mortes, entregue-me a fortaleza, que custou a fazer muita fazenda, e cabedal aos moradores desta terra, e eu lhe farei todos os partidos convenientes, e favoráveis que for possível, e aos seus soldados darei um bom mimo com que fiquem satisfeitos; e não espere vossa mercê por socorro do Recife, porque já lhe tenho tomado o barco que lh'o trazia, cujo testemunho darão as cartas que nele vinham que ficam em meu poder; e com vossa mercê me entregar a fortaleza se escusarão muitos trabalhos; e quando vossa mercê n'a não entregue será necessário morrerem todos aí dentro a pura fome, ou saírem fora a provar a mão comigo, ou chegar-me eu à fortaleza, e encher-lhe as cavas de lenha, e queimar a vossas mercês todos. Tome seu conselho, e responda-me antes que comece a fazer guerra em forma, porque uma vez começada, não hei de ouvir embaixada de vossa mercê, nem conceder-lhe partido algum.*

Recebeu o comendador a carta, e ficou admirado da determinada resolução de um mancebo não versado na milícia, e respondeu a Cristóvão Lins por papel, que lhe agradecia muito a merce que lhe oferecia como amigo, porém que enquanto tivesse pólvora, e balas, não lhes faltaria a seus soldados que comer, e que sobretudo isto dentro em poucos dias ele lhe responderia mais em forma. Ouvida esta resposta, mandou Cristóvão Lins chamar a todos os moradores da terra, e escravos, grandes, e pequenos, e mandou-lhes dar alojamento à vista do seu quartel, em distância de um tiro de mosquete, todos com paus tostados, os quais faziam grande número, e vistos de longe pareciam que todos estavam armados com arcabuzes, e espingardas. Apertou a fome com os da fortaleza, porque com o repentino alevantamento, todos os moradores flamengos, e mercadores que estavam na povoação, e seu contorno, se recolheram, mulheres, e filhos, e escravos dentro na fortaleza, e gastaram o mantimento que havia. Dentro de seis dias mandou o comendador uma embaixada a Cristóvão Lins, com intento de saber a gente que tinha, para sair fora a nascá-lo, e lhe mandou dizer, que não se cansasse, porque não havia de entregar a força. Chegou o embaixador ao primeiro quartel, aonde lhe destaparam os olhos, e ali achou duzentos homens nossos, e estendendo os olhos mais adiante viu a turbamulta que estava no outro alojamento; e então lhe disse Cristóvão Lins: *Três quartéis tenho destes no contorno desta fortaleza, se o comendador se não entregar com brevidade, o hei de investir por todas as partes, e sem se poder remediar, se anoitecer vivo, há de amanhecer abrasado.* Tornou-se o embaixador, e contou ao comendador, como os portugueses tinham consigo grande multidão de gente armada, e também lhe disse a resolução de Cristóvão Lins.

Vendo isto o comendador, e ouvindo os gemidos das mulheres, e meninos, que pediam de comer, e não o havia para lh'o dar, mandou dizer a Cristóvão Lins, que nem a ele, nem a outro algum capitão da terra de Pernambuco havia de entregar a fortaleza, porquanto de nenhum modo lhe convinha fazê-lo, porém que mandasse chamar um capitão de infantaria dos que haviam vindo da Bahia, e que com ele celebraria os concertos, e lhe entregaria a fortaleza, segundo os partidos que lhe fizesse, e que pois ele tanto seu amigo se mostrava lhe mandasse algum refresco da terra, enquanto não chegava o capitão da Bahia. Despediu logo Cristóvão

Lins um correio pela posta ao Governador João Fernandes Vieira, e aos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno, que lhe mandassem logo, logo um capitão grave dos que haviam vindo da Bahia, para fazer os concertos com o comendador, e algum dinheiro para saborear aos soldados flamengos, porquanto queriam entregar a fortaleza; e entretanto não tornou o correio, o qual não tardou mais que cinco dias, mandou Cristóvão Lins ao comendador quatro sacos de farinha, e uma vaca, e algumas laranjas, e limões, e peixe salgado, e dois queijos, e uma peruleira de vinhos, para que desse provimento a seus soldados, dizendo-lhe juntamente que se lhe faltasse de comer lh'o mandasse pedir, porque logo o mandaria prover.

Ordenaram os nossos governadores, que fosse a fazer estes partidos o Capitão Lourenço Carneiro do hábito de Cristo, o qual estava no Pontal de Nazaré com a sua companhia. E em seu seguimento partiram alguns moradores da freguesia de S. Antônio, de Ipojuca, os quais tinham seus parentes, e amigos no Porto Calvo, e quizeram achar-se presentes naquela empresa, entre os quais foram o Coronel Pedro Marinho Falcao, e o Capitão João Gomes de Melo; tanto pois que o Capitão Lourenço Carneiro de Araújo chegou ao Porto Calvo, e fez alto no quartel aonde estava a nossa gente, mandou o Capitão Cristóvão Lins dar salva, e fazer festa com armas de fogo que tinha, e querendo o Comendador da Fortaleza saber que novidade era aquela, saiu fora com sua gente, e veio a buscar os nossos, os quais lhe saíram ao encontro por uma parte do outeiro o Capitão Cristóvão Lins com a gente da terra, e por outra parte o Capitão Lourenço Carneiro de Araújo com a sua tropa, e com tanta fúria, e resolução, que o inimigo se tornou a recolher para a fortaleza, e logo começou a tratar de concertos, os quais se lhe concederam por o Capitão Lourenço Carneiro na forma seguinte: Que o Governador Chan Florim sairia com a sua infantaria, com corda acesa em ambas as partes, e bandeira estendida com sua bagagem, tocando sua caixa até a casa que se lhe sinalasse, aí seriam desarmados, ficando somente com armas, e insígnias os oficiais vivos. Que dariam uma embarcação logo ao dito comendador para si, e seus oficiais para a Bahia, e aos mais a daria dentro de um mês, e logo os iria comboiando para Camarajibe onde se lhes daria ração, como aos nossos soldados. Que devendo algum soldado alguma coisa não se lhe poderia fazer embargo em nada, e passaria

livremente. Que os rendidos se poderiam ir livremente para onde quisessem, sem impedimento algum; e aos que quisessem por sua vontade servir no nosso exercito, se lhes assentaria praça, e se lhes daria seu soldo pontualmente. Que todas as pessoas livres, assim moradores, como soldados, que tivessem seus bens, e escravos, os possuiriam livremente, e sairiam com eles da fortaleza, sem se lhe fazer agravo, com as proprias conduções concedidas aos soldados, e sendo caso que alguma das ditas pessoas quisesse ficar na terra, procuraria seu passaporte do Capitão Lourenço Carneiro, o qual se lhe concederia com benignidade. Que concederia licença a Isaac Carvalho judeu de nação para ir com o comendador para a Bahia; todos estes artigos firmou de seu nome o Capitão Lourenço Carneiro, e jurou pelo habito de Cristo, de cujo habito militar era Cavalheiro, de cumprir, e guardar, como Capitão d'El-Rei D. João Seu Senhor. Em 15 de setembro de mil seiscentos e quarenta e cinco anos.

Acharam-se na fortaleza, afora a gente livre, cento e cinquentá e seis soldados, que se renderam, e oito peças de artilharia de bronze, quatro de vinte e quatro libras de bala, e duas de dezesseis, e duas de dez, as quais o Capitão Lourenço Carneiro veio logo comboiando para a Várzea de Capibaribe, aonde estava com João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, o corpo do nosso exército; o sitio, ou cerco da fortaleza durou quarenta e dois dias, e rendeu-se aos dezessete de setembro de mil e seiscentos e quarenta e cinco.

O Governador João Fernandes mandou mil e quinhentos cruzados para que se desse ao comendador, e soldados da fortaleza por prêmio, e regalo, repartido segundo as praças que cada um occupava. Finalmente satisfeitos os holandeses da entrega, arrasamos a fortaleza, e o Capitão Lourenço Carneiro se partiu com a sua companhia para a Várzea de Capibaribe, e os moradores do Porto Calvo o vieram acompanhando até o rio de Una, mostrando-se todos mui agradecidos do favor que lhe havia feito em os vir a ajudar a libertar do tirano jugo holandês, e o capitão, e seus soldados renderam a Cristóvão Lins. e aos moradores as graças do bom tratamento, e hospedagem que lhe haviam feito

Não me posso escusar de dar louvor,
A um mancebo de tão tenra idade,
Com quem o esforço, o brio, e o valor
Confirmou da nobreza a qualidade.

Foi desta povoação descobridor
Cristovao Lins, exemplo de bondade,
Porem se pelo avô foi conquistada,
Tambem foi pelo neto restaurada

Sente Cristovao Lins, que e seu de juro,
O ser capitao-mor daquele terra,
Acha em seu peito de uamante um muro,
Falta-lhe a experiencia para a guerra:
A idade e pouca, o saber maduro,
Um Cipiao no peito se lhe encerra,
Da conta a seus vizinhos, e parentes,
Nos quais conhece brio de valentes.

E possivel, lhe diz, que os holandeses,
Nos hão de ter a todos sopeados,
Fazendo-nos sofrer por tantas vezes
Opróbrios, e rigores nunca usados?
Ou é que já nao somos portuguezes,
Descendentes de nobres, e de honrados,
Ou se dizeis que o somos, libertemos
A patria das angústias em que a vemos.

De que aproveita a vida em cativoiro,
Terrível, fero, duro, e rigoroso?
Gastem-se os bens, consuma-se o dinheiro.
Façamos nosso nome glorioso:
Eu quero nesta empresa ser primeiro,
Mais lustrará quem for mais valoroso,
Vamos cercar a força do inimigo,
Que Deus será por nós neste perigo.

Os circunstantes, tanto que isto ouviram,
De um súbito furor esporeados
Na perigosa empresa consentiram
Com resolução brava de esforçados:
Os homens populares, que se viram
Dos nobres, e dos ricos incitados,
Preparam dardos, raspam das espadas
A ferrugem que as tinha já gastadas.

Outros com cachaporras, e bordões,
Entre as chamas do fogo caldeados,
Com foices roçadouras, e facões

Dos ferros das enxadas fabricados:
Como onças, como tigres, e leões
Se ajuntam todos desta sorte armados,
Dizendo: Deus diante, e com braveza
Foram cercar, ao largo, a fortaleza.

E por quanto o que daqui se seguiu fica bastante-
mente atrás escrito, não reparemos em mais particularida-
des, mas vamos com estilo corrente, seguindo a nossa his-
tória.

*Sumário de como a nossa gente ganhou a fortaleza do rio
de São Francisco aos holandeses*

Tanto que João Fernandes Vieira, em treze de junho, dia de Santo António se retirou para o mato, e ajuntou a si as principais pessoas da Várzea, e outros muitos moradores da terra, com os quais foi fazendo corpo de gente, para resistir ao inimigo, e defender-se de seu furor, logo no rio de São Francisco, que está sessenta léguas em distância do Recife por costa do mar, foram com um próprio avisados André da Rocha de Antas, e Valentim da Rocha seu parente, as pessoas mais nobres, e ricas daquele distrito, que estavam ajuramentados para a fação, e empresa da liberdade, em como o inimigo mandava prender, roubar, e ainda matar aos mais nobres moradores de toda a Capitania de Pernambuco, pelo que estivessem de sobreaviso, e resguardassem suas pessoas, e fazendas desta comum tribulação os quais tanto que souberam esta nova logo se prepararam, e avisaram a todos os moradores dos lugares vizinhos a aquele rio, os quais tirando a luz as armas que tinham escondidas, uns com espingardas, outros com lanças, e cavalos (no que eram mui destros) e outros com facões, dardos, arcs, e flechas, se fizeram em um corpo, para assim se defenderem com mais facilidade, e tanto que o governador da fortaleza mandou prender a um morador que habitava duas léguas em distância da fortaleza, os moradores acudiram, e o tiraram das mãos a um sargento que o trazia preso, e mataram ao sargento, e a dez soldados flamengos, que levava consigo. Sabido isto por o comendor da força deitou fora um capitão com setenta soldados, para que em vingança daquele agravo matassem aos moradores que achassem, e roubassem todas as casas, e os moradores deram sobre eles de emboscada, e

mataram a todos, de sorte que nenhum tornou com vida para a fortaleza; e temendo que do Recife viesse infantaria holandesa por mar, que os passasse a todos a cutelo, despacharam dois correios por a posta à Bahia ao Governador Antônio Teles da Silva, dando-lhe conta de tudo o que passava na Capitania de Pernambuco, e do grande aperto em que de presente estavam todos os moradores do rio de São Francisco, pedindo-lhe com encarecidos rogos, e protestos da parte de Deus, que os mandasse socorro logo, logo, porque todos estavam com o cutelo quase na garganta, e que quando Sua Senhoria, como ministro d'El-Rei Dom João seu Rei, e Senhor, os não socorresse com a brevidade, que o presente perigo pedia, Deus lhe tomaria estreita conta das mortes dos inocentes, e dos notáveis agravos, que se haviam de fazer às casadas, e donzelas.

As coisas neste estado, souberam os moradores do rio, que pela boca da barra havia entrado um caravelão do inimigo, e que estava ancorado em um porto, seis léguas abaixo da fortaleza, esperando por vento feito, para subir para arriba, porquanto aquele rio corre com tal fúria, que deita a água doce ao mar três, e quatro léguas, e isto quando não vai cheio, que quando vai de enchente, deita água doce sete e oito léguas ao mar, e assim não se pode navegar por ele arriba, senão com vento feito. Estando pois o caravelão neste porto acudiram os moradores com diligência, antes que os flamengos tivessem notícia do que no rio se passava, e acharam os marinheiros em terra, e os mataram, os quais eram doze, e entrando no caravelão o tomaram, e acharam nele algumas armas de fogo, muita pólvora, e balas, vinho aguardente, cerveja, manteiga, queijos, farinha, e algumas mercâncias, e com estas armas, que todas eram mosquetes, e com as que haviam tomado nos dois assaltos passados, se armaram muitos dos moradores, os quais estavam acanhados por lhes faltarem armas de fogo, e com isto ficaram os da fortaleza com pouco cabedal de munições, e bastimentos..

Chegaram os dois correios à Bahia, e entregaram ao Governador Antônio Teles da Silva as cartas que levavam, e de palavra lhe contaram o miserável estado em que os moradores do rio se achavam, e lhe fizeram com encarecidos rogos os protestos, que foram necessários em tão apertada ocasião, o qual logo por os mesmos portadores mandou ordem a Capitão Nicolau Aranha Pacheco, que estava por cabo de três companhias no rio Real que tem muita pressa

marchasse logo para o rio de S. Francisco, e fosse socorrer aos moradores dele, que estavam em grande tribulação. Partiu Nicolau Aranha do rio Real aos vinte e sete do mês de julho por caminhos desusados, levando diante negros com foices, que os iam abrindo, aonde o mato estavam mui fechado, e no meio do rigor do inverno, quando os muitos rios iam de foz em fora, com as grandes enchentes, e atropelando com todo este trabalho, e com haverem os soldados de levar em suas mochilas o mantimento, e as armas às costas, chegou em dez dias de agosto ao dito rio aonde achou os moradores com as armas nas mãos, os quais tinham cercado a fortaleza, porém ao largo aonde não chegavam as balas da artilharia, e logo o Cabo dos Capitães Nicolau Aranha mandou ao Capitão Franoisco Lopes a queimar as lanchas ao inimigo, o que fez com muito valor, e esforço, e boa fortuna.

No mesmo rio os moradores da terra com alguns soldados da Bahia tomaram duas embarcações, que vinham entrando com socorro ao inimigo, e lhe mataram vinte flamengos, e se aproveitaram das munições, e armas que traziam. Em onze do dito mês passou Nicolau Aranha o rio da parte do Norte, aonde a fortaleza estava com toda a gente que consigo trazia, que seriam entre brancos, e índios, cento e oitenta, armados, e tanto que avistou a fortaleza, aonde assistiam trezentos e quarenta e três holandeses soldados, e flamengos livres, e judeus. Neste dia lhe matou a nossa gente vinte flamengos, e é mui digno de notar, que indo em uma lancha onze holandeses com um ajudante foram investidos de dez moços nossos da terra em uma canoa, e dando-lhes os holandeses primeiro uma carga de mosquetaria não tocaram com bala a nenhum dos nossos, e os nossos atiraram sua carga, e mataram logo seis, e aos outros degolaram a espada, e tomaram a lancha. Neste mesmo dia morreram mais vinte ao inimigo, e nenhum dos nossos foi morto, nem ferido.

Animada a nossa gente com estes prósperos sucessos, aos doze de agosto se chegou Nicolau Aranha com toda a infantaria à força, e assentando seu Arraial lhe tomou todos os caminhos (assim entradas, como saídas) com emboscadas, e corpo de guarda, e mandou logo picar ao inimigo, o qual atemorizado da resolução, não quis sair, e lhe mandou dizer pelo Padre Vigário Amaro Martins, que logo viria a beijar-lhe as mãos, e Nicolau Aranha lhe respondeu pelo

mesmo portador, que com muito contentamento o esperava, e que se quisesse o iria buscar à porta da fortaleza para o hospedar na sua barraca como seu servidor, e amigo, ao que o comendador holandês respondeu, que ele o faria como fosse tempo. Vendo isto Nicolau Aranha abalou todas suas estâncias, e se chegou à força, até descobrir as suas casas, aonde lhe matamos muita gente, em particular em vinte e três de agosto, que lh'as semeamos de mortos, saindo eles de noite a roçar o mato que estava junto delas.

Neste mesmo dia teve Nicolau Aranha aviso, em como pelo rio acima vinha um barco grande com provimento para os da fortaleza, deram-lhe aviso a noite, e logo equipou duas canoas com vinte e cinco homens da sua companhia, e da de Francisco Lopes, e alguns moços da terra mui animosos soldados, e por cabo ao Ajudante Francisco Rodrigues, e antes que amanhecesse o renderam. Vinham no barco treze holandeses, e um comissário de Sergipe d'El-Rei, e o fiscal daquela força, os demais eram soldados, e treze homens do mar, destes holandeses morreram seis, e os outros foram presos, e feridos.

Não se descuidaram os do supremo Concelho do Recife em socorrer à sua gente cercada, porque em vinte e oito de agosto mandaram uma nau grande com duas barçaças, as quais entraram logo pela barra dentro; mandou Nicolau Aranha acudir com as canoas armadas de valor, e com boa gente de sua companhia, e da de Francisco Lopes, e moradores da terra, e por cabo o Alferes N. Guedes Alcoforado, e investindo-as com grande resolução, as fizeram voltar, e fugir com grande vergonha, bastando só as barçaças sem mais gente de armas que os inarinheiros, para virar as nossas canoas, e metê-las no fundo, porém o que acovardou o inimigo não foi tanto a força da nossa gente, como a resolução com que o investimos.

Já neste tempo tinha o Capitão Nicolau Aranha tomado resolução, que quando não pudesse impedir ao inimigo aquele socorro, havia de acometer a fortaleza, e escalá-la, morresse quem morresse, porque se aquele socorro se lhe não pudesse impedir, e se lhe chegasse, era impossível podê-la render por fome. Quis o inimigo fazer uma saída no primeiro dia de setembro, e ainda não havia aberto bem a porta, quando lhe matamos quatro soldados, que foram os primeiros que saíram, e logo se tornaram a recolher, e as fechou. Enfim a nossa gente se chegou tanto à fortaleza, que

não ousavam os holandeses a se pôr em cima da muralha, porque em deitando as cabeças por em cima já estavam mortos com as nossas balas; e depois de rendidos nos mostraram alguns as mãos passadas com pelouros, porque para verem a nossa gente, iam a pôr as mãos nos chapéus, e em as pondo, logo as nossas balas lhe furavam os chapéus, e as mãos.

Chegou a Nicolau Aranha em treze de setembro a triste nova, em como o inimigo a falsa fé havia queimado aos nossos navios que estavam na enseada de Tamandare, o qual com muita dor encobriu a nova, e recolheu a si todas as cartas, pondo graves penas a quem as levava, para que o não dissesse a ninguém; e logo se resolveu, e mandou por um oficial, com um tambor dizer ao comendador da força que se rendesse, ou os passaria a todos a cutelo, porque já estava enfadado de o terem ali tanto. Vendo os holandeses a grande resolução, responderam brandamente, como quem o queria fazer. Aos quinze do mês pediram ao Capitão Aranha três dias de tréguas, os quais ele lhes concedeu, e lhe fez o partido mui favorável; nos dezoito dias do mês estando na barra do rio cinco embarcações cheias de gente, que os iam socorrer, naquela noite se ouviu o som de uma campainha, a qual ia tangendo por entre o nosso corpo da guarda, e se ouviu por alguns dos nossos uma música em tom de ladainha, e se viu uma clara luz: disse então o Capitão Pedro Aranha irmão do Cabo de companhia Nicolau Aranha: *Senhores camaradas, sem dúvida que isto devem de ser as almas dos fiéis defuntos, que nos vêm socorrer, eu sou grande seu devoto, e todos os dias as encomendo a Deus, e agora neste ponto acabei de rezar as orações que todos os dias ofereço a Deus por elas; isto é boa nova, prometendo-lhes todos uma missa cantada, tanto que amanhecer, pois amanhã é segunda-feira, e dia em que a Santa Igreja Católica costuma dizer missa, e fazer sufrágios por elas.*

Aprovaram os camaradas o bom intento, e tanto que a nova aurora apareceu, bordando as nuvens de labores, e alegrando o mar, e a terra com seu formoso aspecto, se cantou uma Missa de Requiem pelas almas do purgatório, com toda a solenidade que foi possível, e ordenou Nicolau Aranha, que quando o sacerdote levantasse o Corpo do Senhor, o seu precioso sangue em alto, para o mostrar ao povo, disparassem os nossos soldados todas as armas de fogo, e dessem duas cargas cerradas em sinal de alegria, e festa. Caso miraculoso! Tinha o sacerdote consagrado o Corpo de Cristo

Nosso Salvador, e querendo-o levantar em alto, disparou o inimigo da fortaleza uma peça de artilharia, e toda a nossa infantaria lhe respondeu com uma carga cerrada de mosquetaria, e tornou a secundar com outra ao alevantar o cálice consagrado, e tão grande foi o estrondo que o inimigo ficou admirado. Acabou-se a missa, e o inimigo começou a chamar com um tambor, mandamos ver o que queria, respondeu que se queria logo entregar.

Fez-lhe Nicolau Aranha mui honrado partido, a saber que saíssem da fortaleza com suas armas, e balas em boca, bandeiras estendidas, e os oficiais com suas insígnias militares, até uns tantos passos, aonde haviam de ser desarmados; achamos-lhe na fortaleza dez peças de artilharia de bronze, muitas balas para elas, porém nenhuma de mosquetes, pólvora pouca, e essa molhada, de mantimentos trinta e sete barris de farinha, a carne que tinham a repartiram. Achamos sete cavalos vivos, achamos duzentos e sessenta e seis flamengos dentro na força, e cinco judeus: sendo mortos no cerco setenta e sete, achamos vinte e quatro mulheres, e trinta e três meninos, e dezoito escravos, dos quais levaram quatorze. Não se aproveitaram os soldados, nem outra alguma pessoa de coisa que os holandeses tivessem na força. Deu-se embarcação às mulheres, meninos, e enfermos, para levarem suas roupas para a Bahia, e cavalos para os que foram por terra. Depois que tivemos a fortaleza por nossa, e os holandeses rendidos desarmados, e passados da outra banda do rio da parte do Sul, para caminharem para a Bahia, apareceram no rio, duas léguas em distância da força uma nau, e três lanchas grandes que vinham aos holandeses com socorro de pólvora, balas, e armas, e das mais munições de guerra com cento e cinqüenta soldados; e a nau vinha só com duas velas pequenas navegando, e por conselho de seis franceses que pediram praça para tomar armas por nossa parte contra os holandeses, mandou o Capitão Aranha disparar uma peça de artilharia da fortaleza que era o sinal que estava dado para os holandeses conhecerem, que estava a fortaleza por sua, e disparada a peça logo a nau largou todo o pano, e as lanchas com ela, e se vieram em direitura para a fortaleza.

Tomou o Capitão Nicolau Aranha conselho no que faria para tomar a nau, e as lanchas, e alguns lhe disseram que as deixasse meter bem debaixo da fortaleza, porque com a artilharia lhe faria grande dano, e com a infantaria por

terra, e por mar em barcos, e canoas as renderia facilmente, porém o capitão considerando, que na fortaleza achara pouca pólvora, e essa toda molhada, que não servia para carregar as peças, nem sustentar bateria; e que se a nau, e as lanchas chegassem a meter-se debaixo da artilharia da força, e conhecessem o pouco cabedal que a fortaleza tinha para lhe fazer dano, nos faria a nós muito com a sua artilharia, equipou dois barcos, e algumas canoas carregadas de bons, e valorosos soldados, e antes que as naus, e as lanchas chegassem, mandou investir com elas, e os nossos soldados o fizeram com tanto brio, que chegaram a dar duas cargas cerradas ao inimigo, e não posso afirmar se lhe mataram pouca ou muita gente, porquanto não tenho até o presente testemunha de vista; só sei que picando um vento rijo, começou a nau a fazer bordos, e a disparar sua artilharia, e as lanchas suas roqueiras, e se foram pelo rio abaixo, e saíram fora da barra na derrota do Recife, e os nossos dois barcos, e canoas se tornaram, sem haver entre os nossos soldados, nem mortos, nem ferido algum, porque em tudo os quis Deus favorecer.

Para se render esta fortaleza, que era de grande consideração, para impedir a passagem para a Bahia, e a chave da Capitania de Pernambuco, não se saiu morador algum de sua casa, de sorte que lhe fosse necessário esconder-se pelos matos, antes todos acudiram com suas armas com tanta pontualidade, esforço, e brio, que são merecedores de muito grande louvor. Porque dos moradores, os homens sempre assistiam misturados com os soldados da Bahia, com as armas na mão, fazendo sua obrigação com muito ânimo, e as mulheres em suas casas se ocupavam em fazer de comer para os soldados, e com tanto gosto que nunca nos faltou, antes sempre sobejou o mantimento de vacas, vitelas, perus, patos, galinhas, e carneiros, farinha, leite, doces e as frutas que a terra dava; a nenhum morador fizeram os soldados dano, nem causaram moléstia porque o não mereceram, antes lhes deram muitas graças por o bom tratamento, e oferecendo os moradores das terras (depois da vitória alcançada) muitos dons, e mimos de bois, vacas, e novilhos para trazerem consigo para Pernambuco os soldados como generosos, não quiseram aceitar coisa alguma; só os que vinham enfermos aceitaram alguns cavalos para poderem acompanhar a tropa, e porque os moradores não desconfiassem vendo que se lhes não aceitavam seus oferecimentos.

Tão estremadamente o fizeram nesta ocasião, assim os moradores do Rio de S. Francisco, como os soldados da Bahia, e com tanto esforço, e valor, como os mais valorosos do mundo, e assim desejando eu louvá-los a todos, como merecem, não me atrevo a pôr uns em primeiro lugar, sem fazer agravo aos outros. Porém assim por maior quero ir nomeando de uns, e de outros, alguns que mais se estremaram porque lhe caiu em sorte o ocupá-los o Cabo de Capitães Nicolau Aranha em coisas particulares, dos moradores do rio de S. Francisco, o Capitão André da Rocha de Antas, e o Capitão Valentim Da Rocha, os quais em companhia do Capitão Pedro Aranha sempre tiveram a vanguarda no cerco da fortaleza; e estiveram mais chegados ao inimigo, João Velho, Mannel Gonçalves Marzagão, Gaspar Gonçalves Nevoa, os dois irmãos chamados os Britos, Francisco Vilanez, o qual, com mui grande trabalho, e dispêndio, mas com muita vontade, e contentamento passou toda a nossa infantaria da outra parte do rio, aonde estava a fortaleza, e no sítio sempre nos acompanhou com pessoa, e fazenda, e outros muitos que não nomeio, por não ser enfadengo, dos da Bahia não me atrevo a declarar o valor que nesta empresa mostraram, só digo que alcançaram a vitória sem nos morrer soldado algum, nem ferido: porém quero nomear os principais que nesta empresa se acharam, o Capitão Francisco Lopes com cinqüenta soldados, o Capitão Pedro Aranha com vinte, o Capitão Diogo de Oliveira de Lacerda com vinte moradores do rio Real, o Capitão Nicolau Aranha a cujo cargo veio esta gente com sessenta e cinco da sua companhia, também dos soldados da Bahia se avantajaram muito o Capitão Gaspar Fernandes Vilar, a quem o Cabo de Capitães Nicolau Aranha proveu de uma companhia de bons, e valorosos soldados; assim dos da Bahia, como dos da terra, e lhe fez número de sessenta, e ele o fez, como de seu valor se esperava, João Furtado de Mendonça, Marcos Dias, Francisco de Aguiar, Gonçalo Dias cabo de esquadra, Francisco de Almeida alferes reformado, Marcos de Oliveira alferes reformado, Gonçalo de Matos Homem natural de Pernambuco, o qual foi em uma das canoas, que fizeram fugir as lanchas do inimigo até as deitarem pela barra fora; e este soldado é filho de um homem nobre, chamado Baltazar de Matos Homem, o qual já tem perdido três filhos nesta guerra, fazendo todos sua obrigação como honrados, segundo o temos escrito atrás.

Não custou esta fortaleza a Sua Majestade cabedal algum, mais que a pólvora e balas, que os soldados gastaram, porque nem o governador geral mandou a infantaria por ordem de S. Majestade, a fazer guerra aos holandeses de Pernambuco, senão a socorrer os moradores na grande tribulação, e aperto em que estavam. Ganhada esta fortaleza a mandou o Capitão Nicolau Aranha arrasar, por pedimento dos moradores, e por ordem dos nossos governadores da liberdade, porque o inimigo não tivesse esperanças de a tornar a possuir; e dez peças de artilharia de bronze, que os outros capitães em suas companhias, e tropas, para onde aproveitarmos delas na primeira occasiao de importância, e se não vieram logo para o nosso Arraial da Varzea de Capibaribe, foi porque era quase impossivel o comboiá-las por terra, por ser a distância de sessenta léguas, e haver muitos nos navegáveis que passar, e mais era grande o risco mandá-las em barcos quando o inimigo trazia pelo mar naus de guerra, e lanchas, que andavam sempre de vigia; enñm alcançada a vitória, foi o Capitao Nicolau Aranha despedindo os outros capitães em suas companhias, e tropas, para onde estava o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e os dois mestres de campo André Vidal, e Martim Soares, e ele depois de ordenar as coisas necessárias no rio, veio marchando detrás na retaguarda, e todos chegaram à Várzea de Capibaribe com próspera viagem.

Todos os moradores da campanha,
Que com a velocissima corrente
O rio de Francisco rega, e banha
(Famoso no Oriente, e Ocidente:)
Com arte singular, segredo, e manha,
Apelidado tinham muita gente:
Com que o belga, que estava neste rio,
Antônio ficou, medroso, e frio.

Começam a tirar de seus fumeiros,
As botijas de pólvora providas,
E nas lanças põem ferro os cavaleiros,
E cingem as espadas escondidas:
Fazem das aguilhadas os vaqueiros
Azagaias agudas, e fornidas,
Estes tomam clavinas, e espingardas,
Aqueles flechas, foices e alabardas.

Não há quem não procure o Márcio trato,
O branco, o índio, o negro emperreado,
Todos o morrer tem por mui barato
Com que o flamengo seja destroçado:
Estes aqui se emboscam pelo mato,
Aqueles dos currais largam seu gado,
Suas bocas só falam: guerra, guerra,
Deitemos fora ao belga desta terra.

Não se podem sotrer tais tiranias,
Como as com que nos tratam de continuo,
Libertemo-nos ja destas harpias,
Das unhas do leão fero, e maligno.
Prometamos jejuns, e romarias,
Apelidemos o favor divino,
Acaba de uma vez esta holandesa
Nação, vamos lhe entrar na fortaleza.

Vê o fero holandês envolta a água,
Os moradores todos conjurados,
Enche-se de furor, de pena, e mágoa,
E procura prender os mais honrados:
Da ira se lhe aumenta a ardente frágua,
Manda fora setenta e três soldados,
Para que aos principais daquele rio
Tragam presos à força sem desvio.

Saem fora os soldados, escumando,
Ira, sanha, furor, e fogo ardente,
Porém a poucos passos caminhando
Vieram dar nas mãos da nossa gente:
Dão de mão posta neles, aclamando,
A liberdade viva: e brevemente
A morte os holandeses entregaram,
E com as suas armas se adornaram.

Sentia-se já vir pela campanha,
Com quatro companhias ventureiras
O valoroso Nicolau Aranha,
Estes de tropa, aqueles em fileiras:
Chega à borda do rio ardendo em sanha,
Acodem-lhe canoas mui ligeiras,
Em breve chegam todos os fiéis,
Com jangadas, rodeiros, e batéis.

Uns aos outros parabéns se dão,
Da estada boa, próspera chegada,
E todos juntos tomam refeição
Da vianda, que estava preparada:
Em descansando um pouco, logo vão
Cercar a fortaleza, e sitiada
Ao largo, vem de uma, e outra banda
Os mais dos moradores com vianda.

Cada qual manda do comer que tinha,
A viveia, o carneiro, e o leitão,
O cabrito, o peru, pato, e galinha,
O jerimum, a fava, e o feijão:
A gorda vaca, o porco, e a farinha,
O saboroso leite, o requeijão,
A aguardente, a confeitura, o vinho,
Nenhum se mostra misero, e mesquinho.

Vendo nossos soidados a largueza,
Com que os do rio os tem agasalhado,
Cada qual diz, que nesta brava empresa
Há de ser entre muitos sinalado:
O que mais brios mostra, e mais braveza
É o que a todos tem a seu mandado,
O valoroso Aranha, que oferece
Sangue, e vida, por quem tanto merece.

Vinha por entre as águas navegando,
Um barco com socorro, e munições
Para os belgas do forte, senão quando
Partem contra ele dezesseis leões:
Sete brancos, e nove dos do bando
Do Camarão, de ousados corações,
Acostumados já por muitas vezes
A brigar com os feros holandeses.

Vão embarcados em uma canoa,
Dão-lhe uma, outra, e outra surriada,
No barco cada qual põem sua proa
Com furor, e destreza nunca usada:
Tiram-lhe duas peças, o eco soa,
Porém cada qual erra a pelourada,
Entram no barco, e passam a cutelo
Os belgas, que não podem defendê-lo.

O barco trazem pela destra banda,
Do rio, aonde não chega a artilharia
Da fortaleza, que o comendador manda
Disparar, e livra-lo pretendia:
Já tem ruim principio na demanda
Os peridos sequazes da heresia,
E temem que não de ter triste sentença,
Se o socorro que esperam tem detença.

Aranha manda logo socorre-los,
Tira do barco toda a munição,
Aos aventureiros, só para entretê-los
Deu sua parte com liberal mão:
A todos os demais manda provê-los
De pólvora, de balas, e morrão,
O demais cabedal pôs em paragem
Aonde todos gozem da pilhagem.

De noite à fortaleza vem chegando,
A tiro de arcabuz, e de mosquete,
Com vagaroso passo, lento, e brando,
E debaixo das peças já se mete:
De sorte que o flamengo em assomando
As balas lhe atravessam o topete,
Já não há holandês, que alce cabeça,
Nem na muralha gente que apareça.

Chega-nos nova, como vinha entrando,
Com duas lanchas uma nau bizarra,
E pelo rio acima navegando
Vinha com elas já dentro na barra:
Trinta soldados vão do nosso bando,
Este o mosquete, aquele o remo agarra
Com seis canoas, é brava a corrente,
E junto à nau os põem ligeiramente.

Acometem com tal resolução,
A nau, e lanchas, que medroso, e frio
Se sente o belga, vendo o coração
De soldados de tanto esforço, e brio:
Quer disparar as peças, porém são
As ondas tão ferozes, que desvio
Sempre lhe dão, suspira, geme, e chora,
E a sair torna pela barra fora.

Nossas canoas, como são compridas,
Com a força dos remos alentadas,
E do picante vento socorridas,
Foram entrando pelas enseadas:
E sendo a nosso exército trazidas,
Relataram as novas estremadas,
Que já fora da barra, em que lhe pez,
Tinham deitado ao pérfido holandês.

Aranha tinha já determinado,
De de noite escalar a fortaleza,
E dar remate com assalto honrado
A aquela perigosa, e brava empresa:
Sente-o o holandês, que é bom soldado
(E suposto que de o fazer lhe pesa)
Toca um tambor, pede partido,
O qual foi por Aranha concedido.

Deu-se-lhes toda a roupa que vestiam,
O enxoval das casas, e aparato,
Com todos os mais bens que possuíam,
Todas as miudezas, e seu fato:
Concedeu-se-lhes mais que saíriam
Com muita cortesia, e nobre trato,
Com as balas em boca, e estendidas
As bandeiras de Holanda conhecidas.

Também Aranha diz que lhes daria,
Boas embarcações suficientes
Para poderem ir para a Bahia,
Sem mais estorvos, e inconvenientes.
Alegres ficam todos, e à porfia
Vêm saindo do forte diligentes
O comendor cortês, a Aranha chega
E as chaves do rendido forte entrega.

Da força vêm saindo os holandeses,
Atônitos, confusos, e pasmados,
Queixosos da fortuna, e seus reveses
Cruéis, de que se viam salteados:
Nas mãos entregam já dos portugueses
Os mosquetes, clavinas, e traçados,
E (com mostras de amor) ardendo em ira,
Dentro no peito cada qual suspira.

Vinham marchando todos em fileiras,
Na forma do contrato prometido,
E tendo entregues armas, e bandeiras,
Das nossas caixas foi o estrondo ouvido:
As vozes se levantam pregoeiras,
O clamor pelos bosques repartido,
Vitória, diz, vitória quatro vezes,
Viva o braço, e valor dos portugueses.

As cerimônias todas acabadas,
Que na palestra do sangüíneo Marte
Por longa idade foram sempre usadas
Destes, e aqueles, de uma, e outra parte:
No campo as mesas foram preparadas,
À sombra do crucífero estandarte,
E em guisa de amizade, e união
Deram todos aos corpos refeição.

Aos soldados holandeses, ingiezes e franceses, dos que se renderam, assim no rio de São Francisco, como no Porto Calvo, e pontal de Nazaré, e casa forte de Dona Ana Pais, e na vitória do Tabocal, e de outros, que eram moradores da terra pelo sertão, ajuntou Teodósio de Estrate duzentos e cinqüenta, com os quais, porque pediram que queriam assentar praça no nosso exército, o Governador João Fernandes Vieira lh'o concedeu liberalmente; e com eles levantou o Sargento-mor Estrate um terço, do qual foi constituído em mestre de campo, e por seu sargento-mor foi eleito Francisco de Latour francês de nação, natural de Bordéus, católico romano, e casado com uma mulher portuguesa, homem que até o presente tem dado mui boa conta de si, e guardado muita fidelidade; neste terço proveu o Mestre de Campo Estrate capitães, e os mais oficiais da milícia necessários, dos mesmos estrangeiros, para servirem aos moradores de Pernambuco na empresa da liberdade; e o Governador João Fernandes Vieira lhes mandava fazer o pagamento de seu soldo cada mês com muita pontualidade, e eles começaram a servir com muito ânimo, e satisfação nos encontros que se ofereceram com o inimigo, levando sempre vanguarda, e fazendo-se pagamento do soldo aos soldados deste terço, chegando a dar o seu soldo ao Mestre de Campo Teodósio de Estrate, ele o não quis receber, e respondeu, que ele não servia a El-Rei D. João o Quarto seu Senhor por

estipêndio, nem soldo, senão por vontade, o desejo que tinha de o servir, porquanto estava certo que o dito Rei, e Senhor lhe havia de fazer mercês, segundo seus bons, e leais serviços, os quais ele lhe pretendia fazer com muito amor.

Vendo o Governador Joao Fernandes Vieira, e o Mestre de Campo Andre Vidal, que não convinha dar descanso ao inimigo, senão apertar com ele por todas as partes, antes que tivesse tempo de se refazer. Determinaram de lhe investir à sua fortaleza das Cinco Fontas, sita na praia do mar sobre a parreta a tiro de mosquete da Cidade Maurícia, e levá-la à escala em uma noite; e tendo já preparadas as escadas, e os mais petrechos de guerra para esta fação, e a nossa gente já embaixo junto ao rio Capibaribe a tiro de peça da fortaleza, nos fugiu um mulato de D. Ana Pais, o qual nos havia sido traidor, e havia roubado muitas casas dos moradores; e sendo tomado, por o que fora condenado à força, e estando dela pendurado lhe quebrou a corda; e os nossos governadores lhe perdoaram a morte. Este pois fugiu de entre nós para o inimigo, e lhe declarou nosso intento; o que visto por o Mestre de Campo Teodósio de Estrate, disse aos nossos dois governadores que não era de parecer que cometessemos a fortaleza para a escalar, porquanto tínhamos pouca gente, e poucas armas, e que na escala havíamos de perder trezentos, ou quatrocentos homens, e estes haviam de ser os mais valorosos capitães, e soldados que se haviam de querer assinalar na empresa, e que perdidos estes, com dificuldade se havia de ajuntar outros tantos de seu esforço, e valor, e que outrossim tomada a fortaleza (a qual sem dúvida se tomaria, ainda que com muitas mortes) ficávamos metidos entre as fortalezas do inimigo, e cercados por todas as partes, e nos podiam combater por mar, e por terra, e não havíamos de poder sustentar o que ganhássemos, nem tínhamos pólvora para sustentar bataria três dias naturais.

E dizendo-lhe os dois governadores, que porquanto não convinha que os portuguezes estivessem ociosos dando alívio ao inimigo, lhes apontasse alguma empresa, aonde do presente se occupassem. A isto respondeu Teodósio de Estrate desta maneira: *Senhores, Vossas Senhorias hão de saber que como já temos a campanha por nossa, e o inimigo não possui mais que as fortalezas do Recife, Cidade Maurícia, Itamaracá, Paraíba, e Rio Grande; não tem donde lhe venha o mantimento, nem água doce para beber senão da ilha de*

Itamaracá, se esta lhe ganharmos, em breves dias se nos renderá, forçado da necessidade, pelo que me parece bem (salvo o melhor juízo), que invistamos com a ilha, e a rendamos, que será a esperança certa de todo nosso bom successo nesta empresa da liberdade.

Pareceu este conselho acertado aos nossos dois governadores, e sem mais debatimento, nem replica, se pararam para a ilha de Itamaracá como um batalhão de oitocentos homens bem armados, deixando bem providas as estâncias do contorno do Recife, com a infantaria necessaria para reprimir o encontro ao inimigo se acaso fizesse alguma saída fora de suas fortificações; e ficou o Governador Henrique Dias com o seu terço de crioulos, Minas, e mulatos no lugar mais perigoso, a tiro de peça do Recife, e mais fortalezas do inimigo; não eram bem partidos os nossos governadores, quando de entre nós se saiu um traidor, o qual foi avisar aos holandeses do supremo Concelho da viagem que a nossa gente fazia sobre a ilha de Itamaracá, os quais logo com muita pressa despacharam duas naus de socorro com gente e munições necessárias, e após esta foram mais duas barcas.

Tanto que a nossa gente chegou à vila de Igarassu, mandaram logo Joao Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros ajuntar todas as canoas, lanchas, jangadas, e rodouros, que naquele contorno havia, e se acercaram a ilha de Itamaracá, e acharam tomada a passagem do rio, que dividia a ilha da terra firme, com um patacho holandês, provido de flamengos, e índios brasileiros, e com quatro peças de artilharia, contra o qual mandou o Governador João Fernandes Vieira cem soldados do seu terço da gente da terra, para que o rendessem, e com ordem expressa, de que nenhum tornasse pé atrás, sem alcançar primeiro a vitória, sob pena de morte, sem remissão alguma. Partiram os nossos cem soldados em canoas, batéis, e jangadas, e investiram com o patacho, o qual não puderam render da primeira investida, porque acharam nele grande resistência; e acometendo-o segunda vez com deliberada resolução, o tomaram, e nele quinze holandeses vivos, aos quais se concedeu a vida, porque humildemente (vendo-se sem remédio) pediram bom quartel; outros se deitaram ao mar, para escaparem a nado, e principalmente os índios brasileiros, os quais foram mortos às pelouradas, e também matamos a dois índios, que não se queriam render. Foi-nos este patacho de grande impedi-

mento, para que entrássemos na ilha de sobressalto. Porém logo o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros mandaram tirar do patacho quatro peças de artilharia de ferro coado, que nele estavam, e as velas com todas as enxárcias, e mandaram queimar o patacho, porquanto não era possível o podermos aproveitar-nos dele.

Queimado o patacho foi passando a nossa gente da outra parte da ilha, e com tanta pressa, que o inimigo o não pôde impedir, e logo nos pusemos a marchar para a vila, aonde os inimigos tinham suas fortificações; e no caminho em uma emboscada que os nossos governadores mandaram fazer, vieram a dar uma tropa de índias brasileiras, que vinham a buscar água, e a mariscar, das quais mataram algumas, e outras fugiram, e os nossos soldados foram em seu seguimento (porque não dessem rebate antes que chegassem) e de tropel entramos na sua primeira fortificação, e trincheira, e lh'a ganhamos, com os seus armazéns, aonde tinham todas suas munições, e provimento. Vendo os holandeses ganhada a sua primeira fortificação, se recolheram na segunda, que tinham feita na igreja, aonde como em coração de sua defesa tinham feitas boas cavas, e trincheiras. Seguiram os nossos capitães, e soldados o bom princípio, e chegaram a bater com as espadas nas portas da fortaleza, as quais de improviso se fecharam, outros se meteram dentro na cava, e com grande esforço, e valor, começaram a subir pelo baluarte arriba.

O inimigo vendo-se cercado de todas as partes, começou a jogar com sua artilharia, e nos matou alguma gente dos que estavam ao largo, porém vendo que já os nossos iam subindo pelos baluartes arriba, começaram com sinais a pedir bom quartel, e os nossos governadores estavam em lh'o conceder, e em sinal da vitória, mandaram tocar charamelas; vendo isto alguns soldados nossos, e principalmente os que haviam vindo da Bahia foram entrando por as casas, e armazéns e como a cobiça os cegou, se ocuparam na pilhagem do saco, e desampararam seus capitães; porém os índios brasileiros que estavam na fortaleza, temendo que se lhes não desse quartel, antes os degolassem a todos como haviam feito na casa forte; e porque as crueldades que haviam usado com os moradores lhes prometiam rigoroso castigo, deram em desesperação, e quatrocentos e cinqüenta que estavam na fortaleza se deliberaram a morrer com as armas nas

mãos, e se puseram em defensão com tal coragem, que se começou de novo a travar uma briga cruel, e sanguinosa, aonde muitos deles perderam as vidas; foram-se os nossos deitando na cava, e subindo pelos baluartes, e ali nos mataram alguns soldados, e feriram com duas balas ao Capitão Ascenso da Silva, e a Dom Antônio Felipe Camarão Governador dos índios, e ao Capitão Diogo Barreiros, o qual morreu dentro em vinte dias, e ao Governador da liberdade João Fernandes Vieira lhe deram com uma bala nos peitos, a qual sem fazer dano, milagrosamente lhe caiu aos pés, e com outra lhe levaram uma madeixa dos cabelos da cabeça, e ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros lhe deram com uma bala nos fechos da pistola que tinha nas mãos, e lhe quebraram a caixa; e como alguns dos nossos soldados andavam embebedos na pilhagem, não havia remédio para os trazer a seus postos, senão às pancadas. Maldita seja ambição infame que tão importante vitória nos tirastes das mãos.

Neste tempo vieram entrando pela barra as duas naus do Recife com socorro aos holandeses, e em seu seguimento vinham chegado duas barcas; o que visto pelos nossos governadores, e que a bateria havia durado das sete horas da manhã até as quatro da tarde, e que havia mais de vinte e quatro horas que os nossos soldados não tinham comido nem bebido, e que se as naus, e lanchas de inimigo chegassem nos tomariam os portos, e de pura fome seríamos obrigados, ou a render as armas infamemente, ou a morrer todos, sem escapar algum com vida; mandaram pôr duas tropas de holandeses nos portos para defensão da passagem, e mandaram passar os feridos, e com a mais infantaria se vieram retirando, deixando a execução desta empresa para outro dia de mais consideração. Morreram neste encontro ao inimigo mais de trezentos homens, afóra os feridos; e da nossa foram mortos vinte e cinco soldados por sua culpa, e doze índios do Camarão, e trinta estrangeiros do terço do Mestre de Campo Teodósio de Estrate; também trouxeram feridas trinta e cinco pessoas, entre as quais veio também ferido Teodósio de Estrate, e alguns soldados seus. Neste encontro o fizeram valorosamente os capitães Paulo da Cunha, Ascenso da Silva, Antônio Gonçalves Tição, João Soares de Albuquerque, e outros muitos, cujos nomes aqui hei por expressos, e declarados; e principalmente os nossos dois governadores, os quais com intrépidos corações anda-

ram sempre no meio do combate exortando os soldados; e o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, o qual sem temor das balas, que pareciam chovidas, andou metendo, e tirando os troços da nossa gente, segundo era necessário. E não é bem que me passe por alto o Padre Frei João da Ressurreição religioso da Ordem de São Bento, o qual nos mais perigosos, e arriscados lugares acudiu a confessar os feridos com tão pouco temor da morte, como se fora de bronze. Não é isto desdourar o zelo, e caridade dos dois padres da Companhia Francisco de Avelar, e João de Mendonça, os quais neste dia fizeram sua obrigação com muito fervor: porém entre todos os sacerdotes o que mais se esmerou, arriscou, e trabalhou foi o dito Padre Frei João. E isto é tão claro, como a luz do dia.

Finalmente, retirada a nossa gente da ilha com muito trabalho e levando conosco as quatro peças do patasho, e as enxárcias, e velame, chegando à vila de Igarassu, se fez ressenha da gente para se saber a que faltava; achou o Mestre de Campo Teodósio de Estrate, que sete flamengos do seu terço estavam desarmados, porque como estavam acostumados a roubar, e saquear aos portugueses, também na ilha, por não perderem o maldito costume, se ocuparam tanto em furtar pelas casas, que quando nos retiramos tão embebedos andavam com a pilhagem que se não retiraram com o tempo, e por escaparem do inimigo vieram fugindo de corrida, e largaram as armas, porém não largaram as mochilas que traziam cheias de fazenda pilhada, os quais o Mestre de Campo Teodósio de Estrate condenou logo a que morressem arcabuzados, segundo as regras da milícia de sua pátria. E porquanto se meterem de permeio muitos rogadores, suspendeu a sentença, e mandou que todos sete jogassem as vidas aos dados, e que o que deitasse menos pontos morresse, para exemplo; e assim se fez, e se executou a morte no que menos pontos deitou.

CAPÍTULO VI

Das coisas que succederam do principio de outubro até o mes de dezembro

Recolheram-se o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e o Mestre de Campo Andre Vidal de Negreiros para o nosso quartel da Varzea, deixando providos de gente os postos por onde o inimigo podia fazer suas saídas da ilha de Itamaraca, e considerando que não era bem que estivéssemos sem ter uma fortificação aonde nos recolhêssemos no tempo de alguma opressão, e aonde estivesse segura a pólvora, e as mais munições de guerra. Entraram em conselho sobre averiguar o posto, e sítio, aonde a fariam, que nos fosse de mais proveito; e depois de diversos pareceres sobre a matéria, se resolveu que se fizesse na Várzea em um lugar superior a outra terra junto ao engenho do Brião quase uma légua em distância do Recife. Isto averiguado, disse João Fernandes, que suposto que fazendo-se ali a fortaleza se lhe deitavam a perder muitos dos seus canaviaes, e perdia muito de sua fazenda; contudo que pois se averiguava ser assim necessário para a guerra, e para poder conseguir bom fim a empresa da liberdade, a qual ele havia principiado, que ainda que os seus engenhos deixassem de moer, e se arruinasse toda sua fazenda, que se fizesse ali a fortaleza, e que logo, logo se pusesse as mãos na obra.

Traçaram a fortaleza o Mestre de Campo Teodósio de Estrate, e um mestre de obras estrangeiro, e acudindo João Fernandes Vieira com seus escravos, e os moradores da terra com os seus, e os soldados por sua parte, se deu tanta pressa a esta fortaleza, que em espaço de três mezes se principiou, e acabou, e cavalgaram nela as oito peças de bronze que havíamos trazido da fortaleza do Porto Calvo; e o primeiro dia de janeiro de mil e seiscentos e quarenta e seis, se deu com

elas a primeira salva, em honra da Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e por ser o primeiro dia do ano, do que o inimigo ficou mui confuso, e sobressaltado, ouvindo disparar peças de artilharia, e grossas, tão junto do Recife, sem serem das suas fortalezas; e assim os mais dos dias faziam os holandeses suas saídas fora do Recife, para descobrir o nosso campo, e a buscar água doce para beberem ao rio Beberibe, e lenha pelo sítio da Seca, e Salinas: porém nunca se recolhiam para o Recife. sem lhe ficarem alguns mortos no campo, e levarem consigo feridos para dentro, porquanto os nossos capitães, que ocupavam as estâncias em contorno do Recife, e Cidade Maurícia, davam sobre eles, e os faziam retirar com as mãos nas cabeças, até se meterem debaixo da sua artilharia.

Vendo os do supremo Concelho do Recife, que a nossa gente lhe tinha tomado os caminhos por onde podiam fazer suas saídas, deram em uma traça diabolica para nos destruir. E esta foi, que sendo certificados em como no nosso exército estavam servindo duzentos e oitenta soldados estrangeiros, flamengos, alemães, ingleses e franceses, em um terço, do qual era Mestre de Campo Teodósio de Estrate, e Sargento-mor Francisco de Latour francês católico, mandaram de noze por suas sentinelas falsas deitar cartas por os caminhos, escritas em sua língua, nas quais prometiam perdão de todas as culpas, que tivessem cometido contra os Estados de Holanda, a todos os soldados que andavam servindo no nosso exército. Isto se entende dos naturais das Províncias do Norte, que haviam sido seus soldados. E sobre isto muitos acrescentamentos em seus soldos, e cargos, se se tornassem para o Recife, e largas mercês aos que fizessem alguma empresa em proveito seu, e dano nosso. Foram estas cartas achadas por as nossas sentinelas, e divulgou-se esta maranha, e logo os nossos governadores deram ordem, que quando saíssem a algum encontro com os holandeses, fossem os soldados estrangeiros, que entre nós havia, entresachados com os nossos soldados, e que sempre os levássemos diante, porque se acaso nos quisessem fazer alguma traição, o levássemos debaixo das bocas dos arcabuzes, e mosquetes, e fossem eles os primeiros que matássemos.

Tanto que os holandeses que nos serviam tiveram noticia destas cartas, logo começaram a nos maquinar traição (que nunca se pode fazer confiança de inimigos, e mais de holandeses, dos quais a larga experiência nos tem mostrado

ao olho, que seu modo, e trato são traições, e aleivosias) e nesta conformidade alguns holandeses se saíram de noite de suas estâncias, aonde os punham de vigia, e iam ao Recife a tratar com os do supremo Concelho sobre o modo da traição, que nos pretendiam fazer, e quando amanhecia tornavam outra vez a estar em seus postos; e dali por diante deram todos em trazer uns papelinhos brancos nas tranças dos chapéus, para divisa de serem conhecidos, e nos encontros que tivésssemos com os do Recife lhe não atrasassem a eles, nem eles a seus parentes, e naturais; e ao depois se soube que os que nos serviam a nós, quando tínhamos encontro com os do Recife, não metiam balas nos mosquetes, e andavam buscando ocasião de algum descuido nosso, para darem todos sobre nós, e destruir-nos, sem remédio, como ao diante diremos.

E tornando a tratar dos nossos soldados, andavam tao alentados, e com tanto brio, que debaixo das fortalezas do inimigo lhe iam de noite tomar o gado que tinham para comer, e os cavalos de seu serviço, sem que eles o pudessem remediar. E de uma vez lhe tomamos nove cavalos junto à cava da fortaleza dos Atogados, e lhe destampamos, cinquenta pipas, e barris de agua doce, que tinham para beber, e que outras vezes lhe trouxemos magotes de bois, e vacas, que tinham apastoradas debaixo da fortaleza das Cinco Pontas; e os negros crioulos, e Minas do terço de Henrique Dias, debaixo de sua artilharia, e fortaleza lhe iam tomar os seus escravos que saíam a buscar lenha para o fogo, e herva para os seus cavalos. Começaram do Recife a fugir muitos negros, porque lhes ia faltando o mantimento, e todos vinham a dar, ou nas mãos dos nossos capitães, e soldados, que estavam repartidos por as estâncias, ou nas dos soldados de Henrique Dias, os quais se traziam a apresentar aos nossos governadores, e eles os repartiam por os soldados, que os haviam tomado, para mais os afervorar na assistência da guerra, e os capitães, e soldados escondiam outros, e se aproveitavam deles, com o que os nossos governadores, e principalmente João Fernandes Vieira dissimulavam, dizendo que eram prós e percalços dos soldados, e que com o engodo daquela pilhagem sofriam com bom ânimo o rigor da guerra, e o estar de dia, e de noite entre o lodo, e os mangues, expostos à fúria dos mosquitos, que os abrasavam. Porém se entre os negros que os nossos soldados apanhavam, vinham, alguns que pertenciam aos moradores da terra, por os ho-

landeses lh'os haverem roubado, ou eles haverem fugido a seus senhores, estes mandavam os nossos governadores entregar a seus donos, pagando cada qual por o seu escravo um moderado estipêndio aos soldados, que os haviam tomado, e os que pertenciam a flamengos, e judeus mandavam vender, e gastar o preço deles no benefício da guerra, e ainda alguns destes davam aos capitães, e soldados, que nas ocasiões de importância se mostravam valorosos.

No primeiro demingo de outubro fez Henrique Dias com os seus negros crioulos, uma festa a Nossa Senhora do Rosário na vila de Olinda, com muita solenidade, em ação de graças por as muitas merces, que a Virgem Mãe de Deus lhe tinha feito nesta empresa da liberdade, e bons sucessos que havia tido; houve missa de dois coros, pregação, e procissão, e pregou nesta festa o Padre Fr. Manuel do Salvador; e depois de se espriar nos louvores da Mãe Virgem Maria, segundo seu cabedal, e talento, tanto animou os negros, e tanto disse deles (porque o mereciam) que causou inveja em muitos dos brancos; e saíram os negros dali tão alentados, por ouvirem dizer ao pregador louvores seus, e como eles haviam sido os primeiros que haviam dado graças à Virgem Maria por os bons sucessos que haviam tido, que lhes pareceu, segundo o ânimo que dali cobraram, que só eles eram bastantes para conquistar, e render ao Recife. Não consentiu Henrique Dias que os seus soldados dessem salva com a mosquetaria ao sair da procissão, porque o inimigo não ouvisse o estrondo, nem soubesse aonde ele estava com a sua gente.

Neste domingo à tarde saiu o Padre Frei Manuel do Salvador da vila de Olinda para os Apipucos aonde assistia, levando diante de si a dois crioulos mosqueteiros de Henrique Dias por descobridores do campo, e detrás de si a oito mosqueteiros; e passando por a carreira dos Mazombos lhe cheirou muito a fumo de morrão, e picando o cavalo com pressa se saiu daquela paragem, aonde o inimigo estava mais abaixo entre os mangues emboscado com muita gente, e já quando viram passar o padre, não tiveram lugar de lhe saírem ao encontro de sorte que lhe pudessem dar alcance; e mais porque viram vir detrás à uma vista uma tropa de mosqueteiros de Henrique Dias com um carro de farinha, e alguns negros carregados com sacos. E porquanto os holandeses pretendiam fazer sua empresa de noite, não deram cópia de si para fazerem a coisa mais a

seu salvo. No mesmo dia já quase á boca da noite passou Henrique Dias para a sua estância, e disse aos nossos capitães, que estavam naquele sítio, que estivessem de sobreaviso, e tivessem boa vigilância, porquanto ele ia cansado, e não podia vigiar em forma aquella noite, e que soubessem que o inimigo havia de sair fora naquela noite, por certas suspeitas que tinha.

Recolheu-se Henrique Dias para a sua estância, e proveu seus postos, como costumava, e os holandeses, que estavam emboscados, tanto que a noite se fechou, foram cortando por entre os mangues, metidos por o lodo, junto ao rio Beberibe, e pela meia-noite arrebutaram sobre as nossas estâncias, e descompuseram aos capitães que nelas estavam, os quais por ser a noite mui escura, e vendo-se acometidos por duas partes, se foram retirando para a estância de João Soares de Albuquerque, e ali esperaram aos holandeses que vinham atirando com a mosquetaria por entre os matos, e tocando trombeta para meter terror e pavor; ouviram-se os tiros no Arraial velho, e vieram acudindo alguns soldados nossos, e trinta índios do terço do Camarão, e tanto que se viram perto donde os nossos estavam, tocaram uma trombeta que traziam, com o que se perturbaram os holandeses sentindo-se cercados pelas costas, e começaram de se espalhar pelos matos, e os nossos capitães, e soldados, tanto que ouviram o som da trombeta, imaginando ser dos holandeses, se deliberaram a não esperar mais naquele posto, e se foram chegando para o Recife, e fortificações do inimigo, e ali fizeram três emboscadas, para que o inimigo quando se recolhesse lhe viesse a dar nas mãos. Vinha saindo a lua, e o inimigo não achando com quem brigar, queimou uma casa que ali estava despovoada, e vindo-se recolhendo para o Recife antes que a maré enchesse, e lhe impedisse a passagem do rio, estando já debaixo da sua artilharia, arrebutaram os nossos de entre o mato, e deram sobre eles, e lhe mataram cinco homens, e feriram a muitos, e o Capitão Domingos Fagundes lhe tomou um vivo às mãos, o qual trouxe para o nosso quartel, do qual nos informamos das determinações do inimigo, e os outros holandeses se recolheram para o Recife mais tristes do que haviam saído dele.

Aos cinco dias próximos seguintes vindo o Meirinho da alçada Lourenço Guteres da vila de Olinda de fazer uma diligência na fazenda Madalena, por ordem dos padres da Companhia de Jesus, e passando pela carreira dos Mazom

bos viu um grande rastro, e fresco, de pés calçados, e descalços, e pucando o cavallo com muita pressa, chegou às nossas estancias, aonde estavam os nossos capitães dos assaltos com suas sentineias, e lhes perguntou se navia ido, ou passado alguma gente da nossa naquela noite antecedente pela carreira dos Mazombos? E respondendo-lhe todos que nao, foi passando adiante, e chegando ao nosso Arraial, manifestou o que tinha visto ao Governador Joao Fernandes Vieira, o qual averiguando que aquelle rastro, e tropel nao podia ser senao dos nolandeses do Recife, que haviam ido com negros a buscar agua doce para beberem ao rio Beberibe, o qual sobre aquella paragem faz uma volta aonde não chega a maré; e que porquanio, nem no Recife, nem na Maurícia tinham outra agua senão salgada, ou algumas cacimbas muito salobras, forçados da necessidade haviam de tornar a sair buscar agua, mandou aos capitães Francisco Ramos, João Barbosa e Manuel Soares Barbosa, todos três da gente de Pernambuco, que com os seus soldados se fossem emboscar no mato, que está sobre a dita carreira dos Mazombos, aonde um caminho estreito sai a uma campina, para que se o inimigo sáisse, lhe fizessem todo o mal que pudessem.

Partiram os três capitães com seus soldados, e como eram praticos nos caminhos, e veredas da terra, fizeram duas emboscadas em lugar acomodado, para conseguir bom efeito. Vendo pois o inimigo que havia tido próspero successo na primeira viagem, tornou na seguinte noite a fazer outra com maior fornecimento de soldados, e mais número de negros de carga; e indo chegando ao rio Beberibe a tomar agua, deram sobre eles os nossos soldados, e lhe mataram oito flamengos, e tomaram vivos nove negros; e outros muitos flamengos foram feridos, aos quais os nossos soldados foram seguindo, até os meterem às mosquetadas debaixo de suas fortalezas, donde lhe acudiram os seus, disparando muitas peças de artilharia, e varejando com as balas todos aqueles matos circunvizinhos, pela qual razão os nossos se retiraram com a presa que tinham tomado; e chegando ao nosso Arraial contaram o successo, e apresentaram os nove escravos ao Governador João Fernandes Vieira, o qual mandou que se vendessem, e os soldados repartissem o preço deles entre si amigavelmente, e em boa conformidade, e que seria para ajuda de comprarem cada um seus sapatos.

Aos quatorze dias de outubro fugiram do Recife treze negros Minas, e passando o rio Capibaribe na baixa-mar da

noite, chegaram com suas armas à estância de Henrique Dias, como mais próxima ao inimigo, e querendo os seus soldados pegar deles, e matá-los, disseram que eles vinham fugindo dos holandeses para servirem na guerra aos cristãos, pelo que pediam, que os levassem aonde estava o nosso Governador João Fernandes Vieira. Pareceu bem o que pediam, e apresentados a João Fernandes Vieira, lhe disseram em como muitos parentes seus estavam para se vir para nós, porém que não haviam de tardar muitos dias, ainda que alguns estavam receosos, porquanto os holandeses lhes metiam em cabeça que os portugueses entregavam todos os negros que se vinham para eles aos Tapuias selvagens, e aos brasileiros do Camarão, para que os comessem assados, e cozidos; porém que se soubessem que entre nós se lhe fazia bom tratamento, e não os matavam, eles se viriam poucos e poucos. Ouvindo isto o Governador João Fernandes Vieira, fez capitão ao mais alentado deles, e os mandou entregar ao Governador dos pretos Henrique Dias, para que servissem no seu terço.

No seguinte dia saíram do Recife um negro Mina, e um crioulo, e sendo tomados pelos nossos soldados dos assaltos, e apresentados ao mestre de campo, confessaram em como os holandeses se preparavam para sair fora, ao seguinte dia com cabedal de gente de guerra, assim holandeses como brasileiros, e muitos escravos a fazer lenha ao sítio das Salinas, e roçar todo o mato em circuito da casa de Francisco do Rego, aonde queriam fazer um forte com peças de artilharia, para dali saírem a seu salvo pela terra dentro, e deitar daquela paragem os nossos capitães, e soldados, que ali tinham as suas estâncias; mandaram logo os mestres de campo pôr a bom recado os dois negros, para experimentar se falavam verdade (ainda que dentro em quatro dias os soltaram, e lhes deram praça de soldado) e logo mandaram aos capitães Francisco Ramos, João Barbosa, Domingos Fagundes, Paulo Veloso, Antônio Gonçalves Tição, Manuel Soares Barbosa, Antônio Borges Uchoa, João Soares de Albuquerque, e por Cabo de todos ao Capitão Paulo da Cunha, que fossem fazer suas emboscadas no sítio das Salinas, para que se o inimigo saísse o desbaratassem, e lhe quebrassem o intento que trouxesse.

Partiram os capitães, e descoberto primeiro o campo e com boas vigias estiveram toda à noite em emboscada, e ao apontar da luz do dia foram os nossos descobridores a

vigiar a terra, e despidos com os peitos por o lodo de entre os mangues, descobriram que na casa de Francisco do Rego estava uma grande tropa de holandeses, e negros, e que os soldados estavam postos em ala, e que seis holandeses de cavalo vinham descobrindo o campo por a parte da carreira dos Mazombos, armados com clavinas, e pistolas; prepararam-se os nossos, e uns deles deram sobre os de cavalo, e mataram a dois, e os quatro que fugiram deram rebate aos do seu esquadrão, mostrando-lhe a parte por onde havia rebentado a nossa gente, com a qual nova os holandeses fizeram dois batalhões, e nos vieram buscando por duas partes; arreparentaram os hossos das emboscadas, e deram de súbito sobre eles, e se travou uma brava escaramuça, que durou duas horas, e houvera de custar aos nossos muito sangue, e vidas, porque como as emboscadas estavam encontradas, e a pendência se travou com muita confusão, cuidando os nossos soldados que tiravam aos holandeses apontavam para os seus mesmos camaradas, por onde foi necessário gritar o Capitão Francisco Ramos: *À espada senhores, à espada*. Arremeteram então os nossos com tão grande fúria, que mataram vinte e três soldados ao inimigo, e lhe tomaram vinte e seis negros vivos; e como á bataria, e pendência se travou entre as três fortalezas do inimigo, tanto que os holandeses (que foram fugindo a mais correr) se viram bem debaixo delas, deram o seu sinal, e as fortalezas começaram a despedir tantas balas, que os ramos das árvores cortados com elas cobriam o ar, pelo que o corpo da nossa gente se retirou para lugar segúro das balas, porém muitos dos soldados, pelo interesse de tomar negros, e alguma pilhagem, chegaram até debaixo das fortalezas do inimigo, lugar aonde a artilharia, por estar assestada para maior distância, não lhe podia fazer dano. Passaram os holandeses o rio Beberibe da outra banda por o buraco de Santiago, antes que repontasse maré, e levaram consigo todos os seus feridos, e alguns dos seus mortos, deixando da nossa banda a mais da ferramenta que haviam trazido, e algumas armas, e despojos.

Chegaram os nossos capitães, e soldados ao nosso Arraial com a presa dos vinte e seis negros, e os nossos mestres de campo tomaram treze para as despesas da guerra, e os outros treze repartiram por os capitães, e soldados, que os haviam cativado. E sabendo o Governador João Fernandes Vieira que os moradores da terra, que eram soldados do seu terço, havendo-se desparzido per entre os matos; além

destes vinte e seis negros haviam tomado alguns cinquenta, e que os haviam escondido, para se aproveitarem deles, pois lhes haviam custado tanto risco de suas vidas, dissimulou com a coisa, e permitiu que os moradores se ficassem com os negros, pois todos haviam sido roubados pelos flamengos, e haviam perdido suas fazendas, e arriscado suas vidas na empresa da liberdade: e com este engodo de pilharem negros cada noite, se punham muitos dos nossos soldados da terra à sombra das trincheiras, e forças do inimigo, e as mais das vezes tiravam boa ganância.

Nesta ocasião o fizeram os nossos capitães, e soldados valorosamente, pretendendo cada qual avantajarse aos outros. Aqui se achou nesta buíha João Freire de Andrada, um mancebo casado em Pernambuco, o melhor tangedor de ponto, e dançante de toda a Capitania, e como tal mestre de muitos discipulos: este se havia retirado para a Bahia por um homicídio, e de lá veio na nossa armada por soldado do Capitão Paulo da Cunha, e se achou com ele no cerco, e rendimento de Sirinhaém, e na tomada da fortaleza do Pontal de Nazaré, e ele foi o que em um barco levou a nova desta, e das mais vitórias ao Governador Antônio Teles da Silva, e dentro em quinze dias tornou a vir para Pernambuco no mesmo barco, trazendo-o carregado de muitas munições, e fazenda, para o bem da guerra, vindo por cabo de alguns soldados que o barco trazia para sua defesa; e vendo-se perseguido das naus do inimigo, que andavam vigiando a costa, entrou com o barco no Porto Calvo na barra grande, aonde deitou em terra todas as munições, e fazenda, e a veio comboiando por terra até o nosso Arraial com grande trabalho, e dispêndio, e tanto que descansou da viagem, como tinha o ânimo belicioso, sabendo desta fação se quis achar nela, na qual fez sua obrigação com muito esforço, e segundo se esperava de sua pessoa.

Como o inimigo tinha tratado a traição com os holandeses que andavam servindo ao nosso exército, para que achando ocasião oportuna, dessem todos de mão comum sobre os nossos, não perdiam ponto antes cada dois dias saíam ao campo, e como a nação portuguesa é inclinada a novidades, vendo os nossos soldados que os holandeses que conosco militavam, traziam papelinhos brancos nas tranças dos chapéus, deram também em trazer por gala os mesmos papelinhos, do que os holandeses andavam confusos, e sobressaltados, receosos que se tivesse descoberta sua estratagem, e

maranha por algum dos seus confederados, o que não foi assim; porém depois que os do Recife mandaram deitar por os caminhos as cartas, de quem atrás fizemos menção, sempre o Governador João Fernandes Vieira andou precatado, e de sobreaviso, e nos assaltos, e encontros que se ofereciam, nunca mandava aos holandeses juntos em um corpo, senão entressachados pelas nossas companhias, e das suas mandou uma para a Paraíba, e outra para o Tejucupapo, e Goiana com alguns capitães nossos, que para aquelas partes havia mandado com socorro, porque se lhe havia pedido de lá com muita instância, para reprimir os desaforos, e atalhar os grandes danos que o inimigo saía a fazer com os seus índios aliados nos moradores que viviam pela campanha adentro; porém a estes holandeses que nos serviam na guerra, nunca lhes mostrou triste, e irado semblante, senão mui alegre. e lhes mandava acudir com sua razão ordinária, e fazer cada mês o pagamento do seu soldo com muita pontualidade.

Saui pois uma noite do Recife o inimigo com uma boa tropa de soldados, e índios, e veio a dar junto a casa de Sebastião de Carvalho, aonde tinha sua estância o Capitão Cosmo do Rego, filho de Arnão de Holanda, e chegou a ganhar uma trincheira, que o Camarão havia feito perto daquella casa, quando ali se alojou com a sua gente. Não tínhamos nesta trincheira corpo de guarda, e somente nela assistiam duas sentinelas para darem rebate no tempo da necessidade. Tanto que o inimigo chegou à trincheira, e a ganhou, deram as nossas sentinelas rebate, e se retiraram; o que ouvido pelo Capitão Cosmo do Rego, acudiu logo com a sua gente, e começou uma pendência bem travada com o inimigo. Ouviu-se o estrondo da mosquetaria, e do nosso Arraial se começou a abalar a gente de socorro, porém como dali estava mais perto a estância do engenho de João de Mendonça, acudiram com grande diligência os capitães Jerônimo da Cunha do Amaral, e Sebastião Ferreira, ambos da freguesia de S. Lourenço, e achando ao Capitão Cosmo do Rego, em combate com o inimigo, investiram com ele por sua parte, tão valorosamente, que lhe fizeram largar a trincheira, e o vieram seguindo às pelouradas até a sua fortaleza dos Afogados; e quando a outra nossa gente chegou de socorro, já o inimigo se havia retirado com quatro soldados mortos, e muitos feridos. Também da nossa parte ficaram feridos três soldados, porém não foi coisa de consideração.

e perigo; também com os capitães Jerônimo da Cunha de Amaral, e Sebastião Ferreira se achou o Capitão João de Albuquerque, que estava por cabo da estância do Mendonça, o qual acudiu com muita pontualidade, e o fez como soldado valoroso.

Sucedeu que estando os soldados de Henrique Dias emboscados entre os mangues junto a um caminho feito a mão, por onde os holandeses se serviam, e era a sua ordinaria passagem. Vieram saindo alguns soldados flamengos da fortaleza dos Afogados para o Recife, com os quais vinham alguns negros carregados de roupa lavada, e uma mulher que parecia ser grave, segundo vinha trajada. Deram os soldados de Henrique Dias sobre eles, e tomaram dois flamengos vivos, a mulher, e os negros com a roupa que traziam, e aos que vinham mais atrás deram uma carga de mosquetaria, com que feriram alguns, e todos tornaram a virar, fugindo para a fortaleza, a qual começou logo, e com ela a das Cinco Pontas, a jogar tanta artilharia que metia assombro. E porque um daqueles dois flamengos vivos emperrou, e não quis caminhar, os nossos soldados o trouxeram arrastando por terra, até o passarem às costas da outra parte do rio. Trazidos que foram os dois prisioneiros diante dos nossos mestres de campo, e a mulher com eles, os dois flamengos foram postos em prisão para lhes fazerem perguntas, e dentro nos dois dias seguintes foram mandados para a Bahia.

A mulher, que havia vindo presa, tratou João Fernandes Vieira com muita cortesia, e lhe deu vinte e cinco varas de pano de linho de Arouca mui fino, e uma mão cheia de patacas marcadas com as armas d'El-Rei Dom João, dizendo-lhe que aquele mimo lhe dava para fazer um par de camisas, se acaso os negros de Henrique Dias lhe haviam tomado a ela alguma roupa; que se lh'a haviam tomado, além de ser pilhagem dos soldados, não lh'a tornava a mandar restituir, por haver andado em mãos de negros; e no seguinte dia a mandou para o Recife acompanhada de um ajudante até a fortaleza dos Afogados, e com ela dois negros carregados de refresco e frutas da terra, do que ela se deu por mui agradecida, e obrigada; e por o Ajudante mandou João Fernandes Vieira dizer aos governadores do Recife, que ali lhe mandava aquela mulher, que os seus soldados haviam tomado prisioneira, e lhe perguntassem lá o primor, e a cortesia com que os portuguezes sabem tratar, e respeitar as

mulheres, e não fazer-lhe injúrias, e agravos, como os holandeses costumam fazer, por cuja causa lhe havia de vir o castigo do céu, e mais da terra. Chegou o ajudante à fortaleza com a mulher, e o comendador, e capitão de lá recebeu a mulher, e o que levava, e não quis deixar passar o ajudante para o Recife, e só ouviu de sua boca a mensagem que levava, e assim se tornou para o nosso Arraial.

Sucedeu que dali a poucos dias appareceu no mar uma caravela da ilha de S. Maria, que havia estado na ilha da Madeira, e trazia alguns vinhos, e bacalhau, e outras drogas, e alguns moradores da ilha de S. Maria, que vinham a habitar no Brasil, e estando defronte da barra de Nazare aonde podia entrar seguramente, porque da fortaleza lhe fizeram sinal com bandeira branca, e uma peça de artilharia, todavia ella não quis entrar, e se fez em outra volta, e se veio a por defronte do Recife, donde saíram duas naus que a tomaram, e logo se disse que o capitão, e piloto da caravela eram cristãos novos, e que de sua vontade se foram entregar ao inimigo, o qual mandou prender aos homens que na caravela vinham, e nunca se teve noticia deles, antes comumente se diz que os mandaram deitar ao mar, e as mulheres, e crianças despojadas de todos seus vestidos, e cobertas com uns farrapos, as mandaram deitar fora do Recife, dando a cada uma delas dois bacalhaus para matalotagem, e desta sorte as mandaram pôr fora da fortaleza dos Afogados para que viessem a dar nas nossas estâncias; e se as deitaram fora, ou foi de envergonhados de ver o bom tratamento que o nosso governador fez à mulher que os nossos soldados haviam tomado, ou por não lhes darem de comer, ou porque recearam que se as matassem, fizéssimos nós o mesmo às suas, que em nosso poder estavam.

O Governador João Fernandes Vieira mandou prover estas mulheres de roupas para se cobrirem, segundo a pobreza de panos em que então estavamos, e mandou que se lhe desse sua ração para comerem, enquanto não se acomodavam por as casas dos moradores. Nesta mesma conjunção chegaram ao nosso Arraial dois filhos de Antônio Gomes Salgueiro, aos quais os holandeses haviam preso quando os moradores se levantaram com João Fernandes Vieira, e aclamaram a liberdade, e disseram que os holandeses traziam presos em ferros nas suas naus aos moradores que haviam preso na occasião do levantamento, e que somente Sebastião de Carvalho andava solto pelo Recife; e deram no-

vas em como João de Albuquerque, e o Padre João Gomes de Aguiar, e Salvador Pereira, e outros andavam nas naus, e como Rodrigo de Barros estava enfermo, e que eles ditos mancebos achando-se em uma nau na ilha de Santo Aleixo perto da terra, haviam quebrado os grilhões, e fugido a nado, e que o inimigo não trazia nas naus gente de guerra, senão somente a gente do mar, e artilheiros, e alguns índios da terra: e porque nesta ocasião chegou ao Mestre de Campo André Vidal de Negreiros uma relação das últimas tiranias, e crueldades, que os holandeses fizeram, e usaram com os moradores do Rio Grande. Quero inseri-la aqui, ainda que tenho intento de tratar aparte as coisas que no Rio Grande, Paraíba e Goiana sucederam nesta empresa da liberdade da pátria, dignas de memórias.

BREVE, VERDADEIRA, E AUTÊNTICA

Relação das últimas tiranias, e crueldades, que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande, escrita pelo Capitão Lopo Curado aos dois mestres de campo, e governadores da liberdade de Pernambuco, João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, cujo traslado de verbo ad verbum, é o seguinte:

Em particular aviso a Vossas Senhorias do memorável successo do Rio Grande, depois das duas matanças que fizeram os tiranos flamengos, acompanhados de bárbaros Tapuias e Pitiguares, e nesta derradeira, certo que é incrível a tirania, no qual servirá de maior exemplo, e que escureça todas quantas tem sucedido no mundo em tempo dos imperadores romanos antigos: memória que haverá enquanto durar o dito; pois o sangue derramado de tantos inocentes, clama aos céus justiça, e aos príncipes da terra favor, a tomar vingança de tais tiranos: e para relatar os successos, e modos que houve entre os ditos flamengos de suas deslealdades, e traições, é tomar o tempo a Vossas Senhorias, ainda que o mesmo o há de manifestar; porque tais tiranos quer Deus que os conheçam, para que a cristandade veja, que mais val passar por todos os tormentos da morte, que viver morrendo entre o nome de tal gente. Patente é a Deus, e ao mundo, e o será daqui em diante às mais remotas nações dele, a traição que usaram os ditos holandeses com os pobres moradores do Rio Grande, estando em uma cerca reco-

lhidos por se livrarem dos bárbaros Tapuias, e brasilianos, passando, e padecendo nela havia três meses notáveis misérias, nos quais foram acometidos por muitas vezes dos tais inimigos, que ainda não fartos do sangue, que fizeram derramar ao povo de Cunhaú, e casa forte de João de Lostao, pretenderam esgotar o de esta pobre gente cercada, para que nela se acabasse o nome português daquela Capitania, para o que dezesscis dias, e noites os tiveram em cerco, assim Tapuias, como brasilianos e flamengos, nos quais lhes deram terríveis batarias sem as poderem levar, usando de um ardil, para com ele fazer a obra que pretendiam. E foi, que armaram uns carros emadeirados, levando-os diante de si, com mosquetaria, e outros instrumentos de guerra para chegarem à dita cerca, mas não foi bastante este artificio, porque setenta portuguezes que havia nela, ainda que poucos no número, mas muitos no esforço, os arredaram de si de maneira com quinze armas de fogo, e os mais com paus tostados, que lhe quebraram os carros, e os puseram em fugida com perda do dito inimigo de vinte homens, sem da nossa parte perigar nenhum, e vendo os ditos flamengos que os não podiam render, lhes cometeram que se entregassem, pois eles eram ali vindos da fortaleza, e seu tenente, para os guardarem assim dos ditos selvagens, como dos flamengos moradores, que com os ditos estavam, os quais lhes tinham feito aquela guerra. E vendo os ditos moradores o tão pouco que se podiam fiar da palavra de tiranos, disseram, que enquanto ali estivessem Tapuias e brasilianos, queriam antes morrer, que se entregar; e que tinham bom exemplo na traição das mortes, que fizeram no Cunhaú na casa forte de João de Lostao, ao que lhes responderam, que em nome de S. Alteza o Príncipe de Orange, lhes requeriam se entregassem, e não usassem mais de armas, prometendo-lhes vidas, e fazendas, na maneira que até então os gozavam, e fazendo o contrário que mandariam vir uma peça de artilharia da fortaleza, e com ela os bateriam, e não escaparia nenhum, e os teriam por alevantados. E considerando os ditos cercados, que já não tinham mantimentos nenhuns, nem munições para sustentar as armas, fiados nas palavras dos ditos flamengos, lhes disseram que fizessem disso um papel, o qual fez o tenente, e os mais oficiais de guerra, em que se assinaram, e nele lhes prometeram de os guardar dos ditos selvagens Tapuias, e brasilianos, e conservar com a vida, e fazenda; e feito o sobredito, pediram que em reféns ha-

viam de levar cinco moradores para a fortaleza, o que lhes foi concedido: os quais foram Estêvão Machado de Miranda, Vicente de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João da Silveira, Simão Correia, deixando eles dez soldados de guarda da dita cerca, e gente que nela estava; e tomaram todas as armas de fogo, e paus tostados com que os moradores se tinham defendido. Estavam mais recolhidos para segurarem suas vidas na fortaleza o P. Vigário Ambrósio Francisco Ferro, Antônio Vilela o Moço, Joseph do Porto, Francisco de Bastos, e Diogo Pereira, e prisioneiros João Lostrao Navarro, Antônio Vilela Cide. Em dois do presente mês de outubro chegou uma lancha do Recife ao Rio Grande, e conforme a execução que se fez, trouxe ordem para matar a todos os moradores de dez anos para cima como ao diante se verá; em três do dito mês véspera de S. Francisco mandaram os flamengos da fortaleza sair a todos os moradores que nela estavam, que foram os acima nomeados dizendo que já estavam seguros dos Tapuias, porquanto se tinham ido para o sertão, e que fossem em companhia da tropa que ia em sua guarda para a cerca aonde estavam os outros moradores, visto haver lá muitos mantimentos com que se podiam sustentar, e não estando na dita fortaleza passando lomes por falta de mantimentos, e que iam seguros porquanto tinham lá na dita cerca aos ditos dez soldados, que lhes tinham deixado para sua guarda. No mesmo ponto lançaram aos ditos, que estavam na fortaleza, e em batéis os levaram pelo rio acima três léguas, acompanhados dos soldados, e os lançaram fora no porto do dito rio, chamado de Uruauassu meia légua da dita cerca, na qual acharam passando de duzentos brasileiros bem armados com Antônio Paraupaba escaramuçando em um cavalo, e tanto que estiveram em terra, os flamengos despiram nus aos ditos moradores, e os mandaram pôr de joelhos (o que eles receberam com muita paciência, e os olhos em Deus) e logo chamaram aos brasileiros para os matar, o que se executou logo, fazendo nos corpos destes mártires tais anatomias, que são incríveis; e não contentes com elas, os ditos flamengos os ajudaram a matar, assim arrancando os olhos a uns, e tirando as línguas a outros, e cortando as partes vergonhosas, e metendo-lh'as nas bocas. No mesmo instante que os acabaram de matar, foram os ditos flamengos à cerca deixando os brasileiros no lugar em que tinham feito os martírios nomeados para a segunda execução; e aos mo-

radores disseram, que os senhores do Concelho do Recife os mandavam chamar, para o que estava um barco logo para partirem, e que fossem em sua companhia para os embarcarem, e vendo os sobreditos que era a viagem tão apertada, sem lhes darem demora alguma, e sem saberem dos que eram mortos, e disseram todos juntos, e cada um por si, que eles iam a morrer, porque seus corações lh'o diziam; e despedindo-se com lágrimas, e suspiros de mulheres, filhos, irmãos e irmãs, foram todos dando graças a Deus, e mui conformes, por morrerem por seu Deus, e por seu Rei, e sua pátria, e dizendo estas mesmas palavras aos tiranos algozes que os levavam; e chegando aonde estavam os sobreditos brasileiros lh'os entregaram, e com a tirania, e desumanidade que em seus corações habita, os mataram, sem ficar nenhum; na qual execução se fizeram as maiores anatomias, e martírios nos corpos destes martires, que são coisas que a boca não pode pronunciar. E acabante as ditas mortes deixaram os corpos postos ao sol, e sobre a terra, e sem sepultura nenhuma, e os membros tão divididos em partes, que não se conhecia quais eram os de cada um dos ditos mártires. No mesmo instante foram os mesmos tiranos flamengos, e brasileiros à cerca, aonde somente ficaram as pobres viúvas, e órfãos, e as acabaram de despojar de todos seus bens, deixando-as a muitas nuas, e com outros opróbrios, que passo em silêncio. Julguem agora Vossas Senhorias o que fariam as pobres viúvas, quando souberam dos mesmos algozes, que todos os homens eram mortos, e tão cruelmente, para que os olhos se aprestaram a fontes, e as bocas, para as funerais lamentações de seus consortes, pois é de ver (meus senhores) que até isto estes tiranos tiraram a esta pobre gente, porque querendo lamentar com suspiros, e lágrimas seus desventurados dias; estes tais lh'o não queriam consentir, e as fizeram calar, ora com ruins palavras, ora com pés, e mãos, dando-lhe de bofetadas, e cbices, e ameaçando-as, que as haviam de matar se choravam; e por não passar em silêncio nas pessoas, e nomes de alguns mártires, os declararei por a constância que tiveram em suas mortes, e martírio, Antônio Baracho casado o amarraram em um poste, e vivo lhe arrancaram a língua, e depois o coração, e desta maneira morreu, cortando-lhe suas partes secretas, e metendo-lh'as na boca ainda em vivo. A Mateus Moreira o abriram por as costas, e lhe tiraram também o coração, e as últimas palavras, estando neste martírio, que disse, foram

louvar a Deus, dizendo: *Louvado seja o Santíssimo Sacramento*. E porque na morte destes inocentes, houvesse admiráveis circunstâncias, relatarei a Vossas Senhorias algumas coisas que sucederam mais milagrosas que humanas. Um mancebo por nome João Martins o levaram para morrer com os mais, e sendo todos mortos à vista do sobredito, lhe cometeram que dariam a vida se tomasse armas contra sua nação, a que ele respondeu com alegre rosto: *Não me desampara Deus desta maneira, essas tomei sempre contra os tiranos, e não contra minha Fé, Pátria, e Rei*. E que o matassem logo porque estava invejando as mortes de seus companheiros, e a glória que tinham recebido, e quando o não quisessem matar, ele mesmo os persuadiria a que o fizessem. Dois mancebos casados, um chamado Manuel Alures Ilha, e outro Antônio Fernandes, depois de estarem em terra cheios de feridas, e nus da cinta para cima, meteram as mãos nas algibeiras, e puxando cada um por sua faca, e investindo com os brasilianos mataram logo a três deles, e feriram a quatro ou cinco, fazendo isto com as ânsias da morte, e logo caíram mortos outra vez. Estêvão Machado de Miranda tinha uma menina de sete anos sua filha na fortaleza em sua companhia, e trazendo-a consigo a receber o martírio, vendo a dita menina que os flamengos queriam matar a seu pai, como aos outros presentes, se abraçou com ele, pedindo a vida do pai com as lamentações, e entendimentos de mulher de muitos anos, e os flamengos a tiraram dos braços do dito pai, ao que lhe disse o dito: *Filha, dize a tua mãe que se fique embora, que no outro mundo nos veremos*. E desta maneira o mataram, e a menina tirou a saia depois do pai morto, e se foi para ele, e cobrindo-lhe o rosto, e chorando, e pedindo que a matassem também, a quem os ditos algozes lançaram mão da dita saia, e trouxeram a menina a sua mãe, e ela, e os mais contaram o caso. Uma filha de Antônio Vilela o Moço mataram sendo criança pequena, pegando-lhe os Tapuias à vista dos flamengos em uma perna, e dando-lhe com a cabeça em um pau, e a fizeram em dois pedaços. E a outra filha de Francisco Dias o Moço a mataram também, e a abriram em duas partes com um alfange. E a uma mulher casada com Manuel Rodrigues Moura, depois do dito morto, lhe cortaram as mãos, e os pés, e a sobredita mulher em três dias naturais esteve deitada no chão viva, e acabou dando a alma ao Criador. Diversos martírios, deram neste dia aos corpos dos márti-

res, e houve nele muitos milagres patentes, vistos, que quis Deus mostrar que os tais iam a gozar da bem-aventurança. Sucedeu pois que aquella noite que padeceram se ouvisse uma música no céu sobre a fortaleza do Rio Grande, e ouvindo-a a mulher de um flamengo chamado Gesman governador das armas nesse Recife, se levantou chamando por algumas mulheres, e também por suas escravas para que ouvissem a música que ia no céu, o qual caso testificou a sobredita; certo presságio que foram os anjos que acompanhavam as almas destes mártires para o céu. Na cerca donde tinham saído os ditos mártires estava entre outras meninas uma filha de Diogo Pinheiro de idade de oito anos, chamada Adriana, e dando-lhe vontade de chorar, entrou para uma camarinha por não ser vista, aonde achou uma mulher com um azorrague na mão, e lhe disse: *Cala-te filha, que com este azorrague que aqui vês, hão de ser castigados estes que fazem estas crueldades, como logo saberás*. Atribulada a menina saiu para fora, e vendo as mulheres a mudança dela, lhe perguntaram o que tinha? E como assombrada contou o successo, e daí a pouco chegou a nova dos inocentes mortos, que certo bem parece que a Virgem Senhora Nossa tem tomado o castigo destes tiranos à sua conta. Naquella mesma noite houve grande cheiro de incenso na dita cerca, que durou muito tempo, e foi patente a todos, sem se saber donde o dito cheiro procedia senão do céu. Houve também entre estes mártires grandes penitências, sem saberem uns dos outros, e ao dia que padeceram, jejuavam todos a pão, e água, assim os da fortaleza, como os da cerca, não sabendo uns dos outros, ao outro dia por a manhã pediram licença as mulheres para irem a enterrar os corpos mortos, e não lh'o consentiram; o que os escravos fizeram às escondidas, e não se achou um palmo de pano para os amortalharem a nenhum, por deixarem as ditas mulheres em estado que ficaram despidas de todo, achou-se que todos estes corpos estavam com cilícios, e os que não tinham com cordas cingidas, e algumas tão metidas por a carne que mal apareciam. E sabe-se que durante o tempo que estavam cercados houve extraordinárias penitências, e até os meninos as faziam, sendo todos nus, e com cordas cingidas, e todos os dias se faziam procissões com um Santo Crucifixo, esperanças claras destas almas estarem gozando da bem-aventurança. Sobre a sepultura aonde foi enterrado c P. Vigário Ambrósio Francisco Ferro se achou quinze dias

depois da sua morte uma posta de sangue fresca sem corrupção, como se naquela hora fosse derramado, mostras bastantes, que o tal brada ao céu justiça. Muitas outras coisas milagrosas succederam, dignas de se recontarem, que deixo ao tempo, no qual fio não passará, e todas acima declaradas foram vistas, e juradas, e autênticas por vinte cinco mulheres que o inimigo botou nesta Paraíba, com suas famílias, as ditas chegaram de maneira, e tão transfiguradas, que mais parecem pessoas ressuscitadas que viventes corpos. O Bolestrate as mandou deitar aqui, e a algumas lhes concedeu alguma roupa que traziam sobre os corpos, mas em as querendo desembarcar em terra as despiram de mancira que apenas trouxeram camisas, as quais lhe largaram por já não terem préstimo para serviço de outro corpo. Vossas Senhorias perdoem o compêndio da carta, que lhes afirmo que se houvera de relatar o que se tem passado naquela Capitania houvera mister muitas mãos de papel, contudo o faço destas sobreditas coisas acima, que não faltarão curiosos para o fazer do mais que falta, porque Deus o permite, e manda que sejam públicas as maldades destes tiranos. Deus guarde a Vossas Senhorias, hoje vinte e três de outubro de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos.

Lopo Curado Garro

CAPÍTULO VII

De um encontro, que os moradores de Pernambuco tiveram com os holandeses na estância dos Afogados e de outras novidades que mais succederam

Aos nove dias do mes de novembro de mil e seiscentos e quarenta e cinco saiu o inimigo do Recife com um batalhão de trezentos e doze soldados, bem armados, com armas de fogo e com outra tropa de cento e tantos indios brasileiros seus confederados e com outros muitos negros da Mina e Angola a buscar a nossa gente com intenção de que na água envolta da briga se metessem com eles trezentos e tantos flamengos, que nos andavam servindo no nosso exército e todos em um corpo nos passassem a todos ao fio da espada e assim nos viessem logo ganhando a campanha e degolando aos moradores, e saindo pela paragem da fortaleza dos Afogados, se vieram a emboscar de noite junto ao engenho de Antônio Fernandes Pessoa, por alcunha o Mingau e nas mesmas suas casas que estavam despejadas de gente. Bem viu Henrique Dias da estância aonde residia passar este tropel de soldados para a força dos Afogados e não lhe saiu ao encontro, porque era muita gente e ele não estava preparado; e assim os deixou passar sem dar cópia de si e reservou o encontro para os acolher de emboscada na torna viagem para o Recife, como fez, porém logo mandou avisar a João Fernandes Vieira em como o inimigo estava fora do Recife e que mandasse estar a gente alerta.

Naquella noite saiu o inimigo da fortaleza dos Afogados e se foi emboscar na paragem que temos dito e no seguinte dia ao romper da lua mandou o Capitão Pedro Calvalcanti a Manuel de Souza Uchôa com dois soldados mais a descobrir o campo, os quais o foram fazendo e como não acharam rastro, nem sinal de pés pelo campo e caminho, não se precatando das casas do engenho, foram perpassan-

do por elas e os holandeses que estavam emboscados nas casas dos negros saíram de improviso e tomaram às mãos a Manuel de Souza e a outro seu companheiro e os mataram as cutiladas e estocadas, fazendo-lhes os corpos em pedaços e o terceiro fugiu por pes e dando rebate com o mosquete que levava, se meteu por entre uns densos mangues e assim salvou a vida e veio dar aviso do sucedido ao Capitão Pedro Cavalcanti e ao Capitão João Lopes Vila Franca, que com ele estava, os quais logo abaixaram seus soldados e vieram investir com o inimigo e se travou uma briga cruel de parte a parte. Ouviu-se o estrondo da mosquetaria do nosso Arraial e nos lugares circunvizinhos e como o Capitão Paulo da Cunha estava alojado no engenho de João de Mendonça, que estava mais perto do lugar da bateria, acudiu primeiro, e acometeu ao inimigo com tanto esforço e valor que o meteu em grande aperto. Partiu também logo do nosso Arraial o Governador João Fernandes Vieira e com ele o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros e como estavam fazendo mostra dos soldados estava toda a nossa gente militar junta, partiram após deles quase dois mil soldados e trezentos holandeses, ingleses e alemães, que nos serviam por seu estipêndio e estavam deliberados a rebelar contra nós naquela ocasião, segundo tinham prometido aos do supremo Conselho do Recife; a que não fizeram, porque o seu Mestre de Campo Teodósio de Estrate, como leal aos portugueses, sempre os levou na vanguarda e debaixo das bocas dos nossos mosquetes, e porque viram muita gente junta da nossa parte.

Com a chegada do Governador João Fernandes Vieira ao campo da bateria, se acendeu de sorte o combate, que os holandeses vendo-se oprimidos, pretenderam fazer-se fortes nas casas do engenho e outro batalhão veio cortando ao Capitão Paulo da Cunha por um lado, e o houvera de cortar de todo, se o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso o não socorrera com uma tropa de bons e alentados soldados. Andava já neste tempo o Capitão Paulo da Cunha ferido, com uma bala de mosquete, porém tão embebido na briga, como se não tivera dor alguma, arremeteu a nossa gente à casa do engenho para a pôr em cerco e já os que nela estavam se iam rendendo se lhe não acudira uma tropa dos seus, que embaraçaram a pendência e lhes deram lugar para poderem sair da casa. Baralhou-se a briga, de sorte que o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, por ordem do Governador João

Fernandes Vieira, começou a gritar aos nossos soldados dizendo: *À espada, senhores, à espada*. Levaram das espadas e arremeteram ao inimigo com tanto ruidor, que mataram e feriram a muitos deles e fizeram retirar a todos e os foram seguindo e porque aos nossos ia faltando a pólvora, e balas, chamou o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros ao Capitão dos Cavalheiros Antônio da Silva (o qual andava metido no meio da escaramuça, fazendo sua obrigação com seus soldados, brigando com sua lança e mandando retirar aos mortos e feridos) e lhe disse que mandasse por seus soldados de cavalo buscar pólvora e balas ao Arraial e que para maior diligência fosse ele mesmo em pessoa a buscá-la; ao que o capitão respondeu, que mais fazia em obedecer a seus maiores, que em estar brigando; e logo se partiu a rédea solta, suposto que estava enfermo, porque da cama se havia levantado por acudir ao rebate; e chegando ao Arraial carregou um cunhete de pólvora e iez carregar mais pólvora e balas a quatro soldados seus de cavalo e a mata cavalo a trouxe ao sítio da pendência; e do abalo que fez em si e o mau tratamento que deu ao cavalo, ele tornou a recair e esteve em perigo de morte e teve o seu cavalo, que era de muito preço, mais de oito dias sem se poder ter em pé.

Tanto que a pólvora e balas chegaram, providos os nossos soldados, apertaram tanto com o inimigo que o levaram sempre de retirada até se meterem com ele debaixo da fortaleza dos Afogados, donde os Holandeses que nela estavam disparando tanta artilharia, que nos houveram de matar muita gente, se o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso não mandasse aos nossos que se retirassem, pelo grande perigo, sem nenhum proveito, em que estavam metidos e também fez retirar com requerimentos que lhe fez ao Mestre de Campo André Vidal a quem uma bala de peça lhe tinha roçado a aba do chapéu e o ar da bala o deixou assombrado. Retirou-se a nossa gente e na retaguarda de todos o Governador João Fernandes Vieira, o qual sempre andava metido no meio da escaramuça (não sei com que acertado conselho, porque facilmente o podiam matar e ficar o nosso exército em muito risco e perigo, faltando-lhe a cabeça que o governava, porém seu grande esforço, e valor não lhe dava lugar a outra coisa) porém foi avisado e ainda com protestos de muitas pessoas graves e de seus amigos, que não arriscasse mais sua vida daquela sorte, pois dela dependia todo o peso da guerra e que mais fazia em se pôr em lugar seguro

donde governasse o exército e mandasse prover os lugares de maior perigo e necessitados, do que arriscar em sua pessoa todo o bom successo da empresa da liberdade.

Retirada a nossa gente para lugar seguro das peças de artilharia da fortaleza, o inimigo se foi recolhendo para o Recife, levando consigo os seus feridos e os mortos que pode carregar. Morreram ao inimigo neste encontro setenta e dois soldados e foram muitos feridos. Da nossa parte morreram seis soldados e trinta ficaram feridos. Sucedeu que haviam vindo do sertão da origem do rio Capibaribe cinco Tapuias a nos oferecer seu favor e adjutório nesta guerra, aos quais os holandeses tinham por muitas vezes solicitado, que se quisessem por de sua parte contra nós, o que eles não quiseram fazer, dizendo que não haviam de tomar armas contra os portuguezes, de quem nunca tinham recebido agravo, senão muitas e boas obras. Estes Tapuias selvagens tinham chegado ao nosso Arraial na occasião deste rebate e vinham a saber o que entre nós passava, para que segundo o que vissem e o bom, ou mau tratamento que lhe faziamos, levassem recado a seus parentes, que descessem do sertão a nos ajudar. E estes cinco Tapuias levou João Fernandes Vieira junto a si neste encontro armados de arcos e flechas, que são as suas ordinárias armas; e como eles tanto que ouviam disparar uma peça de artilharia do inimigo, logo se baqueavam em terra atemorizados do estrondo, João Fernandes Vieira lhes mandou dizer por a lingua que com eles e por ele falava, que não fizessem tal coisa, nem tivessem tal temor, porque aquillo não era nada e que tomassem exemplo dos brancos e fizessem o que lhes viam fazer, com o que eles ficaram mais alentados e começaram a brigar animosamente.

Sucedeu que entre os que matamos aos holandeses foi um deles um capitão, o qual vinha muito bem tratado e com muitas plumagens no chapéu e o Governador João Fernandes Vieira mandou que nenhum dos nossos soldados o fosse despir, nem despojar de suas roupas, senão que o entregassem aos Tapuias, para que eles o despojassem e se aproveitassem da pilhagem. Assim se fez, e os Tapuias correram sobre ele e o despojaram com grande festa e este lhe tomou o chapéu, aquele a roupeta e calções, este a camisa, e ceroulas, aquele o talim e a espada e o último finalmente os sapatos e meias, e a banda de tafetá com pontas de prata que levava de-tiracolo e o maioral deles lhe quebrou a ca-

beça com um pau de jucá e com isto ficou armado cavaleiro, segundo suas gentílicas cerimônias e tão contentes ficaram vendo-se em parte vestidos (coisa desusada entre eles, porquanto o seu traje é andarem nus) que não cessavam de dar saltos e com seus rústicos e gentílicos cantares, celebraram sua próspera ventura; e com este engodo e com o bom tratamento que João Fernandes Vieira lhes fez, mandando-lhes dar algum pano de linho para suas mulheres e filhas se cobrirem, se partiram para o sertão, donde dentro em quinze dias tornaram com quarenta camaradas seus, prometendo que em breve tempo desceriam do sertão muitos mais de seus parentes, para rios ajudarem na guerra.

Tornando pois aos holandeses que escaparam com vida deste encontro, quando se iam tornando para o Recife, entre as suas fortalezas dos Afogados e das Cinco Pontas, deu sobre eles Henrique Dias que estava emboscado com os crioulos e Minas de seu terço e lhes deu duas cargas cerradas a mao-tente com a mosquetaria e lhe matou quarenta soldados e feriu a muitos e os que ficaram por escaparem da morte, os que iam diante foram fugindo para o Recife e os que vinham atrás se tornaram a recolher com grande pressa para a fortaleza dos Afogados e os crioulos e mais negros de Henrique Dias se aproveitaram dos despojos, que haviam ficado dos holandeses, assim vestidos, como armas, e suposto que as duas fortalezas dispararam muita artilharia em socorro dos seus, todavia os nossos se recolheram para sua estância, vitoriosos sem receber dano algum de morte, nem ferida e os crioulos e negros Minas se adornavam logo com os vestidos holandeses que haviam tomado no encontro.

Neste encontro dos dez dias de novembro se avantajaram muitos dos nossos soldados, cujos nomes aqui escreverei se não temera agravar a uns, nomeando primeiro a outros, só me resolvo em que todos o fizeram com muito esforço e valor; aqui entre outros, mostraram grande brio, e ânimo o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, os capitães Pedro Calvalcanti, João Lopes Vila Franca, os quais começaram a pendência com o inimigo, Paulo da Cunha, o qual foi o primeiro que chegou com o seu socorro e saiu da briga passado com uma bala, porém dentro em vinte dias foi livre de perigo, Antônio Gonçalves Tição, Francisco Lopes, Domingos Fagundes e Mateus Fagundes, irmãos, Cosmo do Rego, Sebastião Ferreira, Jerônimo da Cunha do Amaral, João Soa-

res de Albuquerque, Paulo Veloso e outros muitos capitães e entre todos o Capitão Manuel Soares Barbosa, o qual estava reformado havendo-o feito maravilhosamente em todo o tempo que teve companhia e nesta ocasião se achou nela como soldado particular e vendo-o metido na bulha os soldados que haviam sido da sua companhia, desampararam o capitão a quem mais por força do que por vontade estavam agregados e se foram pôr ao lado do seu primeiro Capitão Manuel Soares Barbosa, o qual vendo-os chegados a si, investiu com os inimigos com tanto ímpeto, valor e ânimo, que por onde passava ia abrindo largo caminho juncando-o com alguns mortos e regando-o com sangue dos inimigos e com tanta resolução e bizarria, que por boca de todos se lhe deu título de capitão valeroso; e os dois padres da Companhia de Jesus João de Mendonça e Francisco de Avelar, acabada a pendência lhe deram muitos abraços não cabendo de prazer e alegria à vista das proezas que lhe viram fazer. Não ficou atrás em merecer nesta ocasião muito louvor o Padre Frei João da Ressurreição, o qual no meio do combate e entre as balas dos mosquetes, sempre andou animando a nossa gente e confessando aos necessitados com grande risco de sua vida. O que mais succedeu neste encontro se dirá na seguinte página em verso, para mais deleitação do leitor.

Sagrado Marte, esclarecido santo,
Que a meia capa destes ao mesquinho,
Proeza que Jesus estimou tanto,
Que por ela vos deu pálio de arminho;
Assombro do esquadrão de Radamanto,
Valoroso soldado, enfim Martinho,
Com favor que de vossa parte espero
A este tratado dar principio quero

Exemplo de católicos soldados,
Norte e guia de honrados cavalheiros,
Repreensor dos que vivem remontados
Dos caminhos do céu tão verdadeiros;
Soldado, monge e bispo, onde os prelados,
Os monges e os soldados ventureiros
Exemplos achum para que os ajude
O que ama nos soldados a virtude.

Na véspera do vosso santo dia,
Entre as nonas e os idos do noveno
Mês, em que geral mostra se fazia
Dos soldados por mão de Lucideno;
Quando o estrondo da mosquetaria
No Arraial ouvimos não pequeno,
Parte sem mais demora o bom Vieira,
E a todos os mais toma a dianteira.

Parte Negreiros, segue-os toda a gente,
Capitães, e bengeros soldados,
O que tem honra e brios de valente
Vai condenando aos fracos e acanhados;
Enfim a gente parte incontinenti,
E em breve espaço cnega aos Afogados,
Aonde estava Pedro Cavalcanti
Batalhando com os monstros de Levante.

E o caso foi que como estava urdida,
Com embuste, a maranha e traição,
Fez a holandesa gente fermentida,
Contra o bando católico cristão;
Sob a capa da noite denegrida
Se saiu do Recife um esquadrão,
De trezentos e doze ventureros,
E cem índios da terra carniceiros.

Com determinação que os holandeses,
Que andavam entre nós salarizados,
E se achavam conosco as mais das vezes
Fazendo a obrigação de bons soldados;
Em vendo andar os nossos portugueses
No meio de batalha embaraçados,
Contra nós todos juntos rebelassem,
E a todos sem remédio nos matassem.

Ninguém jamais se fie de inimigo,
Por mais leal e firme que pareça,
Porque na ocasião do mor perigo,
Podendo, há de quebrar-vos a cabeça,
Tem peito de traidor, cara de amigo,
De maquinar embustes nunca cessa,
E assim nesta presente ocasião
Nos tinham maquinada a traição.

Entre um denso arvoredado se emboscaram,
Em contorno do engenho do Mingau
Porém por mais que se dissimularam
Foi descoberto seu desenho mau;
Porque os de Henrique Dias divisaram
O esquadrão detrás de um grosso pau,
E todos de mão posta em emboscada
Esperaram ao belga na tornada.

Contudo Henrique Dias de improviso,
Dentro do breve espaço de uma hora
Ao nosso general mandou aviso,
Que o belga do Recife estava fora;
Considera com limpo e bom juízo
Vieira o que lhe importa e sem demora
Aos capitães avisa das estâncias,
Que estejam com espertas vigilâncias

Alertas estarão todos, e em saindo,
Aos dez do mês a aurora matizando
As nuvens de labores, descobrindo
O campo, foram três do nosso bando,
E nos caminhos rastro não sentindo,
As casas do Mingau foram chegando,
E não se precatando do perigo
Se acham entre a esquadra do inimigo.

A dois tomam as mãos e os despedaçam,
Entre os agudos fios das espadas;
A Manuel de Souza Uchoa passam
A garganta e o corpo apunhaladas;
Foge um dos três e porque não lhe façam
Crueldades no corpo desusadas,
Dá rebate dos nossos com o mosquete,
E pelo meio de um mangal se mete.

Corre logo o brioso Cavalcanti,
Com sua valorosa companhia,
Que dos perversos monstros de Levante
O orgulho e braveza não temia;
O bravo Vila Franca vai diante,
De quem se ausenta e foge a covardia.
Ambos de mão comum incorporados
Investem com os flamengos depravados.

Paulo da Cunha capitão, que dava
Exemplo a alentados venturoiros,
Que em casa do Mendonça acaso estava
Estanciado com seus bons guerreiros;
Ouviu o estrondo e com coragem brava
Por se achar neste encontro dos primeiros
Parte do engenho e casa do Mendonça,
Qual leão denodado, tigre ou onça.

A bulha chega, acende-se o combate,
E na briga se foi tanto empenhando,
Que o belga astuto porque o desbaratê
Por o direito lado o foi cortando;
Chega Vieira e com as esporas bate
Os lados do cavalo e vem gritando,
Aqui me tendes bravos portugueses,
Não temais o furor dos holandeses.

O brioso valor que em vós se encerra,
Não o desdoureis, não, neste perigo;
Já que principiastes esta guerra
Dai a estes feros cães cruel castigo;
Na liberdade desta vossa terra
Como governador e como amigo
Aqui me tendes já sacrificado
A jamais me apartar de vosso lado.

Aqui e ali com peito, e rosto irado,
Sobre o rodante carro pressuroso
De Tesifone e Aleto acompanhado
Discorre o fero Marte sanguinoso;
Ora sacode o forte braço armado,
Ora bate o escudo furioso,
Infundindo na lusitana gente
Ira, força, furor e raiva ardente.

Não posso relatar a grão revolta,
O som confuso e o tumulto horrendo,
Anda a batalha em sangue e fogo envolta,
Com fumo o ar se vai escurecendo;
Lucideno dá uma, e outra volta
Pela larga campina discorrendo,
Onde a chusma das balas quando passa
Parece que as estrelas ameaça.

Jerônimo da Cunha do Amaral,
Que como capitão, nobre e honrado,
Acompanhando foi ao general,
Na bulha se mostrou grande soldado;
O Tição, e Carneiro cada qual
Pretende de fazer-se assinalado,
Fagundes, Rego, Lopes e Veloso,
Um é guerreiro, o outro valoroso

Os que pretendem mais assinalar-se,
De honrados pensamentos impelidos,
Não sabem ao que cheira o retirar-se
Entre o furor das armas embebidas;
Os belgas com os desejos de escapar-se
De qualquer vão remédio socorridos,
Detrás dos pés se escondem do arvoredo,
Cheios de sobressaltos, ânsia e medo.

Nosso sargento-mor de sua banda,
Provoca, exorta, anima, move, incita,
Corre, volve, revolve, torna e anda,
Onde o perigo mais o necessita;
Provê, esforça, acode, ordena e manda,
Insta, dá pressa, induz e solicita
Com cara alegre e face prazenteira,
Ganhando fama e honra verdadeira.

Anda por entre as balas passeando,
Diligente, solícito, animoso,
Acode a todas partes, reparando
O de menos remédio e duvidoso;
Com que (exortado) o lusitano bando
De um fim e honrada morte desejoso,
A Antônio Dias vendo ali consigo,
Cada qual arremete ao inimigo

Nota o sargento-mor que anda ferido,
O bravo e animoso Capitão
Paulo da Cunha, mas embravecido
Qual furioso e ínclito Roldão;
E porque logo seja socorrido
A socorrê-lo vai com um batalhão
De setenta mancebos esforçados,
A morrer, ou vencer deliberados

E em se dando a primeira surriada,
Com mosquetes, pistolas e espingardas,
Grita, à espada, a eles, à espada,
Provem-se as lanças, chuços, e alabardas;
Vê-se com isto a bulha embaraçada,
Ah pérfido holandês! que te acovardas?
Espera, aguarda, porque te retiras
Observante da seita das mentiras?

Sentem-se os holandeses perturbados,
C'os penetrantes golpes das espadas,
Vendo já dos seus muitos estirados
Na verde relva dando boqueadas;
E cheios de temor, e acovardados,
As costas viram, mas com pelouradas
Em seu alcance vão correndo os nossos,
Abrindo a carne e quebrando os ossos.

Correndo desta sorte a grão porfia,
Os seguimos até se verem perto
Dos Afogados, donde a artilharia
Da sua força, os livrou de aperto;
Vêm os da força a nossa infantaria
Perto de si e em campo descoberto,
E tantas balas dela despediram,
Que a chegada aos nossos impediram.

Uma bala de uma horrenda peça,
Foi roçando o chapéu a André Vidal,
O qual se retirou com grande pressa,
Porquanto estava exposto a grande mal,
Antônio Dias logo se atravessa
Diante dos soldados, cada qual
A voz ouvida do sargento-mor
Segue a ordem de seu governador.

Seis soldados dos nossos acabaram,
A vida neste encontro honradamente,
Trinta foram feridos, mas deixaram
De seu brio e valor, nome excelente;
Entre os muitos que aqui se assinalaram,
Que todos o fizeram bravamente,
Foram Cunha, Tição e outros seis pares,
Mas entre todos foi Manuel Soares.

Havia sido de antes capitão,
E no cargo mostrou seu peito ousado,
E sentindo a primeira ocasião
Nela se quis achar como soldado;
E mostrando braveza de leão
Coragento, indômito, assanhado,
Tantas proezas fez que a nossa gente
Lhe deu título honroso de valente.

Aqui e ali se achava e com porfia,
As adensadas tropas do inimigo,
Com taí esforço e brio acometia,
Que sempre andou metido em grão perigo,
Os dois padres da santa Companhia
de Jesus (que estão vendo o que aqui digo)
Lhe rogam larga vida e abrindo os braços
Lhe dão amorosíssimos abraços.

Chamavam-se Mendonça e Avelar,
Estes padres de todos venerados,
De vida santa, pura e exemplar,
À salvação das almas inclinados;
Ali se acharam para confessar
Aos de confissão necessitados,
E vendo esse mancebo o que fazia,
Os corações lhes saltam de alegria.

Setenta e dois morreram nesta empresa,
Ao belga, não falando nos feridos,
Que escapando da fúria portuguesa
Foram para o Recife retraídos;
Estes de ali se acharem bem lhes pesa,
Porque se vêm das balas escozidos,
Aqueles já sem braços e sem pernas,
Não podem sofrer dores tão internas

O bravo Henrique Dias como astuto,
Não se apartou do seu alojamento,
Dizendo, aqui virá pagar tributo
Este holandês rebelde e coragento;
Na retirada colherei o fruto
(Como m'o está ditando o pensamento)
E pondo seus soldados de emboscada
Esperou o inimigo na tornada.

O qual tanto que viu que a nossa gente,
Se havia para o campo retirado,
Logo sem mais tardar, incontinenti
Se recolheu, confuso e enfadado;
Chorando vão seus males tristemente,
Sai da emboscada o negro bando ousado,
E quarenta lhe matam, muitos ferem,
Pondo em risco aos mais que desesperem.

Dos que escapam da triste e fera morte,
Uns vão para o Recife a rédea solta,
Outros virão correndo para o Forte,
Porquanto vêm que corre a água envolta;
Tiranos belgas, não foi fausta sorte
A que vos sucedeu nesta revolta,
Ou saí menos vezes à campanha,
Ou vos provei de gente, força e manha.

Os nossos todos vêm aonde os espera,
O bom Governador bravo Vieira,
Que para os receber ali viera
Com catadura alegre e prazenteira;
Não vos perturbe (diz) a morte fera,
Que pela Fé de Cristo verdadeira,
E pela liberdade pelejando
Sempre há de ter vitória o nosso bando

Sobre um cavalo estava, que tremia,
C'o belígero estrondo e fúria brava,
E com as mãos a terra desfazia,
E pelo freio e dentes escumava;
Um brioso deus Marte parecia
No generoso aspecto que mostrava,
Com ele está o heróico Negreiros,
Exemplo de soldados venturosos.

Era mestre de campo este brioso,
E valente mancebo nesta terra,
Alegre no semblante, gesto airoso,
Poucas carnes, mas hábil para a guerra;
De heróicas empresas cobiçoso,
Peito aonde o temor jamais se encerra,
Espírito que aspira a grandes glórias
Por meio de triunfos e vitórias.

Os dois mestres de campo retiraram,
Para o nosso Arraial a infantaria,
E os cruéis holandeses lamentaram
De seus atrevimentos a porfia;
E pois nossos soldados descansaram
Do trabalho, descanse a poesia,
E enquanto se tempera o instrumento,
Para cantar teremos novo alento

Aos treze dias do mês de novembro estando os crioulos de Henrique Dias emboscados entre as fortalezas do inimigo, veio passando uma tropa de holandeses da Cidade Maurícia para os Afogados, a mudar os que estavam de guarda na fortaleza, porquanto um holandês descobriu, ou mexericou falsamente aos do supremo Concelho, que trinta franceses que assistiam na fortaleza, tinham determinado de matar em uma noite a todos os holandeses, que nela estavam, e entregá-la aos portugueses. Com este aviso mandaram os do Concelho prender ao comendor da fortaleza (o que fizeram com muito segredo dentro de três dias) e nunca sabemos de certo o que neste caso succedeu, mais que o dizer um negro que fugiu do Recife para nós, que trataram a quatro soldados e enforcaram um. Vindo pois esta tropa de holandeses para os Afogados, e passando por onde estava a nossa emboscada, deram sobre eles os soldados de Henrique Dias e mataram dez e feriram alguns e os demais se puseram em fugida, largando no campo muita roupa branca dos seus soldados que levavam para se lavar e tomamos três vivos às mãos, os quais trazidos ao nosso Arraial, feitas perguntas, não quiseram confessar coisa de consideração e os nossos mestres de campo os mandaram prender a bom recado, até se oferecer ocasião de os mandarem para a Bahia.

No seguinte dia, em quatorze do mês avisou Henrique Dias aos nossos mestres de campo em como todos os sábados vinha uma tropa de holandeses do Recife para os Afogados com muitos negros carregados com mantimento de comer e beber para os soldados que estavam na fortaleza, e que bom seria armar-lhe algum laço para os apanhar e de volta fazer alguma honrada empresa. Consultaram João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros no que se poderia fazer e sem dar conta a pessoa alguma, por não se divulgar sua determinação, se resolveram e puseram por obra o seguinte: Tinham também aviso os nossos mestres de campo como naquela noite estavam os holandeses para sair

com todo seu cabedal para darem de sobressalto sobre o nosso Arraial e com a perturbação repentina terem lugar de se meterem com eles os holandeses que estavam entre nós, e acabar-nos a todos por uma vez, segundo tinham contratado entre si; e pelo qual respeito mandou João Fernandes Vieira fornecer de mais gente os capitães das estâncias, para que o inimigo achasse resistência por qualquer parte que acomessem a saída; e ele com seu camarada o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, deixando bem fornecido o nosso Arraial, se foram emboscar com todo o resto da nossa gente debaixo da artilharia da fortaleza dos Afogados, para que se o inimigo saísse dessem sobre ele e quando os holandeses se recolhessem para a fortaleza, os fôssemos seguindo de tropa e misturados com eles, entrássemos por a porta da fortaleza e assim lh'a ganhássemos, sem que do Recife lhe pudesse vir socorro, porquanto o caminho estava tomado com a gente de Henrique Dias, que também estava emboscada.

Passou-se a noite e saiu o sol no seguinte dia e o inimigo saiu da fortaleza, ou porque teve algum aviso de algum traidor, ou porque sentiu a nossa emboscada, por estarmos mui pegados da fortaleza. Entre as sete, e as oito horas da manhã veio saindo da Cidade Maurícia a tropa dos holandeses com o provimento da sustentação para os que estavam na fortaleza e Henrique Dias deu sobre ele com a sua gente, que tinha emboscada e lhe matou doze homens e tomou três vivos e parte do provimento e os demais começaram a travar pendência, mas como era entre as fortalezas do inimigo, dispararam delas tantas balas de artilharia, que por não se arriscar a nossa gente a nos morrerem muitos soldados no seguimento do alcance dos holandeses, que iam fugindo, se tornou Henrique Dias para a sua estância, aonde já achou a João Fernandes Vieira e André Vidal com toda sua infantaria, porque tanto que ouviram o estrondo dos mosquetes, levantaram logo a emboscada e foram por entre o mato e muitos à vista da fortaleza, acudir à paragem aonde havia a pendência, a qual já quando chegaram, já estava acabada.

Estava nesta ocasião Paulo da Cunha Souto Minor com a sua companhia alojado na casa de Sebastião de Carvalho, e tanto que ouviu o estrondo da artilharia, partiu com sua gente de socorro para a parte dos Afogados e tanto que chegou, informado do que havia sido, se tornou a recolher

gastando duas ou três horas na ida e vinda e havendo deixado na casa de Sebastião de Carvalho um baú com a sua roupa de vestir e os seus soldados as suas mochilas e sendo a dita casa nova e mui forte, toda feita de tijolo, cal e fundada sobre muitos e mui grossos pilares de tijolo e ela em si mui grande, e espaçosa, e com uma escada pela parte de fora feita de pedra de cantaria e não ficando nela fogo, quando o Capitão Paulo da Cunha tornou para ela, para se agasalhar com seus soldados, a achou toda abrasada com fogo, o madeiramento feito em pó e cinza, as paredes caídas e feitas em pedaços, as telhas em migalhas, a escada de pedra de cantaria, feita em carvão; e tudo com tão notável estrago e em tão breve espaço de tempo, que feitas diligências notáveis sobre o caso, e não se podendo achar nem por suspeitas quem pudesse haver posto o tal fogo nas casas; e, julgando-se que aquele estrago tão extraordinário não podia ser feito em tão breve tempo por arte humana, se averiguou que aquele fogo, ou havia descido do céu, ou saído do inferno e que aquela demonstração de castigo, ou havia sido por mandado de Deus, ou por arte do diabo, em pago de tão grande traição, que Sebastião de Carvalho havia feito, descobrindo aos holandeses a mancomunação que se havia feito, para a empresa da liberdade de sua pátria, a qual sem dúvida houvera de conseguir glorioso efeito e com facilidade, segundo estava traçada e os holandeses descuidados e com pouca gente, e suas fortalezas desmanteladas, o que tudo se impediu com ele descobrir ao inimigo a honrosa empresa que já estava para se dar à execução por João Fernandes Vieira e por os mais moradores que se lhe tinham agregado debaixo de juramento de fidelidade e como ele com o aviso que deu aos holandeses metendo-se logo com eles no Recife, foi causa de muitas mortes e prisões dos moradores, e de o inimigo mandar roubar a todos os da terra, e principalmente aos conjurados e de se lhe fazerem notáveis agravos em suas mulheres e filhas, fez Deus esta demonstração de castigo nas suas casas, para exemplo, e esgarmento de corações obstinados e esquecidos do que devem a Deus, e a seus próximos.

Aos dezesseis dias de novembro, arreceando os holandeses que andavam servindo ao nosso exército, que se descobrisse a traição que nos tinham preparada e que descoberta os passássemos todos ao fio da espada; porque, segundo diz o Espírito Santo, Proverb. 13. n. 19: *Fugit impius, ni-*

mene persequente: o mau sempre foge sem que ninguém o persiga; porque um traidor e aleivoso ainda que não se veja cercado de exércitos postos em campo, nem acompanhado de quadrilhas de ladrões, o que o faz temer e arrepear é a consciência perturbada, que como o pecado a inquieta, em nada se aquieta, antes como o diz Santo Ambrósio, lib. de Cain: *Semper sava preasumit perturbata conscientia*. Consciência remordida da culpa tudo se lhe afigura em ministros da pena; e estes eram os todos, que o segundo homem, primeiro filho da desesperação, mal-aventurado Cain, temia que o matassem quando se conheceu por homicida das martirizadas primícias do inocente sangue de Abel. Pequei, diz ele, odiei-me com meu criador, provoquei a meu odio as criaturas todas: *Omnis, qui viderit me, occidet me*, Genes. cap. 2. Quem quer que assim me vir me há de matar, em minha morte se hão de conjurar todos; e que todos? Desgraçado homem! De que todos te temes? Toda a multiplicação do gênero humano estava por então só em quatro pessoas e ainda o justo Abel morto, só três eram os vivos, o pai Adão, a mãe Eva e o mau filho Cain. Ora pois quem são estes todos, que o matador fero assim chora e teme que o matem? *Omnis, qui viderit me, occidet me*? Sabeis quem são estes? É a má consciência remordida da culpa, que tudo se lhe afigura em ministros da pena, o inferno com tudo o que encerra, o céu com quanto abarca, a terra com tudo o que sustenta, tudo em tudo, de maior a menor, até as folhirhas das árvores, meneadas à viração do vento, os prados frescos, cheios de verdura, os jardins alcatifados de várias flores, com mil matizes de cravos, lírios e rosas, até esses teme e até deles faz a má consciência que fuja o pecador ainda que ninguém o persiga: *Fugir impius, nemine persequente*.

Como pois os holandeses, que serviam no nosso exército, andassem perturbados e sobressaltados de que se descobrisse a traição que nos tinham urdida. Aos dezesseis dias de novembro em se lhes acabando de fazer o pagamento do seu soldo (o que se lhe fazia todos os meses pontualmente) foram ter com o Governador João Fernandes Vieira e com o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros e lhes disseram que eles estavam tão agradecidos do bom e honrado tratamento, que os portugueses lhes faziam e da pontualidade com que lhe pagavam seu soldo, que para se mostrarem agradecidos e merecerem algum bom prêmio queriam fazer uma empresa de muita consideração, em proveito nosso

e dano do inimigo e que para isso lhe mandassem dar ração para tres dias, porque dois capitães holandeses com as suas companhias queriam ir a fazer uma emboscada, aonde sabiam que haviam de matar a muitos dos inimigos, que haviam de sair a buscar agua doce para beberem. Concederam-lhe os nossos dois governadores e mandaram pôr a gente holandesa em ala e os capitães apresentaram as suas duas companhias e apontaram a outros muitos, que também queriam acompanhá-los na empresa; porém o seu Mestre de Campo Teodósio de Estrate, como era homem criado na milicia e conhecia a natureza e condição dos holandeses, que naturalmente são inclinados a fazer traições e pode ser que tivesse alguma confusa noticia, ou suspeita desta maranha, não quis dar aos dois capitães os soldados, que eles tinham escolhido, senão que das outras companhias foi tirando daquí três e dali quatro e lhe fez um número de sessenta e três e os dois capitães eram sessenta e cinco. Partiram-se os dois capitães flamengos do nosso Arraial e foi com eles um ajudante nosso, com ordem aos capitães das estâncias para que os deixassem passar livremente, o que assim se fez e o ajudante se tornou. Os dois capitães flamengos disseram aos das nossas estâncias que não se bulissem delas, enquanto não ouvissem carga cerrada de mosquetaria e isto lhes disseram, porque pretendiam ir-se para o Recife, e tornar logo com muita gente a dar de noite sobre as nossas estâncias e desbaratá-las e abrir ocasião para os holandeses, que estavam entre nós, rebelarem e nos destruísem na água envolta, sem que o pudéssemos remediar.

Tanto que estes dois capitães holandeses passaram as nossas estâncias, se foram emboscar entre os mangues junto ao rio Beberibe, aonde chamam o buraco de Santiago e tanto que foi baixamar se passaram da outra parte do rio e se puseram na restinga da areia, que faz divisão entre o rio e a costa do mar, por onde é a serventia ordinária (e não há outra) do Recife para a vila de Olinda, e da vila para o Recife e tanto que ali se viram e entre as suas fortalezas, foram tocando caixa e marchando para o Recife, aonde os vieram esperar os do supremo Concelho fora das portas, e os receberam com grande festa. No mesmo dia fugiu um negro Mina para nós de entre o inimigo e disse que no Recife havia entrado uma tropa de soldados flamengos, com caixa tangida e que os holandeses e judeus estavam mui contentes. Ouviu o Governador João Fernandes

esta nova e antes que se divulgasse por entre a gente, mandou aos capitães das estâncias que mandassem descobrir o campo por soldados práticos na terra, versados nos caminhos e atalhos daquela paragem, até descobrirem o lugar aonde os holandeses estavam emboscados, o que se fez com toda a diligência, e não achando o rastro, nem noticia de tais holandeses, tornaram com recado ao governador, o qual tanto que isto ouviu tomou conselho com o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, sobre o que se devia fazer nesta matéria, para maior segurança.

Mandaram logo chamar ao Mestre de Campo dos holandeses Teodósio de Estrate e lhe deram conta do sucedido e lhe perguntaram o que lhe parecia que se devia fazer a vista de tao grande traição. O qual como amigo fiel e inocente no caso, lhes respondeu desta maneira: *Senhores governadores, eu não me posso persuadir, que os dois capitães holandeses e soldados, que consigo levaram se hajam ido para o Recife, porquanto muitos deles deixaram entre nós suas mulheres e filhos e seus escravos; porém quando eles se hajam ido, coisa certa, é que a conjuração e traição estava maquinada por todos, porquanto não eram só aqueles os que estavam mancomunados, pois Vossas Senhorias bem viram que eu lhes tirei os soldados que eles apresentaram, e em seu lugar lhes dei outros tirados atrás, a quatro e a cinco das outras companhias, pelo que se estes foram para o Recife, todos os que entre nós estão são traidores e conforme as leis da milícia, em que eu me criei, todos são culpados e dignos de morte, sem remissão e eu em primeiro lugar, pois aceitei o cargo de mestre de campo de gente tão infame e mais tendo larga experiência da condição dos holandeses, que é serem traidores* E ditas estas razões se recolheu Teodósio de Estrate com o seu Sargento-mor Francisco de Lattour à sua casa tão confuso e triste, que não se atrevia a falar com gente; e derramando algumas lágrimas de pura tristeza e pesar.

Mandaram logo os nossos governadores e mestre de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, tomar as armas a todos os holandeses e mais estrangeiros que entre nós militavam e os meteram dentro no nosso esquadrão, que logo se pôs a ponto de guerra e mandaram dar busca por os alojamentos e barracas dos holandeses e acharam nelas queijos de Holanda, biscoitos, manteiga, arenques e peixe pau, que eram coisas que

no nosso exercito não havia. Certo sinal de que estes traidores iam de noite ao Recife a tratar a traição com os governadores dele e a descobrirem-lhe tudo o que entre nós se passava e de lá traziam aquelas espécies de mantimentos.

Averiguada a traição com estas demonstrações, estiveram todos os holandeses desarmados e metidos dentro no nosso esquadrão, toda aquela tarde e à noite seguinte e tanto que apontou a luz do dia, por não haver tanto derramamento de sangue, foram mandados em tropas para a Bahia com alguma gente de guarda e até as mulheres e meninos holandeses que entre nós havia, que faziam numero de quatrocentos e também mandou Joao Fernandes Vieira ordem aos nossos capitães que assistiam no Rio Grande, os quais vinham levado consigo duas companhias de flamengos para os ajudarem na guerra, que logo os desarmassem e os mandassem para a Bahia com boa guarda dos moradores da terra; e assim deitamos de entre nós a todos os estrangeiros, com o que ficamos aliviados e fora de tão evidente perigo, e somente ficaram entre nós o Mestre de Campo Teodósio de Estrate, de cuja fidelidade estávamos bem inteirados e o Sargento-mor Francisco de Latour e dois mancebos mestres de obras, os quais andavam dando ordem e trabalhando na fábrica da nossa fortaleza, também ficaram oito, ou dez mulheres flamengas, as quais disseram que eram católicas romanas e pediram com muitos rogos e lágrimas, que as não mandassem para a Bahia, porquanto elas queriam ficar entre os senhores portugueses, aonde as tratavam com tanta cortesia e lhe faziam tanto favor e mercê.

E como os moradores da terra foram comboiando aos holandeses traidores de freguesia em freguesia, acompanhando-os os desta até os entregar aos daquela, até o rio de S. Francisco, suceden que pelo camidho, vindo os moradores de Pernambuco passar por suas casas a muitos holandeses que lhe haviam roubado suas fazendas, despido e injuriado suas mulheres e filhas e tantas tiranias e crueldades haviam com eles usado, mataram a alguns e deitaram seus corpos nos rios, e a outros esconderam por os matos, não lhe sofrendo seus lastimados corações o deixá-los passar sem vingança; soube disto o Governador João Fernandes Vieira e depois de o estranhar muito, determinou de fazer um notável castigo nos moradores e querendo-o executar se levantaram os moradores e lhe disseram, que o aoertado fora mandar degolar a todos aqueles traidores, pois tão merecida tinham a

morte, pelas tiranias e crueldades que tinham usado com todo aquele povo e pela traição presente que nos tinham preparado e que se elle dito governador castigava por aquella culpa a algum morador, logo todos os mais o haviam de desamparar e irem-se para suas casas. Foi o descobrimento desta traição a juizo de prudentes varões, o maior milagre que Deus obrou nesta empresa da liberdade, porque se se não descobrira por ordem do céu, todos os moradores de Pernambuco estavam vendidos e na primeira ocasião de retirada da nossa parte, ou de alguma pendência embaraçada, ou de algum descuido nosso, nos haviam de matar a todos, sem misericórdia, nem piedade, porém como esta guerra foi principiada pela honra de Deus e em defesa de sua Santa Fé Catholica e pela liberdade da patria, Deus acudiu por sua causa e por os seus affligidos portuguezes.

Tanto que os traidores holandeses foram mandados para a Bahia, ordenou um capitão dos que assistiam nas nossas estancias mais chegadas ao inimigo, uma estratégia-ma notavel para fazer que os governadores do Recife mandassem enforcar aos sessenta e cinco flamengos que haviam fugido de entre nos e se haviam ido para eles; e foi que escreveu uma carta aos do supremo Concelho debaixo de nome de um morador da terra, o qual tinhamos em prisão por as grandes suspeitas com alguma prova que havia de que nos era traidor e mandava alguns avisos ao inimigo e mandou por uma das nossas sentinelas perdidas deitar esta carta de noite junto à porta da fortaleza dos Afogados, para que os holandeses a achassem (como acharam, segundo ao depois se soube por um flamengo que tomamos vivo) e a lessem em Concelho. E a carta dizia desta maneira: *Não entendam Vossas Senhorias que lhe faltam amigo entre os portuguezes e porque bem pode conhecer quem é o que esta lhe escreve e lhe manda este aviso, Vossas Senhorias não de saber que estes dois capitães flamengos, que para esse Recife se foram com seus soldados, não vão fugidos, mas antes são traidores, os quaes vão por mandado de João Fernandês Vieira a solicitar com dinheiro e grandes promessas os ânimos dos capitães e soldados desse Recife, para que o entreguem.* Esta carta fez tanto abalo nos do supremo Concelho, que sem dar cópia dela a ninguém, deitaram pelo Recife espias secretas, que esquadrinhassem os ânimos dos que haviam fugido e notassem suas palavras, para ver se podiam

descobrir neles algum danado intento, que cheirasse a traição.

Sucedeu que estando dois destes fugidos bebendo alegremente com outros seus patricios em uma taverna, segundo seu ordinario costume, entre pratica perguntaram os outros compatriotas, se os portugueses faziam bom tratamento aos holandeses, que andavam no seu exercito e se lhe davam boa ração e lhe pagavam seu soldo com pontualidade cada mes? Ao que os dois responderam, que o tratamento era bom e que nunca lhe faltava a ração quotidiana de farinha e carne fresca em abundância, para cuja prova tinham ainda as suas mochilas cheias de farinha e carne assada e que no tocante ao soldo, todos os meses se fazia pagamento aos soldados rasos de cinco patacas e aos officiaes maior estipêndio segundo os postos e praças que occupavam; e para maior prova do que diziam, meteram as maos nas algibeiras e mostraram as patacas e mandaram vir cerveja e aguardente, com que brindaram aos circunstantes. Souberam logo isso os do supremo Concelho e cheirando-lhe a espécie de traição, mandaram prender aos dois e lhes deram tormento e suposto que não confessaram coisa alguma, os mandaram enforcar e os capitães mandaram meter em uma fortaleza para se fazer com eles exame, porém dentro de três dias foram desenganados do enredo, porque um traidor os avisou em como já entre nós não havia soldados holandeses, nem moradores flamengos, porquanto os haviam mandado a todos para a Bahia por a culpa da traição que nos tinham urdido e então soltaram aos que tinham presos, conhecendo ser estratagemma a carta e que se havia feito para que elles matassem aos que nos haviam fugido; porém deste dia em diante não saíram mais holandeses fora do Recife em forma de peleja, no que se acabou de verificar, que as saídas tão continuas que de antes faziam eram por a traição que nos tinham preparada e andavam buscando occasião para a executar no primeiro descuido de nossa parte.

Neste mesmo mês de novembro chegou à Bahia em uma caravela do Reino o Capitão Manuel Ribeiro com uma companhia de socorro e o Governador Geral Antônio Teles da Silva o mandou na mesma caravela com munições e armas para Pernambuco, com ordem que não podendo tomar o porto de Nazaré arribasse ao mesmo porto da Bahia, pelo risco que corria nos outros portos; e na altura do Porto Calvo perseguido de duas naus do inimigo, que três dias o seguiu

impedindo-lhe tomar o porto que buscava, tomou fala dos moradores e achou que carecia a nossa gente de pólvora, balas e armas que ele trazia, excedeu a ordem e tomou o porto da barra grande, tocando a rebate com toda a mosquetaria e acudindo-lhe os moradores daquele distrito e com os seus soldados e gente do mar deitou todas as munições em terra, defendendo a caravela até a noite seguinte, na qual a deitou fora da barra na volta da Bahia, em cuja obra desconcertou um pé, de que ficou coxo alguns dias e logo com a sua boa industria e assistente trabalho, comboiou todas estas munições até o nosso Arraial aonde estava servindo no cargo de capitão. Vieram nesta caravela algumas cartas do Governador das armas holandesas Henrique Hus e do capitão-mor dos brasilianos e do sargento-mor, que estavam prisioneiros na Bahia, aos quais havíamos rendido na vitória da casa forte de Dona Ana Pais, as quais cartas mandavam com licença do nosso Governador Geral aos do supremo Concelho do Recife, sobre certos concertos que pediam, e trocas de pessoas, para beneficio de seu livramento; também por os que vieram comboiando as munições, mandou D. Jerônimo de Almeida do Porto Calvo cem dobrões e duas capoeiras de galinhas a seu marido Rodrigo de Barros Pimentel, o qual estava preso e muito enfermo no Recife, o qual havia sido preso por os holandeses no principio da conjuração da liberdade e se sabia que padecia muitas necessidades.

Com o achaque destas cartas mandaram os nossos governadores ao Recife o Ajudante Cardoso, o qual foi bem recebido, suposto que ao entrar das suas trincheiras para dentro lhe taparam os olhos, coisa que nós nunca fazíamos aos embaixadores flamengos, porque tanto que chegavam às nossas estâncias sempre vinham por entre gente de armas, até que chegavam ao nosso Arraial. No supremo Concelho destaparam os olhos do ajudante, o qual entregou as cartas que levava e o provimento para Rodrigo de Barros; e enquanto no Concelho se liam as cartas e se respondia a elas, o mandaram agasalhar em casa do Secretário João Balbeque, o qual o banqueteu esplendidamente e ali o vieram a visitar as mulheres dos holandeses que estiveram prisioneiros na Bahia e em primeiro lugar Margarida Males Armes, mulher do Governador da milícia Henrique Hus e pretendendo todas brindá-lo à mesa, segundo seu ordinário costume, ele lh'o agradeceu com muita cortesia, porém escusou-se dizendo

que não bebia vinho, nem aguardente, nem cerveja, senão agua pura, disse-lhe então Margarida a mulher do Governador Henrique Hus, que estava em muita obrigação ao Governador da Bahia Antônio Teles da Silva, por as muitas mercês, favores e bom tratamento que fazia aos holandeses prisioneiros que lá tinha e principalmente a seu marido, segundo ele lho escrevia e que o dito governador devia de ser grande senhor e grande fidalgo, pois com tanta cortesia sabia tratar os prisioneiros.

Logo os do supremo Concelho mandaram dizer ao ajudante, que eles não podiam responder com tanta brevidade as cartas que havia trazido, por os muitos negocios que tinham entre maos a que acudir, porem que se ele quisesse esperar tres dias no Recife, que lhes dariam resposta em forma e que quando não quisesse esperar, se podia tornar em paz e que eles mandariam a resposta em forma. Não quis o ajudante esperar e pediu aos do Concelho que lhe dessem licença para comprar umas plumagens de cores para trazer no chapéu e ser conhecido dos holandeses no primeiro encontro em que se achassem. Riram-se os do Concelho e concederam o que se lhe pediu. Comprou o ajudante as plumas na loja de um judeu e logo o mandaram pôr fora de suas fortificações e assim se tornou para o nosso Arraial, aonde contou aos nossos governadores as muitas e diferentes perguntas que os do Concelho lhe fizeram sobre as matérias da guerra e as sagazes respostas que ele lhes deu como versado nelas.

Tanto que o Ajudante Cardoso saiu fora da fortificação dos Afogados achou no caminho uma carta fechada com um subscrito, que dizia: *A mim her Jan Jaens*. A qual os holandeses haviam ali deitado, de industria, para que o ajudante a trouxesse ao nosso Arraial, o qual a trouxe e os nossos governadores a abriram e acharam dentro nela duas gazetas que haviam vindo de Holanda impressas em lingua flamenga, com duas relações das novidades e sucessos que de presente havia por toda Europa e juntamente uma carta para o Mestre de Campo Teodósio de Estrate. Foram logo chamados Teodósio de Estrate e Alberto Gerardo para que lessem as gazetas e entre outras muitas novas, que nelas se continham do que se passava pelo mundo, ou fossem verdadeiras, ou falsas, em uma verba se dizia em uma das gazetas o seguinte: *No Estado do Brasil se levantaram os moradores da Capitania de Pernambuco, que estavam debaixo do*

nosso domínio e rebelaram contra os Senhores Estados e contra a illustre Companhia e tomaram armas e se recolheram para os matos; porém estes rebelados são quatro coitados, os quais logo serão castigados, segundo merecem, porque nem eles têm cabedal para se defenderem de nosso poder, nem ânimo para nos fazer guerra, ainda que nos puderam fazer grande dano, segundo estávamos despercebidos, se não foram avisados da traição por Sebastião de Carvalho e outros moradores da terra, que eram nossos amigos fiéis.

A carta que vinha para Teodósio de Estrate dizia o seguinte: *Sois um infame cachorro e traidor aos Senhores Estados e Companhia que com tão pouca vergonha, tendo-vos feito governador da fortaleza de Nazaré que era a melhor que tínhamos nesta costa, a entregastes aos portugueses e agora com tão pouco pejo os estais servindo na guerra como velhaco e infame. Pela qual razão os senhores do supremo Concelho vos condenaram logo à morte e ao vosso Sargento-mor Francisco de Latour, que basta ser francês, para também ser traidor. E assim a vós vos degolaram em estátua por detrás como infame e logo vos queimaram à vista de todo o povo e a vosso sargento-mor enforcaram e logo lhe fizeram a estátua em quartos e os puseram pendurados da forca, pelo que vossa vida e honra não têm remissão para conosco. Tanto que Teodósio de Estrate leu a carta, ficou mui alegre, e logo determinou de responder em forma, o que fez de palavra pelo embaixador, que dentro de quatro dias veio ao nosso Arraial, pelo qual mandou dizer aos do supremo Concelho, que ainda comia e bebia e se regalava à mesa dos senhores portugueses governadores da honrada empresa da liberdade, e que no primeiro encontro que se oferecesse lhes faria conhecer se estava ele já degolado e queimado, ou se estava ainda vivo e tinha mãos e ânimo para pelear contra tão grandes tiranos e ladrões como eles eram.*

No princípio de dezembro partiram de entre nós dois soldados filhos de Pernambuco, com intenção de irem queimar as naus do inimigo que estavam ancoradas no porto do Recife e embarcando-se ambos nus em uma jangada na barreta, vieram com seus artificios de fogo pelo escuro da noite a parar entre as naus inimigas, e pregando nas duas maiores os artificios que levavam, lhe puseram o fogo, o qual por ir um dos artificios molhado, não ateou bem; e o outro se acendeu com tal fúria, que começou a arder a nau e se queimou até o mastro grande e se o vento despertara, houvera

de arder todas as naus que no porto estavam ancoradas, acudiram logo os holandeses do Recife e apagaram o fogo coalhando o mar de batéis, canoas e jangadas e outros cortaram as amarras às outras naus, deixando-as ir para onde a água e vento as levava e o mulhierio do Recife se passou logo fugindo para a Cidade Maurícia, com temor que o fogo se ateasse nas casas. No meio desta bulha e alarido tiveram lugar os dois mancebos de vararem com a sua jangada na praia do mar, entre o forte chamado de Diogo Pais e a porta do Recife e carregando-a ambos às costas, a tornaram a deitar da outra parte da restinga da areia no rio Beberibe e se vieram recolhendo para as Salinas, aonde estavam os nossos capitães das estâncias; porém succedeu a um deles uma grande desgraça e foi que vindo chegando aonde estavam as nossas sentinelas, disparou um soldado nosso bizonho a espingarda e o passou por uma perna com um pelouro e ainda que o mancebo vinha gritando que era português, não valeu para que o soldado deixasse de lhe atirar, porque o medo com que estava lhe fez imaginar, que aquele mancebo nu era um esquadrão de índios brasileiros do inimigo. Esteve o mancebo perigoso da ferida, porém escapou e os holandeses ficaram tão sobressaltados, que logo mandaram deitar as suas naus fora da barra, e nunca mais as tiveram juntas no porto do Recife para dentro. O mancebo ferido se chamava João Tavares da Muribeca.

Neste comenos veio nova aos nossos governadores do grande estrago que o inimigo andava fazendo nos moradores, na paragem do Cunhaú, entre o Rio Grande e a Paraíba. e logo o Governador Camarão partiu do nosso Arraial, de socorro com o seu terço dos índios e com duzentos e tantos Tapuias, que nos tinham chegado do rio de São Francisco mandados por o principal chamado o Rodela, para nos ajudarem nesta guerra, também levou consigo o Camarão duas companhias de soldados moradores da terra e todos iam à sua obediência, por ele ser homem (além de mui animoso) mui experimentado, e ardiloso na milícia; porém os successos desta jornada do Camarão, não os sei ao certo e assim espero por sua tornada para me informar com verdade e escrevê-los por extenso como convém.

Como a seca foi tão rigorosa e as calmas apertavam demasiado por ser no meio do verão, sobrevieram em Pernambuco umas doenças contagiosas de catarros, pontadas e febres malignas, com as quais morreu muita gente por toda

a Capitania e com mortes tão apressadas, que dentro em vinte e quatro horas picava a enfermidade e o enfermo acabava a vida; e houve casa aonde dentro de dois dias morreram nove pessoas, que tão contagiosas eram as enfermidades. Também no Recife morreu muita gente aos holandeses e ainda hoje morre. Vendo o Governador João Fernandes Vieira, que isto era como ramo de peste e que a casa da Misericórdia e hospital estavam cheias de soldados enfermos e que morriam muitos, por a pouca comodidade e aparelho para os curarem, mandou pôr no hospital entre os enfermos em um altar a imagem do glorioso São Gonçalo, aonde todos os dias se celebravam missas e logo ordenou que se fizesse uma procissão solene, na qual com ladainha cantada e precedendo missa solene, e pregação se levasse a imagem do glorioso São Sebastião e se deixasse no hospital, para a irem buscar na véspera do seu dia, para que pelos merecimentos destes bem-aventurados santos, houvesse Deus por bem de afugentar os ares corrutos e livrar-nos daquelas repentinas doenças, pois andávamos com as armas nas mãos em defesa de sua Fé Católica. Pregou neste dia o P. Fr. Manuel do Salvador na igreja matriz da Várzea, aonde houve muitas lágrimas do povo e se fez a procissão com muita devoção de todos e com grande acompanhamento, na qual se acharam os nossos três mestres de campo, com toda a mais infantaria dos que não assistiam de presente nas estâncias. Também na vila de Olinda ordenou Pedro Gomes Chaves outra procissão por o mesmo intento, a qual saiu da igreja de São Pedro e se foi acabar no mosteiro dos frades capuchos franceses, intitulado de Nossa Senhora do Monte Calvário, aonde pregou também o P. Fr. Manuel do Salvador com a doutrina, erudição e espírito que sempre costumava fazer. Todos nesta procissão foram descalços e alguns com penitências públicas, como na procissão dos santos Passos; e foi Deus servido, que por os merecimentos dos santos e submissão e lágrimas dos moradores da terra e principalmente por a morte, e paixão de Jesus Cristo nosso Salvador, que dentro de poucos dias cessaram as doenças.

E para que não vamos com o fio de nossa história caminhando tão rasteiramente, que não façamos algum fruto nas almas dos fiéis, quero fazer uma advertência, que servirá de doutrina para os leitores, a qual é, que ainda que Cristo N. Senhor nos avise por S. Mateus, cap. 16, num. 6,

que quando orarmos, façamos a oração em secreto e não nos lugares publicos. Intra in cubiculum tuum, e ora. Todavia isto se deve entender quando a oração que se faz é por causa e necessidade particular, todavia quando a necessidade é publica, também a oração, e as rogativas hão de ser públicas feitas por todo o povo, porquanto a oração e as preces em comunidade feitas são efficacissimas para se alcançar de Deus o que se pede, em cujo abono tendo a santa Judite congregado todo o povo da cercada e angustiada Betúlia junto à porta da cidade, para conseguir glorioso fim na dificultosa e perigosa empresa que acometia, nenhuma outra coisa lhe mandou senão que orassem, todos em público e em comum: Stabilis ad portam nocte ista, e ego exeam, cum Abramea, e orate. Judite 8, n. 32 e 33. E logo em outro lugar disse: Nihil aliud fiat, quam oratio pro me ad Dominum Oeum mostrum. E quão grande fosse a efficácia desta pública oração, a fidelidade da heroica e gloriosa empresa o manifestou, pois cortando a cabeça ao torpe e carnal Holofernes, cortou com ela os ânimos a todos seus soldados, os quais vendo seu capitão general morto por mãos de uma mulher, levantaram logo o cerco, deram costas à vitória e postos à infame fugida, deixando aos míseros moradores de Betúlia livres e vitoriosos pelo braço da virtuosa e generosa Judite ajudada com a oração comum de todo o povo.

Nesta mesma conformidade, quando Heliodoro tinha oprimida a Cidade de Jerusalém e determinava roubar todos os depósitos dos órfãos e viúvas, que estavam entesourados, e guardados no gazofilácio do templo, diz o texto sagrado, 2, Machab. 3, num. 16: Sacerdotes ante altare cum stollis Sacerdotalibus iactaverunt se, e invocabant de Caelo, ec. E logo no mesmo capítulo: Alii etiam congregati de omnibus consuebant publica supplicatione obsecrantes, ec. E mais abaixo um pouco, num. 8: Accinctaeque mulieres cilicii pectus, per plateas consuebant; sed e virgines quae concluderant procurrebant ad Oniam, etc. E finalmente, num. 20: Universae autem protendentes manus in Caelum deprecabantur. O que tudo em suma quer dizer que os sacerdotes ornados com as vestiduras sagradas, se prostraram diante do altar e os seculares saindo de suas casas se puseram a orar em público todos juntos e as mulheres cobertos os peitos com cilícios, andavam por as ruas públicas e as virgens que estavam em seus retraimentos corriam a pedir

socorro ao sumo sacerdote Onias; e todos levantando as mãos para o céu pediam a Deus misericórdia; e valeu tanto esta pública rogativa de toda a cidade e povo, e teve tanta eficácia para com Deus, que logo mandou por seus anjos socorro do céu.

Isto mesmo succedeu aos Ninivitas, que estando ameaçados com o rigoroso castigo do céu, admoestados e mandados por seu rei que fizessem pública penitência e públicas orações a Deus, logo a ira de Deus se abrandou e resplandeceu sua misericórdia, perdoando-lhes. Clament ad Dominus in fortitudine. Jonæ 3, num. 8. Ao qual aludindo S. João Crisóstomo, hom. 2, in secundam ad Corint. disse divinamente: Deus frequenter reverentur multitudinem unanimum, e consentientem in precando, ut veluti pudore victus, non audeat illis negare. Reverencia Deus tanto uma multidão de um povo congregado e unanime em rogar, que como se se visse vencido e obrigado de um paternal pejo, não ousa a negar o que se lhe pede, que coisa se pode dizer com mais exageração? Presos estavam no cárcere entre grilhões e algemas, Santiago, e S. Pedro, e mandou Herodes matar a Santiago. Occidit Jacobum fratrem Joannis gladio. Actor, 12, num. 2 e 11. Porém não matou a S. Pedro, antes Deus o mandou tirar do cárcere por um anjo, como o mesmo S. Pedro afirma: Nunc scio vere quia misit Dominus Angelum suum, e cripsit me de manu Herodis. Pois pergunto, por que razão morre Santiago, e S. Pedro escapa da morte? Sabeis por que? (se minha explicação não erra, porque por Santiago não se fez pública oração a Deus por toda a Igreja, e por S. Pedro sim. Oratio autem siebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo. E teve tanta eficácia para com Deus esta pública oração, que o obrigou a livrar do cárcere a S. Pedro, como bem o advertiu S. João Crisóstomo, hom. 79, dizendo: Vis discere, quanta sit orationis in Ecclesia factæ potentia? Vincit erat Petrus, multisque cathenis circumdatus; oratio autem siebat sine intermissione ab Ecclesia pro eo, e statim eum á carcere liberavit, quid hæc igitur sit oratione potentius, quæ columnam Ecclesie, e turrim advit? Para este ministério se fazem as igrejas, para que nelas se celebre o divino Sacramento do altar e os fiéis acudam a elas a orar a Deus em congregação por as públicas necessidades. Por esta razão quis o profeta Samuel orar a Deus em Masphat com todo o povo junto.

para que a presença de muitos fizesse sua oração mais eficaz.

Com esta pública oração consagrou Samuel aquela cidade de tal sorte, que pelos tempos adiante, sempre foi tido por público lugar de oração, em cuja prova vendo-se os israelitas dali a muitos anos oprimidos de grandes calamidades, diz a divina Escritura, que se ajuntaram em Masphat, a qual no tempo antigo era o lugar deputado para orar a Deus. Venerunt in Masphat contra Hierusalem, quia locus orationis erat in Masphat ante Israel. Machab. 3, n. 46. E nesta conformidade foi costume entre os hebreus o frequentarem outros muitos lugares por as memórias ilustres dos santos patriarchas. Rebeca a foi consultar e orar a Deus ao monte Moria consagrado com o sacrificio de Abrahão, Genes. 25, n. 22, segundo afirma Santo Agostinho, quart. 75, in Genes. No mesmo monte se retraiu Jacob por causa de religião, quando ia para Mesopotâmia, como o dizem, assim os rabinos, como os católicos intérpretes, referidos por Nicolau de Lira, esperando que ali por respeito da santidade do lugar, lhe revelaria Deus algum profundo mistério e não foi baldada sua esperança, porque ali viu o céu aberto e uma escada, que estando na terra, tocava nele com as pontas, pela qual subiam e desciam os anjos e no alto dela o Senhor dos anjos e Rei da glória, Genes. 28, num. 11. A Herbon, ou Cariatarbe quis ir Absalão a cumprir seus votos, para que na cidade ilustrada com as sepulturas dos quatro patriarchas dissimulasse e fingisse que queria fazer a Deus uma religiosa oferta e grandioso sacrificio, 2. Reg. 15, num. 7.

Elias quando houve de ser trasladado para o céu, primeiro andou visitando diversos lugares, 4 Regum. 2, num. 1. Foi a Galgala insigne por nela se haver feita a primeira circuncisão do povo, Josué 5, n. 9. A Bethel ilustre por a noturna revelação de Jacob, Genes. 28. A Jericó memorável pelo célebre triunfo de Josué, Jof. 6, num. 20. Ao Jordão consagrado por os pés dos sacerdotes, que levavam a Arca do Testamento, Josué 3, n. 16. Por estas cidades andou Elias antes de ser arrebatado para o céu, para que saudasse no fim de seu desterro e ao despedir-se da terra, os lugares que cheiravam a santidade e a estavam brotando de si. Finalmente quando Moisés estando já com a alma na garganta e no último arranco da vida, houve de deitar a bênção do tribu de Gad, o que lhe disse foi: Vidit principa-

tum suum quod in parte sua doctor esset repositus, qui fuit cum principibus populi, e fecit institias Domini, e Judicium suum cum Israel. *Deuteron 33, n. 25. Viu seu principado e que estava posto por doutor, o qual se achou com os príncipes do povo e fez as justiça de Deus e seu juizo com Israel; este doutor (diz Lirano, ibi) que foi Moisés, sepultado na sorte de Gad e isto resultou em grande honra e dignidade daquela tribu, porque ainda que o tribu de Gad por respeito de Zelpha escrava sua mãe, fosse deputado para servir; todavia por respeito do Príncipe Moisés sepultado na terra, que lhe coube em sorte, se diz que havia de ter principado.*

Finalmente depois que Abrahão comprou o campo de Ephron para sepultura de sua mulher Sara, diz o sagrado Texto Gens. 23, n. 17: Confirmatus estrager, ou como está no original hebreu: Surrexit ager, ou como traslada Caitano: Elevatus est in meliorem conditionem, per hoc quod est emptus ab Abraham. Ficou confirmado, ressuscitado e levantado a melhor condição aquele campo, só por ser comprado por Abrahão. Por onde assim como os antigos patriarchas por seus feitos illustres communicaram santidade a todos estes lugares, assim Samuel com sua oração em companhia de todo o povo, consagrou a Cidade de Masphat para que todos viessem a ela a orar a Deus com certeza de que seriam ouvidos e alcançariam bons despachos em suas necessidades e aflições. Assim do mesmo modo, tanto que os moradores de Pernambuco se ajuntaram nas igrejas e fizeram oração a Deus e se valeram da intercessão de seus santos e dos merecimentos da paixão e morte, de Jesus Cristo nosso Salvador, logo as doenças cessaram e não houve mais mortes apressadas, porque logo a misericórdia de Deus resplandeceu e cessou o rigor de sua ira.

No fim de dezembro saíram do Porto de Nazaré duas caravelas em direitura para o Reino, em uma das quais ia Francisco Berenguer de Andrade, juiz ordinário e na outra o Capitão Francisco Gomes de Abreu, procurador do Concelho, mandados pela Câmara e povo de Pernambuco, a significar a Sua Majestade o miserável estado, agonias e calamidades em que esta Província e Capitania estava; e a pedir-lhe socorro para o mar, pois a terra já os moradores a tinham ganhado ao inimigo holandês, capitaneados por João Fernandes Vieira, cabeça do alevantamento da terra e capitão-general da liberdade da pátria; e saindo do porto um

dia à tarde e velejando toda a noite por correrem Nordes-tes e as águas para o Sul, a caravela em que ia Francisco Gomes de Abreu se fez ao mar e no seguinte dia ao ponto de amanhecer, se achou entre duas naus do inimigo que lhe foram dando caça, porém escapou-lhe das mãos e foi fazendo viagem; e a em que ia Francisco Berenguer foi navegando para o Sul e como o vento era picado, se achou ao amanhecer sobre a barra das Alagoas, quarenta léguas do porto donde havia saído; e estando para se fazer dali ao mar, tomando a altura mais ao largo para navegar com mais segurança de inimigos, descobriu três naus holandesas que vinham sobre ela e pretendendo fugir-lhe com todo o pano para a parte do Norte, levando-lhe já grande espaço de vantagem e ganhando o barlavento, lhe saíram outras duas naus inimigas e uma caravela que estavam ancoradas na ilha de Santo Aleixo e acometendo-a do barlavento a puseram em tanta estreitura, que não teve outro remédio senão entrar no porto de Tamandaré e salvar-se a gente e os papéis de consideração que levavam e algumas coisas manuais e não estava a gente bem desembarcada em terra e posta em salvo quando o inimigo já estava dentro na caravela e a tinha tomado com toda a carga que levava; e Francisco Berenguer e os marinheiros se meteram por dentro do mato para salvarem as vidas, enquanto os moradores daquela paragem não acudiram que como a caravela ia desarmada e sem uma roqueira sequer, não se deu rebate, nem os moradores da terra foram sabedores da desgraça, senão depois que a caravela esteve tomada pelo inimigo; pela qual razão, para que outra desgraça não succedesse, mandaram o Governador João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, Mestre de Campo, fazer no porto de Tamandaré um reduto com peças de artilharia, para que se alguma embarcação nossa perseguida do inimigo se recolhesse ali, ficasse segura, sem que lhe pudessem fazer dano.

Também os nossos mestres de campo mandaram tapar o porto da harreta de Nazaré com pedra cortada dos arrecifes, para que se o inimigo entrasse pela barra principal para nos conquistar as nossas fortalezas, não tivesse por onde se tornar a sair, senão por debaixo da nossa artilharia e ficasse perdido de todo o ponto sem remédio; o mandaram reformar a fortaleza do Pontal e a da boca da barra com todo o necessário, o que fez com tanta diligência e cuidado o Capitão Ascenso da Silva, que estava posto por governador das

ditas fortalezas, que em breve tudo ficou posto a ponto de guerra, com todas as coisas necessarias para ella. Tambem neste tempo mandaram os dois mestres de campo Andre Vidal de Negreiros e Martin Soares Moreno, por expressa ordem que annam do Governador Geral Antonio Teles da Silva, queimar todos os canaviaes de açúcar que havia na Capitania de Pernambuco para que o inimigo não tivesse esperanças de levar proveito algum daquella Capitania, antes soubesse que gastava sua fazenda uebalde, sustentando soldados e mandando naus e despendendo muito cabedal, sem esperanças de ganância e assim vendo o pouco que interessavam e o muito que gastavam despejassem a terra, ou por força, ou por grado e tambem se executou esta façao para que os moradores da terra ficassem mais desembaraçados para acudir à guerra e os ministros dela e não tivessem escusa que dar quando os chamassem para ella assim eles, como seus escravos; porque deitada bem a conta, Pernambuco tem cento e cinquenta engenhos de açúcar e cada um deles ha mister ao menos vinte e cinco pessoas, entre brancos e negros, para moer, assim dos officiaes que fazem o açúcar, como escravos que servem nas fornalhas, metem cana nos engenhos e a cortam e a carretam e cortam e combolam a lenha necessaria e muitos carros e bois que servem neste ministério e quem deitar bem a conta conhecerá a multidão de gente que se occupa nos engenhos e lavradores da cana e quantos se podem ocupar na guerra e plantar mantimentos, não moendo os engenhos porque succedeu muitas vezes que faltando a farinha para a sustentação dos soldados e mandando os nossos governadores da guerra buscar carros para a comboiarem ao nosso Arraial, os senhores de engenhos se escusavam dizendo: *Estamos moendo e não podemos emprestar os carros* e os lavradores diziam: *Nós estamos com o corte aberto, e não podemos levantar mão, porque não faltemos com a tarefa.* E assim para obviar a estas escusas, sendo o governador geral informado por pessoas que bem a entendiam, mandou que se pusesse fogo aos canaviaes.

João Fernandes Vieira não foi deste parecer, antes disse que moendo os engenhos se conseguiam muitos bens, porque assim os lavradores e senhores de engenhos fazendo açúcar, teriam cabedal, para se proverem das coisas necessarias e possibilidade para ajudar a sustentar a guerra e que para que na terra não sobreviesse fome, se deitasse um ban-

do, que todos os moradores occupassem a terça parte de seus escravos em plantar mantimentos, e que tanto que ouvissem tocar a rebate, acudissem todos, sob pena de morte. Contudo, porque a ordem havia vindo do governador geral, elle foi o primeiro que mandou queimar a maior parte dos seus canaviaes, no que perdeu mais de duzentos mil cruzados, porem fez isto para que os demais tomassem exemplo dele e uai a poucos dias veio outra ordem, que ninguém queimasse mais canaviaes, e neste bando e edital se assinou elle com os dois mestres de campo, sendo assim que no primeiro bando não se quis assinar, suposto que o deu à execução em sua fazenda primeiro que todos.

Entrou o anno de mil e seiscentos e quarenta e seis e chegou nova ao nosso Arraial, em como no porto de Nazare haviam entrado um barco e uma caravela, a saber o barco de Joao Fernandes Vieira, o qual havia mandado a Bahia carregado de açúcar, para que de lá lhe viesse o retorno em panos, assim de lá, como deinho, para dar de vestir aos seus soldados, que todos andavam despidos, por haverem sido roubados pelo inimigo todos os moradores da terra no tempo do alevantamento; e a caravela mandada pelo Governador Geral Antônio Teles da Silva, carregada com armas, pólvora, e balas, de que os moradores de Pernambuco tinham grande necessidade e com outras fazendas secas e molhadas, de mercadorias particulares, para se venderem aos moradores da terra.

Partiu-se logo João Fernandes Vieira para o pontal de Nazaré, a tomar entrega das fazendas que lhe vinham e também para comprar aos mercadores da caravela as que nela traziam, para dar de vestir por sua conta, assim aos soldados, como a outras muitas pessoas necessitadas e foi com elle o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, ficando governando o nosso Arraial e a gente de guerra toda o Mestre de Campo Martim Soares Moreno. Não faltou um traidor que mandou aviso ao inimigo, em como os nossos governadores estavam em Nazaré e ausentes do nosso Arraial; o qual por não perder tempo, saiu logo do Recife com um esquadrão formado, com determinação de fazer um reduto entre a sua fortaleza das Cinco Pontas e a dos Afogados, para que dali franqueasse o caminho aos seus e a serventia ordinária, sem que os soldados de Henrique Dias lhes pudessem fazer dano, como cada dia faziam. Descobriu Henrique Dias por suas sentinelas o esquadrão inimigo e logo se par

uiu para o nosso Arraial e deu conta do que se passava ao Mestre de Campo Marim Soares Moreno e lhe disse, que em ouvindo estrondo de bataria lhe mandasse logo socorro, porquanto ele ia a brigar com os holandeses e não havia de consentir que fizessem o reduto, que intentavam ou havia de perder a vida na demanda e assim se despediu de seus amigos, como quem ia a morrer; e partindo-se do Arraial com um barril de pólvora e um cunheite de balas, em chegando a sua estância mandou logo passar toda a sua gente da outra parte do rio e foi camunhando por entre as duas fortalezas do inimigo encoberto com o mato, até que avistou os holandeses, os quais estavam postos em esquadrão formado e outra turbamulta de gente andava ocupada em cortar taxina e acarretar terra em carros para o reduto, que intentavam fazer. Mandou Henrique Dias investir com o esquadrão por tres partes e lhe deu a primeira carga de mosquetaria a seu salvo, com a qual toda a turba dos trabalhadores fugiu para a Cidade Mauricia e com a segunda se retirou o esquadrão para a sombra da fortaleza das Cinco Pontas e por aquela vez desistiram da obra principiada. Não houve feridos, nem mortos da nossa parte e da do inimigo (suposto que se recolheu com algum dano) não posso afirmar com verdade o que lhe succedeu no encontro, só sei dizer, que recebeu duas cargas cerradas e que não sabendo a que parte havia de fazer cara, se retirou. Começaram as duas fortalezas a jogar muita artilharia e foi forçado recolher-se Henrique Dias à sua estância e quando chegou o socorro do nosso Arraial, já ele estava descansado e jantando com os seus officiaes.

Tiveram logo aviso deste successo João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros e partiram com muita pressa para o nosso Arraial, chegando aos treze dias de janeiro, entre as duas e as três horas, depois da meia-noite, sem descansar, se partiram logo para a estância de Henrique Dias e se informaram dele de tudo o que passava e deixando-lhe ordem que mandasse vigiar o que o inimigo fazia e fizesse muito por lhe tomar um homem vivo para se esquadrinhar seu desenho, se tornaram a recolher já dia claro para o Arraial e como havia muito tempo que o Governador da liberdade João Fernandes Vieira não havia visto sua mulher Dona Maria César, com estar no seu engenho de S. João meia légua em distância do nosso Arraial; poucas vezes a havia visto, porquanto depois que se publicou e tomou

entre mãos a empresa da liberdade, poucas vezes se avistou com ela, antes, tanto que se principiou a nossa fortaleza, sempre assistiu fora de sua casa e entre os soldados, para dar bom expediente aos negócios da guerra, e acudir pessoalmente aos debates e necessidades urgentes. Fazemos aqui um entreparentesis e tratemos do inimigo, o qual vendo que de dia não podia fabricar o seu reduto, porquanto os soldados de Henrique Dias sempre andava alerta e de cada pe de mouta lhes saíam ao encontro; em duas noites continuas não cessou de disparar muita artilharia das suas fortalezas, varejando com as balas das peças aos matos circunvizinhos e pelo escuro fabricou o reduto um tiro de mosquete em distância da fortaleza das Cinco Pontas; e aos vinte dois do mês, dia do glorioso Martir S. Vicente, pondo um esquadrão formado junto ao reduto, começou com uma grande tropa de trabalhadores, brancos, negros, mulheres e muitas delas judias e rapazes, a roçar o mato circunvizinho, para descobrir o campo, para que a sua artilharia jogasse livremente sem sobressaltos de alguma emboscada nossa.

Soube isto Henrique Dias por os seus descobridores do campo e logo sem dilação passou com sua gente da outra parte do rio e foi buscar ao inimigo com deliberada resolução e travou com ele uma pendência a mais intrincada que jamais até então havia sucedido. Vinha João Fernandes Vieira de sua casa e em se apeando no nosso Arraial ouviu estrondo de mosquetaria continua para a parte da estância de Henrique Dias e sem falar mais palavra se partiu a pé correndo, deixando ordem ao Sargento-mor Antônio Dias Cardoso que fosse logo marchando após ele com a companhia do dito governador, a quem um criado seu lhe levou ao caminho o cavalo; partido João Fernandes Vieira, partiu em seu seguimento a sua companhia e algumas outras, que também logo marcharam com pólvora, balas e mórão; e em chegando a estância de Henrique Dias, soube como estava brigando com o inimigo, e estava posto em grande perigo por lhe faltar pólvora; mandou logo passar da outra banda do rio a sua companhia e ao sargento-mor com provimento de pólvora e balas; e já quando chegou vinham alguns negros soldados de Henrique Dias de retirada, porque não tinham pólvora para brigar, aos quais se atravessou diante o Padre Frei João da Ressurreição da Ordem de S. Bento, e os animou grandemente, dizendo-lhe que fizessem cara ao inimigo, porque se ele visse que vinham de retirada os havia

de seguir e degolá-los a todos na passagem do rio e que a pólvora já vinha chegando e passando o rio; e com este ânimo e coragem que o padre lhes pôs os fez deter, mas como andava a cavalo percorrendo por uma e outra parte, exortando aos soldados, tiveram os holandeses vista dele e passaram com uma bala de mosquete por uma espádua, de que esteve mui arriscado a perder a vida.

Neste tempo passou da outra parte do rio o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso e a companhia do Governador João Fernandes Vieira e mais três companhias que vieram chegando, as quais o governador mandou logo passar o rio, e providos os soldados de Henrique Dias de pólvora e balas, começaram outra vez a travar uma escaramuça tão cruel, que o estrondo dos mosquetes e o grande alarido dos negros representaram um dia de juízo. Indo o sargento-mor reconhecendo o sitio para meter troços de soldados, que a seu salvo fizessem dano ao inimigo, lhe saiu ao encontro um negro Minas arrogante e estorçado e perguntando-lhe o sargento-mor, se havia ali algumas paragens donde se pudesse fazer dano ao inimigo lhe respondeu que sim e que ele lh'as iria mostrar; e perguntando-lhe o sargento-mor, porque não andava brigando como seus companheiros o faziam lhe respondeu que não tinha pólvora e acrescentou dizendo: *Ah senhor branco, já que vossa mercê se mostra tão valente, dê-me pólvora e venha-me mostrar o posto aonde hei de brigar com o inimigo, que também eu quero ver se tem vossa mercê medo.* Mandou o sargento-mor prover de pólvora e balas, e foi-se com ele e o pôs em uma paragem acompanhado de alguns soldados da terra, donde podiam fazer grande estrago no esquadrão contrário e logo se partiu a visitar os outros postos, para os prover do necessário; não se havia o sargento-mor bem acabado de despedir, quando veio uma bala de peça do reduto e fez a cabeça do negro em migalhas.

Foi-se acendendo a bulha de tal sorte, que durante a bateria mais de quatro horas, nunca os mosquetes cessaram de carregar e disparar, vendo isto os dois mestres de campo André Vidai e Martim Soares, que haviam ficado no Arraial, partiram de socorro com uma grande tropa de gente, porém quando chegaram já a bulha era acabada e a nossa gente passada desta parte do rio, porque como o inimigo viu os seus em aperto, começou a disparar a artilharia das fortalezas e foi necessário retirarem-se os nossos, por não morrerem despropositadamente. Neste encontro nos matou o ini-

migo três negros soldados de Henrique Dias e feriu a quatro; também saiu ferido o Capitão Sebastião Ferreira, o qual o fez neste dia com grande valor. Do inimigo não podemos saber ao certo o número dos que lhe matamos e ferimos, porque como entre ele e nós se metia um lamarão e tremedal mui grande, que atolava muito, não pudemos provar as espadas, mas como os nossos mosquetes por serem biscoinhos, levavam maiores balas e cursavam mais que os seus, todas as vezes que dávamos carga se abria e desconcertava o seu esquadrão. Depois deste dia tomamos dois holandeses vivos, pelos quais soubemos que neste encontro perdeu o inimigo muitos soldados, que ficaram mortos e outros muitos foram feridos, porém não nos souberam dizer o número ao certo. Acabada a bulha se recolheu o Governador João Fernandes Vieira e os dois mestres de campo, para o Arraial com toda a infantaria que havia descido abaixo e Henrique Dias ficou descansando em seu alojamento.

Aos vinte e cinco de janeiro, dia da conversão de São Paulo entre às oito e às nove horas da noite, dispararam os holandeses no Recife e na Cidade Maurícia e em todas suas fortalezas, tanta artilharia e mosquetaria por espaço de duas horas inteiras, que meteu espanto. Ouvido o estrondo do nosso Arraial, parecendo a João Fernandes Vieira e aos outros dois mestres de campo que os holandeses andavam em bateria travada com os nossos capitães das estâncias; marcharam logo com toda a gente para baixo e se puseram toda à noite em emboscada com as armas nas mãos, esperando para acudir com socorro, a qualquer das estâncias aonde sentissem pendência; e aos vinte e seis do dito mês tomaram as nossas sentinelas perdidas a um holandês vivo junto à fortaleza dos Afogados, o qual confessou, que aquele estrondo de mosquetes e peças de artilharia havia sido festa que os holandeses fizeram por a nova que lhes havia vindo de uma vitória, que o Príncipe de Orange havia alcançado em Flandres contra El-Rei de Espanha e lhe havia ganhado uma cidade de muita consideração e que a nau aonde havia vindo a tal nova não trouxera mais que quatorze soldados, mas muita pólvora e armas. Ouvido isto se recolheram os nossos mestres de campo para o Arraial e os capitães das estâncias ficaram com boas vigias.

Aos vinte e seis de janeiro deitaram os holandeses fora do Recife um homem pobre português entrevado, o qual andava sobre umas muletas e vivia das esmolas que pedia

por as portas dos fiéis cristãos, quando moravam portugueses dentro das fortificações do inimigo; e quando foi o levantamento do povo não se pôde sair por não ter quem o carregasse; e como os holandeses são mais amigos de seu interesse e de roubar, do que fazer esmolas, por não o sustentarem, o mandaram deitar fora e o puseram em paragem, aonde logo deram com ele as nossas sentinelas e o trouxeram ao nosso Arraial, o qual deu por novas que os holandeses estavam muito faltos de mantimentos e que entre eles valia um alqueire de farinha da terra cinco patacas e uma laranja um vintém, e um cântaro de água doce um testão, e que os mais deles bebiam de cacimba mui salobres, pela qual razão morriam de câmaras e que uns diziam que lhes havia de vir um grande socorro de Holanda e os mais estavam mui descoroçoados, e que já os holandeses se haviam de ter entregado a partido, se não foram os judeus, que os incitavam a sustentar a guerra e para isso se havia finto em grande soma de dinneiro, o qual haviam dado aos do supremo Concelho para fazerem pagamento aos soldados e que muitos judeus pediam aos holandeses que lhes dessem embarcações para se irem para Holanda, as quais se lhes haviam negado e somente a deram a três por muito dinheiro, que para isso ofereceram também disse que entre os holandeses e franceses havia grande debate e baralhas sobre o sustentar, ou não sustentar a guerra.

Aos vinte e sete do mês apanharam os nossos soldados a um índio brasileiro, dos que eram da parcialidade do inimigo e trazido ao nosso Arraial confessou em como saíra da fortaleza dos Afogados por explorador dos holandeses a reconhecer a terra e notar as paragens aonde tínhamos força de gente e resistência, porque eles tinham determinado de fazer sua saída secreta em uma noite e dar na povoação de Muribeca e saquear e matar a todos os moradores dela e logo antes que a nossa gente os pudesse socorrer, se haviam de retirar por as Curcuranas e ir-se a embarcar no porto da Candelária, aonde haviam de ter lanchas preparadas para isso e que tudo por onde passassem havia de queimar e pôr por terra, tirado o engenho de Gaspar Dias Ferreira, o qual estava em Holanda, que havia ido para lá em companhia do Conde de Nassau João Maurício. Mandaram o Governador da liberdade João Fernandes Vieira e o Mestre de Campo André Vidal prover de gente as paragens e caminhos por

onde o inimigo podia fazer esta saída e o índio não se soube para onde o mandaram, porquanto nunca apareceu.

Aos vinte e oito do mês tomaram os nossos soldados das estâncias a duas índias brasileiras, que andavam mariscando entre as fortalezas do inimigo, sem que ele as pudesse socorrer, ainda que para sua defesa dispararam das forças algumas peças de artilharia; fez-lhe perguntas o Mestre de Campo Martim Soares Moreno, por ser mui versado e destro na lingua brasileira e elas porquanto o conheciam, depois de lhe fazerem as algazarras e festas que entre si costumam, com muitas lagrimas, e pranto, causados (segundo elles dizem) de amor e saudade, celebrando as memórias do bem passado e antiga amizade, depois que cessaram de suas vozes e cerimoniaes, disseram que no Recife padeciam muitas fomes e sedes, e que os holandeses não lhes davam de comer senão por onças, pela qual razão todos os brasileiros seus parentes tinham determinação de se passarem para nos, porem que se não o faziam era porque os holandeses andavam sobre eles com muita vigilancia e os traziam apartados uns dos outros e mais porque lhes metiam em cabeça que se viessem para os portugueses os haviam de matar a todos em castigo de lhes haverem sido traidores, e tomado as armas contra eles; ouvidas estas razões lhe perguntou o Mestre de Campo Martim Soares, e dois padres da Companhia que entre nós estavam (que também eram destros na lingua da terra) se queriam tornar para o Recife, ou ficar em nossa companhia. As duas índias responderam, que não se queriam tornar, senão ficar entre nós, porquanto elas se haviam criado entre os portugueses e conheciam o bom trato que sempre haviam dado à sua gente.

Suposta esta resposta, que as índias deram, os nossos mestres de campo as mandaram vestir, porquanto vinham mui necessitadas de roupa e fazendo-lhe bom e amigável tratamento, as tornaram a mandar para o Recife, para que persuadissem a todos seus amigos e parentes que se passassem para a nossa parte com expressa segurança de que se lhe daria bom quartel e se lhe perdoariam todas suas culpas e seriam tratados com muita benevolência e amizade. As índias se tornaram mui alegres, agora estamos esperando o que desta façção resulta, porque se os holandeses se virem sem o adjutório dos brasileiros, em quatro dias os destruiremos de todo o ponto, porque só nos índios têm eles a sua guedelha de Sansão e se se virem sem eles, logo desmaiarão

Aos vinte e nove do mês andando Henrique Dias des-
telhando uma casa da olaria junto ao cemitério dos judeus
para cobrir com ela uma igreja de N. Senhora, a qual ti-
nha feito de madeira e barro, para se dizer missa na sua
estância e andando os seus soldados carregando telha, com
boas vigias e gente de guarda, começaram os holandeses da
outra parte do rio de dentro de suas trincheiras a jogar mui-
tas pulhas com os crioulos de Henrique Dias e dizerem-se
de parte a parte muitas palavras injuriosas e logo um ho-
landês se chegou mais ao perto e perguntou aos crioulos se
estava ali o Governador Henrique Dias? E respondendo-lhe
o mesmo Henrique Dias: *Aqui está, que lhe quereis?* Disse
então o holandês: *Chamai-o cá, porque tenho que falar
com ele.* Ao que ele respondeu: *Eu sou Henrique Dias.* E
o holandês disse: *Mostrai vossa mão para vos eu conhecer.*
Porque os holandeses bem sabiam que Henrique Dias tinha
a mão esquerda menos, porque lh'a haviam cortado no terri-
vel encontro, que a nossa gente teve no Porto Calvo com o
Conde de Nassau João Maurício, mostrou Henrique Dias o
braço sem mão e o holandês conhecendo-o lhe pediu que
passasse da outra banda do rio, porque tinha muito que fa-
lar com ele e que fosse seguro de que se lhe não faria mal
algun, porque assim lh'o prometia da parte do Príncipe de
Orange e Henrique Dias lhe replicou: *Passa tu cá desta
banda, que eu te empenho minha palavra (a qual com ser
de um negro, val mais que a de todos os holandeses) de que
te não faça mal.* Levantou então o holandês a voz, e disse:
*Ou senhor Governador Henrique Dias, eu não estar possible
passar lá da outra banda, mas eu quere falar a vós um pala-
vra: ou sennor bom novas, daqui a poucos dias nós há de
estar grandes amigos portugueses e mais holandeses. Por-
tuguês vem cá no Recife, e nós vai lá fora; ádeus.* E virou
as costas, e foi-se. Disse então um crioulo de Henrique Dias
que estava emboscado entre os mangues: *Ah senhor go-
vernador, dê-me licença para que passe com uma bala deste
mosquete o corpo daquele cão de parte a parte ao que ele
respondeu: Deixai-o ir com todos os diabos, já que veio com
rebuço de amizade, que em outra ocasião pagará suas cul-
pas.*

Aos vinte e nove do mês saíram do Recife cinco ne-
gros de Domingos da Costa Brandão, os quais deram por
novas, que ao Recife haviam chegado três barcos carrega-
dos de feridos, que haviam escapado com vida de uma gran-

de bataina, que os holandeses tiveram no Rio Grande com o Governador Camarao, aonde morreram muitos holandeses e índios e Tapuias, que andavam no seu exército e saíram muitos feridos e que daqueles, que haviam vindo nos barcos, todos iam morrendo e que do Recife havia ido para o Rio Grande socorro de gente e munições e que os holandeses tinham poucos soldados no Recife e que nas fortalezas e nas naus do mar não havia mais que artilheiros e marinheiros e alguns índios e que os negros Angolas, Minas e Ardas, que estavam com o inimigo, todos se queriam vir para nós, porém que os holandeses lhes metiam em cabeça que os negros, que fugiam do Recife, os portugueses os mandavam entregar aos Tapuias selvagens para que os matassem e os comessem assados e cozidos. Deixaram então os nossos mestres de campo ir um Mina negro para o Recife, como que ia fugindo de entre nós, para que desimaginasse a seus parentes deste engano e os solicitasse a que fugissem do inimigo e se viessem para nós e lhes dissesse como testemunha de vista o bom tratamento que fazíamos aos negros fugidos.

No ultimo dia de janeiro saíram do Recife dois negros em duas jangadas, os quais, como eram pescadores do alto, tanto que viram oportunidade, um veio a parar no porto da Candelaria e outro no Pau Amarelo e este era escravo de Jerônimo da Rocha, que lh'o havia tomado um mercador francês, chamado João de Aragon e este vendo-se no mar veio parar junto à casa de seu senhor. Disseram estes negros que no Recife morriam muitos de enfermidades contagiosas, assim flamengos, como judeus e que os negros Minas haviam deitado peçonha em uma cisterna donde os holandeses bebiam e que por isso morriam tantos e que os ditos negros estavam avisados entre si que nenhum bebesse daquela água e que os holandeses não sabiam o de que lhe morria tanta gente, porque os negros haviam deitado a peçonha na água com muito segredo; também disseram estes negros, que ao inimigo lhe havia chegado uma nau de Angola carregada de negros Congos para os ajudarem na guerra, os quais traziam umas adargas de couros crus, com que se cobriam e que saindo uma vez com os holandeses para a estância de Henrique Dias, aonde houve uma pendência travada, tanto que os Congos viram que os mosquetes dos crioulos de Henrique Dias lhes passavam com as balas as adargas e os corpos e às vezes caíam dois de um tiro, viraram

as costas e deixaram aos holandeses sós no meio do perigo, pelo que os holandeses mandaram a muitos deles para a ilha de Fernão de Noronha, aonde já tinham a outros muitos, por não terem no Recife com que os sustentar e que também tinham na dita ilha muita riqueza de fazendas preciosas, para a irem ali tomar com suas naus, se se vissem em algum grande aperto e caminharem dali para suas terras.

Também disseram estes negros que Sebastião de Carvalho e Gonçalo Novo de Lira andavam no Recife passeando com grande desenhado, mui gordos e valentes e que João de Albuquerque havia andado preso ho mar com outros portugueses nas naus holandesas e que de presente ficava no Recife e que havia sido falsa a nova que se havia dado cá fora, de que ele era morto e que o haviam deitado ao mar. Também disse um negro destes, que Rodrigo de Barros Pimentel, o qual estava preso no Recife, tinha escrito uma carta para sua mulher Dona Jerônima de Almeida, na qual lhe fazia a saber, em como estava muito enfermo e padecia grandes necessidades, por não ter que gastar, pelo que o socorresse com algum dinheiro e o mandasse aos nossos mestres de campo para que lh'o enviassem quando lhe viesse algum embaixador do inimigo; e estando Rodrigo de Barros esperando ocasião de embaixada para mandar esta carta à sua mulher, tiveram os holandeses noticia dela e suposto que não continha outra coisa mais que o que temos dito, o mandaram ir a Concelho e o entregaram ao fiscal, o qual lhe mandou dar tratos cruéis, achacando-lhe que era traidor e mandava avisos aos portugueses; e tão maltratado ficou do tormento que esteve para morrer; porém o certo é, que se tivera dinheiro com que peitar, nem lhe deram tratos. nem morrera, porquanto isto que é holandeses nenhuma culpa julgam por grave e enorme tanto que se mete o dar de per-meio e nenhuma virtude deixa de ser culpa, se falta o dinheiro para o suborno, os irmãos e pais e mães e ao mesmo Deus se for necessário para sua ambição, venderão por dinheiro, como fez Judas a Cristo; e bem se vê pois chamando-se cristãos, e tendo-se (a seu parecer) por mui qualificados, estão vendendo por dinheiro a honra de Cristo e sua santa lei, permitindo que os judeus tenham dentro no Recife suas asnogas patentes, aonde de ordinário estão dizendo blasfêmias contra Cristo e vituperando sua santa Fé; e por outra parte nunca quizeram consentir que os portugueses tivessem igreja dentro no Recife, nem na Maurícia, nem se dis-

sesse missa dentro nestas duas povoações; e se o Padre Frei Manuel do Salvador a dizia, era porque o Conde de Nassau lhe era mui afeiçoado por sua virtude, e lh'o permitia; porém esta licença era com condição que a dissesse no oratório, que tinha em sua casa e a portas fechadas.

O VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO DA LIBERDADE

LIVRO QUINTO.

CAPITULO I.

De hãa victoria, que Dom Antonio Felipe Camarão teve do inimigo Olandes no distrito do Rio grande junto ao Cunhabú.

ITO que o inimigo Olã-
soube de certo em co-
mo o Camarão com seus
soldados andava pelo dis-
trito do Rio grande, & aua
queimado as Aldeas dos
Indios Pitiguars, & Tapuias daquelle
quartão, em castigo de se auerem meti-
do, & mandado contra os Olandeses,
em cuja companhia nos fazia guerra a
fogo, & a sangue, & que tambem tinhã-
to muito gado vacum para mandar ao
nosso Arraial, aondo a nossa infantaria
passaua grandes fomes: ajuntou todo o
cabedal, que lhe foi possivel, mandando
vir gente das fortalezas da Paraíba, & fez
hum exercito de mil & trezentos solda-
dos, a saber quinhentos Olandeses, & oi-
tocétos Indios Brasilianos de sua facção,
entre Pitiguars, & Tapuias, & o veio bus-
car com mão armada, para o destruir de
hãa vez, & ficar absoluto senhor de toda

fo Capitaõ, & ardiloso soldado tratou de
se preparar para receber o encontro do
inimigo, & desbaratalo com esforço, &
manha.

Achouse em hãa campina, aonde hum
pequeno Rio mui fundo attraessava a es-
trada que hia para a fortaleza do Rio
grande, a qual campina estava rodeada
por a parte esquerda com hum tabocal
mui adensado, & ficadolhe por o direito
lado ferindo o Rio de muro, fez cõ seus
soldados da entrada da campina hum
trincheira, & se meteo dentro, metendo
configo o mantimento necessario, & tan-
to que teve a sua gente reunida no fim da
campina, & emparada com a trincheira,
apartandose hum poucos dos soldados, me-
teo a mão no scio, & tirou hum reliqua-
rio, que sempre consigo trazia, o qual de
hãa parte tinha esmaltada hãa imagem
de Christo Crucificado, & da outra a im-
agem da Virgem Maria, aossa Senhora,
dos quaes elle era mui deuoto, & roman-
do na mão com os olhos arrazados em
lagrimas, lhes disse hãas razoes equiva-
lentes a estas que se seguem.

Pois o Olandes pretende

O VALEROSO LUCIDENO E TRIUNFO DA LIBERDADE

Livro Quinto

CAPÍTULO I

De uma vitória, que Dom António Felipe Camarão teve do inimigo holandês no distrito do Rio Grande junto ao Cunhau

Tanto que o inimigo holandês soube de certo em como o Camarão com seus soldados andava pelo distrito do Rio Grande, e havia queimado as aldeias dos índios Pitiguares, e Tapuias daquele contorno, em castigo de se haverem metido e mancomunado com os holandeses, em cuja companhia nos faziam guerra a fogo e a sangue, e que também tinha junto muito gado vacum para mandar ao nosso Arriaiá, aonde a nossa infantaria passava grandes fomes; ajuntou todo o cabedal que lhe foi possível, mandando vir gente das fortalezas da Paraíba, e fez um exército de mil e trezentos soldados, a saber: quinhentos holandeses e oitocentos índios brasileiros de sua facção, entre Pitiguares e Tapuias, e o veio buscar com mão armada, para o destruir de uma vez e ficar absoluto senhor de toda a campanha. Foi Dom António Felipe Camarão certificado por seus exploradores de que o inimigo estava posto em caminho e o vinha buscar; e como

valeroso capitão e ardiloso soldado tratou de se preparar para receber o encontro do inimigo, e desbaratá-lo com esforço e manha.

Achou-se em uma campina, aonde um pequeno rio mui fundo atravessava a estrada que ia para a fortaleza do Rio Grande, a qual campina estava rodeada por a parte esquerda com um tabocal mui adensado, e ficando-lhe por o direito lado servindo o rio de muro, fez com seus soldados na entrada da campina uma trincheira e se meteu dentro, metendo consigo o mantimento necessário, e tanto que teve a sua gente metida no fim da campina e amparada com a trincheira, apartando-se um pouco dos soldados, meteu a mão no seio e tirou um relicário, que sempre consigo trazia. o qual de uma parte tinha esmaltada uma imagem de Cristo Crucificado e da outra a imagem da Virgem Maria Nossa Senhora, dos quais ele era mui devoto, e tomando-o na mão com os olhos arrasados em lágrimas, lhes disse umas razões equivalentes a estas que se seguem:

Pois o holandês pretende,
Tirar-me a vida, ou ofuscar-me a Fé,
Que Régis Israel, intende;
Que ut ovem ducis Joseph
Et ne in furore tuo arguas me.

Porque a efeito não chegue,
O que o perverso herege determina,
E todo a ti me entregue,
Aberta a mão benigna,
Domine ad adivuandum me festina.

De mui pequena idade,
Com teu amor Deus meu me cativaste;
E com flecha suave
Meu peito traspassaste,
Et quidem gressus meos numerasti

Bressus meos (tu scisti)
Ab incurso maligno prohibedo;
Et ex hoc mundo tristi
Migrando, te videbo,
Ab auditione mala non timebo.

A via me mostraste,
Para poder chegar à glória eterna,
E tu me libertaste
Da espelunca Averno,
E nas trevas me serves de lanterna

Dos mais brasileiros,
Eu e meus camaradas sós seguimos
A Fé livre de enganos,
E em corpo nos unimos,
E a Lutero e Calvino resistimos

Deus meus ne de relinquo,
In medio tantæ afflictionis me;
As ânsias são propinquas,
Mais meu intento é
Morrer por minha pátria e minha Fé.

Aqui estou bom Jesus,
No meio deste campo inabitado.
Fiado em vossa cruz,
E mais no derramado
Sangue. de vossos pés, mãos e costado.

O Rei dos portugueses,
Me armou de vossa cruz em Cavalheiro,
Porque contra holandeses
Me mostrei bom guerreiro,
E defensor da pátria verdadeiro.

Um índio humilde e rude,
Sou, nascido e criado nas montanhas,
Vós me destes saúde,
Esforço, brio e manchas,
Para fazer por vós raras façanhas.

Misericórdia mea,
Vos chamo e chamarei em toda a parte;
E vós divina Astréia
Mãe do increado Marte
Ajudai-me a erguer seu estandarte

Os monstros de Levante,
Me vêm acometer para matar-me,

Meu peito está constante,
Pois para libertar-me
Só basta o vós queredes ajudar-me

Toda minha esperança,
Em vós a ponho Virgem da Vitória,
Se hoje me dais bonança
Será cousa notória
Que é vosso o braço, a honra, a palma, a glória

Divino Pelicano,
Que aberto o peito tendes por salvar-me,
Pois o vil luterano
Já se chega a buscar-me,
Vosso sangue me dai para animar-me

Dai valor a meu braço,
Para que possa menear a espada,
E promessa vos faço
Que vossa lei sagrada
Por mim seja com ela sustentada.

Quando eu trago comigo,
A cruz dada por vós aos portugueses
Contra o mouro inimigo
Que há que temer arneses,
Nem furor dos hereges holandeses?

Ditas estas palavras, se prostrou em terra de joelhos. e com muita submissão e devoção beijou as santas imagens do relicário, e o tornou a meter no seio; e logo levantado veio aonde estavam seus soldados, e com um ledo semblante e grave aspecto, posto no meio deles, lhes fez o seguinte arrazoado:

Valorosos soldados, nesta terra,
Nasceram vossos pais, irmãos e avós,
Porém os que assistiram nesta guerra
De toda a nossa gente somos nós;
Bem conheço o valor que em vós se encerra.
Os briosos leões que tenho em vós,
Pois a meu lado sempre pelejastes,
E em minhas opressões me acompanhastes

Todos nossos parentes se apartaram,
De nossos bons irmãos os portugueses,
Que a Fé de Jesus Cristo em nos plantaram,
E amparado nos tem por muitas vezes;
No tempo das angústias nos deixaram
Nossos primos e a falsos holandeses
Estão acompanhando, em ser tiranos,
Crendo, (como eles crêem) seita de enganoso.

Este é o nobre e justo galardão,
E a correspondência peregrina,
E o retorno a quem lhes deu a mão,
Lidando em lhe ensinar santa doutrina;
Agora nem sabeis como eles são
A gente que acabar-nos determina,
Deixando aos que lhe foram sempre amigos,
E servindo a tiranos inimigos.

Nos tormentos cruéis, mortes atrozes,
Que o belga deu aos tristes moradores,
Foram nossos parentes os algozes,
Ladrões sem piedade e matadores;
Chegam do aflito povo ao céu as vozes,
Todos se queixam destes traidores,
E a divina justiça provocada
De tantos ais, já tem na mão a espada.

Eu como seu parente e como amigo,
Tratei de os reduzir com piedade,
Vós testemunhas sois disto que digo,
Que não são fingimentos, mas verdade;
Prometi-lhes perdão do atroz castigo,
Que merecido tem sua maldade,
Eles vendo o perdão que lhes concedo
Cobram coragem e dizem que lhe hei medo.

Aqui vêm com holandeses mancomunados,
A buscar-me aonde estou neste sertão,
Mas como eu tenho em vós tão bons soldados
Tenho mui descansado o coração;
Em breve os hei de ver desbaratados,
Que pois eu brigo à sombra do Pendão
Que Deus a Afonso deu no campo Ourique,
Espero que folgada a mão me fique

Bravos soldados meus, dos que provaram,
A mão convosco em guerra algumas vezes,
Os que de vossas baías escaparam,
De vossas cutiladas e reveses;
Vossa braveza e fúria relataram
A seus compatriotas holandeses,
E assim so com saber que estais comigo,
Vem já titubeando o inimigo.

A causa desta guerra e a razão,
É justa, e se quereis saber qual é
E acudir por nossa defesa
De nosso Rei, da patria e mais da Fé;
Tendes convosco o bravo Camarão
Confiado na flor de Nazaré,
Que com poucos soldados muitas vezes
As costas fez virar aos holandeses.

Por nos temos o sol, a lua e estrelas,
O favor dos celestes cortesões,
E dos velhos, matronas e donzelas
Temos muitas devotas orações;
Vossas armas (se chega o belga a vê-las)
Mostrai-lhe, que armas são de Cipiões,
Que sabem alcançar palmas e glórias
Por meio de triunfos e vitórias.

Porem que estou fazendo arrazoados?
Quando sei por tão larga experiência,
Que acompanhado estou de tais soldados,
Que não se acha a seus braços resistência;
Bem sei que o fareis todos como honrados,
Arme-se o holandês de paciência,
Ânimo, Deus diante, viva a cruz,
E quem deu nela a vida, o bom Jesus.

E porque nos encontramos belicosos,
Uma vitória, vitória, é só bastante
Para alentar os ânimos medrosos,
E tornar ao mais fraco mais constante;
Por fazer seus soldados animosos
Lhes mandou que entre a bulha mais picante
Vitória muitas vezes aclamassem,
Para que ao holandês acovardassem.

Porem porque também algumas vezes,
Um retira, retira, põe temor
Aos peitos que sao rigidos arneses,
E das balas nao tem medo e pavor;
(Lhes diz) estes tiranos holandeses
Nos vem buscar armados de furor,
Portanto ordeno, que nenhum soldado
A nomear, retira, seja ousado.

E se entre a bulha, a pólvora faltar,
A algum de vos, as balas e o morrão,
Nao tendes para que o manifestar,
Que poderá ouvi-lo este ladrão;
Dado que falte, podereis chamar
Vitória, Santo Antônio, São João,
E eu vos socorrerei com muita pressa,
Sem que o inimigo a falta em vós conheça

Deste conselho a nossa gente usava,
No meio desta fera bataria;
Que quando a corda, ou pólvora faltava,
O que em trabalho e opressão se via;
As animadas vozes levantava,
E Santo Antônio, ou São João dizia,
O que por nós ouvido, em um momento
Lhe acudia o socorro, e provimento

Pasmava o belga escravo do demônio,
Porque tanto que ouvia nomear
Via vir o socorro sem tardar;
Entre nós São João, ou Santo Antônio
Deduvel (diz) com furor gorgônico,
Que o faz de raiva e ira rebentar,
Batendo os dentes clama, sacramente,
Hoje se perde a mais de minha gente.

Desta ardilosa traça o Camarão,
Mandou que usassem todos seus soldados,
Com a qual na presente ocasião
Não foram seus trabalhos declarados;
Gritavam Santo Antônio e São João
Os que se viam mais necessitados,
Com o que os nossos foram socorridos,
E os holandeses mortos e vencidos.

Acabada esta prática, pôs o Camarão em ordem sua gente em forma de exército para poder brigar com o inimigo. Achou-se com seiscentos soldados, a saber: trezentos e cinquenta índios de seu terço, bons mosqueteiros, bem disciplinados na milícia e de ousados peitos, acostumados a se acharem em encontros com os holandeses e cento e cinquenta Tapuias flecheiros, que lhe tinha mandado o maior Rodela do sertão do rio de S. Francisco, e os dois capitães portugueses armados com espingardas e clavinas de roda. Estes dois capitães ocuparam o fim da campina aonde tinham uma trincheira no topo de um caminho por onde o holandês podia rebentar e ali o esperaram com deliberada resolução de vencer, ou morrer.

Na entrada da campina, aonde estava a maior trincheira de pau a pique de altura de seis palmos e aonde era a estrada ordinaria, ordenou sua gente nesta forma: Junto a trincheira pos uma fileira de cinquenta arcabuzeiros e de tras daquela, outras três de mosqueteiros, cada uma de cinquenta, e por a beira do rio três esquadras cada uma de dez soldados flecheiros, para que se o inimigo intentasse passar o rio a nado, ou a vau, lhe matassem com as flechas a gente na passagem; e na parte esquerda, por onde a campina estava rodeada com o adensado tabocal, pôs entre o mato sessenta soldados de emboscada, para que a seu salvo matassem a gente do inimigo, se lhe mandasse alguma manga para a investir por as costas; e com a mais gente, que lhe ficou, se pôs no meio da campina, para que dali visse tudo o que se fazia, e pudesse acudir com socorro a parte aonde sentisse que era necessário; e mandou pôr as duas sentinelas fora da trincheira, a saber: um a dois tiros de mosquete e outra a tiro de arcabuz, para que descobrissem os caminhos por onde o inimigo vinha e dessem rebate de sua chegada.

Não tinha o Camarão bem acabado de ordenar sua gente, quando a sentinela que estava mais ao largo deu rebato, e veio fugindo para onde estava a de mais perto, a qual também deu rebato, e ambas se recolheram da trincheira para dentro. Trazia o inimigo mil e trezentos soldados, a saber: quinhentos holandeses e oitocentos índios brasileiros entre Pitiguares e Tapuias, todos armados com armas de fogo, senão eram os Tapuias, que traziam arcos e flechas. Tanto pois que o holandês avistou ao Camarão e a sua gente, caminhou contra ele em esquadrão formado com a mais deliberada resolução, que se pode imaginar, e

os que vinham na vanguarda desembainharam dos alfanges e arremeteram à trincheira debaixo das bocas dos seus mosquetes, e a começaram a cortar, para que todo o esquadrão entrasse livremente e sem se descompor. A primeira fileira dos nossos arcabuzeiros os recebeu galhardamente com uma carga cerrada, com a qual lhe mataram alguns soldados e feriram a outros, e logo retirando-se para as costas das demais fileiras para tornarem a carregar os arcabuzes foram chegando às fileiras dos mosqueteiros, e foram fazendo sua obrigação com tanta ordem, entrando uns e retirando-se outros, que nunca tornaram pé atrás do lugar, onde os havia posto; e os, índios do Camarão, para fazerem mais dano ao inimigo, metiam duas e três balas nos mosquetes, e durando a batalha viva mais de duas horas largas, tanto que se esquentaram os mosquetes aos nossos índios, como eram reforçados e biscainnós tão grandes oucecs davam nos peitos aos índios, que davam com eles em terra, e à primeira vista teve o Camarão para si que lhe caíam seus soldados mortos em terra, porém tanto que viu que todos se tornavam a levantar e brigar de novo com coragem, cobrou grande alento, e os foi socorrendo com gente de novo; finalmente de três vezes que o inimigo pretendeu abalroar a trincheira e ganhá-la, e investir com os nossos, lhe matamos muita gente e lhe ferimos muitos mais.

Vendo pois o inimigo holandês a terra toda juncada com seus soldados mortos e feridos, repartiu sua gente em três batalhões, e ficando continuando a pendência com o batalhão do meio, mandou pela parte direita uma manga para tentar se podia vadear o rio e acometer-nos por ali, os flecheiros do Camarão os fizeram arrepiar a carreira, ficando alguns no rio bebendo mais água do que queriam e servindo de mantimento para os peixes. Pelo lado esquerdo, por onde estava o tabocal cerrado, mandou o holandês uma grande tropa de Pitiguares e Tapuias a investir com o Camarão por as costas; arrebentou a nossa gente que estava emboscada e lhe deu uma carga a seu salvo, aonde lhe matou quinze índios e feriu a outros, e seguindo com a segunda carga, apertou tanto com eles, que os fez vir fugindo descompostamente para onde estava o corpo do exército dos holandeses, a uns sem braços, a outros coxeando, a outros atravessados com as balas, o campo todo banhado em sangue. Tocou as trombetas o inimigo a ajuntar sua gente, o que ouvido pelo Camarão, e vendo que o inimigo estava des-

composto e perturbado, mandou locar suas caixas e trombetas e arremeter, levantaram os nossos indios e Tapuias um grande alarido e vozeria, segundo seu ordinario costume, quando querem mostrar contentamento e coragem, e de todas as partes da campina se vieram chegando para a trincheira, para saltarem fora e desbaratarem aos holandeses de remate. Conhecida esta resolução pelo inimigo, pela preparação que estava vendo fazer, virou as costas, largou o posto, desistiu da empresa, e carregando os mortos que pôde, se pôs em infame fugida, sem ordem, nem conserto; deseioso de chegar à fortaleza do Rio Grande, para dentro nela assegurar as vidas dos que escaparam.

Saiu o Camarao com seus soldados fora da trincheira, e não falando em algumas covas, que estavam cobertas com terra fresca, certo sinal de que haviam ali enterrado de mortos, achou setenta e quatro holandeses mortos no campo, dezessete indios, entre Tapuias e Pitiguaes, e todo o campo e estrada por onde o inimigo se havia retirado, banhado em sangue. Aproveitaram-se os soldados do Camarao das armas, pólvora e balas que os holandeses mortos traziam, e das que os feridos haviam deixado, por não as poderem carregar; e esta foi a causa, porque o Camarão não foi em seguimento dos vencidos, à falta de pólvora e balas, que como a bateria durou tanto tempo iam-se-lhe acabando as munições, e já quando o inimigo virou as costas, não tinham os nossos soldados mais que duas, ou três cargas de pólvora cada um; e assim a que os holandeses levavam em suas bandoleiras, lhes foi de grande proveito e alívio, para tornar a brigar de novo. Dos soldados do Camarão nenhum morreu neste encontro e só três saíram feridos, porém as feridas foram de tão pouca consideração, que sem adjutório de cirurgiões, nem de medicamentos, sararam os feridos dentro em sete dias, e se acharam alguns soldados do Camarão com sinais e nódoas por seus corpos, feitas com as balas do inimigo, certos sinais evidentes e claros de que as balas holandesas não passavam os corpos aos nossos soldados, pois dando-lhes nos peitos, lhe caíam aos pés sem lhe fazer outro dano, que assim costuma Deus permitir quando as guerras são feitas por sua honra e com tão justa causa, como esta se faz. Ficou o Camarão quatro dias no campo celebrando a vitória, que Deus lhe havia dado, e rendendo-lhe as graças por tão grande favor e logo se recolheu para a Paraíba, donde mandou aos nossos governadores a relação do glorioso

sucesso, e o Capitão João de Magalhães deixando na Paraíba a sua companhia, veio escoteiro a pedir socorro de pólvora, balas e de gente, para tornarem a buscar o inimigo, o qual tanto que chegou a fortaleza do Rio Grande despediu logo três barcos para o Recife carregados de feridos, e soubemos por um holandês rendido que eram mais de quinhentos e que muitos antes de chegarem ao Recife haviam perdido as vidas no mar. Logo do Recife mandaram socorro de gente aos seus; e da nossa parte se fica também pondo em caminho.

Agora será justo que mostremos o como Deus favorece aos justos nas batalhas, e como o fugir é coisa infame, e as razões por que muitas vezes não é bem que se siga o inimigo vencido, quando vai fugindo, para que também os que se prezarem de curiosos, achem aqui seu entretenimento, e os que desejarem acertar achem doutrina e exemplos. Condição é de nosso Deus, e ordinário costume o ajudar, e favorecer aos justos nas batalhas e guerras, sem que eles de sua parte metam muito cabedal, nem padeçam trabalhos. Isto se mostra claramente em Moisés, o qual sem armas e só com um bordão nas mãos triunfou de Faraó e de seus exércitos no mar roxo, aonde os afogou a todos seus soldados, guerreiros, carros, valorosos cavaleiros, sem que nenhum deles ficasse com vida. Unus ex eis non remansit. Exod. 14, n. 24. Também se vê em Josué, 6, n. 20, o qual somente com o som de clamorosas trombetas deitou por terra os muros de Jericó. Vê-se em Josafá, 2, Paralip. 20, n. 22, o qual não pelejando, mas cantando, desbaratou de todo o ponto a um exército copioso, composto de três castas de gente. E na mesma conformidade também costuma amedrontar e acovardar aos maus, sem se dar alguma causa de temor e covardia, segundo aquella promessa feita no livro do Êxodo. Terrorem meum mittam in præcursum tuum, e occidam omnem populum ad quem tu ingredieris: cunctorumque inimicorum tuorum coram te terga vertam. Exod. 25, n. 27. E se pode ver no Levítico, cap. 16, n. 17, e no primeiro e quarto dos Reis, e em outros muitos lugares da Sagrada Escritura.

Quem com entendimento repousado e sossegado ânimo, considerar a coisa, a poucos passos achará que os maiores triunfos e vitórias, que os valorosos capitães (principalmente os que conheceram a Deus e se nomearam por seus servos) alcançaram de seus inimigos foram por meio da virtude e oração, e porque puseram sua esperança em Deus, e

não nas forças e cabedal humano. Esta verdade nos demonstram os filhos de Israel, os quais vendo-se oprimidos dos filisteus e desamparados de todo o socorro humano, recorreram ao divino, e com esta confiança disseram ao Profeta Samuel que os governava: Ne cesses orare pro nobis. I, Regum. 7, n. 16. Que não cessasse de orar por eles a Deus; manifestando nisto que a oração, lágrimas e sacrificios de Samuel lhes serviam de armas, muros, fortes, baluartes e esquadrões formados para resistir a seus inimigos e desbaratá-los. E assim David, Salm. 149, n. 6, mais desejava que seus soldados andassem armados com rogativas feitas a Deus, do que com armas rígidas, e fortes. Exaltationes Dei in gutture eorum, e gladii ancipites in manibus eorum. Aonde diz S. João Crisóstomo, que nos quis o Profeta Rei dar a entender, que nenhuns exércitos e esquadrões formados nos podiam defender com maior eficácia, nem alcançar mais gloriosas vitórias de nossos inimigos, do que as orações dos santos, porque os salmos e hinos nas bocas dos justos, se representam aos inimigos como espadas afiadas em braços robustos. Ostendit quod canentes, e laudantes sic vincent.

Conta a divina Escritura, Exod. 17, n. 12, que acometendo Amalech com mao armada, copioso exército e brava resolução aos filhos de Israel, e andando-lhe Josué resistindo com brava coragem e não podendo reprimir sua fúria, vendo o santo Moises o perigo e aperto dos seus, subiu a um monte, e com os braços abertos se pôs a orar a Deus, e com sua oração alcançou a vitória, que Josué com seus soldados não podia alcançar; e nesta conformidade vendo Eliachim aos israelitas gravemente oprimidos pelos assírios, não exortou seus soldados a pelejar, senão a orar a Deus. Scitote quoniam exaudiet Dominus preces vestras. Judith 4, n. 12. E tomou por exemplo a Moisés o qual orando alcançou a vitória de Amalech, de seus exércitos, seus soldados, seus coches, suas armas, seus cavalos, lanças, espadas e setas, com mais eficácia do que Josué brigando valorosamente; o que bem ao claro confirma S. Gregório Nazianzeno, orat. 12 que est prima de pace, dizendo: Pugnantis manuum extensio innumerabilium copiarum instar erat, orationis opera trophæa erigens. E mais claramente São João Crisóstomo, Serm. de Moisés, in tomo I: Fit (diz ele) Moise orante occulta pugna, manifesta victoria. Latenter dimicat, ul evidenter devincat. Pela qual razão os mesmos israelitas para

reprimirem a potência e braveza de Holofernes com excessivos gastos e grandes presidios militares se prepararam, como diz o texto sagrado: *Præocupavernut omnes vertices montium e muris circunderunt vicos suos in præparationem pugnæ. Judith 4, n. 3.* Porém julgando por de pouca monta e consideração todas estas bélicas preparações, recorreram ao presidio verdadeiro, que é a oração, e clamores ao Céu: *Et clamavit omnis populus ad Dominum in instantia magna, e humiliaverunt animas suas in ieiuniis, e orationibus.* Aonde diz *Lirano* divinamente: *Facit primo quod potuit, ne tentaret Deus, sed residuum, quod facere non potuerat, Deo precibus commendabat.* Primeiro fizeram de sua parte tudo o que suas forças e cabedal podiam chegar por não tentarem a Deus, não acudiu à sua defensão; porém para o bom successo e para alcançarem a vitória aonde suas forças não eram suficientes, recorreram a Deus, e em suas mãos puseram seu total remédio e liberdade, assentando por coisa averiguada, que todos os presidios humanos são vãos e de pouca monta, quando falta o socorro divino.

Pois a santa *Judith* não somente estava em contínua oração e preces ao céu, quando o insolente bárbaro apertava rijamente com os moradores da sua cercada e afligida Cidade de *Betulia*, quando ele tinha já cortados os canos por onde a água de beber lhe entrava, e as cisternas já de todo esgotadas, e a cidade já em véspera de ser escalada; mas também quando o perigo já parecia acabado e alcançada a vitória, ainda então não cessava de orar a Deus; já se via junto ao leito de *Holofernes*, que estava oprimido de um carregado e profundo sono, já tinha na mão direita desembainhada sua própria espada e com a esquerda lhe tinha agarrado os cabelos da cabeça, já estava para descarregar com o golpe na sua garganta, já não restava mais que a vitória e triunfo; e contudo a generosa matrona, tímida e não confiada em suas forças, rogava a Deus que lhe desse as divinas: *Confirma me Domine Deus in hac hora. Judith 13.*

Não tinha *El-Rei David* pequenos exércitos, para deitar por terra a soberba e abater o orgulho com que o perverso filho *Absalon* lhe pretendia tirar a vida, e com ela a coroa e cetro; contudo para ensinar quão pouco valem as forças humanas, faltando as divinas, recorreu à oração e disse: *Domine Deus meus in te speravi: salvum me fac ex omnibus persequentibus me, e libera me; ne quando rapiat ut Leo animam meam, dum non est qui redimat, neque qui sal-*

vum faciat. Salm. 7, n. 12. De cuja desconfiança, ou para melhor dizer humildade, admirado S. João Crisóstomo, pergunta a razão por que diz David, que não tem quem o ampare e o livre do perigo em que se via, pois tinha consigo um numeroso exército de valorosos capitães e briosos soldados, bastantes para averiguar outras empresas de maior porte e consideração. E responde que pouco valem forças humanas, se falta o socorro do céu, e que quem estiver amparado por Deus, ainda que se veja só no meio de um deserto cercado por uma parte de esquadras inimigas e por outra de tigres, de serpentes e leões, não tem que temer, antes de todos os perigos sairá triunfante, o que o mesmo David em outro salmo 22, n. 4, confessou, dizendo: Si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es.

Conta a Sagrada Escritura, que quando David se saiu de Jerusalém, fugindo da fúria de seu filho Absalon, o caminho que seguiu foi o que guiava para o Monte das Oliveiras. Rex itaque transgrediebatur torrentem Cedron, e cunctus populus incedebat contra viam olivæ, que respicit ad desertum. 2, Regum 15, numer. 23. E nota São Cirilo Jerosolimitano, Cathechesi 2, de penitentia, que como a oliveira é símbolo da misericórdia divina, que era o que David pretendia com suas preces; e fiado nela, e não em suas armas, pretendia escapar das mãos do mal intencionado e irado filho, e conhecia com espírito profético, que do monte Olivete havia Cristo de subir aos céus, não duvida que concederia Deus sua graça a quem em tal lugar lh'a pedisse. Grande ânimo teve o mesmo David quando sendo ainda mancebo de pouca idade, e menos experimentado nas armas, se atreveu a acometer ao Gigante Goliás, robusto, fero, forte e soldado experimentado em muitas bdtalhas, i. Reg. 17. Porém donde vos parece que lhe nasceu tão grande ânimo? Do caído, da funda, ou da pedra com que ia armado? Em verdade que tão fracas armas, eram mui diminutas e débeis instrumentos para causar ânimo em tão perigosa empresa. Ora a mim me parece (se neste caso valho alguma coisa) fiando-me no parecer de S. João Crisóstomo, hom. 3, de David e Saul, que foi a oração, que fez a Deus antes que entrasse no combate, na qual lhe pediu adjutório e favor, para sair vitorioso, o que ele dissimuladamente disse ao Gigante antes de o investir, tanto que se viu em sua presença: Ego venio ad te in nomine Domini exercituum. I. Reg. 21.

Finalmente quando David se viu metido na cova do Odolam, cercado das tropas e exército de Saul, e posto no ultimo discrimine da vida compôs aquele salmo cento e quarenta e um, no qual com grandes clamores, faz deprecações a Deus; e entre outras muitas coisas diz: Perrit fuga a me, e non est qui requirat animam meam, clamavi ad te Domine: dixi, tues spes mea, porto mea in terra viventium. Como se dissera, eu não tenho caminho algum para fugir, nem remédio para escapar a vida, e só de vossa mão, Deus meu, espero o adjutório. E a este salmo pôs o santo profeta por título: Intellectus David cum esset in spelunaa oratio. Entendimento de David e oração, quando estava escondido na cova, aonde nota o Cardeal Belarmino, in Salm. 141, e 6. que posto David no último risco da vida, chamou a sua oração, seu entendimento, porquanto a prudência e sabedoria consistem em buscar a Deus nos perigos mais arriscados. Bem pudera espriar-me mais nesta matéria, pois tenho largo campo para o fazer, porém porque o estrondo das armas, em que ando metido, não me dá lugar para disgressões mui difusas, parece-me que com o dito fica sufficientemente provado, que todos os que nos maiores perigos se chegam a Deus, e põem em suas mãos suas confianças, sempre são dele favorecidos, e ajudados, e assim tenho por certo, que o bom successo e gloriosa vitória, que o Camarão alcançou dos holandeses, teve seu princípio e bem-afortunado fim de Cristo Nosso Senhor e da Virgem gloriosíssima sua Mãe, aos quais ele se encomendou antes de entrar na batalha. Mostremos agora como o fugir na guerra sempre se teve em todas as nações por coisa torpe, infame e ignominiosa.

Quando os dois Reis Achab, e Josafat, 2, Paralip. 18, n. 33, se uniram em um corpo, para saírem ao encontro a El-Rei de Síria, diz a divina Escritura, que no meio do combate foi El-Rei Achab ferido nas costas, entre o pescoço e os ombros. Accidit autem ut unus é populo saggitam in incertum iaceret, e percuteret Regem Israel inter cervicem, e sacapulas. Certo sinal de que tinha viradas as costas ao inimigo e vinha fugindo, e ficasse sua morte vituperada, porque nenhuma o é mais que a que se dá aos que fogem; e daqui parece que nasceu aquela amigável, porém dolorosa queixa, que Josué fez a Deus vendo que seus soldados viravam as costas ao inimigo. Mi Domine Deus quid dicam videns Israelem hostibus terga vertentem? Josué 6, n. 8 e 10. E logo em outro lugar: Quid facies magno nomini tuo? Nos

quais lugares não tanto se queixa das mortes e destruições de seus soldados, que na guerra se haviam feito, quando da fugida que fizeram, como se a ignomínia da fugida não desonrasse tanto aos filhos de Israel, quanto ao mesmo Deus, que a havia permitido e nesta conformidade deu o Patriarca Jacob os parabéns a seu filho Judas, não porque havia de desbaratar, vencer e matar a seus inimigos, senão porque os havia de pôr em fugida infame. Manus tua in cervicibus inimicorum tuorum. Gens. 49, n. 8. Não disse que havia de ferir seus inimigos nos peitos, senão nas costas, mostrando que não somente não lhe haviam de poder resistir, senão que lhe haviam de fugir assentando por coisa averiguada, que maior glória têm os vencedores de fazer fugir a seus inimigos, do que de matá-los, e que maior ignomínia é fugir na guerra, do que morrer nela.

E nesta conformidade costumavam os lacedemônios pôr nos pés de seus soldados, quando partiam para a guerra, sapatos e solas de chumbo, para que o temor lhes não administrasse asas para os pés, e algumas vezes lhes amarravam âncoras aos pescoços, e ao tempo de peleja lh'as deitavam em terra, para que agarrando nela com seus dentes os tivessem presos e soubessem que no sítio, em que seus capitães os punham, ou haviam de vencer, ou morrer a pé quedo, sem esperança de poderem fugir, e daqui nasceu que entre os romanos, aqueles eram tidos por valerosos e esforçados, que nunca haviam fugido na guerra; e porque Lúcio Dentato achando-se em cento e vinte batalhas com os inimigos, nunca foi ferido nas costas, diz Tito Lívio, que foi chamado o Romano Aquiles; e do Imperador Probo, diz Flávio Vopisco, que sendo achado em uns despojos um cavalo, que havia corrido cento e dez milhas sem descansar, e que havia continuado a carreira oito dias continuos, e apresentando-o ao dito Imperador, para que o tivesse em seu poder por coisa rara e nunca vista, e o reservasse para alguma ocasião de extrema necessidade; o que Probo respondeu foi, que tal cavalo mais convinha para um soldado covarde e fujão, do que para um Imperador; e repudiando o cavalo, mandou deitar seu nome em um vaso, para que os soldados deitassem sortes sobre quem o havia de levar; julgando o fugir nas batalhas por a mais ignominiosa coisa do mundo, do qual parecer foi também Tertuliano, lib. de fuga in persecutione cap. 10, dizendo: Pulchrior est miles in pugna amissus: quam in fuga salvus: malo miserendum, quem erubescendum. Mais

honra é para o soldado o morrer na batalha, do que salvar a vida fugindo, porque, como disse o outro grande capitão: mais quero morrer honrado, do que viver com afronta.

Pois que seja muitas vezes ignorância crassa, e coisa mui perigosa e arriscada seguir ao inimigo quando vai de retirada e fugindo descomposto, aqui o mostrarei com alguns exemplos. Os lacedemônios tinham por coisa baixa e vil o seguir e ir no alcance, aos que descompostamente e com covardia lhe fugiam, segundo o afirma Alexandre ab Alexandro, lib. 4, genial. dierum. cap. 7, e dá a razão dizendo: Neque enim videbatur decorum satis in fugientem hostem inferre signa, e in terga dantes ius victoriæ exercere. Porque tinham por afronta e ignominia arvorar bandeiras, tocar caixas, formar esquadrões, fazer marchar tropas, contra gente que fugia, e executar os direitos e foros da vitória, em quem virava as costas. O mesmo mandava Plutarco nos Apotegmas de Licurgo, dizendo: Græ corum non esse interimere eos, qui cessissent. Que não era honra dos gregos matar aos que fugiam confessando-se por covardes, assim por não se mostrarem cruéis e mal-intencionados, como também por não acrescentarem aflições aos afligidos. E o mesmo preceito punha a seus soldados Pirro, rei dos epirotas, tendo que não somente era coisa gloriosa, senão também de mui grande proveito, para que os que fugiam não dessem em desesperação, e a desesperdção lhes desse ânimo e forças para resistirem, assim o afirma Júlio Frontino, lib. 2, stragem. cap. 6. Também aos hebreus pareceu bem algumas vezes este conselho, e o tiveram por louvável e acertado, porque admoestando Chusai Arochite ao povo que não seguisse a David quando ia fugindo, todos os conselheiros de Absalon foram do mesmo parecer; e o aprovaram como o diz o Texto sagrado no segundo livro dos Reis, cap. 17, num. 16 e na mesma conformidade, quando Absalon morreu pendurado por seus cabelos da azinheira, e atravessado com três lançadas, diz a Escritura santa: Cecinit Joab buccina, e retinuit populum, ne persequerentur fugientem Israel, no lens parcere multitudini. 2. Reg. 18, num. 16. Tocou Joab sua corneta, e deteve o povo que não fosse no alcance dos contrários, querendo perdoar aos do bando inimigo, e ainda que com este precito parecia que somente perdoava ao povo, também atentava pelo bem e proveito dos que o iam seguindo, para que não se fossem empenhando no alcance descon-

certadamente e obrigassem aos contrários a cobrar a coragem de desesperados.

Muitas vezes succede que da desesperação nasce a esperança, como o afirma Vegecio, lib. 3, de re militari cap. 21. Ex desperatione crescit audacia, e cum spei nihil sit, submit arma formido. E Quinto Cúrcio, lib. 4: Essugit mortem quisquis contempserit, timidissimum quemque consequitur. E em outro lugar, lib. 5. Ignaviam nullus perniciosior hostis, quam quem audacem angustiae faciunt: longèque violentius semper ex necessitare, quam ex virtute corripimur. E em outro lugar: Designes timere, si sperare desieris. O que tudo junto quer dizer, que muitas vezes da desesperação cresce a ousadia, e quando não há aí esperança alguma, o medo toma as armas e foge da morte aquele, que a despreza, porque ele sempre persegue aos tímidos e acanhados e de ordinário a necessidade faz tirar forças de fraqueza, e não há aí inimigo mais pernicioso, que aquele, a quem as angústias fazem ousado, e assim quem não quizer ter medo, deixe de ter esperança. Antigamente cento e vinte mil crotonienses foram desbaratados por quinze mil locrenses, e dá o historiadór Justino, lib. 20, a razão dizendo, que perdida a esperança da vitória, se deliberaram todos a morrer e desta desesperação lhe nasceu tanto ardor nos corações, que se julgaram por vencedores, quando muitos não morressem, porém quanto se deliberaram a morrer honestamente, tanto com maior felicidade venceram, e não houve outra causa da vitória, senão o haverem desesperado das vidas, e daqui se originou aquella sentença de Virgílio:

Una salus victis, nullam sperare salutem.

E aquele dito de Salústio: Gravissimi sunt morsus irritatae necessitatis.

Confirmemos esta matéria com a Sagrada Escritura 2. Reg. 2, n. 16. Quando Joab capitão de David ia perseguindo a Abner, capitão de Saul, vendo-se Abner metido em grandíssimas angústias, causadas por o adversário, que o ia apertando cruelmente, diz o Texto sagrado, que se virou para ele, e exclamou dizendo: Num usque, ad interneccionem tuus mucro de saeviet? An ignoras quod periculosa sit desperatio? Como se dissera: não sabes que o inimigo vencido, se mais do que convém se vê apertado do vencedor, com desesperação se incruellesce fortemente para a peleja? Portanto deixa de me perseguir, porque da desesperação não me nasce a esperança da vitória. Pareceu-lhe bem a admoestação a Joab

e logo mandou tocar a recolher, e tremeu o inimigo desesperado, a quem havia desprezado, enquanto o viu com esperança de vencer. O mesmo succedeu a Lísias, o qual vendo que os hebreus posta de parte toda a esperança se deliberavam a morrer, ou vencer, tomou bom conselho e se retirou para Antióquia, segundo se conta no livro dos Machabeus, cap. 4, n. 35, dando a entender que maior perigo temia de poucos soloados desesperados, do que de muitos com a esperança da vitória. Assim succedeu finalmente aos soldados de Jônatas, os quais vendo seu general morto por os ptolomenses, se animaram todos entre si, e se resolveram, ou a morrer todos, ou a vingar a morte do seu capitão com morte de todos seus inimigos; o que visto por os contrários desistiram do alcance em que iam enfunados e com grande pressa se tornaram a retirar. Cum enim cognovissent quod com-prebensus est Jonathas, e periit, e omnes, qui cum eo erant, hortati sunt semetipsos, e exierunt parati in praelium: e videntes hi qui insequuti erant, quia pro anima res est illis, reversi sunt. I Machab. 12, n. 50.

Esta é uma das causas porque o Camarão não foi no alcance dos holandeses e índios brasileiros vencidos, que lhe foram fugindo, porque não dessem em desesperação, e dela lhes nascesse furor para se deliberarem todos a morrer na demanda, ou a vencer; e tambem não foi em seguimento seu, porque lhe faltava a pólvora e as balas, que era o com que lhe havia de fazer a guerra. Deixou os ir fugindo, carregados com seus mortos e feridos; esteve no campo celebrando a vitória e dando muitas graças a Deus por ela, e logo se pôs em caminho para a Paraíba. donde mandou para o nosso Arraial duzentas cabeças de gado vaeum, para a sustentação dos nossos soldados, o qual gado havia ajuntado nos campos do Rio Grande, e do muito que tinha junto, só este lhe ficou, porque todo o mais se tornou a amontar com a vinda do inimigo, e com o grande estrondo da mosquetaria. que houve no dia do combate; da Paraíba mandou pedir socorro aos nossos governadores, de gente e munições o qual lhe foi na forma que logo adiante diremos.

CAPÍTULO II

Das coisas, que succederam até o fim do mês de fevereiro

Aos vinte dias do mês de fevereiro saiu do Recife um francês rendido, o qual chegando ao nosso Arraial, descomposto e mal vestido, disse ao Governador João Fernandes Vieira e ao Mestre de Campo André Vidal em como ele havia dois dias que estava escondido entre os mangues por não ser achado dos holandeses, e que deixava o seu fato e alguma fazenda escondida junto à fortaleza das Cinco Pontas, e que mandassem com ele alguns soldados, e que ele lhes mostraria o lugar aonde a havia deixado escondida, e que quando não achassem ser verdade o que dizia, o matassem logo; e também disse que muitos franceses e ingleses estavam para se sair e vir-se para o nosso Arraial, e que o não faziam por o temor que tinham de que os portugueses os matassem, em vingança de muitos agravos e tiranias infames que haviam recebido dos holandeses, porém que se fossem certificados de que os portugueses lhes houvessem de dar bom quartel e honrado tratamento, logo se viriam para nós. Mandou logo João Fernandes Vieira com ele vinte e cinco soldados da gente da terra, práticos nos caminhos e atalhos, e de ânimo alentado, os quais indo com o francês, chegaram de noite bem perto da fortaleza das Cinco Pontas, e em um lugar secreto acharam a fazenda, segundo o francês havia dito, e se tornaram com ele para o nosso Arraial.

Logo o Governador da liberdade João Fernandes Vieira mandou fazer uma dúzia de cartas, escritas em língua flamenga e francesa, e as mandou deitar por os soldados das estâncias nos caminhos por onde os holandeses andavam de ordinário, e para que as lessem iam abertas, nas quais mandou prometer bom quartel e honrado tratamento e praça com pagamento a todos os soldados flamengos, ingleses e

franceses, que se quisessem passar para a nossa banda, e ultimamente lhe prometeu segurança das vidas. Entregou estas cartas aos capitães das estâncias Domingos Ferreira e Antônio Gomes Taborda, e ao Governador dos negros crioulos Henrique Dias. Henrique Dias mandou pôr estas cartas de noite defronte da porta da fortaleza das Cinco Pontas, de sorte que não era possível sair flamengo algum da fortaleza, sem que as visse, porque estavam penduradas em paus fincados na terra, e os dois capitães Ferreira e Taborda foram pôr pessoalmente as que se lhes entregaram, junto às fortalezas da Seca, Salinas e Afogados, debaixo da sua artilharia, em um descampado, de maneira que tanto que amanescesse as vissem os que nas fortalezas estavam; agora estamos esperando o fim em que resulta esta façção; porque também o francês rendido escreveu duas cartas de sua letra aos franceses seus patrícios e amigos, nas quais lhes dava conta do bom tratamento, que os portugueses lhe faziam, e da benignidade, com que o tratavam; porém este francês foi mandado para fora do nosso Arraial, a viver mais pela terra dentro por não andar entre nós tão perto do Recife estrangeiro algum, de quem pudéssemos recear alguma traição, como nô-la tinham ordenado os holandeses, que serviam no nosso exército, segundo o temos relatado atrás largamente, foi o francês mui satisfeito do favor que se lhe fez, e nós ficamos livres de algum sobressalto.

Apertava muito o Capitão João de Magalhães que mandassem ao Camarão com brevidade socorro de gente, pólvora e balas, porque queria ir a buscar o inimigo e não lhe dar lugar de tomar alento, e preparar-se, pelo que o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros quis tomar esta jornada à sua conta, e partiu do nosso Arraial com quatro companhias, as melhores do seu terço, das quais eram capitães Paulo da Cunha Souto Maior, Antônio Gonçalves Tição, Francisco Lopes, intitulado o Estrela d'Alva e Nicolau Aranha; suposto que Nicolau Aranha não foi com a sua companhia, por estar mui enfermo de uma quebradura, que lhe sobreveio de um peso demasiado que tomou, porém foi o seu alferes governando a sua companhia; também foram nesta tropa duas companhias do terço de Henrique Dias, a saber: uma de crioulos e outra de negros Minas, gente mui alentada.

Partiu André Vidal de Negreiros para a Paraiba, aonde estava o Camarão, dia de São Matias Apóstolo, e tanto que

ele se partiu, logo no Recife o souberam os holandeses, e o souberam por um aviso que certo homem da nação hebréia dos que vivem entre nós, lhe mandou, cujo nome não declaro aqui por não desonrar uma geração inteira de honrados e fieis parentes seus, segundo o demonstram no exterior, porém o certo é, que enquanto entre nós viverem cristãos novos, não nos hão de faltar traidores; e se não se executou logo o castigo, foi por não haver rebelião e alevantamento, e esta foi a causa, por que o Governador João Fernandes Vieira foi de parecer que de presente se dissimulasse com a coisa, reservando o castigo desta culpa para seu tempo, porém logo se partiu pessoalmente a visitar as estâncias, e a provê-las de gente e munições de guerra, e encarregou muito aos capitães que estivessem de sobreaviso e tivessem boas vigias, enquanto André Vidal estava ausente, e que se do Recife viessem saindo alguns soldados com siriais de paz, a saber: com mosquetes postos aos ombros, com as bocas para diante, ou deitassem as armas em terra, à primeira vista os recebessem com benignidade e os levassem a apresentar ao nosso Arraial.

Também deu ordem a Henrique Dias e aos mais capitães das estâncias (os quais todos eram da gente da terra de Pernambuco, nos quais ele tinha muita confiança, por o haverem acompanhado no alevantamento da empresa da liberdade e ajudado a ganhar as duas primeiras vitórias, que foram o fundamento de todo o nosso bem) a estes deixou ordem que todas as noites picassem ao inimigo por todas as partes e o inquietassem de sorte que lhe não deixassem dormir o sono descansado, e o dito governador, antes que se partisse dos capitães das estâncias, deitou fora seus vestidos, e ficando em ceroulas e em gibão, acompanhado de quatro soldados animosos, e mui destros nos caminhos e atalhos daquelas paragens, com uma espingarda nas mãos, foi por entre o mato, e viu a seu salvo as fortificações do inimigo e os lugares por onde se lhe podia fazer dano. Partido pois o governador para o nosso Arraial, tanto que chegou a noite, picaram os nossos capitães das estâncias ao inimigo por todas as partes aonde tinham fortalezas, e com tão continuada mosquetaria, que não sabendo ele a que parte havia de acudir, recorreu à sua artilharia, que nas forças tinha, e toda a noite esteve disparando peças, e se ouviu no Recife grande vozeria e revoluções, e toda a noite roncaram caixas e trombetas.

Na seguinte noite foi Henrique Dias com seus crioulos e Minas, e investiu o reduto, que os holandeses tinham a sombra da fortaleza das Cinco Pontas, a tiro de mosquete da Cidade Maurícia, aonde estavam trinta soldados com quatro peças de ferro coado, debaixo da artilharia da fortaleza grande, e os fez fugir, e desamparar o reduto, e entrou nele, porém como a fortaleza começou a disparar sua artilharia, a qual tinha carregada com balas de mosquete e pregos, se veio recolhendo com sua gente espalhada pelo campo e mato, sem receber dano algum. Na paragem dos Afogados da Seca e das Salinas, perturbaram os nossos soldados ao inimigo de tal sorte, que toda a noite esteve a disparar peças das forças; e o Capitão Domingos Ferreira lhe fez um engano ridículo, o qual foi, que pôs quinze palmos de morrões acesos e atados nos pés das árvores, de sorte que o inimigo os podia divisar das suas fortalezas e trincheiras, e dando-lhe dali uma carga de mosquetaria, se apartou com sua gente a um lado, e o inimigo devisando os morrões, disparou para aquele lugar toda artilharia, que tinha nas duas forças das Salinas e Seca, e do forte do Brum e do dos Perregis, e até as peças que tinha na porta do Recife, e os holandeses entenderam que desta vez os acometíamos à escala vista, e os nossos soldados estavam ouvindo a revolução e gritaria que dentro no Recife havia. A mesma inquietação lhe demos na seguinte noite, e logo paramos, porque era conjunção de lua cheia e estavam as noites com claridade, esperando que houvesse noites de escuro para continuarmos com as inquietações que havíamos principiado, para que o inimigo andasse cheio de sobressaltos e temor, até que de uma vez seja a coisa de veras.

No fim do mês de fevereiro chegou da Bahia ao nosso Arraial um jubileu pleníssimo, como no ano santo, o qual o Sumo Pontífice Romano passou para toda a cristandade, para que ajudado com as orações dos fiéis cristãos acertasse a bem governar a Igreja de Deus, cuja presidência em supremo lugar lhe estava encarregada, e juntamente para que a divina Majestade, à vista dos piedosos rogos, mortificações e penitências, e outros semelhantes atos de virtude e compunção, que os bons fiéis costumam fazer em semelhantes ocasiões, fosse Deus Nosso Senhor servido de estabelecer paz e concórdia entre os reis e príncipes cristãos, que por as divisões e guerras, em que estavam uns contra outros, ameaçavam uma lastimosa ruína na Santa Igreja. Este ju-

bileu se publicou em primeiro lugar na matriz da Várzea de Capibaribe, e no dia de sua publicação, aonde concorreu grande número de moradores da terra, por estar esta igreja junto ao nosso Arraial, pregou o Padre Fr. Manuel do Salvador no dia em que se publicou, com a erudição e aceitação do povo, como costuma, e também nesta igreja pregou a quaresma, porque nas outras freguesias da Capitania houve sermões nos domingos, (como soia a haver) por andarem todos os moradores com as armas nas mãos, à barba com o inimigo, e repartidos por as fronteiras marítimas. Todo o povo in utroque sexu, grandes e pequenos se confessaram, e fizeram todas as mais coisas requisitas, segundo o decreto da Bulha Apostólica, para ganharem o santo jubileu, pondo-se bem com Deus, e obrigando-o com penitência a usar com este atribulado povo de misericórdia, dando-lhe seu favor para vencerem ao holandês inimigo declarado de sua Santa Igreja Romana. E o Padre Fr. Manuel do Salvador acudiu à estância de Henrique Dias, e outros confessores às outras estâncias, e nelas confessaram a todos os nossos soldados, e ali disseram missa, e lhes deram o Santíssimo Sacramento da Comunhão, porque para acudirem à matriz era forçado o desampararem as estâncias, e ficar o campo aberto para o inimigo poder sair livremente, e sem impedimento do Recife e de suas fortalezas.

No fim do mês de fevereiro chegaram novas ao Governador da liberdade João Fernandes Vieira, em como o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros com a sua infantaria, e o Governador Camarão com os seus índios brasileiros haviam tido na Paraíba um encontro com o inimigo holandês, no qual lhe mataram muita gente, e com pouca perda da nossa gente ficaram vitoriosos. Estou esperando por a chegada do dito mestre de campo, para me informar bem, e verdadeiramente do princípio, e modo deste encontro, e de seu bem-afortunado fim, para o escrever bem e fielmente, e não referir coisa que por uma parte pareçam lisonja e por outra tenham suspeitas de mentira; e assim reservo para outro capítulo, assim este encontro, como outras coisas dignas de notar, que sucederam na viagem do dito mestre de campo até sua tornada para o nosso Arraial da Várzea.

No princípio do mês de março tratou Henrique Dias de ir a escalar e deitar por terra um reduto, que o inimigo tinha feito em uma casa forte, que estava edificada entre as suas fortalezas a tiro de mosquete da Cidade Maurícia, por-

que lhe era grande impedimento para seus soldados saírem a fazer suas emboscadas, e impedirem a passagem por onde os holandeses iam e vinham, e mandavam provimento, e munições para os seus soldados, que estavam na fortaleza dos Afogados, e suposto que a empresa era árdua e difficilissima, e o acometê-la parecia temeridade, todavia ele só com os negros crioulos e Minas de seu terço a pôs por obra, sem querer levar consigo algum soldado branco, e na véspera do dia de S. Gregório Papa deu conta de seu intento ao Governador João Fernandes Vieira, e lhe pediu pólvora e balas, e uma dúzia de machados, para cortar as estacadas de pau a pique, com que o reduto estava rodeado e fortalecido com suas cavas. Tinha este reduto cinqüenta holandeses de guarnição, a saber: vinte e cinco na primeira estacada e vinte e cinco dentro na casa forte, a qual estava rodeada com uma trincheira de tabuões por ambas as faces, e por dentro com terra e faxina. Neste dia à tarde mandou Henrique Dias descobrir o campo, e sabendo que estava seguro, deixou nele suas sentinelas, e tanto que se cerrou a noite, passou da outra banda do rio quatro companhias, a saber o Capitão Valor com a sua, e a companhia de Eusébio Pais, a qual governava o seu alferes, por o dito capitão não se achar na estância naquela ocasião, o Capitão Garcez com sua companhia, o Capitão Antônio Mina com os seus negros, os mais dos quais haviam sido escravos de João Fernandes Vieira e lhes havia dado alforria, porque o ajudaram com muito esforço e ânimo a ganhar a vitória das Tabocas.

Estas quatro companhias foi governando o Sargento-mor Paulo Dias São Filiche, chamado assim por haver sido escravo do Conde de Banholo, o qual se chamava João Viçêncio São Filiche. Não passou Henrique Dias da outra parte do rio, nem foi a acometer o reduto pessoalmente, porque os seus capitães e soldados, com serem negros tiveram tanto acordo e prudência, que o não quiseram consentir, antes lhe fizeram muitos protestos da parte de Deus e do povo cristão, que se deixasse ficar guardando a sua estância com o mais corpo de seu terço, porquanto eles sós bastavam para aquela empresa, e lhe tornaram a requerer, que resguardasse sua vida para outras ocasiões de maior importância, e honra; porque enquanto eles o tinham vivo, tinham quem os governasse e animasse, e que se o matassem naquela empresa por ser de noite, ficaria o terço sem cabeça, e faltando-lhe o governador, cada qual desampararia o posto, e se iria para on-

de melhor lhe estivesse. Vendo isto Henrique Dias se deixou ficar, porém alerta, para acudir de socorro com toda sua gente, se visse ser necessário.

Considerando o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, que como isto era coisa de negros, poderia haver algum desmancho; e conhecendo bem, e de raiz o ânimo, e esforço, e brio de Henrique Dias, e temendo que se ganhasse o reduto ao inimigo poderia investir com a Cidade Maurícia, mandou a todos os capitães das estâncias, que tanto que ouvissem bateria de noite, cada um por sua parte picasse e inquietasse ao inimigo nas fortalezas que lhes ficassem vizinhas de seus quartéis; e ele tanto que se cerrou a noite saiu do Arraial com quatro companhias de seu terço e uma mais de cavalos, e passou o rio por a estância de Henrique Dias, e com esta gente se emboscou, esperando o successo da coisa, para acudir com socorro.

Entre as dez e as onze horas da noite loram os erroulos e Minas de Henrique Dias com o seu sargento-mor e capitães, agachados por entre o mato, e em partes metidos até a cintura por entre o iodo, e tanto que chegaram a avistar o reduto a tiro de mosquete, viram dois vultos da parte de fora da primeira trincheira, que eram duas sentineias do inimigo, os quais dispararam os mosquetes dando rebate, e nos mataram um negro Mina, porém os nossos negros arremeteram ao reduto de corrida e mataram as duas sentineias, e dando duas cargas de mosquetaria sobre a primeira trincheira, chegaram os que levavam os machados, e deitaram um lança dela por terra, abrindo uma portela, por onde toda a gente entrou, e mortos os vinte e cinco flamengos que estavam em defesa da primeira trincheira, arremeteram à segunda, e à casa forte com tanto esforço, brio e coragem, como se fossem uns leões assanhados, e outros começaram a pôr fogo na casa, outros arrimaram paus às paredes da casa, e subindo por eles, como gatos, começaram a deitar a telha em baixo para entrarem dentro, e aqui nos mataram quatro soldados, uns dizem que com dardos de dentro da casa, e outros afirmam (e isto é o mais certo) que os nossos soldados, como era de noite, mataram uns aos outros, o sargento-mor foi ferido, vindo carregado com um soldado que achou morto na cava; e assim ele, como os outros capitães abriram um portilho na segunda trincheira, e investindo a porta da casa forte, lhe puseram os ombros, e os machados, e a deitaram por terra, e entrando dentro houve

uma briga travada com os holandeses, que estavam dentro, os quais todos morreram ao fio da espada, e só quatro escaparam com vida, e destes quatro, dois deles ficaram mais feridos, porém nesta entrada da casa e travada briga, foram feridos o Capitão Valor em uma perna e o Capitão Garcez em uma espadua com duas balas, e o Capitão Antônio Mina com uma palanqueta por a garganta, e também foram feridos um alferes e dois sargentos, porém os nossos crioulos e Minas, como viram feridos os seus oficiais, e não tinham quem os governasse, e imaginando que todos os holandeses que estavam no reduto e casa forte ficavam mortos, e vendo que todas as fortalezas do inimigo (entre as quais estavam metidos) começaram a disparar toda sua artilharia, carregaram às costas os seus mortos, que foram oito, e algumas armas que tomaram ao inimigo, e outras alfaias, e se vieram retirando para a sua estância, e no caminho acharam ao Governador João Fernandes Vieira com as companhias que consigo tinha, a ponto para socorrer aonde se lhe pedisse socorro e lhe deram conta do sucesso.

Neste tempo começaram os nossos capitães das estâncias a picar e inquietar o inimigo por todas as partes, com tao continuada bateria, que parecendo-lhe que por cada parte o investiam, disparou por muitas vezes toda a artilharia, que nas fortalezas tinha, e para divisar o para onde havia de assestar as peças, punha tábua detrás das costas dos artilheiros, salpicadas com pólvora, e pondo-lhe fogo divisava a nossa gente, e para aquele lugar fazia a pontaria com as peças. Morreram nesta empresa oito soldados de Henrique Dias e ficaram feridos vinte e quatro, nos quais entraram o sargento-mor, capitães e oficiais, porém o Governador João Fernandes Vieira mandou pôr grande euidado e diligência em suas curas, e os mais deles vão sarando com o favor de Deus; dos holandeses que estavam no reduto e casa forte, só quatro ficaram, dois feridos e dois sãos, que se esconderam. E isto mesmo confessaram dois holandeses que saíram rendidos do Recife, a saber: um por a estância de Henrique Dias e outro por a vila de Olinda; tanto que a gente de Henrique Dias se recolheu para a sua estância, com seus mortos e feridos, se recolheu também o Governador João Fernandes Vieira com a sua tropa, porquanto vinha enchendo a maré e se lhe impedia a passagem, e o ficar-se ali, além de ser de nenhum proveito, podia ser de grande perigo, porque se arrianhecesse e das fortalezas do

inimigo divisassem a nossa gente, nos podiam fazer em pedaços com a artilharia, ficou o inimigo tão sobressaltado com este acometimento da gente de Henrique Dias por ser tão perto da Cidade Maurícia, que quase se deu por perdido de remate.

Nesta noite do combate caiu em sorte ao Capitão Sebastião Ferreira, morador na freguesia de S. Lourenço, ir plear e inquietar ao inimigo ao forte dos Perregis, que está no meio da restinga de areia, que serve de caminho do Recife para a vila de Olinda, o qual o fez com tanto ânimo, que se meteu debaixo da artilharia, e lhe deu tantas cargas com trinta soldados que levava, que o inimigo se viu quase rendido, e se o dito capitão levava consigo mais gente, sem dúvida houvera de investir com o forte, e escalá-lo; porém como lhe faltou a pólvora se tornou a retirar, e na retirada lhe feriram um soldado com uma bala de peça; e porque deste Capitão Sebastião Ferreira me ficaram muitas coisas no tinteiro, das quais não tenho feito memória, por me não dar lugar o contínuo estrondo da guerra e as muitas occupações de meu officio, quero lhe restituir aqui o que lhe devo. E assim é de saber, que este Sebastião Ferreira foi dos primeiros, que se vieram a unir com o Governador João Fernandes Vieira, com quarenta soldados seus parentes e amigos na aclamação da empresa da liberdade, e sempre o acompanhou em todos os trabalhos.

Soube o Governador João Fernandes Vieira em como o inimigo trazia alguns bois e vacas apastorados junto à fortaleza dos Afogados, debaixo da artilharia e alguns cavalos atados em cordas, e mandou ordem ao Capitão Sebastião Ferreira que com a sua gente fosse de noite a tentear se podia tomar algum gado deste, para sustentação da nossa infantaria; partiu o dito capitão pessoalmente, foi reconhecer o que havia, e viu que o dito gado e cavalos estava metido em um curral, o qual estava cercado por uma parte com a cava da fortaleza cheia de água e funda, e por as outras partes de pau a pique, e que tinha a porta mística com a porta da dita fortaleza, e com tudo isto entrou com os seus soldados dentro no curral, e estando para deitar o gado fora foi sentido dos holandeses, os quais começaram de atirar muita mosquetaria e artilharia, e o dito capitão se deixou ficar agachado entre o gado, até que os holandeses se aquietaram, e logo abrindo a porta ao curral deitou o gado fora e os seus soldados subiram em sete cavalos, que dentro

no curral estavam e vieram tangendo o gado, e trouxeram consigo vinte e cinco bois e os sete cavalos, e depois que estiveram em salvo, mandou o dito capitão dar três cargas de mosquetaria aos da fortaleza e se veio retirando com grande alegria, ficando o inimigo mui sobressaltado.

Tornando pois ao fio de nossa história, donde nos apartamos, succdeu que no princípio do mês de março indo duas das nossas sentinelas perdidas a vigiar de noite o campo junto à cava da fortaleza dos Afogados, viram um vulto, e chegando-se a ele com muita quietação e sagacidade acharam um holandês dormindo, o qual tinha uma corda atada em um pé, e sem lhe fazerem mal, viram que na outra ponta da corda andava preso um cavalo, que era do capitão da fortaleza, que andava pascendo, e cortando a corda com uma faca se subiram ambos no cavalo e o trouxeram; veio apontando a manhã, e despertanno o holandês do sono, e achando a corda cortada, e não achando o cavalo, do qual estava de guarda, temendo que o capitão da fortaleza o enforcasse, fugiu para o nosso quartel; este holandês nas perguntas, que se lhe fizeram, confessou que os do Recife estavam mui intimidados, e que lhes havia chegado uma nau de Holanda com provimento, e os que nela vinham disseram, que vindo na altura do Cabo Verde viram uma armada de cinquenta e tantas velas, e que vieram fugindo com todo o pano metido, sem poder divisar, nem conhecer, se eram castelhanos ou portugueses, com a qual nova todos os do Recife andavam mui sobressaltados. Isto mesmo confessou um inglês, que os soldados de Henrique Dias tomaram às mãos. Não sabemos o que isto será; só o que sabemos de certo, e o estamos vendo com os olhos, é que os do Concelho do Recife mandaram sair do porto doze naus que têm e as mandaram ancorar fora da barra, e que sempre andavam vigiando o mar, uns para a parte do Norte, outros para a do Sul, para ver se podem descobrir alguma certeza destas novas, e para a altura do Cabo Verde mandaram uma nau e uma caravela para o mesmo efeito de saberem o que passa. Deus converta tudo em favor de sua Igreja e do povo católico.

CAPÍTULO III

Das coisas que sucederam na empresa da liberdade até o fim do mês de março de mil e seiscentos e quarenta e seis

Chegou o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros à Paraíba com as cinco companhias que consigo levou (segundo atrás deixamos apontado) aonde achou ao Governador Camarão com o seu terço dos seus brasilianos e Tapuias; e ali foi informado de como vindo o inimigo do forte do Cabedelo em lanchas pelo rio acima a ver se podia fazer alguma presa entre o silêncio da noite, chegou ao varadouro da cidade, e sendo sentido das sentinelas, que o Camarão tinha posto, deram rebate e lhe fizeram resistência, com o que o inimigo se retirou a voga arrancada; o estrondo deste rebate ouviu o licenciado Domingos Ferraz de Souza auditor general de Pernambuco, que então se achou na Paraíba, saiu de sua casa pelas ruas da cidade, para despertar a gente dela, que toda estava dormindo a maior levar, e não achando quem o encaminhasse, foi andando por as ruas até chegar ao alojamento aonde estava o Camarão com seus soldados, o qual também tinha ouvido o rebate e tinha despedido para aquela parte uma companhia dos seus índios a fazer uma emboscada, para acolher dentro nela o inimigo, se saltasse em terra; e enquanto toda a gente do seu terço se punha em ordem de marchar para onde lhe fosse mandado, se pôs o Camarão em oração diante de uma imagem de Cristo crucificado (a qual sempre trazia consigo) pedindo-lhe favor contra os inimigos de sua santa Fé, e assim foi achado prostrado de joelhos e com os olhos banhados em lágrimas; e saindo fora da casa foi marchando com toda a sua gente a buscar os holandeses, os quais não achou, por se haverem retirado com muita pressa. Despertou também do sono toda a gente da cidade ao estrondo das trombetas e

caixas, e foram para onde estava o Governador Camarão, o que visto pelo Ouvidor Domingos Ferraz de Souza, tanto que todos estiveram juntos, lhes fez uma prática tão sentenciosa, como de sua prudência e letras se esperava, e repreendeu grandemente com eficazes razões e maravilhosos exemplos, a pouca vigilância e o grande descuido, em que estavam tendo tão perto de si o inimigo, que não dormia, antes sempre velava: enfim a prática foi tal, que uns ficaram corridos e envergonhados, e outros cobraram grande brio e alento para acometer heróicas empresas. Todas estas proezas e efeito faz nos corações dos ouvintes um pregador zeloso da honra de Deus, e um valoroso capitão, cujos officios tomou aqui o Ouvidor Domingos Ferraz de Souza, por entender que era assim necessário. De semelhantes ministros da Justiça é bem que se sirvam os príncipes e reis, que saibam e se prezem, não somente de julgar causas, mas também de animar soldados, e tomar a espada e o arcabuz nas mãos, quando convém.

Informado pois destas coisas o Mestre de Campo André Vidal, determinou de se encontrar com o inimigo por manha e arte, e para isso deu conta do seu intento ao Governador dos índios Dom Antônio Felipe Camarão, o qual o aprovou, e assim partiram ambos, cada um com sua gente, e tomando o caminho do sertão, para que a ninguém fosse manifesta a intenção que levavam, e fosse descoberta ao inimigo por algum traidor, que ainda naquela paragem se suspeitava que havia alguns, que tinham os corações mais de holandeses, que de portugueses, e andavam entre nós com reboço de amigos e não se declaravam pelo temor do castigo. Caminhando pois o mestre de campo pelo sertão, coisa de nove para dez léguas, tornou a revirar, e veio caindo de noite sobre a igreja de N. Senhora da Guia, junto ao forte de S. Antônio, o qual em direitura dista da cidade quatro para cinco léguas; e tanto que ali esteve fez uma emboscada com a sua infantaria e com alguma gente da terra; e o Camarão com os seus índios Pitiguares e Tapuias fez outras duas emboscadas, com muita sagacidade, e tanto que a nova luz apareceu, e a aurora veio bordando as nuvens de labores, e o claro sol saiu alegrando o mundo, despediu por diferente parte quarenta soldados dos moradores da terra, para que fossem picar o inimigo na fortaleza de S. Antônio, aonde estava, os quais o fizeram com tanta destreza, que dando mostras de si em uma parte, para que fos-

sem vistos do inimigo, arrehentaram em outra, e arremetendo com a fortaleza, deram duas cargas, e vendo que o inimigo se preparava a disparar a artilharia, se recolheram detrás de um cômodo de areia, a modo de trincheira, com o que ficaram amparados; e dali carregavam e davam a seu salvo cargas ao inimigo. O que visto por ele, e a pouca força que tinham, e que não se descobria mais gente, despediu deste forte e do forte do Cabedelo em lanchas duzentos e vinte soldados, a saber: sessenta flamengos e cento e sessenta índios brasileiros, seus aliados e grandes inimigos da nação portuguesa, e entre eles vinha uma índia com um alfange na mão, a qual vinha dizendo: *Eu sou onça e tigre, e com estas unhas hei de despedaçar as carnes aos portugueses, e os hei de comer assados e cozidos*. A esta chamavam estes índios rebeldes, Pagé, que quer dizer feiticeira e profetiza, e Anhanguiara, que quer dizer Senhora dos Demônios e pranteadeira dos mortos.

Tanto que os holandeses, e os seus brasileiros se puseram em terra no areal, formaram seu esquadrão e vieram a buscar aos nossos quarenta soldados, parecendo-lhes que tinham o pleito vencido, e que eram quarenta homens pouco mantimento para tantas bocas, como eles levavam, os nossos quarenta soldados estiveram quietos como de emboscada, e tanto que o inimigo se foi chegando a tiro de mosquete, se levantaram e lhe deram duas cargas, e fingindo não poder mais resistir, se vieram retirando, até que como desesperados viraram as costas, e vieram fugindo por a parte aonde estavam as nossas emboscadas, e como os holandeses vinham na vanguarda e os brasileiros na retaguarda, desejosos os holandeses de ganhar aquela glória e aproveitar-se dos despojos dos vencidos foram entrando com grande furor e orgulho por as nossas emboscadas. Saiu a nossa gente, e acolhendo-os no meio, matou a cinquenta e oito holandeses e quinze brasileiros, os quais logo ficaram estendidos no campo, e vieram seguido aos brasileiros, e a primeira, que mataram foi a feiticeira e profetiza, a onça e tigre, e a Senhora dos Demônios, porque com duas balas lhe atravessaram os peitos, sem que aquela que com feitiços costumava curar os feridos da sua nação, pudesse curar as feridas de seu corpo, que lhe fizeram nos peitos as balas dos mosquetes portugueses, como lá o disse o grande Poeta na sua 7. Eneida de Umbro.

*Spargere qui somnos cantuque, manuque, solebat.
Mulcebatque iras, e morsus arte levabat:
Sed non Dardanidæ medicari cuspidis ictum,
Evaluit, neque, eum invere in vulnera cantus.*

Todos os outros caboclos brasileiros foram fugindo e largando as armas, e se deitaram a nado ao mar, por salvarem as vidas, após dos quais foram também entrando na água os índios do Camarão e os seus Tapuias, e foram ferindo e matando neles, enquanto a água lhe não cobriu as cabeças, e gritando o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que lhe tomassem um holandês vivo, os Tapuias do Camarão foram seguindo a dois que haviam escapado do encontro, e os trouxeram fora da água pelos cabelos, dos quais mataram a um e o outro apresentaram ao mestre de campo para lhe fazer perguntas do que entre os holandeses se passava, este era o seu tambor. Não posso afirmar quantos foram ao certo os brasileiros rebeldes mortos, porque como se deitaram ao mar, e a nossa gente da praia os ia matando e eles se iam sumindo entre as ondas, não tenho certeza de quantos morreram, só sei que dos holandeses, que saíram das fortalezas, nenhum tornou a elas, senão que deixaram as vidas, as armas e as lanchas, e que foi para nós mui glorioso este encontro. Graças sejam dadas a Deus, que tantos favores nos faz nesta empresa da liberdade, que também é por sua honra e em defesa de sua santa Fé Católica.

Tornou-se o mestre de campo com o Camarão e mais capitães e soldados, mui alegre, para cidade, ficando o inimigo com grande mágoa e dor, e não pouco sobressaltado; e tanto que toda a nossa gente descansou, partiu o Camarão para o Rio Grande com o seu terço dos brasileiros Pitiguares e Tapuias, dos quais era governador e capitão geral por S. Majestade, e com ele partiu também o Capitão Paulo da Cunha Souto Maior, com os capitães Francisco Lopes, João de Magalhães e Antônio Jácome Bezerra, com as suas companhias, e o alferes do Capitão Nicolau Aranha e a companhia dos negros crioulos de Henrique Dias, dos quais foi por cabo o Capitão Paulo da Cunha, e foram com determinação de mandar arrancar toda a mandioca e legumes que achassem no distrito do Rio Grande, e retirar todo o gado que achassem amontado, para que o inimigo não tivesse naquela paragem mantimento de que se sustentar; e assim obrigado da fome, ou desamparasse a fortaleza, ou

estivesse sempre esperando que lhe viesse por mar a sustentação do Recife, aonde também havia falta dela, e se o inimigo saísse a defender esta façção, tivessem cabedal para lhe resistir.

Neste meio tempo saíram quarenta holandeses, com outros tantos índios dos seus mancomunados, em seis lanchas da ilha de Itamaracá e saltaram em terra junto ao Tejucupapo com intento de carregarem as lanchas de mandioca (a qual ali havia muita) para fazerem farinha para comerem, porquanto padeciam na dita ilha grande fome. Estava por cabo dos nossos soldados no Tejucupapo e da mais gente da terra o Capitão Zenóbio Chiole, e sabendo como os holandeses haviam desembarcado, deu sobre eles com trinta soldados, com tão determinada resolução, que matou a vinte e feriu a outros, e os mais que ficaram com vida, não tiveram mais tempo, que o valer-se dos pés e meter-se em suas lanchas, e a voga arrancada se tornaram para a ilha com as mãos na cabeça deixando aos nossos o mantimento que tinham arrancado e junto, para se tornarem com ele.

Compostas e ordenadas as coisas da Paraíba, se partiu o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, para o nosso Arraial da Várzea, trazendo consigo ao Capitão Antônio Gonçalves Tição com a sua companhia, para o que se lhe oferecesse no caminho, e também trouxe consigo a dois holandeses e uma mulher da mesma nação, que o Camarão tinha presos, e a outros dois, que o dito mestre de campo tomou vivos às mãos, e chegando a Goiana prendeu a um cristão novo chamado o Chacão, o qual se havia feito judeu no Recife, e ao depois temendo a ruina do alevantamento da empresa da liberdade, se tornou outra vez a reduzir a Fé de Cristo; este cristão novo trouxe preso para se fazer dele o que a justiça julgasse, ou mandá-lo preso ao Tribunal da Santa Inquisição.

Estando pois o mestre de campo em Goiana, estimulados os holandeses e raivosos da desgraça, que havia sucedido à sua gente, que havia ido a arrancar mandioca no Tejucupapo, despediram do Recife ao seu General do mar João Cornelicten Lictart e o Capitão Nicolas, com cento e cinqüenta soldados em vinte lanchas, os quais chegando à ilha de Itamaracá, tomaram ali outras dez lanchas com cem brasileiros, e com esta tropa saíram em um porto do Tejucupapo, aonde certos moradores andavam nas suas roças arrancando mandioca para fazerem farinha, os quais tanto que

viram a máquina das lanchas e a grande tropa de gente, largaram a mandioca, que tinham arrancado, e partiram fugindo a dar rebate ao mestre de campo, que estava em Goiana, o qual logo pôs em ordem a gente, para ir investir com os holandeses, porém por mais pressa que se deu o Capitão Tição (como o caminho era comprido) não pôde chegar a tempo que achasse o inimigo em terra, o qual se aproveitou da mandioca, que achou junta e arrancou mais de vinte mil covas, e as meteu em quatro lanchas, colhendo também muitos limões e laranjas, assim maduras, como verdes, e logo se fez ao mar na volta da ilha, e assim quando a nossa gente chegou, já as balas dos mosquetes não alcançavam as lanchas. Sucedeu pois, que vindo uma destas lanchas carregada de mandioca e refresco de fruta para o Recife vindo navegando defronte do Pau Amarelo, a dois, ou três tiros de mosquete, desviada da terra, andavam uns nossos pescadores deitando no mar uma rede de rastro, tanto que viram a lancha, se embarcaram em jangadas, e investiram com ela, e a tomaram achando nela dois flamengos, um mulato e um negro, os quais trouxeram vivos, e três flamengos mais que vinham nela se deitaram ao mar e se afogaram; trouxeram os pescadores a lancha para terra, e logo em rolos de pau a meteram em uma lagoa junto do mar, para se aproveitarem em alguma ocasião e se aproveitaram da mandioca e trouxeram os prisioneiros ao Governador João Fernandes Vieira, e lhe pediram uma dúzia de mosquetes para irem na mesma lancha abalroar com qualquer embarcação pequena do inimigo, que por ali passasse desgarrada, ele lh'os deu, e por cativos o mulato e o negro, com o que os pescadores ficaram mui satisfeitos e alentados.

No fim do mês de março chegou o Ajudante Bartolomeu Cabral de Vasconcelos com a artilharia da fortaleza do rio de S. Francisco, que a nossa gente tinha ganhada aos holandeses, e deitada a fortaleza em terra por conselho maduro e petição dos moradores daquele distrito. E para que se saiba quem é este Bartolomeu Cabral de Vasconcelos, é de advertir, que estando na Bahia com praça de alferes (de mestre de campo) reformado, quando o Governador Geral Antônio Teles da Silva, por petição dos holandeses do Recife e indústria rebuçada do Padre Fr. Manuel do Salvador, mandou o socorro a Pernambuco, para aquietar o povo, no qual socorro mandou aos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno com os seus

terços, e por capitão-mor da frota a Jerônimo Serrão de Paiva; veio com eles o dito Bartolomeu Cabral de Vasconcelos por soldado do Capitão Antônio Jácome Bezerra, e tanto que saíram ao mar, o dito capitão-mor e os dois mestres de campo, o elegeram por capitão do fogo da dita armada, por ser pessoa de muita confiança e larga experiência nas coisas da guerra; e chegando a nossa frota a Tamandaré, sendo ele dos primeiros que saltaram em terra, foi com trinta soldados a descobrir o campo se estava seguro de inimigos, e descoberto desembarcou toda a nossa gente, e o dito Bartolomeu Cabral foi entregue de todas as munições e bastimentos, os quais comboiou até o nosso Arraial com muito trabalho, buscando carros, e vindo em sua companhia; e chegando ao Cabo, aonde o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros se encontrou com o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, por chegar nova em como o inimigo ia prendendo todas as mulheres e filhas dos retirados, os acompanhou, descobriram o campo até o engenho de Dona Cosma Fróis, e de noite por grandes lodos e chuveiros, e chegando à meia-noite, depois de recolher toda a infantaria, os acompanhou até a casa forte de Dona Ana Pais, aonde o inimigo estava, e ali formou um esquadrão, para estar de mão posta, se o inimigo viesse em socorro, e se empenhou tanto na batalha que causou a todos admiração, e depois da vitória alcançada sempre o ocuparam em matéria de peso e consideração, das quais deu mui boa conta de si; e porquanto a vitória que o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros teve na Paraíba, acompanhado dos seus capitães, dos soldados e do Camarão governador dos índios, foi próspera e digna de louvor (segundo atrás o deixamos largamente declarado) me pareceu coisa justa o torná-la a escrever em verso, para maior entretenimento dos leitores, e para dar mais alento aos nossos soldados, que cada dia andam com o inimigo às mãos.

Sagrado norte, e guia,
De Moisés, vara, escada jacobéia,
Raquel formosa, e pia,
Toda de graça cheia,
A quem o eterno sol veste e rodeia.

Vós sois Virgem Sagrada,
A que a vitória dá aos portugueses,
Porque sendo invocada
Quebrantais os arneses
Dos perversos hereges holandeses.

Junto a vossa morada,
André Vidal mestre de campo chega,
E com a acostumada
Humildade se entrega
A vós, e em vos servir a vida emprega

A vós faz oração,
E em vosso nome põe a mão na espada,
E aos de sua fação
(Briosa gente e ousada)
Lhes manda preparar uma emboscada.

Outra faz detrás desta,
Com arte, manha, artil e sutileza,
E a terceira apresta
Para si com braveza
O flamengo sair da fortaleza.

Logo quarenta manda,
Dos soldados beligeros da terra,
Que saíam para a banda
(Onde o belga se encerra
Na sua fortaleza) em som de guerra.

Partem os valorosos,
Soldados, aonde os manda seu regente,
E com peitos airosos
Disparam de repente
Sua mosquetaria alegremente

Diz o belga, não força,
E cheio de ira, cólera e braveza,
Seus soldados esforça,
E sai da fortaleza
A destruir a gente portuguesa.

Dos belgas depravados,
Assanhados e destros mosqueteiros
Vêm sessenta soldados,
Dos índios carniceiros,
Cento e sessenta e cinco, bons guerreiros.

Vêm postos na vanguarda
Os feros holandeses luteranos,
E nada se acovarda
A tropa dos insanos
Caboclos cruéis e desumanos.

Guia este esquadrão
Uma bruxa Cabocla assanhada,
Trazendo em uma mão
Uma luzente espada,
Fazendo a algazarra costumada.

Esta india arrogante
Medéia astuta, Circes feiticeira,
Com soberbo semblante,
E voz de pregoeira,
Aos nossos fala e diz desta maneira.

Hoje (canalha ousada,
infames portugueses) hei de dar
Morte com esta espada,
E haveis de lamentar
As angústias, que haveis de suportar.

Vem diante de todos,
Saltando aqui e ali com desvario,
E por rústicos modos,
Mas com esforço e brio,
Aos nossos provoca a desafio.

Mas dois soldados nossos
(Que na arte de atirar eram perfeitos)
Lhe quebrantam os ossos.
Metendo-lhe nos peitos
Dois pelouros, que foram bem direitos.

Cai sobre a terra morta

A brava valentona, horrenda e fera,
O belga os seus exorta,
Vendo morta a megera
O Caboclo bando desespera.

Aos nossos arremetem

Todos de mão comum conjurados,
Vitória se prometem,
Mas todos seus cuidados
Em breve os vem perdidos e acabados

Recebe-os nossa gente

Com duas arrogantes surriadas,
E logo incontinente
Com as costas viradas,
Fogem para onde estão as emboscadas.

Vai atrás deles iroso

O holandês com passo apressurado,
E quando mais gozoso,
E mais afervorado,
Se vê da nossa gente rodeado.

Ouve-se o alarido

Dos índios do valente Camarão,
Vê-se o belga perdido,
Quer formar esquadrão,
Porém lugar e tempo, lhe não dão.

As voadoras flechas,

Espingardas, mosquetes e clavinas
Compõem tristes endechas,
Com que as luciferinas
Tropas, caindo vão por as campinas.

Quais faias fustigadas

Do vento furioso e sibilante,
Sentem desapegadas
As folhas num instante,
Assim caem os monstros de Levante.

Os belgas assanhados

Morrem todos, escapam só com vida
Dois ligeiros soldados,
Que a morte embravecida
Os fez virar as costas de corrida.

Quinze brasileiros

Também ficaram mortos neste assalto,
Os mais temendo os danos,
Dando um e outro salto,
Se arrojam (por salvar-se) no mar alto.

Logo após deles vão

Os índios e Tapuias animosos
Do bravo Camarão,
Nem estão ociosos
Os soldados da terra belicosos

Escapar querem na água

Os pertinazes índios rebelados,
Mas sentem pena e mágoa,
Vendo-se traspassados
Com as balas dos nossos bons soldados.

André Vidal dá vozes,

Tragam-me um vivo, para me informar
Se estes cruéis algozes
Se querem entregar,
Ou se têm forças para pelejar.

Deitam-se logo a nado

Nossos Tapuias e índios belicosos,
Pelo argento salgado,
E aos dois belgas medrosos
À terra trazem (como valorosos).

Um era o tambor

Da luterana tropa fementida.
A este faz favor
André Vidal da vida,
Posto que tinha a morte merecida.

Ao outro que agarraram,
Postos os indios todos em terreiro,
A vida lhe tiraram,
E um Tapuia guerreiro
Se armou com sua morte cavalheiro.

Sacra Mãe Virgem pia,
Por vossa mão nos veio esta vitória,
Vós fostes nossa guia,
E assim fique em memória,
Que é vosso o braço, a honra, a palma e glória.

Dos indios rebelados,
Que se escaparam pelo mar nadando,
Uns foram afogados,
Outros foram matando
Com mosquetadas os do nosso bando.

Não sei dizer ao certo
O número dos mortos e feridos,
Mas em tão grande aperto
Uns foram submergidos,
E outros de mil ânsias combatidos.

Mostra-se mui contente
Nosso mestre de campo, e parte a pé
A dar com toda a gente
As graças a que é
Vara do régio tronco de Jessé

CAPÍTULO IV

*Das coisas que succederam do fim de março,
até o fim de abril*

No fim de março, em que caiu a Semana Santa, o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, mandou fazer na igreja matriz da Parzeia um suntuoso sepulcro, segundo se costuma fazer entre os católicos cristãos, aonde esteve o Senhor em custódia, e se celebraram os divinos officios com a maior devoção, aparato e música, que jamais se fez naquie Estado, e todos os gastos pagou de sua bolsa, e fazenda, e no dia da Páscoa da Ressurreição mandou dar alvorada com três cargas de toda a infantaria que assistia no Arraial, e se disparou toda a artilharia da nossa fortaleza, o que também fizeram todos os capitães das estâncias mais pegadas ao inimigo, com o que os holandeses ficaram assombrados, conhecendo que havia entre nós e tão perto do Recife artilharia tão grossa.

Aos dois dias do mês de abril saíram do Recife dois holandeses rendidos para a parte da vila de Olinda, os quaes trazido ao nosso Arraial, confessaram que havia entre os holandeses muita fome, e que muitos estavam para fugir para nós, e que se o não faziam era por medo, que os do supreme Concelho lhe punham, dizendo-lhe que os portugueses matavam a todos os rendidos, ou os entregavam aos Tapuias para que os comessem, porém que se o nosso governador e os dois mestres de campo lhe dessem licença, eles escreveriam cartas a seus amigos que no Recife ficavam, nas quaes lhes certificariam do bom quartel e honrado tratamento, que os portugueses lhe tinham feito a eles, e prometiam fazer a todos os que viessem rendidos. Pareceu isto bem aos nossos governadores, e mestres de campo, e mandaram aos holandeses que escrevessem as cartas, e lidas primeiro por

Mestre de Campo Teodósio de Estrate, as enviaram ao Governador dos negros Henrique Dias, para que de noite as mandasse deitar entre as fortalezas do inimigo, aonde pela manhã pudessem ser vistas e lidas (o que se fez com muita pontualidade) e aos dois holandeses rendidos se fez honrado tratamento.

Aos quatro dias de abril saíram do Recife três rendidos, a saber um flamengo por a parte das Salinas, um inglês e um irlandês, o qual trazia um rosário de contas ao pescoço, entre a camisa e a carne, e disse ser católico romano. Estes saíram por a estância do Governador dos negros Henrique Dias, e fizeram-lhes perguntas a cada um por si, do que havia no Recife, e de outras muitas particularidades, confessaram todos por uma boca, que no Recife havia tao grande fome, que nao davam aos soldados para sustentação em cada semana mais que duas libras de carne sagada e dois brotes, que sao uns pães negros feitos de farinha de favas, lentilhas, cevada, feijões, que se parecem com os pães de farelos, que se fazem para os cachorros, e mais disseram que não tinham água doce para beber, e a que bebiam era de cacimbas, e mui salobre, com a qual misturada com açúcar faziam garapa, a qual lhe dava em câmaras, das quais morriam muitos; e que havia tanta falta de farinha, que uma cana custava seis reales, e é de notar, que vinte e sete canas fazem um alqueire, vejam agora os aritméticos quantos reales custava um alqueire; disseram mais que cada brote custava vinte e cinco placas, três das quais fazem um vintém. Estes foram recebidos com benignidade, e também lhes mandaram escrever cartas a seus camaradas, que livremente se podiam vir para nós, porque a todos dávamos bom quartel, e fazíamos bom tratamento, e que era mentira o que os do Concelho lhe diziam.

Aos seis dias do mês vinham fugindo da Cidade Maurícia três flamengos para a estância de Henrique Dias, e detrás deles vinha uma tropa de soldados para os prender, como em efeito prendeu a dois, e o que vinha diante chegando à borda do rio Capibaribe, começou a gritar. *A senhores negros do Governador Henrique Dias, acudi-me que me querem matar.* Passaram os criculos com brevidade da outra parte do rio em jangadas, varejando os mangues e mato com a mosquetaria, fizeram fugir a tropa dos holandeses e trouxeram consigo ao rendido que pediu seu favor; o qual trazido ao nosso Arraial confessou o que os outros tinham dito, e acrescentou que já no Recife não havia fari-

nha da terra, nem se achava por dinheiro, e que aos holandeses lhe tinha chegado um navio de Holanda com vinte e quatro soldados e algumas munições, e que os do supremo Concelho espalhavam novas, que por todo o mês de abril lhe havia de vir um grande socorro, a saber: dois mil homens para Pernambuco e quatro mil contra a Bahia, que também a haviam de ir tomar. Porém que todos diziam ser isto falso, e que deitavam esta fama para entreter os soldados e impedir-lhe que se não viessem para os portugueses; e também disse que já os holandeses tiveram entregue o Recife; se não foram os judeus que lhes davam dinheiro, para sustentar a guerra, e lhes faziam grandes protestos de perdas e danos, se desamparassem aquela praça, ou a entregassem; porém disse que os do supremo Concelho recolheram todos os mantimentos dentro no armazém, e sabendo que os judeus tinham recolhido em suas casas muita farinha, assim da terra, como de Europa, muita carne salgada, peixe e legumes, vinho, azeite e vinagre, aguardente e cerveja, entraram em suas casas, e lhes tomaram tudo o de comer e beber, que nelas tinham, e tudo recolheram no armazém, e dali lhes davam sua ração, como a qualquer soldado. O que visto por os judeus, e parecendo-lhes mal o comer por bncas e por mão alheia, determinaram fazer um alvoroço no povo, porém saíram mal do intento, porque vindo às espadas os holandeses mataram a sete judeus e a outros muitos feriram; também este holandês escreveu cartas, as quais se mandaram deitar em paragens aonde fossem vistas e lidas por os holandeses.

Aos oito dias do mês veio fugindo do Recife para a nossa banda uma flamenga, e passando por a paragem de Boa Vista, aonde o Conde de Nassau Joao Mauricio, quando governou, havia feito uma ponte de madeira, por a qual se passava o rio Capibaribe, e cada pessoa que por ela passava pagava duas placas de tributo, havendo a dita flamenga passado por as guardas, com uma trouxa de roupa à cabeça, dizendo que vinha a lavar em uma lagoa, que da nossa parte está, vindo já no meio da ponte (a qual tem de comprimento um tiro de mosquete) vieram correndo após dela seis holandeses para a prender, a qual vendo-se quase tomada, largou a trouxa de roupa, aonde trazia seus vestidos e limpeza, e se deitou ao rio, o que visto por os crioulos de Henrique Dias que estavam de sentinela, a socorreram, e disparando seus mosquetes, fizeram fugir aos holandeses, e salvaram a mulher, a qual sendo trazida ao nosso Arraial disse, que os

mais dos soldados do Recife e principalmente os franceses estavam arruinados, e determinavam de se vir para nós, e que ela a causa de sua vinda fora, que tendo ela muitas farinhas escondidas em sua casa, das quais fazia pão, o qual secretamente vendia aos de sua parcialidade, os do Concelho lhe tomaram as farinhas, e queixando-se ela por lhe não deixarem com que se sustentar, lhe responderam que calasse a boca, e quando não a mandariam logo enforcar. A esta mulher mandou o Governador João Fernandes Vieira prover de roupa branca, e lhe mandou fazer bom tratamento.

Aos dez dias do mês de abril partiu o Governador João Fernandes Vieira do nosso Arraial para as partes da Muri-beca, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Sirinhaém, Una e Porto Calvo, para mandar vir farinha e gado para sustentação da infantaria, que padecia grandes fomes, e ajuntar os soldados que andavam desgarrados por aquelas partes, e castigar os rebeldes, e adquirir outros de novo, ainda que fossem casados, porque como muitos soldados dos que haviam vindo da Bahia haviam tornado a fugir por terra para lá, levando muitos negros dos moradores furtados, foi-nos faltando gente para as estâncias, porém sendo avisado o Governador Geral Antônio Teles da Silva desta maldade, mandou pôr vigias, e quantos negros achou, que haviam ido de Pernambuco de mau título, deitou mão deles, e a uns mandou vender, para se dar o preço deles a seus donos, e os que eram oficiais de engenhos, ou de outro qualquer ministério, mandou pôr a bom recado, e mandou aviso a seus senhores que mandassem dispor deles, ou clareza de que eram seus, para se entregarem a seus procuradores, e dos soldados que haviam fugido de Pernambuco, a uns prendeu para os mandar para a conquista de Angola, e mandou enforcar cinco juntos para exemplo, e mandou ordem aos mestres de campo de Pernambuco que castigassem com rigor a todos os que fugissem de suas estâncias, ou se escondessem.

Também levou João Fernandes Vieira determinação de fazer um peditório de caixas de açúcar aos senhores de engenhos e lavradores de canas, para ajuda de se sustentar a guerra. Ultimamente levou intento de fazer uma fortaleza na enseada de Tamandaré, e provê-la de artilharia e gente, para que se alguma embarcação nossa viesse a entrar naquele porto, perseguida das naus do inimigo, achasse ali refúgio, amparo e proteção; as coisas que lhe sucederam

nesta viagem escreveremos quando o governador embora tornar, para que vamos ajustados com a verdade e não contemos novas de caminho, que ordinariamente são mentiras.

Aos doze dias do mês chegou ao nosso Arraial o Capitão João de Magalhães com um magote de gado vacuum com quatrocentas cabeças, as quais o Governador Camarão com os seus índios, e Paulo da Cunha Souto Maior com as quatro companhias de infantaria, que levou consigo, indo por cabo delas, e o dito Capitão Magalhães com seus soldados ajuntaram no distrito do Rio Grande e Cunhaú, tirando-as da boca ao inimigo e arrancando-lhe todas as roças, para que não tivessem ali mantimento algum e fosse necessário esperar que lh'o mandassem do Recife, aonde havia bem pouco. Com a chegada deste gado, ficou atentada a nossa infantaria, porque já lhe iam faltando muitos dias com a ração. Também chegou às Curcuranas outro magote de gado do rio de S. Francisco com duzentas cabeças, com o que os nossos soldados terão de comer para dois ou três meses. O Camarão e os mais capitães, que estavam com Paulo da Cunha, ficaram na Paraíba, e dizem que com muito mais gado, para o trazerem consigo; da Paraíba escreveram ao nosso governador e mestre de campo, que lhes mandassem ordem do que haviam de fazer.

Aos quinze dias do mês saíram do Recife fugidos dois marinheiros franceses, os quais disseram que dentro em quinze dias haviam de vir para nós rendidos quase duzentos soldados flamengos, porque não podiam suportar a grande fome que padeciam, e que logo o veríamos por experiência. Também no mesmo dia chegaram defronte da estância de Henrique Dias, da outra parte do rio, cinco flamengos sem armas, e a nossa posta não quis dar cópia de si, e vendo os ditos flamengos que não appareciam ali os soldados que os chamassem, ou defendessem de quem os viesse seguindo, se tornaram dissimuladamente, fingindo que colhiam araçás para comer, e já quando Henrique Dias chegou e os mandou chamar, não foi possível o poderem fazer, porque já iam a uma vista, e debaixo da artilharia da sua fortaleza das Cinco Pontas, e assim os nossos negros se tornaram agachados por entre o mato.

CAPÍTULO V

Do mais que succedeu no mês de abril, e de uma assinalada vitória que os moradores do Tejucupapo alcançaram dos inimigos holandeses

Vendo os flamengos governadores do supremo Concelho do Recife, que lhe vinham fugindo para a nossa banda cada dia soldados e negros, para atalharem o mal no princípio, antes que se arraigasse e o não pudessem remediar, instruídos dos judeus, que consigo tinham, fingiram duas cartas de Sua Majestade El-Rei Dom João nosso Senhor, e deitando primeiro fama que a eles havia de chegar em breves dias um grande socorro de Holanda, para restaurarem a campanha de Pernambuco, e uma grossa armada, para irem a ganhar a Bahia. Deitaram estas cartas no Recife pelas ruas, para com elas dar alento a seus soldados, e as mandaram deitar pelos caminhos, fora de suas fortificações, para que fossem achadas por as nossas sentinelas perdidas (como foram) e com elas quebrar os brios aos nossos soldados, e divertir ao Governador João Fernandes Vieira, e aos dois mestres de campo André Vidal e Martins Soares, para que afrouxassem o rigor com que lhe faziam a guerra tão porfiadamente; acharam-se estas cartas postas em uns paus fincados na terra, com umas bandeirinhas brancas, e trazidas ao nosso Arraial, e lidas por os nossos mestres de campo e por outras muitas pessoas, e ainda trasladadas, diziam desta maneira:

Primeira carta.

Francisco de Souza Coutinho, embaixador amigo: Eu El-Rei vos mando muito saudar. Agora se receberam novas do Brasil, as quais vereis pelos papéis, que com este vos man-

do; e logo com os ditos originaes, como a mim se me mandaram, os entregareis aos mui altos e poderosos Estados, para que a Suas Altezas poderosissimas conste o como se há governado Antônio Teles da Silva meu governador neste caso. Logo no mesmo instante se despacharam para ele duas caravelas para por ambas assegurar meu aviso, donde expressamente ordeno, que não mande nenhuma gente fora dos limites de minha jurisdição, sem expressa ordem dos que governam Pernambuco; e que logo sem dilação nenhuma (querendo eles) torne a retirar a infantaria que lá há mandado, para aquietar os portuguezes; e juntamente que declare serem caídos em nosso rigor Henrique Dias e o Camarão com seus soldados, porque não bastante que os ditos foram mandados em proveito dos holandeses, e essa foi a intenção de Antônio Teles, como se poderá ver dos papéis que vos mando, para tirar dos meus toda a suspeita em casos de tão grande perigo. me pareceu bem adverti-lo com tão rigorosas e eficazes palavras, que será impossível deixar de executar nosso mandado, e se o dilatar lhe mostrarei mais meu rigor. como até agora lhe foi feito, se bem conforme me hei informado por diversas vias, não tenho achado que Antônio Teles haja saído fora de sua obrigação, que a boa e recíproca correspondência deve conservar com seus vizinhos holandeses. Lisboa quatro de outubro de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos.

Sua Real Majestade

A Francisco de Souza Coutinho.

Segunda carta de verbo ad verbum.

Os Estados Gerais das Províncias unidas, no Pais baixo, havendo vista a proposição por escrito com suas provas, apresentadas por primeiro embaixador D'El-Rei de Portugal, o senhor Francisco de Souza Coutinho, a suas Altezas poderosissimas, em vinte e oito de outubro próximo passado, que eles não querem pôr dúvida na boa fidelidade e direiteza, que Sua Majestade tem em todos os casos, e sucessos. que geralmente forem em prejuizo deste Estado, em particular da companhia das Indias Ocidentais, nas coisas succedidas no Brasil, que a tudo darão inteira fé e crédito, quando virem que as praças tomadas, e conquistadas no Brasil se hajam restituído à dita Companhia. Que os vassallos

deste Estado os hajam solto das prisões aonde os tinham, e postos em sua antiga liberdade; como também tanto que Sua Majestade mostrar seu real rigor e castigo contra os que com armas ajudaram os vassallos rebeldes desta Provincia, ou que por alguma via ilícita os hajam ajudado por algum meio com conselho, ou obra aos ditos rebeldes. Finalmente tanto que entregar a dita Companhia Teodósio de Estrato capitão e seus cúmplices, os quais venderam a fortaleza do Cabo de Santo Agostinho; e no tocante à pessoa do senhor Embaixador, Suas Altezas poderosissimas terão cuidado de pôr tal ordem que lhes parecer, para que conforme a uso e juízo das gentes, se usará o que se deve a um Embaixador de um Rei mandado a este Estado; pedindo a Sua Excelência queira mandar esta resposta a Sua Majestade com toda a brevidade por diversas vias. Feita no Concelho dos mui altos e poderosissimos Estados Gerais, na Aia do Conde em cinco de novembro de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos.

Vistas estas cartas por o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e por os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, logo por eles, e por outras pessoas de bom entendimento, foi conhecido ser isto estratagemas e embuste, fulminado por os holandeses do Recife e por os sagazes judeus, que consigo tinham, porque (bem consideradas as coisas) era impossível o poder-se saber em Portugal com tanta brevidade novas do alevantamento dos moradores de Pernambuco, salvo por milagre de Deus, ou por arte do diabo. Poique o primeiro encontro, que João Fernandes Vieira, com os moradores da terra, teve com o Governador das armas holandesas, chamado Henrique Hus, e o venceu no monte das Tabocas, alcançando a milagrosa vitória, que atrás temos largamente referido, foi em os três dias de agosto de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos, e o segundo encontro na casa forte de Dona Ana Pais, aonde o acabou de desbaratar e o prendeu, e aos officiaes maiores da milícia, foi aos dezessete dias do dito mês, e em os dez de setembro ganhamos o forte de Nazaré no Cabo de S. Agostinho, e então se mandou a nova do bom successo ao Governador da Bahia Antônio Teles da Silva, a qual lhe chegou no fim do dito mês. E dado caso, que no mesmo ponto e hora que recebeu a nova despedisse logo algumas caravelas com aviso ao Reino, não podia chegar o tal aviso senão no mês de novembro, ainda que sempre fossem

navegando com o vento em popa; e a carta de S. Majestade para Francisco de Souza Coutinho embaixador em Holanda, se diz ser firmada por S. Majestade em cinco de outubro, no que claramente se descobre a maranha e fingimento dos holandeses. Secundariamente a carta está escrita com algumas palavras tão impróprias, que bem se deixa crer, que não havia de ter S. Majestade secretário tão novel e ignorante, que não soubesse os termos, palavras e modos com que os reis costumam escrever a seus vassallos e embaixadores. E o fim desta carta está mostrando, que quem escreveu esta carta houvera de pôr por firma Rei, ou Eu El-Rei e não Sua Real Majestade. Muito sabem os holandeses de mercâncias, mas mui pouco do modo com que os Reis escrevem.

Pois na segunda carta, que dizem ser escrita por os Estados a S. Majestade, tantas coisas tem em que reparar, que não sei por qual delas comece. Primeiramente maior honra dão ao embaixador de S. Majestade, do que a S. Majestade mesmo; porque a S. Majestade chamam simplesmente Rei de Portugal, e ao embaixador, o Senhor Francisco de Souza Coutinho, e a si mesmos se chamam, os mui altos e poderosissimos Estados Gerais, e logo põem premáticas, leis e condições a S. Majestade, e lhe fazem ameaças, como se Sua Majestade fora um seu criado, ou súdito, ou lhe jazera debaixo do ferro da lança, e não fora um rei dos mais poderosos de toda a cristandade; pedem-lhe que lhes mande restituir as fortalezas, que os moradores de Pernambuco lhe têm tomado, como se os moradores houvessem de consentir tal, nem imaginar que se poderiam ver outra vez em poder dos holandeses, e sujeitos a suas traições e tiranias, e não quisesse antes todos perder as vidas na demanda, do que tratar com calvinistas, luteranos e judeus, os quais eles consentem que tenham asnoegas patentes e estejam blasfemando de Cristo, Nosso Senhor, só por o interesse que daí tiram e por o dinheiro que lhe dão. Não põem estes malditos os olhos em si, e se envergonham de ver, que depois de terem celebrado pazes com Sua Majestade, lhe foram aleivosamente tomar a Capitania de Sergipe D'El-Rei, e nunca quizeram largar a fortaleza, que ali fizeram, por mais requerimentos e protestos que lhe fez o Tenente-General Pedro Correia da Gama; e outrossim foram no tempo de paz a tomar o Maranhão, Angola, S. Tomé, e cada dia estavam tomando as embarcações, que vão da Bahia para o Reino, e vêm do Reino para a Bahia; aonde está a restituição des-

tes roubos, e traições? aonde está a verdade, e lealdade, com que jamais trataram aos moradores de Pernambuco? nem o cumprimento das promessas que lhes fizeram? considerem pois estas coisas e não terão boca para falar. Porém que se pode esperar de quatro mercadores cegos do interesse; esta matéria pode amplificar quem tiver mais prudência e mais vagar que eu; porque estão tocando as caixas a rebate, e eu vou acudir a minha obrigação.

Não quiseram responder a estas cartas o Governador João Fernandes Vieira, e os dois mestres de campo André Vidal e Martin Soares, entendendo que não mereciam resposta, pois eram estratagemas dos holandeses, para intimidar aos moradores da terra, e perturbar os ânimos aos soldados, que eles mesmos holandeses haviam mandado pedir ao Governador Geral que lh'os mandasse para aquietar aos moradores, para que com esta traça os obrigassem a se tornar para a Bahia, e ficando em Pernambuco os moradores sós, os acometessem livremente, e os destruíssem com maior facilidade, como se os soldados da Bahia não houvessem visto com seus olhos e com mágoa de seus corações a grande traição que os holandeses lhe tinham armado, mandando-os vir da Bahia com pretextos de aquietarem a terra e prenderem os cabeças do alevantamento, e tanto que estivessem em Pernambuco matá-los a todos, como o pretenderam fazer em Tamandaré, mandando-lhes queimar os navios em que haviam vindo, e usando crueldades nunca vistas com os que acharam neles, tendo intenção de matar também aos dois mestres de campo, que haviam desembarcado em terra com sua infantaria, como não tivessem embarcações para se tornarem, e mortos eles irem com armada sobre a Bahia aleivosamente e tomarem-na à falsa fé, e ou bem tomada, ou mal tomada, ficassem com ela, e senhores de todo o Brasil, como fizeram em Angola, São Tomé, e etc.

Porém Henrique Dias governador do terço dos negros crioulos, mulatos, Angolas e Minas, com ser um negro crioulo, ficou tão picado, tanto que leu estas cartas, que sem o fazer a saber aos nossos mestres de campo, respondeu secretamente aos flamengos, e mandou por os seus descobridores de campo deitar a resposta junto à porta da fortaleza das Cinco Pontas, atada em um pau, de sorte que em se abrindo a porta da fortaleza, forçadamente a haviam de ver e ler os que dela saíssem, ou nela entrassem; e foi a carta tal, que nunca mais os holandeses mandaram deitar seme-

lhantes cartas por os caminhos, nem usaram de semelhantes estratagemas, e a resposta dizia assim.

São tão manifestos e claros os embustes e enredos de vossas mercês, que ate as pedras e os paus conhecem seus enganos, atrevidos e traíções, não falo de mim, que com perda de minha saúde e aerramamento de meu sangue me fiz aoulor no connecimento desta verdade. Quando vossas mercês mandaram à Bahia a pedir ao Governador Antonio Teles da Silva socorro de infantaria para aquietar estes moradores de Pernambuco, que se haviam rebelado, não estava eu, nem o Governador dos índios Dom Antônio Felipe Camarão na Bahia, que éramos idos havia muitos dias a certas empresas de importancia ao sertão, e lá tivemos aviso dos moradores desta terra, em como por se livrarem das crueldades, traíções, roubos e tiranias, que vossas mercês com eles usavam, se haviam rebelado, e estavam com as armas nas mãos, deliberados, ou a ficar livres de tão tirano jugo, e deitar a vossas mercês da terra, ou a perderem as vidas na demanda. Ouvida sua razão e conhecendo quanta razão tinham de se levantarem, nos pusemos ao caminho, e os viemos ajudar; e entrando nesta Capitania soubemos de certo, que havendo vossas mercês mandado vir a infantaria da Bahia para aquietarem a terra, tanto que viram desembarcados em terra os nossos soldados, lhes mandaram queimar os navios, em que haviam vindo e determinaram matá-los a todos enganosamente, não tendo embarcações para se tornarem; e por esta razão se deliberaram os dois mestres de campo de se defenderem de vossas mercês; e eu, e o Governador Camarão de os defender em tudo o que pudéssemos, e demos nossa viagem por bem empregada. Meus senhores holandeses, meu camarada o Camarão não está aqui, porém eu respondo por ambos. Vossas mercês saibam, que Pernambuco é sua pátria e minha, e que já não podemos sofrer tanta ausência dela; aqui havemos de perder as vidas, ou havemos de deitar a vossas mercês fora dela, e ainda que o Governador Geral e S. Majestade nos mandem retirar para a Bahia, primeiro que o façamos, lhes havemos de responder e dar as razões que temos para não desistir desta guerra. O caso é que se vossas mercês se querem render e entregar o Recife, lhes faremos todos os honrados partidos, que forem possíveis; e se se enfadarem de estar encurrallados nesse Recife e quizerem sair a espaiarecer, a dar uma saída cá por fora, livremente o podem fazer, e aqui os recebe-

remos com muita alegria, e lhe daremos a cheirar as flores que produzem e drotam os nossos mosquetes. Deliberem-se com tempo, e despejem a terra, ou deixem-se aí estar metidos, comendo e bebendo o que tiverem em seus armazéns, ou mandem buscar muito provimento a Holanda, porque o que a terra produzir havêmo-lo mister para nós, e se vossas mercês mandarem vir armada de Holanda, também nós temos Rei e pai, que suposto que até agora se não tem metido nesta facção da liberdade, todavia se vir que os da Companhia mandam armada de novo, também Sua Majestade nos mandará a sua, porque assim o pede a razão e a justiça, que acuda a seus vassallos nas tribulações. Deixem vossas mercês de fazer tanto gasto sem proveito, porque bem podem perder as esperanças de o tirarem jamais de Pernambuco. E quando nossos pecados (o que Deus não permita) nos obrigarem a nos retirarmos, saibam de certo, que havemos de deixar a terra tão rasa como a palma da mão, e tão abraçada, que em dois anos não dê fruto, e se vossas mercês a tornarem a plantar (o que não sabem, nem podem) nós viveremos a seus tempos a lhe queimar em uma noite a que houverem plantado em um ano. Isto não são fábulas, nem palavras deitadas ao vento, porque assim há de ser. Guarde Deus a vossas mercês, e os converta de suas falsas seitas e heresias.

O Governador Henrique Dias

Depois que Henrique Dias escreveu esta carta nunca mais até agora escreveram os holandeses do Recife mais cartas, antes por todo o mês de abril até vinte de maio vieram do Recife rendidos, e fugindo para a nossa banda quase todos os dias holandeses, franceses e negros, assim de Angola, como Minas, como Caboclos brasileiros e algumas mulheres, os quais todos confessaram, que no Recife se passava muita fome, e que tanta era a falta de mantimento, que valia um alqueire de farinha da terra vinte mil réis. e não se achava, pela qual razão estavam muitos soldados para fugirem do Recife e passar-se para o nosso Arraial; e os que fugiram foram mandados para a Bahia.

Entre o princípio de maio e fim de abril, vendo-se os holandeses que estavam na ilha de Itamaracá, perseguidos da grandíssima fome que padeciam, e que do Recife lhe não vinha provimento por o não haver, determinaram fazer uma

sai da ilha, e dar de repente na povoação de Teju-cupapo, aonde sabiam que em seu distrito havia roçarias de mandioca, e quantidade de legumes, e frutas de espinho; e matando aos moradores da dita povoação antes que pudessem ser socorridos da nossa infantaria de Igarassu e de Goianna, e ficando senhores absolutos daquela terra, pudessem a seu prazer arrancar grande quantidade de mantimentos para se sustentarem um par de meses, e tornar-se para a ilha sem perigo, nem impedimento algum, e para efetuarem esta sua determinação mandaram ao Recife pedir socorro de gente e embarcações; o qual lhe veio sem demora, foram vistas doze lanchas, que do Recife lhe diandaram, por os nossos exploradores da beira do mar, e trouxeram aviso aos nossos mestres de campo, os quais suspeitando que poderia o holandês ser avisado por algum traidor, em como os nossos dois capitães Paulo da Cunha e Francisco Lopes vinham do Rio Grande em guarda de uma tropa de trezentas vacas do muito gado que a nossa gente e o Camarão haviam ajuntado nos campos do dito, nas barbas do inimigo, sem que ele ousasse a sair da fortaleza a lh'o impedir, e como o demais gado já estava no nosso Arraial, e este magote vinha detrás, e os dois capitães referidos em sua guarda, suspeitou o Mestre de Campo André Vidal, que poderia o inimigo estar avisado, e sairia a ver se lh'o podia tomar antes de chegar a Igarassu; e assim mandou lá duas companhias de soldados, e mandou aviso aos de Igarassu, que estivessem alerta, e com boas vigias, e a Paulo da Cunha e Francisco Lopes, que não marchassem com o gado sem trazerem diante bons descobridores do campo, porém já quando o aviso chegou, tinham os dois capitães chegado a Igarassu, e encaminhado o gado com boas guardas para o nosso Arraial, e eles se ficaram aquele dia descansando na vila, do grande trabalho que haviam passado.

Tornando-se pois aos holandeses da ilha, tanto que lhes chegou o socorro do Recife ajuntaram a maior parte do cabedal, e por conselho dos mais práticos na guerra, se embarcaram em vinte e sete lanchas, e saíram da ilha com as proas para o mar, e sobre a tarde vieram a surdir em um porto, que se chama Maria Farinha, e ali deitaram ferro, afastados da terra um tiro de mosquete; veio logo aviso aos dois capitães Paulo da Cunha e Francisco Lopes, os quais com a sua infantaria e com alguns soldados mais dos que estavam em Igarassu, se partiram sem demora para a mesma

paragem, e ali se puseram de emboscada para chocarem com o inimigo, se desembarcasse em terra, o qual tanto que se cerrou a noite, levantou ferro, e fazendo-se ao mar, tornou a entrar pela barra da ilha, e foi demandando o porto do Tejucupapo, veio rompendo a alva, e não vendo os dois capitães as lanchas do inimigo, levantaram a emboscada e vieram marchando para o nosso Arraial do Bom Jesus.

O inimigo foi navegando toda a noite, ora à vela, ora ao remo; e ao romper do seguinte dia ancorou no porto de Tejucupapo, e deitou sua gente em terra com muita pressa, para ir a dar de sobressalto no Tejucupapo; mas não foi a coisa feita com tanto segredo, que não fosse visto por dois nossos descobridores do campo, que estavam de vigia no mesmo porto, os quais logo foram a dar rebate na povoação, do perigo presente em que estavam e tornaram outra vez a vigiar o inimigo para onde caminhava. Os moradores daquela povoação, que faziam número de cem homens, se recolheram logo em um reduto cercado de paliçada grossa, que ali tinham feito, para se fazerem fortes nele, e recolheram consigo todas as mulheres e meninos que na povoação havia, e deixaram fora do reduto trinta valorosos mancebos mui destros em andar pelos matos armados com espingardas, e mui destros atiradores, para que viessem por entre o bosque dando carga a seu salvo ao inimigo; e os cem moradores recolhidos no reduto com mosquetes, dardos e lanças, com pólvora, balas e com só farinha e água, para sustentação, e puseram premática às mulheres, que toda aquela que chorasse, ou lamentasse na ocasião da guerra a haviam de matar a punhaladas; e desta sorte esperaram os moradores ao holandês com grande brio, e com grandes confianças, de que Deus lhes havia de dar vitória. Também despediram um homem de cavalo a pedir socorro ao Capitão-mor Zenóbio Chiole com a diligência, que pedia a tribulação em que estavam.

Tanto pois que o inimigo teve sua soldadesca desembarcada, começou a marchar para a povoação em esquadrão formado, e coisa de um quarto de légua da dita povoação, o sargento-mor, que guiava o batalhão da vanguarda, viu a dois portugueses, que iam atravessando o caminho com grande pressa, para poderem chegar a tempo de se meterem no nosso reduto, e chamando-os a grandes vozes, e tirando o chapéu da cabeça, lhes disse: *A senhores portugueses, buenos dias, buenos dias, não fujam, que todos somos amigos.*

mas já que jogem, antes de duas horas serão todos feitos em postas. Ouviram estas palavras as nossas duas vigias, que estavam dentro no mato, e disparando as espingardas, lhe meteram duas baías nos peitos, e deram com ele em terra morto, e rugiram por entre o bosque. Não pararam os holandeses, antes ocupando outro o lugar do morto, seguiram sua derrota, e indo passando pelo lugar aonde os nossos trinta mancebos estavam de emboscada, lhe deram uma carga a mão-tente, e lhe mataram vinte e tres homens, e se foram meter em uma trincheira, que adiante tinham perto do caminho, entre um arvoredor mui espesso, aonde indo passando o holandes, lhe deram outra carga, e lhe mataram outra pouca de gente, e se foram metendo pelo mato; quis o inimigo vingar as mortes de seus soldados, e deitou por um lado uma manga de mosqueteiros, porém não achando mais que o rastro da gente, e estando já a vista do hosso reduto, o investiu com tal furia, que o teve quase ganhado, e já lhe começava a desfazer a paliçada com os alfanges e machados, mas foram recebidos com tanto esforço, que foi forçado o retirar-se com muita perda; tornaram a fazer outro acometimento, porém também se retiraram com maior perda, e houve entre os nossos uma mulher, que com uma imagem de Cristo nas mãos andava animando os nossos soldados, com tão eficazes razões, como se fora um mui destro pregador; outras acudiram com água, morrão, pólvora e balas, aos que estavam brigando, e as demais se ocupavam em rezar a Deus e aos santos de quem eram devotas, pedindo-lhe humildemente seu amparo e favor.

Vendo-se o inimigo reprimido duas vezes, ajuntou toda sua gente em um batalhão, e investiu com o reduto com tanta coragem, que lhe abriu um portilho por onde podia entrar (como ia entrando) porém acudiram as mulheres, e com dardos, e lanças lhe impediram a entrada, e todas de mão comum chamaram por os Santos Cosmo e Damião, que as socorressem em tão estreita necessidade; caso milagroso! que tanto que invocaram os Santos Mártires, deram os nossos trinta mancebos uma surriada ao inimigo por um lado, o qual suspeitando, que aos cercados lhe vinha chegando socorro, desistiu da empresa, e apesar de sua soberba se retirou infamemente, fugindo para o porto, ao qual em chegando se embarcou com muita pressa e se afastou para o mar, deixando em terra muitas armas e todos os petrechos que havia trazido para arrancar e carregar a mnn-

dioca. Sairam os nossos do reduto em seu seguimento, acclamando vitória, porém chegando ao porto e vendo que o holandês estava já feito ao mar, se tornaram a recolher ao seu reduto, aonde acharam ao Capitão-mor Zenóbio Chiole, o qual havia chegado com trezentos homens de socorro; e se houvera chegado duas horas antes nenhum holandês tornava com vida, do que ele ficou sobremodo pesaroso de não chegar a tempo, sendo que sempre veio a correr.

Tornando pois atras um pouco, não tinham bem chegado ao nosso Arraial os capitães Paulo da Cunha e Francisco Lopes, quando já tinha chegado aviso de Igarassu por um homem de cavalo aos nossos mestres de campo, em como o inimigo com vinte e sete lanchas, tinha chegado ao porto de Tejucupapo e deitava gente em terra; partiu logo sem dilacão o Mestre de Campo André Vidal com sete companhias de animosos soldados e destros capitães, em socorro dos nossos, porém em passando de Igarassu, achou novas em como os moradores de Tejucupapo haviam alcançado gloriosa vitória do inimigo, o qual recolhendo-se em suas lanchas, e deixando o mato, e campo juncado de mortos, e largando muitas armas, se havia tornado para a ilha, levando consigo muitos feridos, e três corpos mortos, que eram os três oficiais maiores de sua milícia.

Fez o mestre de campo alto e mandou que os soldados descansassem do trabalho do caminho, e tomassem refeição, senão quando chega aviso em como o holandês tornava a sair da ilha, e vinha direito com suas lanchas para aquele porto a saltar em terra, para mandar arrancar a muita mandioca, que ali havia por aquelas roças, mandou então o mestre de campo fazer duas bizarras emboscadas, fornecidas com muita e boa gente, aonde o holandês em chegando e saltando em terra, havia de ser infalivelmente desbaratado por os nossos, e havia de perder todas as suas lanchas. Não estavam as emboscadas bem acabadas de fazer, quando o inimigo chegou ao porto e começou a deitar gente em terra; mas como gloriosos sucessos sempre têm um desvio, succedeu que ia com a nossa gente um cirurgião flamengo para curar os nossos soldados, se houvesse encontro, o qual deixava sua mulher e uma filha no nosso Arraial, e indo encima de um cavalo, em vez de tomar o caminho para onde estava a nossa gente, tomou por um atalho e foi dar nas mãos dos holandeses, que desembarcavam, e descobriu-lhe o como os nossos os esperavam com duas grandes em-

boscadas, os quais ouvindo esta nova, se tornaram a embarcar com muita pressa, levando o cirurgião consigo, se fizeram logo a vela na volta da ilha, o que visto por o mestre de campo, mandou desfazer as emboscadas, e deixando todos aqueles portos guarnecidos de gente de guerra, se tornou para o nosso Arraial. O que aqui falta por dizer acerca da vitória que os moradores de Tejucupapo alcançaram dos holandeses, e das graças que vieram a dar aos Santos Cosmo e Damião, se pode ver na poesia seguinte, que será a leitura mais gostosa.

A Ciparissa, Deusa dos amores,
Fuja deste meu canto, que não quero
Misturar passatempos cos rigores
De Rômulo, de Atreu, Nabuco, e Nero;
O baixo, o alto, o tiple e os tenores,
Cantem com triste acento o ódio fero
Dos pérfidos hereges luteranos
Contra os atribulados olindanos.

O fero belga de Itamaracá,
A conselho de guerra os seus convoca,
E lhes diz, bem sabeis que a sorte é má
Daqueles que não têm que dar à boca;
O distrito de Tejucupapo está
Cheio de feijões, favas, mandioca,
A seus habitantes vamos ver,
E vencidos teremos que comer.

Aprovado por todos o conselho,
Ao Recife mandam logo aviso,
Que lhe acudam com bélico aparelho,
O qual logo lhes veio de improviso;
Junto o cabedal todo, disse um velho,
Que tinha, entre os demais claro o juízo,
Irmãos considerai o que fazeis,
Porque mui árdua empresa acometeis

Faço-vos a saber que os portugueses
De nossas tiranias instigados,
Já não querem comércio de holandeses,
Nem ver-se tantas vezes molestados;
Já todos armas têm, e algumas vezes
Os tendes visto tão deliberados,

Que com pequeno número de gente
Nos têm feito fugir infamemente.

Porém pois tanto a fome nos aperta,
E as bocas não sofrem fiador,
Porque a fação não seja descoberta
Por algum fementido traidor;
Na diligência está a vitória certa,
Parti logo de dia, e com valor,
Aportai em paragem diferente,
Aonde acuda a lusitana gente.

E tanto que chegar a noite obscura,
E o luso a resistir já preparado,
Poderá nossa frota bem segura
Vir demandar o porto desejado;
Assim podemos ter boa ventura
Investindo em assalto inopinado,
Aos moradores, que não tendo aviso,
Cada qual titubeia e perde o siso.

Assim se fez, segundo velho esperto
Com bom conselho praticado tinha,
A frota parte logo, e chega perto
Do porto, que se chama da Farinha;
Os nossos com destreza e bom concerto
Uma emboscada fazem mui asinha,
Porém o forte belga ardendo em ira
Para o Tejucupapo as proas vira.

Saiu a estrela d'Alva pregoando
Da cristalina aurora os resplandores,
Que as adensadas nuvens matizando
Vinha com laçarias e labores;
Acalma o vento, e os remos meneando,
Assombra o belga os mudos nadadores
Para avançar o porto com grão pressa
Antes que o carro luzido apareça.

O tenebroso carro desterrado,
Entrava o dia por seu breve atalho,
E matizando a aurora o céu dourado,
Na terra peneirava o fresco orvalho;
Os ricos a seu trato acostumado,

Os pobres a seu lícito trabalho,
Os ânimos turbados aconselham,
E os membros restaurados aparelham.

Vinham chegando ao porto, onde os espera
Um mancebo da terra ventureiro,
Que a descobrir o campo ali viera,
Com o outro valoroso companheiro;
O qual em vendo as lanchas, nada espera,
Antes com pés de gamo mui ligeiro,
Correndo, dá rebate aos que estão
Mui descuidados na povoação.

Ouvida a triste nova, os pareceres
São vários na defesa, ou retirada,
Finalmente os meninos e mulheres
Encerram no reduto e estacada:
As quais faltas de gostos e prazeres,
Cada qual entra em lágrimas banhada,
E para refrigério e doce abrigo,
Farinha, e água levam só consigo.

Esta os braços e as mãos ao céu levanta
Vendo-se em tão terrível desamparo,
A aquela o coração se lhe quebranta,
E entre os peitos aperta o filho caro;
Todas a Cristo, à Virgem, santo, ou santa,
Nos quais confiam ter seguro amparo,
Prometem com terríveis agonias,
Disciplinas, jejuns e romarias.

Entram junto com elas cem soldados
(Que era todo o cabedal que havia)
Com mosquetes e espadas petrechados,
Corações sem temor, nem covardia;
Também têm muitos dardos preparados
Para impedir com brio e valentia
A fúria do holandês, se resoluto
Escalar lhe quizer o seu reduto.

Trinta mancebos ajuramentados
A vencer, ou morrer, que se ficaram
De fora do reduto, preparados
Com boas espingardas, se emboscaram;

E entre os densos ramos agachados,
Junto ao caminho, aos belgas esperaram,
Para que antes que avistem o reduto,
À fera morte paguem seu tributo.

E como tinham ligeireza estranha,
Exercitados no áspero trabalho,
Podiam no fragoso da montanha
Dar assaltos naquele ou neste atalho;
Tinham feito também com arte e manha,
Uma trincheira à sombra de um carvalho,
Que c'o denso arvoredado se encobria,
Detrás da qual brigar cada um podia.

Logo para Goiana um cavaleiro
(Antes que andar comece a água envolta)
Em um ginete parte mui ligeiro,
A procurar socorro a rédea solta;
É comprida a jornada, mas primeiro
Que c'os hereges se entre na revolta
Tem pedido o socorro, e dá rebate,
Socorro amigos, nada se dilate.

Ouvida a triste nova inopinada,
Parte o bravo Chiolo a grão porfia,
Consigo leva toda a gente ousada
De sua valorosa infantaria;
Vai desejoso de molhar a espada
No sangue dos sequazes da heresia,
Por mais que corre, já quando chegou,
Vencido e retirado o belga achou.

Tornando pois ao belga, em ancorando
Com vinte e sete lanchas, que levava,
No porto para onde ia navegando
Abrasado em rancor, e fúria brava;
Em terra a grande pressa foi deitando
A quadrilha que mortes anelava,
Quatrocentos e oitenta mosqueteiros.
Cento e trinta Caboclos flecheiros.

Qual excita a Prometeu, em cujo peito
O carniceiro Butre se apascenta,
Qual de Tântalo a sede e fome (feito

que o coração e alma lhe atormenta)
De Falaris o touro no conceito
Ao mais cruel então se representa,
Qual se Sísifo a pedra tem na mão,
Qual a valente roda de Ixião.

Este arranca o alfange e arremete
Aos ramos das árvores copadas,
Fingindo que ali tem já como em brete,
Os corpos das donzelas e casadas;
Aquele faz floreios com mosquete,
O outro fere o ar com cutiladas,
Milagrosos efeitos da aguardente,
Com que se têm brindado alegremente.

O Maior, que os governa embravecido,
A todos seus soldados faz promessas
(Como quem tinha o pleito já vencido)
De cortar braços, pernas e cabeças;
A nenhum português se dê partido,
Sejam minhas palavras leis expressas,
Vejam-se atormentados por mil modos,
A nenhum se dê vida, morram todos.

Ditas estas palavras, caminhando
Partem todos em forma de esquadrão,
Um brioso holandês os vai guiando,
Com coragem de tigre e de leão;
Os olhos alça, e vê que apressurando
O passo, quatro portugueses vão,
Por escapar da morte e do perigo,
Tendo já tanto à vista o inimigo.

O chapéu tira logo da cabeça
(E andando sempre) diz em altas vozes,
Buenos dias, senhores, menos pressa,
Que não vimos com ânimos ferozes;
Porém já que fugis, faço promessa,
Que haveis de padecer mortes atrozes,
Vós, vossas mulheres e mais filhas,
Sem que escapem crianças de mantilhas.

Mais bravatas dizia, encaminhadas
A amedrontar o mais brioso e forte,

Que não são boas para relatadas
Sem dar por castigo a fera morte;
Dois dos nossos, que tinham consagradas
Já suas espingardas a Mavorte,
Dois pelouros lhe metem por os peitos,
Cai morto o belga e ficam satisfeitos.

Fogem os nossos dois no mesmo instante,
A carregar no mato as espingardas,
Diz um, e outro sargento, avante, avante,
Aqui e ali volvendo as alabardas;
Marcha, marcha, que já temos diante
A paliçada forte e térreas bardas,
Aonde o português encurralado
Será por nós em breve atrassalhado.

Iam passando já pela emboscada
Dos nossos trinta moços belicosos,
Que a mão-tente lhes dão carga cerrada,
E matam vinte e três dos mais briosos;
Fogem por uma via preparada,
Para a ocasião, mui gloriosos,
E na trincheira, que tem mais diante,
Vão esperar os monstros de Levante.

Não para o holandês, antes caminha,
Com passo muito mais acelerado,
Por chegar ao reduto, aonde tinha
Posto o ditoso fim de seu cuidado;
O esquadrão emparelhando vinha
A trincheira que está posta a um lado,
Da qual nossos soldados dispararam,
E dezoito holandeses lhe mataram.

Faz alto o esquadrão, e o belga intenta
Com uma manga de se ver vingado,
E não achando os que lhe dão tormenta,
Fica confuso, atônito e pasmado;
Suspira, geme, chora e arrebenta,
E qual Hircano tigre denodado,
Arremete com fúria resoluto
A escalar e entrar nosso reduto.

Uns levam os alfanges arrancados,
Para deitar por terra a paliçada,
Outros provam as foices e os machados,
Porém seu furor monta pouco, ou nada;
Porquanto os moradores sitiados,
Dando-lhes uma e outra surriada
Com a mosquetaria, em um momento
Os fazem desistir do fero intento.

Neste entretanto os nossos trinta Martes,
Que fora do reduto se ficaram,
Saindo aqui e ali por várias partes
Os pérfidos hereges assaltaram;
Não lhes val a destreza, a manha e artes,
Porque ali muitos deles acabaram,
Sem saber aonde possam fazer rosto,
Nem resistir a quem lhes dá desgosto.

Torna segunda vez o belga fero
A acometer a nossa paliçada,
E com ira e furor, mais que de um Nero,
Com batalhões em torno a tem cercada;
Invoca o patrocínio de Lutero,
Mas sua proteção não lhe val riada,
Porquanto a nossa gente lhe resiste,
E o faz retirar, confuso e triste.

Os pérfidos Caboclos flecheiros,
Nas árvores vizinhas se subiram,
E dali contra os nossos bons guerreiros,
Quantidade de flechas despediram;
Dão vozes de sonoros pregoeiros,
Contudo eu vi a muitos que caíram
Do alto, despedindo as tristes almas,
Mordendo a terra e estendendo as palmas.

Qual furioso touro, que assanhado,
Com as unhas desparce a seca areia,
E quando se vê mais agarrochado,
Então com tudo investe e não receia;
Assim o maioral belga instigado
De ver que a nossa gente se glorieia
De haver ferido e morto, seus soldados,
Toda a tropa congrega a grandes brados.

É possível, lhe diz, que esta fraqueza,
Se haja de relatar na insigne Holanda,
E que se gabe a gente portuguesa,
De nossos genitores admiranda?
Que envergonhados vamos desta banda?
Onde está o valor, brio e braveza
Todo o que se preza de honra e vergonha,
Invista o forte e dúvida não ponha.

Investiram com tal resolução
A paliçada desta vez terceira,
Que se viram em grão tribulação
Os nossos, rota já quase a trincheira;
As mulheres naquela ocasião
Com dardos e com lanças de maneira,
Junto ao portilho aberto se puseram,
E com bravo valor o defenderam.

Outras com morrão, pólvora e pelouros,
Com valoroso brio e ousadia,
Não recebendo assombro dos estouros,
Socorriam aonde falta havia;
Outras rompendo seus cabelos louros,
Com voz chorosa, clamorosa e fria,
Chamam aos Santos Cosmo e Damião,
Que lhes dêem seu favor nesta opressão.

O sargento-mor vendo o temerário
Perigo, em que os seus estão metidos,
Provê, e ordena todo o necessário
E dá fervor aos fracos e encolhidos;
É um covarde (exclama) o adversário,
E vós de peitos mais que esclarecidos,
Portugueses enfim, que em toda a parte
Favorecidos sois do sacro Marte.

Esforço e brio, esta é a ocasião
Em que se há de mostrar cada um quem é,
Pela cada qual como cristão,
E como defensor da santa Fé;
Carga soldados, carga, que estes são
Inimigo da flor de Nazaré,
Dão os soldados uma e outra carga,
E o flamengo o reduto e posto larga.

Vitória aclamam todas as mulheres,
Vitória Santos Cosmo e Damião,
Vê-se o flamengo falto de prazeres,
E a petrechos e armas dá de mão;
As costas vira, e foge, e Drico Peres,
Que vinha governando um batalhão
De destros e bizarros ventureiros,
É o que vira as costas dos primeiros.

Corre, porque receia que nos venha
De Igarassu, socorro, ou de Goiana,
E na tribulação lugar não tenna
Para escapar da morte desumana;
Diz-lhe o temor, que nada se detenha,
O coração lhe treme e não se engana,
Porque se mais três horas esperara,
Pode ser que nenhum vivo tornara.

Três corpos mortos levam só consigo,
Que eram daquela tropa os maiores,
E porque é mais o medo, que o perigo,
Deixam no mato e campo aos demais;
Foram mortos ao pérfido inimigo
Oitenta e quatro, nove oficiais
Dos índios rebelados trinta e sete
A espingarda, ao dardo, ao mosquete.

Muitos foram feridos, e em chegando
Ao porto entram nas lanchas sem tardar,
E c'os remos as ondas açoitando,
Fogem da terra e remam para o mar;
E porque o medo os vai sobressaltando,
Largam velas e vão depositar
Em sua força, e ilha os maltratados
Das balas, porque ali sejam curados.

Sairam logo os nossos da trincheira,
E para os perseguir se prepararam;
Começam de marchar em sua esteira,
Mas vendo-os ir à vela se tornaram;
E com fé pura, santa e verdadeira,
Os arcos, flechas e armas juntaram,
Que o vencido holandês deixado havia,
E vão fazer com elas romaria.

A Igarassu chegam seis devotos,
E em nome de toda a outra gente,
Com grande devoção pagam os votos,
Que prometeram no perigo urgente;
Os nomes destes seis não são ignotos,
E um deles, que era o mais prudente,
Aos sagrados Cosmo e Damião,
Lhes fez esta seguinte exclamação.

Gloriosos irmãos, fortes soldados
Na palestra de Cristo cavaleiros,
Que com setas agudas traspassados
Fostes por mãos de algozes carnicheiros;
E de cruéis tormentos rodeados,
Mostrastes ser briosos ventureiros
Em defesa da Fé, que salva as almas,
E nas fadigas gera eternas palmas.

Médicos, que favor nunca negais,
A quantos vos invocam de verdade,
E nas graves doenças os curais
Com xaropes da terra da verdade;
Com suspiros, com lágrimas e ais,
No tempo de maior necessidade
Por vós chamamos (médicos celestes)
E vós sem dilação nos socorrestes.

Esclarecidos santos, pois acertais
As portas tendes para fazer bem,
Também para aceitar nossas ofertas,
Que abertas as tendes muito convém;
É diminuto o dom, mas mostras oertas
Da grande confiança que em vós têm
Todos os olindanos moradores,
Gloriosos de ter tais protetores.

Os arcos, flechas e armas que ganhamos
Aos belgas e índios de seu trato,
Cujas amadas vidas lhe tiramos
Por entre as silvas hórridas do mato.
Pois o invite por vós e a mão ganhamos,
Recebei os despojos de barato,
E não os desprezeis, porque são votos,
Que vos vem a pagar vossos devotos.

Os filhos de Israel para memória,
Das grandes alegrias que gozaram
Em sua pátria e da passada glória,
Que com músicas doces celebraram;
Nos ramos dos saigueiros (diz a história)
Os órgãos e instrumentos penduraram,
Como muda trombeta que dizia,
O quanto vai de um, e, a um ser soia.

Porém nos, que com o belga pelejamos
(Esciarcidos Cosmo e Damião)
E seu forte esquadrão desbaratamos,
Mediante o favor de vossa mão;
Seus arcos, flechas e armas ajuntamos
E com te pura e santa devoção,
Em sinal de triunfo e para exemplo
Os vimos pendurar em vosso templo.

Quando o pastor David acometeu,
Em derrogação de sua pátria amada,
Ao soberbo e bravo filisteu,
E o matou com sua mesma espada;
A espada no templo ofereceu
A Deus, para ficar perpetuada
Nos séculos futuros a memória
De tão sublime e célebre vitória.

Depois (correndo o tempo) vendo o trato
Infame de Saul, que o perseguia,
Por escapar das mãos do sogro ingrato,
Ao sumo sacerdote armas pedia;
Caminhando vou (diz) para entre o mato,
O mandado real o compelia,
Eu por obedecer a seu mandado,
Parti com muita pressa, desarmado.

Não tinha Abimelech naquele instante
Com que lhe socorrer, outra arma à mão,
Senão a mesma espada do gigante,
A quem vantagem muitas outras dão;
David a põe ao lado, e qual diamante
Incontrastável sente o coração,
Porque a arma tomada ao inimigo,
Alenta a quem a leva no perigo.

Assim nós (Santos Mártires) levando
As armas dos vencidos holandeses,
Mil triunfos iremos alcançando
Rebatendo o furor de seus arneses;
A fúria cessará do adverso bando,
O brio crescerá aos portugueses,
E se por vós tivermos a vitória,
Será nosso o proveito e vossa a glória.

O mais desta vitória milagrosa,
E das coisas, que nela sucederam,
Já declarado atrás o deixo em prosa,
Sejam-me testemunhas os que a leram;
Os que se acharam nesta empresa honrosa,
A Cristo e a Maria as graças deram,
E eu também lh'as dou, se algum proveito,
Com meu rústico canto, tenho feito

O VALEROSO
LVCIDENO,
E TRIVMPHO
DA LIBERDADE.

L I V R O S E X T O.

CAPITULO I.

*Do que fustido em Pernambuco por todo o
mês de maio, até o fim de julho.*

ENHO prometido no ca-
pitulo vltimo do preceðente
libro, de tratar da viagem
que fez a Tumandare o Me-
stre de Campo, & Governador
da liberdade João Fer-
nandes Vieira, inclusa de nelle livro, o
Valero o Lucideno: agora me cabe o de-
empenhar minha palavra, para o que se
deue advertir, que no mes de Março, por
causa da muita chuua, & grandes enchén-
tes dos Rios, ouue no nosso Arraial huma
tão grande fome, que muitos dos solda-
dos effiueraõ quasi leuantados, & com
intento de desemparaarem suas estancias,
& hirse para suas casas, porque vião não
aueer mantimento para os focos, nem
cabedal com que se comprasse. Entrar õ
em concelho os dous Mestres de Cam-
po sobre o modo, com que se devia en-
lhar aquella virgente necessidade, & ap-
reccer, que se mandasse a cada freguesia
os moradores: não foy a não porem
por quão isto foy m. & m.

ção, do que fazer, procriar, & seria dar-lhes
causa de se indignarem com que se des-
taffas perdendo a sua liberdade, que até o
profundo conhecimento com suas prosperas
sucessos, até que o mais acertado fe-
ria, qual era, de se dar a diligencia hũ dos
tres Meftres de Campo, porque com sua
prudencia, & industria, grangearão
melhor a subsistencia os moradores, para
lhes acudir a sua sustentação, a qual
até então andava sem dinheiro. Elcu-
sarão-se os dous Meftres de Campo Mar-
tim Soares Moreno, & Andre Vidal de
Negreiros, & pedirão ao Governador da
liberdade quizeffe tomar a sua conta a-
quelle trabalho (honrada, & proveitosa
empresa) pois os moradores da terra he-
rião grande affeição, & obediencia, &
assim só elle poderia acabar com elles, e
que nendillem a aquella necessidade (que
com a pressa pedia) com mais effica-
cia do que todos os outros meios. Não repli-
cou-lha Feiandes Vieira ao que se lhe
pedia, porque elle não a mais que aos
outros & tinha a sua honra, em que
a empresa da Liberdade, que a sua princi-
pal, e a mais gloriosa fim.

Logo fôr mais dilacção, acompanhado
sofria tua compaheira de guarda, se poz ao
ninho, & por suas jornadas chegou a
Tendalare, & por onde possas ir, per-

O VALEROSO LUCIDENO E TRIUNFO DA LIBERDADE

Livro Sexto

CAPÍTULO 1

*Do que succedeu em Pernambuco por todo o mês de maio,
até o fim de julho*

Tenho prometido no capítulo último do precedente livro, de tratar da viagem que fez a Tamandaré o Mestre de Campo e Governador da liberdade João Fernandes Vieira, intitulado neste livro, o Valeroso Lucideno; agora me cabe o desempenhar minha palavra; para o que se deve advertir, que no mês de março, por causa da muita chuva e grandes enchentes dos rios, houve no nosso Arraial uma tão grande fome, que muitos dos soldados estiveram quase levantados e com intento de desampararem suas estâncias e ir-se para suas casas, porque viam não haver mantimento para os socorrer, nem cabedal com que se comprasse. Entraram em conselho os dois mestres de campo sobre o modo, com que se devia atalhar aquella urgente necessidade, e suposto que alguns dos da junta foram de parecer, que se mandasse um official de milícia a cada freguesia a deitar uma finta por os moradores; não se aceitou o parecer, por quanto isto seria mais agravar e molestar os moradores, que com tanta pontualidade haviam acudido com a sustenta-

ção, do que fazer proveito, e seria dar-lhes causa de alguma rebelião, com que se deitasse a perder aquela empresa, que até o presente caminhava com tão próspero sucesso, e assim que o mais acertado seria, que fosse fazer esta diligência um dos três mestres de campo, porque com sua prudência e autoridade, granjeariam melhor os ânimos dos moradores, para lhes acudir com a sustentação, a qual até então haviam dado sem dinheiro. Escusaram-se os dois mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros e pediram ao Governador da liberdade quisesse tomar à sua conta aquele trabalho (honrada, e proveitosa empresa) pois os moradores da terra lhe tinham grande afeição e obediência, e assim só ele poderia acabar com eles, a que acudissem a aquela necessidade (que tanta pressa pedia) com mais eficácia do que todos os demais juntos. Não replicou João Fernandes Vieira ao que se lhe pediu, porque lhe doia mais que aos outros, e lhe ia mais sua honra, em que a empresa da liberdade, que havia principiado, alcançasse glorioso fim.

Logo sem mais dilação, acompanhado só da sua companhia de guarda, se pôs ao caminho e por suas jornadas chegou a Tamandaré, e por onde passava ia pedindo, com muita cortesia, farinha e gado aos moradores, o que logo ia mandando para o Arraial, para se acudir à sustentação da infantaria. Chegando pois a Tamandaré, que foi o porto aonde o inimigo queimou os nossos navios, que haviam vindo com o socorro da Bahia, e haviam tomado duas embarcações nossas, que iam de viagem e perseguidas das suas naus, se haviam recolhido na dita enseada, aonde o hoiam dês as tomou, por ser aquela enseada mui fora de mão e não haver ali quem lhe resistisse. Para obviar pois este dano e outros, que pelo tempo adiante podiam succeder, tratou de fazer ali uma fortaleza na boca da barra, para sua defesa, e assim como o intentou, assim o deu à execução, mandando chamar todos os moradores circunvizinhos, e que trouxessem seus carros e escravos, e com os soldados que levava consigo, e outros que se lhe agregaram, pôs as mãos na obra e em menos espaço de dois meses a havia feita, e entretanto que a fortaleza se foi fazendo por ordem de oficiais, que bem o entendiam, fez João Fernandes Vieira uma viagem por as casas dos moradores daquele distrito, visitando pessoalmente, assim os ricos, como aos pobres, e a todos lhes disse com muito primor e cortesia, que bem sabiam que

aquella empresa da liberdade era de todos em geral e de cada um em particular, e que bem notório era ao mundo, o quanto elle tinha gastado de dinheiro e fazenda, e quão arriscada trazia sua vida, por a sustentar, e que pois os soldados andavam cada dia com o peito ao pelouro, e em encontros com o inimigo, e que pois a elles ditos moradores se lhes permitia o estarem em suas casas beneficiando suas fazendas, tinham obrigação de ajudar e socorrer aos soldados com o mantimento, cada qual segundo sua posse, e que considerassem que não lhes ia menos em sair vitoriosos que ficarem livres de um tirânico cativoiro, e tantas sem razões e crueldades, como tantos anos havia que padeciam em poder dos holandeses, e ficarem livres e quietos, elles, seus filhos e netos, e que se tornavam ao poder de flamengos, todos haviam de ser degoiados, sem escapar homem, mulher, nem menino, e que soubessem que aquelle mantimento que lhes pedia, não era em modo de finta, ou pensão, senão uma pura e voluntária esmola, para sustentação dos soldados, que aneavam com armas nas mãos, pelos lodos, expostos ao rigor dos mosquitos.

Enfim tais palavras disse a todos e com tanta cortesia, que não ficou rico, nem pobre, que lhe não acudisse com parte do que possuia, e assim ajuntou boa soma de aquelles de farinha e dois bons lotes de gado e algumas caixas de açúcar, o que tudo fez logo vir comboiando para o nosso Arraial, com intento de o vir a alcançar no caminho. Succedeu pois que enquanto a fortaleza se fabricava e João Fernandes Vieira andava fazendo este peditório, um morador pobre e tido em conta de virtuoso, sonhou em três noites continuadas, que na praia do mar entre umas pedras achava uma imagem de S. João Batista, deu conta a um sacerdote daquela paróquia, com quem de ordinário se confessava, o qual suspeitando ser aquillo algum milagroso secreto de Deus, convocou algum povo e foram todos ao lugar que o homem tinha apontado, e entre umas pedras acharam uma imagem mui formosa do glorioso S. João Batista, e a trouxeram com grande devoção para a igreja, o que sabido por João Fernandes Vieira, se encheu tanto de prazer, que disse: *Deus é comigo, e o glorioso S. João Batista, santo do meu nome, me anda buscando, para me fazer mercês, eu prometo de lhe fazer uma igreja no mesmo lugar aonde appareceu a sua santa imagem, dando-me Deus bom e ditoso fim nesta empresa da liberdade, que trago entre mãos.*

Tanto que João Fernandes Vieira acabou de pedir esta esmola aos moradores do distrito de Tamandaré, se partiu logo ao Porto Calvo, chamado a vila do Bom Sucesso, e chegou até as Alagoas, aonde fez o mesmo peditório, e todos lhe acudiram, qual mais, qual menos, com o mantimento que suas forças podiam, e com tão boa e leda vontade, que se ele ficou mui agradecido de ver a liberalidade, com que os moradores o socorreram, muito mais o ficaram eles de o ver por suas portas, por ser o princípio e esteio de sua restauração; com este provimento, que ajuntou se tornou o Governador João Fernandes Vieira na volta de Tamandaré, aonde chegado, achou a fortaleza feita, a qual logo guarneceu de artilharia e soldados, que a pudessem defender e reprimir o ímpeto do inimigo, se acaso ali viesse, enquanto os moradores circunvizinhos acudiam de socorro, e logo se partiu para o nosso Arraial do Bom Jesus, aonde chegou no dia oitavo da Ascensão de Cristo, e foi recebido de todos os moradores com alegre semblante e principalmente dos soldados, porque viam que com sua chegada lhes chegava também o provimento e sustentação; no dia seguinte foi visitar as estâncias mais vizinhas do inimigo, e as mandou prover de toda a sustentação necessária, com o que os capitães e soldados ficaram mui alentados e briosos; e no sábado véspera do Espírito Santo foi sobre a tarde visitar sua mulher Dona Maria César, porque havia muitos dias que a não via, sendo que vivia no seu principal engenho da Várzea, meia légua em distância do Arraial, aonde esteve aquela noite somente, e no dia do Espírito Santo, depois de jantar, se tornou para o Arraial a ordenar as coisas necessárias para o bem da guerra, segundo aqui se diz

Quando o garrido mês da Flora bela
(Alegria total da Primavera)
Tinha entregada a rorida capela
Ao mês, que entrar em Lagos não devera,
Chegou ao Arraial com boa estrela
O forte Lucideno aonde o espera
O morador, e os míseros soldados,
Todos ficam com vê-lo consolados.

As estâncias visita, e as provê
De mantimento, porque o traz consigo
Em abundância, e certo bem se crê,
Que é pai dos pobres e leal amigo;

Não tem que recear morte, ou perigo,
Que quem morre em serviço de seu Deus,
Alcança fama e granjeia os céus.
Diz-lhe que em defesa da santa Fé

Todos com raro brio se oferecem
A fazer as heróicas proezas,
Com que por todo o mundo resplandecem
As valentes espadas portuguesas;
O socorro oportuno lhe agradecem,
Todos louvam seu ânimo e grandezas,
Que não se ausente mais cada um lhe pede,
O qual o que lhe rogam lhes concede.

Com isto se despede, e vem tomar
Descanso da viagem que fizera,
E juntamente chega a visitar
Sua amada consorte, que o espera;
Detêm-se uma só noite, e vai tratar
De celebrar (segundo prometera)
Festas a Santo Antônio português
Que mercês tão grandiloquas lhe fez.

Traçada a festa, senão quando vinha
De Igarassu correndo um cavaleiro,
Que a Lucideno diz que marcha asinha,
Se quer ao belga ter por prisioneiro;
Dá-lhe aviso, em como o belga tinha
Três naus, nas três passagens, que primeiro,
Em tempo de águas vivas, nos serviam
Por onde à ilha os portugueses iam.

Como esta festa, de que aqui se fala,
Era do glorioso Santo Antônio,
Notai o que ordenou para a estorvá-la
O maldito e flamígero demônio;
Lucideno o aviso escuta e cala,
Qual astuto e sagaz Lacedemônio;
Diz-me a Musa, que fale um pouco a prosa,
Pois no escrever é mais compendiosa.

Tinha o Governador João Fernandes Vieira prometido de fazer a festa do glorioso S. Antônio, porquanto no seu dia fazia um ano perfeito, em que os holandeses, avisa-

dos por traidores e ainda os ajuramentados, o mandavam prender, e a todos os mancomunados na empresa da liberdade, e nesse mesmo dia se havia ele publicamente retirado para o mato, somente com doze dos amigos leais da pátria, e ali se lhe foram agregando todos os mais, desamparando suas casas, mulheres e filhos. E tendo apalavrado os padres para oficiarem a missa, e músicos os melhores da terra, para a cantarem a três coros, e armada a igreja lhe chegou em dez de junho um aviso de Igarassu, em como o inimigo tinha no rio que tem cercada a ilha de Itamaracá, três naus nas três passagens, por onde em baixamar de águas vivas se podia a vau entrar na dita ilha, para que assim de nenhum modo pudessem os nossos soldados entrar nela sem serem sentidos, e eles ditos holandeses, pudessem entrar pela terra dentro cada vez que quisessem, a fazer-nos muito mal e grande dano. A primeira nau tinham na paragem aonde chamam os arcos, a segunda na Itapissuma e a terceira entre ambos os rios. Comunicou o aviso com os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno; e mandou logo carregar em carros três peças de artilharia, com todo o necessário, para se fazer uma plataforma, e dois bons artiilheiros, e oito companhias de atrevidos soldados, com animosos e experimentados capitães, e com ordem, que com todo o segredo possível fizessem um trincheirão entre os mangues, sobre a primeira nau, que estava no porto dos Marcos, e assentassem nele as três peças para que, disparando de repente, pudessem meter a nau no fundo, e que logo ele os iria seguindo com a maior diligência que pudesse, para dar ordem ao que se havia de fazer.

Partidos estes capitães com as suas companhias, chegaram ao porto, que lhes era ordenado, com todo o segredo e silêncio, e fizeram o trincheirão, e cavalgaram nele as três peças, sem que o inimigo o sentisse, porque como os carros iam mui ensebados, não fizeram estrondo nem rumor. Fez João Fernandes Vieira a festa do glorioso Santo Antônio com a maior solenidade que lhe foi possível, segundo o tempo em que se achava. Houve missa e pregação, boa e estre-mada música, muitas surriadas de mosquetaria enquanto a procissão andava, e o nosso forte do Arraial disparou toda a artilharia que tinha, que era boa e grossa, de que o holandês do Recife ficou confuso, não sabendo que causa haveria entre os portugueses para tão grande festa.

Acabada pois a festa do santo, tornou-se João Fernandes Vieira para o Arraial, e comendo quatro bocados, como de pé, se partiu logo, por tempo assaz chuvoso, com o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros para a ilha de Itamaracá, aonde chegados acharam o trincheirão feito, e as três peças cavalgadas, e preparadas duas lanchas, com dez, ou doze jangadas, segundo a ordem que tinha dado, e mandou embarcar nelas certo número de soldados animosos e grandes nadadores, para que tanto que avistassem a primeira nau, que estava nos Marcos, a investissem com grande fúria, e que ele da terra fomentaria a obra, e se fosse necessário meteria a nau no fundo, ainda que mais proveito e honra lhe vinha de a tomar às mãos. Partiram os soldados nas jangadas e lanchas e em tendo vista da nau, arremeteram com ela, com tão deliberada resolução e com tanta pressa, que não deram lugar aos holandeses, que nela estavam, de tomarem as armas e acenderem corda; e assim se começaram a defender com muitas e grandes pedras, que da nau deitavam, sem descobrirem corpos, e com estas pedras nos feriram três soldados, e viraram algumas das jangadas, caindo na água os que nelas iam; porém como eram bons nadadores se tornaram brevemente a pôr encima e começaram a subir por a nau com uma resolução admirável.

Neste tempo mandou o Governador João Fernandes Vieira disparar as três peças, que no trincheirão estavam cavalgadas, e como estavam carregadas com trancas de ferro, quebraram os mastros de nau e caíram as velas, e foram espedaçadas parte das enxárcias, com o que os holandeses da nau ficaram tão medrosos e enfraquecidos, que os mais se deitaram ao mar a nado, por salvarem as vidas, dos quais alguns se afogaram e outros chegaram à terra, e se foram recolhendo por entre os mangues para as suas fortificações, que na ilha tinham. Matamos nesta nau ao inimigo quatorze homens e tomamos vivos às mãos quatro, e um menino, aos quais os nossos mestres de campo deram bom quartel e outorgaram as vidas. Estes confessaram, que na segunda nau havia menos gente e resistência. Mandou logo João Fernandes Vieira desenxarcia a nau e tirar-lhe todo o velame, vitualhas e artilharia, que tinha dentro em si, e passaram tudo para a nossa banda; e mandou passar nas lanchas a maior parte da infantaria com seus capitães, para que cada um, em diferentes partes, fizesse sua emboscada para acolher ao inimigo de mão posta, se acaso saísse de suas

fortalezas e viesse de socorro para as beiras do rio, e logo se partiu por terra, e as lanchas e jangadas por mar, a investir a segunda nau, que estava na passagem da Itapissuma, e juntamente mandou que pusessem fogo a nau que havia gannado. Vendo pois os holandeses arder a primeira nau, e vendo que a nossa gente os ia abalroar com deliberação, largaram fogo à nau, e no batel se acolheram para terra. Queimada pois esta segunda nau, sem que dela se aproveitasse coisa alguma, foram os nossos dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros com ligeiro passo, caminhando para a terceira nau, que estava entre ambos os rios, e os dois mestres de campo se meteram pessoalmente em uma lancha com oito mosqueteiros, para serem os primeiros que abalroassem a nau; porém os holandeses, que nela estavam, foram todos fugindo para terra, uns em batéis e outros a nado, e deram rebate aos que estavam nas fortalezas, em como toda a ilha estava cercada de portugueses por mar e por terra, e com artilharia e grande cabedal de gente, os quais ouvida esta nova, todos se recolheram dentro nos fortes e se puseram em ordem de se defender.

Entrando pois o Governador da liberdade e o mestre de campo na nau, a mandaram logo desenhxarcia, e tirarlhe todo o velame, com tudo o mais de proveito que nela estava, e tirado para terra, mandaram pôr fogo à nau. Neste tempo ouvido por os das fortalezas o estrondo e barafunda da artilharia e mosquetaria, para a passagem dos Marcos, mandaram uma boa tropa de flamengos e Caboclos brasiliannos de socorro, para aquela parte, e vindo a tropa já entrando por a emboscada do Capitão Tição, ouviram falar entre o mato, e se retiraram, mais voando, que correndo, para as fortalezas; saíram os soldados do Tição da emboscada, e foram em seu seguimento com tanta fúria, que quatro se feriram uns aos outros, com o grande orgulho que levavam de alcançar o inimigo; não sabemos quantos holandeses foram aqui mortos e feridos, somente se achou grande rastro de sangue. São isto desordens de soldados bizonhos e mal disciplinados, que estando de emboscada, estão falando, porque a estarem quietos e com silêncio, nenhum holandês lhe escapava das mãos (repreensão que o Governador João Fernandes Vieira deu ao capitão, estranhando-lhe a frouxidão com que disciplinava e castigava seus soldados). Os outros nossos capitães com a sua infantaria discorreram por

toda a ilha, e saquearam tudo o bom que acharam, e pegaram fogo às aldeias, aonde os Caboclos brasileiros, aliados com os flamengos se agasalhavam.

Na seguinte noite todos os holandeses que estavam recolhidos nas fortalezas, vendo que estavam cercados por todas as partes, e temendo sua total ruína, encravaram toda a artilharia dos fortes, e por entre o noturno silêncio, com muita quietação, e sem estrondo, carregando cada um o que pôde de sens bens, largaram as forças e se retiraram com muita pressa para o forte do mar, sito na barra, e chamado a fortaleza de Orange; de entre estes fugiu um bombardeiro para a nossa banda, o qual disse como as fortalezas estavam despejadas de gente; mandaram os dois mestres de campo aos capitães, que com suas companhias fossem tomar posse delas, o que feito, acharam os soldados boa pilhagem, e logo o Governador da liberdade mandou ao seu Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, que fosse a retirar para a nossa banda toda artilharia que estava nos fortes, e que os mandasse arrasar por terra, porquanto nos seria mui trabalhoso o sustentar a ilha, por estar toda rodeada do mar, aonde o inimigo podia entrar cada vez que quisesse com suas naus, pois era senhor da fortaleza da barra, e que donde não esperávamos tirar algum proveito, mais que ter a infantaria dividida em várias partes, sendo-nos necessário o tê-la toda unida. para tudo o que succedesse, e que com a artilharia dos fortes, que era dezoito peças, fabricasse da nossa banda, na paragem dos Marcos, uma fortaleza, e a guarnecesse bem de peças e gente que a pudesse defender e impedir que o inimigo entrasse por a terra dentro; e com isto se recolheram o Governador João Fernandes Vieira e o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros para o nosso Arraial, trazendo em carros todo o massame que haviam tomado nas duas naus: e o sargento-mor depois de retirar a artilharia das forças, e arrasá-las por terra, começou a fabricar a fortaleza, segundo lhe tinham dado por ordem e conforme a pressa que lhe dava, e o cuidado com que fazia trabalhar a gente em breve estará perfeita e acabada. Se alguma particularidade me passou por alto, acerca desta vitoriosa empresa e bom successo. no seguinte canto a apontarei, para maior deleitação, e entretenimento dos que lerem este tratado, suposto que não será com o primor e delicadeza que a arte ensina, mas escusar-me-á o estrondo das armas, entre as quais ando metido.

A prometida festa celebrada,
Do lusitano santo milagroso,
Sem temer lodo e chuva, pouco ou nada,
Se parte Lucideno valoroso;
Com ele vai o antigo e camarada
André Vidal de espírito generoso
Mestre de campo e mestre no valor,
Peito sem covardia nem temor.

Chegam em breve ao posto aonde estão
As nossas companhias agregadas,
Acham já preparado o trincheirão
Com as três peças nele cavalgadas;
Vão repartindo a gente e ordem dão,
Que em duas lanchas e em dez jangadas
Entrem soldados de maduro siso,
Que a nau primeira invistam de improviso

Os soldados briosos embarcados
Vão esperar por eles na trincheira,
Para que pelo mar abalroados
Os belgas, se baralhe em breve a feira;
Porque os globos ardentes arrojados
Das peças os perturbem de maneira,
Que vendo-se sem mastros e lhe caem
Embaixo as velas, tímidos desmaiem

Arremetem à nau com fúria tanta
Os soldados das lanchas e jangadas,
Que o coração ao belga se quebranta,
E de temor as mãos sente pasmadas;
Dá gritos este, aquele mais se espanta,
Usar querem das armas costumadas,
Este à espada corre, este à clavina,
E cada qual mais treme e desatina.

Qual goandu sagitífero, que irado
Ao javali mais furibundo excede,
E nas árvores altas encumbrado,
Centos de setas com furor despede;
Assim o belga vendo-se assaltado,
E que todo o remédio se lhe impede
Com pedras se defende, e tantas tira,
Que das nossas jangadas quatro vira.

Eram os que iam nelas nadadores.
E nelas se subiram outra vez,
Sobem-lhe a nau, perde o flamengo as cores,
E sente-se perdido em que lhe pez;
Um bombardeiro nosso dos melhores.
Uma peça lhe atira de revez
As enxárcias lhe quebra, mastro e vela,
O brio ao flamengo cai com ela.

Se ao mosquete, ou arcabuz acode,
Ou a arrancar o alfange, a pressa é tanta,
Que a mecha ardente já calar não pode,
Porque primeiro a morte se adianta:
Os vestidos do corpo já sacode,
O mais brioso braço se quebranta,
Deitam-se à água todos, uns se afogam,
Outros por tomar terra à pressa vogam.

A nossas mãos morreram quinze logo,
Ao zaguncho, arcabuz e espada,
Os outros porque tinham ruim jogo,
Não querem ter a mão, que é envidada;
É ruim brinco o de ferro e fogo,
Triste caminho para retirada,
Já vos amansam lobos carniceiros,
Já sois de Lucideno prisioneiros.

Ganhada a nau, entrando nela achamos,
Quatro valentes belgas e um menino,
A quem as ledas vidas outorgamos,
Por as pedirem pelo amor Divino;
O cabedal da nau todo tiramos,
E aos quatro, alegre e mui benigno.
Quartel o bom Vieira concedeu,
Dando-lhe a mão, tirando-lhe o chapéu

Ganhada a nau primeira, da outra parte
Da ilha passou nossa infantaria,
Cada qual vai, como brioso Marte,
Semeando furor e valentia;
A cada qual seu posto se reparte,
Para que de emboscada e com vigia
Quebrem todos os dentes ao cachorro
Se vier acudindo com socorro.

Dentro da ilha o Capitão Tição
Com seus soldados fez uma emboscada,
Gente de valoroso coração,
Valente, porém mal disciplinada;
Porque o flamengo lhe escapou da mão,
Por não saberem ter boca calada,
Pois dentro na emboscada vinha entrando.
Um bom tropel dos do contrário bando

E sentindo falar dentro no mato,
Breve resolução tomou consigo,
E receando o bélico aparato,
As costas vira e fuge do perigo;
Exclama a nossa gente: ah! belga ingrato,
Detem-te, espera, pérfido inimigo;
E com tal fúria, e sanha o perseguiram,
Que os nossos uns aos outros se feriram

Matamos seis, não mais, naquele dia,
E houveramos de dar a morte a todos,
Mas são efeitos de bizonharia,
Que vitórias atalha por mil modos;
Foge o flamengo triste a grão porfia,
Mete-se por espinhos, e por lodos.
E diz (tremendo) aos da fortaleza,
Que a ilha ocupa a gente portuguesa

Uns e outros dão frívolas razões,
Todos dizem, retira, presto, presto,
Já lhes morrem no peito os corações,
Nenhum se atreve a envidar o resto;
Encravam os ouvidos dos canhões,
E vendo que seu dano é manifesto,
Quando a todos convida o sono brando,
Para a força do mar foram marchando

Os nossos que com lanchas e jangadas,
Esta primeira nau ganhado tinham,
Com cabedal e gente reforçadas
Para a segunda nau logo caminham;
Tendo por terra e mar aparelhadas
As coisas necessárias, que convinham.
A ponto se põem todos de investi-la,
E depois de ganhada destruí-la

De Vieira a trombeta deu sinal,
De acometer a nau, por mar e terra,
Responde de outra parte a de Vidal,
Todos os nossos gritam, cerra, cerra;
Vê o holandês o fraco cabedal
Para nos resistir em som de guerra,
Larga o fogo à nau e foge a nado,
Quase por entre os mangues afogado.

A labareda sobe de improviso,
E nas velas e enxarcias já se ateia,
Ja representa um dia do Juízo,
E a nau toda de fogo se vê cheia,
Não são patranhas, zombaria e riso,
Mas em espaço quase de hora e meia,
Em carvão toda a nau foi abrasada,
Sem da água para cima ficar nada

Chega a frágua e foles de Vulcano
Ao posto aonde está a artilharia,
Dispara-se por si, sem algum dano
Da nossa belicosa infantaria;
Por que tomando, em breve, desengano
Dos males, que fazer lhe poderia,
Antes de disparar se acautelaram,
E da beira do rio se afastaram.

Qual tímido coelho (que sentindo
O caçador astuto) amedrontado,
Escaramuça, salta e vai fugindo,
Já por aquele, já por este lado;
E se vem vento, os ramos sacudindo
Da moita, onde se esconde alapardado,
Sai com presteza e vai buscar ventura
Pelos cegos atalhos da espessura.

Assim o belga pérfido e ingrato,
Vendo presente a morte, que o espera,
Por entre as silvas do mais denso mato
Já corre, salta, teme e desespera;
As tabocas lhe rompem, carne e fato,
Já fica humilde e brando como cera,
E nas moitas se agacha enfraquecido.
Esperando dos seus ser socorrido.

Passam por esta nau, vão à terceira
Os nossos por fundi-la, ou por rendê-la.
Amedronta-se o belga de maneira,
Que não tem brios para defendê-la;
Antes seus olhos vem a derradeira
Hora de vida, mas por não perdê-la,
E feitos em pedaços não se vejam,
Rogem no bote e todos a despejam.

Chega Vieira e chega André Vidal,
E não achando dentro nela gente,
Lhe mandam tirar todo o cabedal
Em dizendo e fazendo alegremente;
Retiradas as peças e enxoval,
A mandam rodear de fogo ardente,
Com que em breve ficou toda abrasada,
Sem da forma de nau lhe ficar nada.

Dos belgas, que fugiram para o mar,
Se desgarrou um bravo bombardeiro,
E dentro em nossas tropas veio a dar,
Dizendo ser rendido prisioneiro;
Seguramente já manda tomar
Posse das forças, bravo ventureiro,
Pois, Lucideno, a ilha tens ganhado,
Sem que nela perdesse um soldado.

Os olhos Lucideno ao céu levanta,
Tendo em forma da cruz ambos os braços,
E a Deus, humilde, mil louvores canta,
Sem solfa, sem papel e sem compassos;
A Deus forma mil passos da garganta,
O corpo cala, a alma forma os passos,
Vossa é Jesus (diz) esta vitória,
Seja nosso o proveito e vossa a glória.

E pois o belga pérfido pretende
Semear nos fiéis falsa doutrina,
Deus inadiutorium meum intente,
Domine ad adiuvandum me festina;
Dai esforço a meu braço, que defende
A Católica Fé, Santa e Divina,
Porque sem vós, Senhor, tão pouco valho,
Que me acovardará qualquer trabalho.

Rendida a ilha, logo saqueada
Foi por nossa assanhada infantaria,
E de uma e outra força retirada
Foi toda a clamorosa artilharia;
A fortificação foi arrasada,
E logo todos juntos à porfia
Na paragem dos Marcos cavalgamos
Em um reduto as peças, que ganhamos.

Ali fizemos uma fortaleza,
Com canhões e bombardas guarnecida,
E com bizarra gente portuguesa
Dos olindanos, brava e atrevida;
Entregou-se o governo desta empresa,
Para que em tudo fosse bem regida,
A Antônio Dias o sargento-mor,
Que a poucos dá vantagens no valor.

CAPÍTULO II

Das coisas que succederam do fim do mês de junho, até aos quinze de julho

Tanto que a ilha de Itamaraca esteve rendida e os holandeses, que nela estavam, se retiraram para a sua fortaleza da Barra (chamada o forte de Orange) e parte deles se recolheram dentro, e parte ficaram alojados debaixo das peças de sua artilharia, até lhes chegar socorro do Recife. Na seguinte noite fugiu para a nossa parte um principal dos índios brasílicos dos seus aliados, com quarenta soldados índios, com suas mulheres e filhos. Alegrou-se notavelmente de os ver o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, porque eles eram o total remédio dos flamengos, sem cuja ajuda não se atreviam a sair pela campanha e logo os mandou com uma carta mui favorável ao Governador dos índios Dom Antônio Felipe Camarão, que estava com o seu terço no distrito da Paraíba, para que dispusesse deles, segundo melhor lhes parecesse, e mandasse alojar as mulheres e meninos em alguma aldeia, aonde pudessem, sem sobresalto dos holandeses, granjear a vida e ter mantimento para comerem. Isto feito, se tornaram os nossos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno para o nosso Arraial, alegres e gloriosos da vitória, que Deus lhe havia dado contra os luteranos e calvinistas flamengos. E o Governador João Fernandes Vieira se pôs logo a tratar de fazer a festa ao glorioso São João Batista, segundo o tinha determinado, assim por ser o santo do nome de Sua Majestade, como também por se ele chamar João e o haver tomado por padroeiro na empresa da liberdade, como ultimamente por haver aparecido na praia a sua santa imagem. Presságio certo, a seu parecer, de felizes e prósperos successos.

Estando pois a festa preparada, aos vinte e dois dias do mês de junho ao ponto de o sol espriar seus formosos raios sobre a terra, fizeram os holandeses do Recife muito grande festa, disparando toda a artilharia de suas fortalezas com muitas surriadas de mosquetaria, e a mesma festa fizeram ao ponto de se cerrar a noite; não deixou de haver no nosso Arraial alguma confusão, por não saberem a causa de tanta alegria. Prometeu o Governador João Fernandes Vieira prêmio a qualquer soldado das nossas estâncias mais vizinhas do Recife, que lhe tomasse um flamengo vivo para se informar do que no Recife passava; e fez a festa do glorioso Batista no seu principal engenho (aonde tinha uma igreja do mesmo santo) com toda a solenidade possível, segundo o tempo o permitia. E para que a festa lhe fosse mais aceita, se confessou, e comungou naquele dia, e depois de acabada a pregação e a missa, enquanto se preparavam as mesas para banquetear com largueza os dois mestres de campo e pessoas principais, que havia convidado, se deixou ficar um pouco só na igreja, prostrado de joelhos, diante da imagem do sagrado Batista e lhe disse umas razões equivalentes a estas seguintes:

Batista insigne, o mais sublime santo,
E por tal entre os mais canonizado
Por o que cobre o estrelado manto,
E tem o sólio empírio por estrado;
Alegria do céu, do inferno espanto
Com capelas de flores laureado,
Anjo por quem nos deu o Eterno Padre
Novas do filho da Virgínea Madre.

Pois convosco de Deus tendes a mão
Em quem se cifra toda a potestade,
Sede meu general e capitão
Nesta empresa de nossa liberdade;
Favorecei-me nesta ocasião,
Lá onde estais na terra da verdade,
Para que ao belga hunnilhe, vença e dome
Pois sois o grande santo do meu nome.

E virando-se para a parte direita do altar aonde estava uma imagem de Cristo crucificado, disse o seguinte, com outras palavras:

Meu bom Jesus, sem quem tudo é funesto,
Tudo aflição, tristeza e agonia,
Jesus, por quem metido tenho o resto,
Jesus meu doce bem, minha alegria;
Jesus a quem servir juro e protesto,
Jesus com quem não tenho covardia,
Ajudai-me Jesus, para que possa
Triunfante sair por via vossa.

Jesus, que por amor vos obrigastes
As ofensas pagar do mundo errado,
Jesus, que por amor do céu baixastes
Para serdes na Virgem encarnado
Bom Jesus, que da morte triunfastes,
E do inferno, na Santa Cruz pregado,
Dai-me favor Jesus, pois eu não posso
Triunfante sair sem favor vosso.

Esta demanda é vossa, eu vô-la entrego,
Para que liberteis aos moradores
De Pernambuco do profundo pego,
Onde o belga o tem com tais rigores,
Não vou encaminhado do amor cego,
Nem me empenho por frívolos amores,
A vós levo por norte, estrela e guia,
Favorecei-me filho de Maria.

Acabada esta oração saiu da igreja e entrou em sua casa, aonde agasalhou com muita largueza a todos seus convidados, disparando entretanto a nossa fortaleza todas as peças, com muitas cargas de mosquetaria, e em se acabando o jantar e levantadas as mesas, se partiu logo para o Arraial com os dois mestres de campo e mais capitães a tratar das coisas necessárias ao bem da guerra. No seguinte dia tomaram os nossos soldados das estâncias a um holar dês vivo, e dois negros, e feito exame com o holandês, disse que haviam chegado de Holanda três naus e um patacho com trezentos e cinqüenta soldados, e com muitas munições e bastimentos, e que por isso no Recife se fizeram tão grandes festas, e que também se dizia que lhe vinha detrás uma armada, porém que ele o não sabia de certo.

Nesta ocasião entraram no porto de Nazaré três caravelas, uma carregada de vinhos da ilha da Madeira e as

duas com mercadoria, porque como os homens de negócio sabiam que estava por nos o porto de Nazaré não quiseram perder occasiao de suas ganancias, e mais em tempo que Pernambuco estava tao feito de todas as coisas. Cada caravela destas trazia sessenta soldados para sua defensão, e uma delas foi corrida e perseguida do inimigo cinco vezes, e de todas cinco lhe fugiu por pés a duas naus que lhe vinham dando caça. No mesmo tempo entrou na enseada de Tamandaré, aonde João Fernandes Vieira havia feito a fortaleza, um navio nosso, que vinha do Reino em direitura para a Bahia, com provimento e munições, e com cento e quarenta soldados, e investindo com ele duas naus holandesas brigou com elas valorosamente, na qual briga lhe mataram oito homens; e os que morreram nas naus do inimigo não se sabe de certo. Desembarcou a infantaria em terra, e tiraram ao navio parte da carga que trazia, e se mandou que viesse entrar no porto de Nazaré, para ali estar mais seguro; logo no mesmo tempo chegou ao porto de Nazaré e deitou ferro da barra para fora, a tiro de peça da nossa fortaleza, outro navio acossado de três naus inimigas, com as quais veio brigando três dias; este trazia cinquenta soldados e vinha carregado de vinhos em direitura para o Rio de Janeiro, mandamos-lhe fazer requerimentos e protestos ao capitão, que entrasse para dentro do porto, sob pena de correrem por sua conta todas as perdas e danos que lhe sobreviessem e ele, como estava encarniçado na briga e desejava vingar-se, disse que não queria entrar, senão seguir sua viagem, porém vendo que o andavam esperando quatro grossas naus do inimigo, volta ao mar e volta à terra, tomou resolução e entrou para dentro do porto com a boa e luzida gente que levava.

Aos vinte e seis do mês de junho, saiu do Recife para a nossa banda rendido um sargento francês, bem tratado, com a sua banda de tafetá carmezim, plumagem no chapéu e sua alabarda na mão, o qual sendo trazido ao nosso Arraial e feito com ele exame, disse que no Recife havia muita fome e que por isso ele e outros muitos estavam resolutos em se vir para o nosso exército, a servir na guerra aos portugueses, e disse mais que de Holanda haviam chegado três naus, e um patacho com quatrocentos soldados e muito provimento e munições e que davam nova certa em como vinha atrás uma armada com seis mil homens, repartidos em duas esquadras, a saber: uma com dos mil soldados para a guerra

de Pernambuco e outra com quatro mil para investirem com a Bahia e ficarem de uma vez senhores absolutos de todo o Brasil e que logo lhe havia de vir chegando mais socorro cada dia; e que se isto não fosse certo, ele o queria pagar com sua cabeça, a qual oferecia ali ao talho; e perguntando-lhe os nossos mestres de campo, porque razão se havia vindo para a nossa banda, obrigado da fome, pois com a chegada das quatro naus de Holanda, lhe havia chegado mantimento em abundância; e dizendo-lhe que aquela sua razão mais mostrava ser estratagemas e engano de espia, que de amigo e rendido. Respondeu que ele e todos os de sua companhia, estavam ajuramentados antes de chegarem as naus, de se passarem para a nossa banda, por a fome que padeciam e por o mau tratamento que lhes faziam os que governavam o Recife, e que com a chegada das naus, um dos ajuramentados fora descobrir o intento e conjuração aos do supremo Concelho, os quais logo prenderam a alguns dos camaradas e a alguns deram tratos e enforcaram a dois; o que visto por ele e sabendo que havia de ser preso e morto, como cabeça da conjuração; assim como estava para entrar de guarda, se saíra fora de suas trincheiras com a alabarda na mão, dizendo aos guardas, que levava certo recado ao comender da fortaleza dos Afogados e tanto que se viu fora das trincheiras, partiu correndo para a parte aonde estava a estância de Henrique Dias, e chegando à beira do rio, dera gritos aos crioulos e negros daquele terço, que o viessem passar, porquanto estava a maré cheia, os quais logo vieram e o passaram da nossa banda em uma canoa e que assim salvara a vida e escapara da morte, e que isto que dizia era pura verdade, e que nunca jamais se acharia outra coisa em contrário; e perguntando-lhe os nossos mestres de campo se queria servir no nosso exército, respondeu: que com muito gosto, e que para isso vinha; mandaram-lhe dar praça de sargento, prometendo-lhe de o acrescentarem, segundo seus merecimentos e lealdade, com que servisse e que seus acrescentamentos se não dilatariam muito tempo. Ficou o sargento francês mui satisfeito e alentado como a boa cortesia, que achou nos governadores do nosso exército.

Tanto que os nossos mestres de campo ouviram as novas tão afirmadas, que o sargento francês lhes deu da armada, que os holandeses estavam esperando, despacharam logo ordem, para que os moradores da Paraíba e Goiana se viessem retirando para os circuitos do nosso Arraial, para

que assim tivessem toda a gente junta, para resistir ao inimigo e também para que havendo alguma desgraça, tivessem os moradores tempo e lugar, para se retirarem sem perigo, e não lhes succedessem as tribulações, angústias e desamparo, que os anos atrasados lhes haviam succedido, por o inimigo dar sobre eles de repente, e com esta prevenção se acautelaram para todos os infortúnios que podiam vir, já que Sua Real Majestade lhe tardava tanto com o socorro pedido por tantas vezes, e com tantos encarecimentos e se confiava de uns vis mercadores, que não têm posto o olho senão em suas mercâncias, interesses e proveito, sem repararem em quebrar a palavra aos reis e fazer-lhe traições e aleivosias. Não tinham os nossos mestres de campo bem acabado de mandar ordem aos moradores da Paraíba e Goiana, que se viessem retirando, quando os holandeses do Recife o souberam, por aviso que lhe mandaram cristãos novos traidores, que debaixo de capa de amigos, vivem entre nós, e bem se viu, pois logo do Recife mandaram à Paraíba embarcações com gente de guerra, para investir a cidade, e a ganharem, e saquearem entre fouce vencelho. como diz o rifão, achando os moradores revoltos e perturbados em enfardelar roupa, preparar carros e pôr-se a caminho; porém também a isto se preparou de antemão o remédio, mandando ficar naquellas paragens toda a infantaria; e somente os moradores bastantes para lhes administrarem o mantimento, porque soldados livres e desembarçados, sem estorvo de mulheres e meninos, podiam marchar com diligência para a parte para onde fossem necessários, porém o que nesta matéria succedeu, se dirá a seu tempo e lugar, dando Deus lugar e tempo para o fazer.

CAPÍTULO III

Do mais que succedeu do fim de junho até aos quinze de julho em Pernambuco

Aos vinte e nove de junho, dia dos sagrados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, vinha o comendador da fortaleza dos Afogados com duas lanchas por o rio acima, aonde de Tejiptó e o Jiquiá juntos em um corpo vazam por a barreta suas águas no mar e passando a primeira lancha (que vinha carregada de mantimentos e munições) por a enseada por onde o rio faz um cotovelo, antes de chegar à fortaleza, estava ali emboscado com sua companhia o Capitão Francisco Lopes, e deu sobre a lancha com duas cargas cerradas de mosquetaria e matou nela quinze holandeses e ficaram dois dos que nela vinham, mal feridos; alegraram-se muito os nossos soldados com a boa presa, porque acharam na lancha barris de vinho, aguardente, cerveja, muito biscoito de munição, carne de vaca e porco salgada, arenques, peixe pau, manteiga, queijos e muitos legumes, de tudo o qual mandada para o nosso Arraial a maior parte, lhes ficou que comer e beber alegremente por alguns dias. Vendo o comendador da fortaleza, que vinha com sua mulher na outra lancha, que vinha mais atrás, o destroço que havia sucedido à primeira que vinha adiante; deu volta a grande pressa para o Recife a buscar socorro; mandou o Capitão Francisco Lopes os dois feridos para o nosso Arraial, dos quais um era holandês e o outro um mancebo português, que estava preso no Recife e os holandeses o haviam metido na lancha, para que viesse remando; fizeram-lhe perguntas do que havia no Recife, e o holandês disse que lhe haviam chegado de Holanda quatrocentos, para quinhentos homens, em três naus e um patacho, e que se dizia por coisa certa, que detrás vinha uma grossa armada para socorro de Pernambuco e para ir tomar

a Bahia, com o que os do Recife estavam mui contentes, o português disse que era verdade, que haviam chegado as naus e o patacho com duzentos até trezentos homens, e esses os mais deles doentes, porém o que se dizia da armada, não o tinham por certo, porquanto os holandeses tanto que se embarcaram diziam coisas em contrário.

Vendo os governadores do Recife o mal que lhe havia succedido na lancha, que mandavam com provimento para os soldados da fortaleza dos Afogados, e que a fome os constrangeria a fazer algum desatino, mandaram por terra outro provimento às costas de negros e uma boa tropa de soldados em sua guarda. Estavam os crioulos de Henrique Dias emboscados junto do caminho entre uma reboleira de adensados mangues, e com a lama até a cintura e passando os holandeses deram sobre eles de mão posta e feriram a muitos, os quais todos viraram as costas e partiram fugindo para o Recife, não se soube ao certo quantos foram feridos e mortos nesta bolada; só sabemos que os crioulos e Minas de Henrique Dias tomaram às mãos todos os negros que iam carregados, com todo o provimento que levavam. Começaram as duas fortalezas dos Afogados e Cinco Pontas a disparar muitas peças, por ser esta cavalgada feita entre amebas, porém os nossos pretos se espalharam por a campina e as balas lhe não fizeram dano algum.

No primeiro dia de julho se saiu do Recife o comendador da fortaleza dos Afogados com quatro lanchas, bem providas de gente e guarnecidas com roqueiras e peças pequenas de campanha, de cinco e seis libras de bala e veio com elas a trazer socorro à fortaleza o Capitão Francisco Lopes, que estava com sua gente emboscada, vendo a desigualdade que havia de força, de parte a parte, e que a emboscada estava debaixo das peças da fortaleza e que podia receber notável dano e tirar nenhum proveito, porquanto lhe não podia vir nenhum socorro nosso, sem passar por junto da força do inimigo, porque por ali era a passagem, por onde o rio se podia vadear, não quis dar mostras de si, e o fez como capitão experimentado nas coisas de guerra. No seguinte dia saíram do Recife quatro índios e fingindo que iam a mariscar na praia, se deitaram a nado na passagem dos Afogados e os dois vieram a dar nas mãos dos nossos soldados, e tão magros e fracos, que se não podiam ter em pé, foram mandados ao nosso Arraial, aonde confessaram que no Recife havia muitos motins e alterações e grande fome, e que

todos os índios desejavam de se vir para nós, porém que se detinham, porquanto os holandeses lhes metiam em cabeça que os portugueses os haviam de matar, por os grandes danos que deles haviam recebido, porém que já estavam certificados da benignidade com que os recebiam; os outros dois vieram furando por entre os mangues e mato e vieram a parar em uma grota de adensadas árvores, aonde topou com eles um mulato de Francisco Berenguer de Andrada e a um porque se pôs em fugida lhe deu na cabeça uma cutilada com um facão e o matou, e o outro trouxe a seu senhor, o qual o levou ao nosso Arraial, aonde os nossos mestres de campo lhe deram bom quartel, assim a ele, como aos outros dois camaradas e os mandaram entregar ao Governador Camarão.

Aos doze dias de julho fizeram os holandeses no Recife grande festa de artilharia e mosquetaria pela manhã e à tarde; e aos treze do mês saiu um francês rendido, o qual disse, que ele havia vindo de Holanda no mês passado, em uma das três naus e um patacho, que chegaram, e que como havia estado no Brasil, o embarcaram por força; e que aquela festa dos holandeses era porque lhe haviam chegado duas naus com trezentos homens, em uma das quais vinha um dos dezanove da bolsa e Companhia; e que o Amara! João Cornelicem Licitar o fora visitar ao mar, e que no meio de sua borracheira, a cada brinde, disparavam as peças das naus, e davam surriadas de mosquetaria, e as fortalezas da terra lhe respondiam, para intimidar aos portugueses; disse mais que em sua companhia partiram de Holanda doze naus com mil e oitocentos homens de socorro para Pernambuco e que no canal de Inglaterra brigaram com a armada de Dunkerque, aonde perderam três naus, e que as outras tiveram ruim viagem, porque andaram no mar quatro meses e por falta de água lhe adoecera a gente e em cada nau lhe morreram vinte e trinta pessoas, e os que haviam chegado estavam os mais deles enfermos da mal de Loanda e iam morrendo cada dia, e que desta esquadra faltavam três naus que vinham atrás, que se haviam apartado na altura da linha, por cuja chegada estavam esperando cada dia; e mais disse, que em Holanda se ficava aprestando outra esquadra de mais porte, para vir em seguimento desta, em que ele viera. No mesmo dia tomaram os nossos soldados das estâncias um mulato de Antônio Cavalcanti, o qual servia de capitão aos holandeses na ilha de Itamaracá, e trazido ao nosso Arraial.

os mestres de campo o queriam logo mandar enforcar e sobestiveram com o intento até chegar o ouvidor da Comarca e auditor general (que era ido fora a Ipojuca a certa diligência) para lhe dar a sentença de morte tão merecida. No mesmo dia e no seguinte mandaram os mestres de campo muitos carros a Igarassu, para trazerem todo o massame e cabedal que haviam tomado nas naus da ilha de Itamaracá, para guarnecerem e prepararem com ele duas embarcações nossas, que se estavam acabando no porto de Nazaré, Cabo de Santo Agostinho.

Em quatorze dias de julho fugiram para a nossa parte oito marinheiros e um alteres, que havia sido de Paulo de Barros, o qual andava preso nas naus havia um ano, porque o haviam tomado os holandeses quando foram queimar os nossos navios na enseada de Tamandaré; estes oito marinheiros haviam tomado com outros muitos passageiros em um navio, que ia carregado do Rio de Janeiro para o Reino, e porque em terra se não soubesse do furto e traição que haviam feito a El-Rei, tomando-lhe as suas embarcações, que iam de paz, descarregavam no mar as nossas embarcações em suas naus e os roubados e cativos os traziam presos nas ditas suas naus. Sucedeu pois que a nau aonde andavam este alferes e estes marinheiros, entrou no porto do Recife a tomar provimento e sobre a borracheira de sua chegada se deitaram a dormir, de sorte que os marinheiros tiveram tempo e lugar de se meterem no batel da nau, que tinha seis remos e fugirem para a nossa banda, ficando na nau outros portugueses, que por estarem enfermos o não puderam fazer. Estes marinheiros disseram que os holandeses não estavam mui satisfeitos de lhe não haver chegado todo o seu socorro em forma e que segundo uns praticavam com outros lhe seriam chegados oitocentos homens, porém que eles o não sabiam de certo, porquanto andavam presos no mar sem sair à terra. Também disseram que destes oitocentos soldados que haviam chegado de socorro aos holandeses, muitos vinham enfermos e iam morrendo cada dia; e que sobre o particular de lhe vir mais socorro, todos falavam por diferentes bocas.

Aos vinte dias de julho na noite antecedente, saíram do Recife por a paragem do forte dos Afogados trezentos holandeses com alguns Caboclos brasileiros e negros de Guiné, com determinação de fazerem alguma boa empresa na nossa gente, tomando-nos de sobressalto, e vindo caminhando pelo

silêncio noturno, chegaram ao sítio de Marcos André, aonde estava a estância dos nossos dois capitães Francisco Berenguer de Milhana e Francisco de Lisboa, e sendo sentidos por os nossos vigias, deram rebate e quando eles chegaram à nossa estância e a acometeram, com intento de a ganharem, foram recebidos com duas cargas cerradas de mosquetaria, tão fortemente, que viraram as costas, para formarem esquadrão, porém os nossos soldados se espalharam pelo mato e por todas as partes foram carregando sobre eles, e das outras estâncias vieram acudindo os outros capitães vizinhos com tanta pressa, que os holandeses se vieram retirando de corrida até a sombra da fortaleza dos Afogados, deixando banhado de sangue todo o caminho por onde se haviam retirado. E suposto que o Governador João Fernandes Vieira se deu grande pressa em acudir do nosso Arraial com socorro, já quando chegou ao lugar aonde havia sido o encontro, os holandeses eram recolhidos. Dos nossos soldados ficou ferido um em um braço, e dos inimigos não sabemos ao certo o número dos mortos e feridos; porém em breves dias se saberá por algum rendido, ou por algum holandês ou negro vivo, que lhe tomarmos segundo o costumamos fazer cada dia.

Para maior segurança da nossa gente, e se obviarem os males que podiam sobrevir, mandaram os nossos mestres de campo, que todos os capitães das nossas estâncias vizinhas ao inimigo, tivessem casas fortes, rodeadas com trincheiras de pau a pique, para que se o inimigo saísse fora, tivessem lugar de se defender e ofender, até que fossem socorridos dos outros capitães vizinhos e do nosso Arraial. Mas tornando um passo atrás, tínhamos dito em como João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, tanto que viram chegar o socorro aos holandeses, temendo alguma ruína mandaram que a gente da Paraíba se viesse retirando para os lugares vizinhos do nosso Arraial, para que estivessem seguros; e a nossa gente de guerra estivesse unida em um corpo para resistir ao inimigo, se lhe viesse grande poder e acabar de uma vez a guerra, ou morrer, ou viver; porém sendo certificados que o socorro não era mais que de oitocentos homens, tornaram a mandar que não se abalasse a gente da Paraíba, até segundo recado, e começaram a fazer muitas prevenções de guerra, segundo a ocasião o pedia. E despediram secretamente ao Padre Fr. Manuel do Salvador em uma caravela para o Reino, a representar a Sua Ma-

jestade a obrigação que tinha de socorrer àquele atribulado povo, e àqueles seus leais vassalos, que em tanta apertura estavam.

Embarcou-se o P. Fr. Manuel do Salvador secretamente, receoso de que o povo o não deixasse embarcar, por a grande falta que lhe havia de fazer sua ausência nos bens espirituais; e partiu-se em hábito de secular e com barba crescida, até chegar ao Reino, por o receio que havia de poder ser tomado por os holandeses, e conhecendo-o o fizessem em postas por o grande ódio que lhe tinham e mais havendo-lhe de passar forçosamente, como de noite passou, à vista do Recife, aonde escapou de uma nau sua, que o perseguiu a tiro de peça. Permita Deus dar-lhe graça, para que represente, como convém, a Sua Majestade as obrigações que tem de acudir a estes seus vassalos, que tão deliberados estão a dar as vidas por seu serviço. E com isto se põe remate a esta primeira parte da empresa da liberdade; permitirá Deus que a segunda seja com maior gosto, e com a cabal restauração de Pernambuco, se alegrem de se verem livres, para servirem sem estorvo a Deus Nosso Senhor e aos santos e a Sua Real Majestade, como bons e leais vassalos.

*Todo o escrito nesta primeira parte
do Valeroso Lucideno, sujeita o autor
à correção da Santa Madre Igreja
Romana, como obediente filho seu*

F I M

Quintana Lucideno,

[illegible]

filhos do nosso Arraial, para que estivessem seguros:& a nossa gente de guerra estivesse unida em hum corpo para resistir ao inimigo, se lhe viesse grande poder, & acabar de hũa vez a guerra, ou morrer, ou viver; porem sendo certificados que o socorro não era mais que de oitocêtos homens, tornaraõ a mandar que não se abalasse a gente da Paraíba, até segundo recado, & começarão a fazer muitas precauções de guerra, segundo a occasiã o pedia. E despediraõ secretamente ao P. Fr. Manoel do Salvador em hũa carauella para o Reyno, a representar a Sua Magestade a obrigação que tinha de socorrer a aquelle atribulado pouo, & a aquelles seus leaes vassallos, q'em tãta apertura estuaõ.

Embarcou-se o P. Fr. Manoel do Salva-
dor secretamente , recoso de q o povo o
não deixasse embarcar, por a grãde falta
que lhe aua de fazer sua auzencia nos
bês espirituaes, & partio-se em habito de
secular, & com barba crecida, até chegar
ao Reyno, por o recio que aua de poder
ser tomado por os Olandeses, & conhe-
cendo o fizt-lhe em postas por o gran-
de oio que lhe tinham, & mais auendo-lhe
de passar forçosamente, como de noite
passou a vista do Atrecife, aonde escapou
de hũa mão sua, que o perseguio a tiro de
peça. Permitta Deos dar-lhe graça, para q
represente, como conuem, a Sua Magest-
dade as obrigaçõs, que tem de acudir a
estes seus vassallos, que tão deliberados
estão a dar as vidas por seu seruiço. E cõ
isto se põem remate a esta primeira parte
da empreza da liberdade; permitirá Deos
que a segunda seja com maior gosto, & cõ
a cabal restauraçõ de Parnambuco, se
alegrem de se verem liures, para seruirem,
sem estoruos a Deos nosso Senhor, & aos

Sauctos, & a Sua Real Magestade,
como bons, & leaes
vassallos.

Para maior segurança da nossa gête. & se obuiarẽ os males que podião sobreuir, mandaraõ os nossos Meſtres de Campo, que todos õs Capitaẽs das noſſas eſtancias viſinhas ao inimigo, tiueſſem caſas fortes,rouleadas com trincheiras de pao apique, para que ſe o inimigo fauſſe fora, tiueſſem lugar de ſe defender. & offender, até que ſoſſem ſocorridos dos outros Capitaẽs viſinhos. & do noſſo Arraial. Mas tornando hum paſſo atraz, tinhamos dito em como Ioãõ Fernãdes Vieira, & Andre Vidal de Negreiros, tanto que virãõ chegar o ſocorro aos Olandeſes, temendo alguma ruina mandaraõ que a gente da Paraíba ſe vieſſe retirãdo para os lugares vi-

*Tudo o que nesta primeira parte do valeroso Lusitano, foy feita e Au-
torização da Santa Madre Igreja Romana, como*

E R R A T A

VOLUME II

ONDE SE LÊ

LEIA-SE

Pág.	6	—	linha	41	—	buscar-me	buscar-nos
Pág.	10	—	linha	43	—	Robleas	Robles
Pág.	18	—	linha	34	—	Crato	Crasto
Pág.	40	—	linha	4	—	E tudo	E tu
Pág.	40	—	linha	19	—	mosquetes miscainhos	mosquetes biscainhos
Pág.	40	—	linha	36	—	e um cavalo tanto	e um cavalo; tanto
Pág.	41	—	linha	34	—	pois que de- sembarquei	depois que desembarquei
Pág.	43	—	linha	2	—	em suas mo- chilas,	em suas mochilas;
Pág.	55	—	linha	18	—	Se parte ao Recife sem de- mora	Se parte ao Arrecife sem demora
Pág.	56	—	linha	3	—	Tejiptó	Tejupio
Pág.	57	—	linha	10	—	Governador o etiope esquadrão	Governando o etiope esquadrão
Pág.	73	—	linha	14	—	mercância	mercancia
Pág.	75	—	linha	35	—	não faltou que	nao faltou quem
Pág.	81	—	linha	28	—	razões e coisas	razões e causa

Pág.	96	— linha	29	— vieram por ho- landês	vieram por o holandês
Pág.	100	— linha	32	— sempre costu- mam	sempre costuma
Pág.	103	— linha	9	— senão ele o primeiro	sendo ele o primeiro
Pág.	103	— linha	23	— aponta no tra- tado)	aponta no tratado
Pág.	103	— linha	24	— nesta empresa,	nesta empresa)
Pág.	107	— linha	9	— Dom Gregório Suniga e San Martín, Ec.	Dom Gregório Suniga e San Martín, Etc.
Pág.	116	— linha	9	— A idade e pouca	A idade é pouca
ONDE SE LE				LEIA-SE	
Pág.	118	— linha	31	— mercâncias	mercancias
Pág.	118	— linha	43	— que tem muita pressa	que com muita pressa
Pág.	119	— linha	5	— aonde o mato estavam	aonde o mato estava
Pág.	120	— linha	12	— aviso a noite	aviso a noite
Pág.	124	— linha	15	— Francisco Villanez	Francisco Velanez
Pág.	124	— linha	20	— por não ser enfadonho,	por não ser enfadonho;
Pág.	125	— linha	33	— Antônio	Atônito
Pág.	127	— linha	35	— No barco cada qual poem	No barco cada qual põe
Pág.	128	— linha	32	— E junto à nau os põem	E junto à nau as põem
Pág.	177	— linha	32	— bem pode co- nhecer	bem podem conhecer
Pág.	179	— linha	21	— D. Jerônimo	D. Jerónima
Pág.	208	— linha	30	— uma dols tiros	uma a dois tiros
Pág.	243	— linha	20	— os quais trazido	os quais trazidos

Pág.	250	— linha	20	— lhe foi feito	lhe hei feito
Pág.	252	— linha	13	— mercancias	mercancias
Pág.	263	— linha	36	— Cento e trinta Caboclos fle- cheiros	Cento e trinta Cabocolos fre- cheiros
Pág.	266	— linha	25	— Os perfidos Ca- boclos flechei- ros	Os péridos Cabocolos fre- cheiros
Pág.	267	— linha	35	— Pela cada qual como cristão	Peleje cada qual como cristão
Pág.	277	— linha	1	— Não tem que recear morte, ou perigo,	Diz-lhe que em defesa da santa Fé
Pág.	277	— linha	4	— Diz-lhe que em d e f e n s a o da santa Fé	Não tem que recear morte, ou perigo,
Pág.	278	— linha	17	— chama m os arcos	chamam os Marcos

INDICE ONOMASTICO

Os números em tipo romano
correspondem ao 1º volume;
em **negrito**, ao 2º.

A

ABATEU, António Dias de 105
 Francisco Gomes de 264, 346,
 3, 16, 18, 104, 187, 188
 Francisco de Lisboa de 323,
 337, 18, 46, 289
 João de (Padre) 106
 Lourenço de 19
 Manuel de Sousa de 78, 86, 88

ADRIÃO, Manuel (Padre) 17

AGUIAR, Francisco de 124
 João Gomes de (Padre) 325,
 149

ALBUQUERQUE, Alvaro Fragoso
 de 77
 André Soares de 107
 António Cavalcanti de 205,
 275, 318, 322, 329, 330, 343,
 345, 346, 5, 18, 37-40, 297
 António de Sousa de 108
 Jerónimo de 257
 João de 46, 48, 69, 95, 147, 149,
 199
 João Soares de 265, 310, 7, 18,
 46, 48, 63, 104, 134, 141, 143,
 161
 Manuel Cavalcanti de 264,
 318, 322, 346, 18
 Matias de 42-45, 47-50, 54,
 56-63, 65-68, 76, 96, 211, 255,
 297, 298, 300, 89
 Paulo Leitão de 107
 Pedro de (Frade) 106
 Pedro Cavalcanti de 331, 35,
 157, 158, 161, 163, 164

ALCOFORADO, N. Guedes 120

ALENCASTRO, Veríssimo de
 (Dom) 24

ALEXANDRE (Dom) 180, 182

ALMEIDA, Adriana de (Dona) 310
 André de: ver FONSECA,
 André de Almeida da
 Cristóvão Botelho de 74
 Francisco de 124
 Jerónima de (Dona) 127, 128,
 109, 179, 199
 João Soares de 61
 José de 75

ALMIRON, Alonso Ximenes de 16,
 84, 86, 89

ALPOIM, Francisco de Faria de 74

ALTERO, Ana Pais de: ver PAIS,
 Ana (Dona)
 Cristóvão Pais de 53, 103
 Julião Pais de 9

ALVARES, Amador 53, 57, 74, 75,
 84, 110
 Angela 60
 Luis (Padre) 105
 Manuel (Padre) 265, 105
 Marcos 280, 281
 Melchior 243, 314

AMARAL, Jerónimo da Cunha do
 302, 8, 16, 38, 104, 146, 147
 161, 166

ANDRADE, António da Cunha de
 143
 Bernardino da Cunha de 330
 Cristóvão Berenguer de 322
 Francisco de (Frade) 106
 Francisco Berenguer de 103,
 123, 264, 288, 318, 322, 18, 38,
 42, 47, 54, 62, 104, 106, 187,
 188, 297
 João Freire de 145

- João Gomes de 264
Manuel Dias de 76, 78, 80-85,
87, 91
Pedro da Cunha de 256, 42
Pedro Noronha de 18
- ANDRÉ, Marcos 299
- ANGELO (Frade) 39
- ANSELMO (Frade): ver TRIN-
DADE, Anselmo da (Frade)
- ANTAS: ver DANTAS
- ANTÔNIO (Frade): ver CRUZ,
Antônio da (Frade)
Domingos 73
- ARAGON, João de 198
- ARANZEDO, Francisco de 245
- ARAÚJO, Amador de: ver AZE-
VEDO, Amador de Araújo de
Cosme Soares de 19
(crioulo chamado o) 54
Feliciano de 105
Isabel de 314
João de (Padre) 265, 338, 346,
9, 19, 105
Julião de 72, 128
Lourenço Carneiro de 33,
114, 115
- ARCISZEWSKY, Cristóvão de Ar-
tischau 46, 62, 65, 69, 72, 74,
77, 78, 81, 82, 267, 299
- ARENAS, Pedro de 133, 148
- ARMES, Margarida Maes 179
- AVELAR, Francisco de (Padre)
211, 91, 135, 162, 168
- ÁVILA, Diogo Tomás de 107
João de Torre de 107
- AZEVEDO, Amador de Araújo de
306, 310-313, 315, 316, 328, 329,
348, 18, 21, 84, 104
Antônio de 108
Antônio Mendes de 326
Baltasar de 19
- Guilomar de 315
Inácio Mendes de 205
Manuel de 93
Paulo de Araújo de 264, 104
- B**
- BAGNUOLO (Conde de) 46, 47,
49-54, 57, 66, 80-93, 96, 103,
142, 143, 297, 226
- BAIA: veja BAYER, Cornélio
- BALTASAR (Príncipe de Espa-
nha) 42
- BANDARRA, Gonçalo Anes 179 19.
- BARACHO, Antônio 151
- BARBALHO, Bras 264, 104
João Lopes 84, 86, 88, 311, 312,
316
- BARBOSA, Domingos de Sa 18, 48
João 336, 18, 142, 143
Luzia 70
Manuel Soares 69, 70, 104,
142, 143, 162, 167
- BARNOLA, Paulo 61, 84
- BARREIROS, Diogo 134
Francisco 86, 89
- BARRETO, Apolinário Gomes 206
Filipe Pais 310, 311, 107
Francisco 19
Francisco Gonçalves 107
João Pais 84, 241
João Velho 90
Manuel 19
Simão Velho 19
- BARROS, Brás de: ver PEREIRA,
Brás de Barros
Cosme do Rego 336, 339, 46,
18, 104, 146, 161, 166
Cristóvão de 76, 77
Francisco do Rego 144
Gregório de: ver PEREIRA,
Gregório de Barros
- BASTOS, Francisco de 151
Pedro de 275

- BATISTA, (indio de nome) 13
 João 236, 47, 48, 62, 80, 82
 João (Padre): ver LOBO,
 João Batista (Padre)
- BAYER, Cornélio 237
- BECK, Matias 325
- BENAVIDES, Salvador Correia de
 Sá e 334, 71, 72
- BEZERRA, Antônia (Dona) 42,
 47, 54, 63
 Antônio 205, 264, 309, 317, 323,
 18, 42, 47, 54, 62, 106
 Antônio (Padre) 265, 106
 Antônio Jacome 234, 237
 Fernão 130, 206
 João Pessoa 318, 322, 344, 7,
 8, 104
 Luís Barbalho 56, 145-147,
 209, 210, 340
 Luís Brás 57, 264, 322, 323, 106
 Miguel 72, 73
- BILTH, João: ver LISTRY, João
- BLAER, João 260, 335, 338, 339, 6,
 20, 50, 83, 102
- BOECKHOLT, Alexandre 205
- BOLARTE, Baltasar: ver RATZ,
 Baltasar Bolarte
- BONJOUR, Pedro 206
- BORJA, Luis de Rojas y (Dom.)
 67, 69, 71, 72, 74-82, 90, 257,
 298
- BORRALHO 334
- BOTELHO, Cristóvão 52, 89
- BRAGA, Diogo de 350
 João Velho 55
- BRAGANÇA, Catarina (Duquesa
 de, depois Rainha de Portu-
 gal) 171, 181, 182, 184, 212, 230
 Duarte (Dom) 171, 180, 182,
 212, 230
 Filipe (Dom) 180, 199
- João de (Duque de Barcelos)
 182
 Teodósio de (Duque de) 9, 21,
 180, 182, 188, 197, 229, 230
- BRANDÃO, Domingos da Costa
 197
- BRÁSIA (Dona) 35
- BRITO, João de 108
- BULHÕES, Antônio de 264, 326,
 106
 Fernão Rodrigues de 138, 241,
 245
 Pedro de 256
 Zacarias de 264, 107
- BULLESTRATE, Adriano van 327,
 343, 344
- BURGH, Dirk Codde van der 148,
 210, 245, 247
- C**
- CABRAL, João Pais 205, 306, 310,
 7-9, 29
- CABREIRA, João de 107
- CALABAR, Domingos Fernandes
 48, 51, 55, 56, 58-63
- CALADO, Manuel (Frade): ver
 SALVADOR, Manuel Calado
 do (Frade)
- CALCHE, Heitor de la 216
- CALVINO, João 267, 296, 297, 307,
 341, 203
- CAMARÃO, Antônio Filipe (Dom.)
 45, 46, 57, 78, 79, 83, 84, 86,
 98, 225, 297-300, 305, 306, 310,
 315, 316, 348, 13, 21, 38, 40,
 46, 57, 60, 67, 90, 127, 134, 141,
 143, 146, 182, 198, 200, 206-210,
 219, 222, 225, 231, 232, 234,
 237, 240, 241, 247, 250, 251,
 256, 289, 297
 Clara 86

- CAMELO, Manuel 72
- CAMINHA, Francisco de Andrade
107
João Alvares 187
Manuel Fernandes 107
- CARDIGO, Pedro (o Velho) 205
- CARDOSO, António Dias 302, 303,
305, 306, 335, 336, 338, 346,
347, 5, 6, 8, 10, 12, 16, 25, 27,
38, 43, 46, 57, 104, 135, 158,
159, 161, 166, 167, 192, 193,
281, 287
Isabel 237
Francisco 46, 49, 50, 179, 180
Jerónimo de Oliveira 18
Valentim 206, 236
- CARNEIRO, António Vieira 104
Loureço: ver ARAÚJO.
Loureço Carneiro de
- CARRASCON 76
- CARVALHO, António de 330
António Machado de 44
Bernardim de 264, 318, 330,
345, 18, 106
Isaac 115
Manuel Alvares de 330, 18,
107
Sebastião de 307-309, 317-319,
324, 325, 330, 345, 36, 90, 146,
148, 171, 172
- CAVALCANTI, Ana (Dona) 130
António: ver ALBUQUER-
QUE, António Cavalcanti de
Manuel: ver ALBUQUER-
QUE, Manuel Cavalcanti de
- CESAR, Maria (Dona) 123, 288,
309, 191, 276
- CEULEN, Matias van 144
- CHACAO, Manuel Gomes 235
- CHAMPFLEURY, Pedro 114
- CHANFLORIM, ver: CHAMP-
FLEURY, Pedro
- CHAVES, Pedro Gomes 183
- CID, António Vilela 151
- CIPRIANO, (Frade): ver SAO
BENTO, Cipriano de (Frade)
- CLASEN, Nicolau 235
- CODDE, Manuel: ver BURGH,
Dirk Codde van der
- COELHO, Duarte de Albuquerque
46, 47, 66, 81, 82, 84, 85, 87,
89, 211
Tomás (Padre) 106
- CONCEIÇÃO, Duarte da (Frade) 8
- CONDERAO 312
- CORDEIRO, Amaro 17, 46, 49, 50
- CORREIA, Lourenço de Brito 209,
210
Pedro 18
Simão 151
- CORTE-REAL, Manuel Pereira
104
- COSTA, António da 19
Diogo da 107
Francisco da 12
Gaspar Francisco da 119, 237,
307
Tomás da 19
Tomé Dias da 10, 18
Vicente Rodrigues da 10
SOUSA ? : ver) 206
- COUTINHO, António (Dom) 88
Francisco de Sousa 249, 250,
252
- COVAS, Melchior Rodrigues 339,
345, 346, 348, 349, 5, 6, 21, 22,
99, 107
- CRASCO, António de 306, 318
18, 104
Manuel de 59, 60
- CRISILIM, João: ver GHYSE-
LIN, João

CRISTINA (Rainha da Suécia)
201

CRISTÓVAO (camareiro de J.
Maurício de Nassau) 205

CRUZ, António da (Frade) 19, 106
Fernão Rodrigues da 105
João da (Frade) 99, 100, 39
Manuel Fernandes 338, 339,
18

CUNHA, André Soares da 315
Diogo Soares da 264, 106
Fernão Soares da 338, 107
Jerónimo da Silva 12
Luís de Paiva da 107
Paulo da: ver SOUTO-
MAIOR, Paulo da Cunha
Pedro Correia da 205

D

DAEMS, Paulo António 130, 205,
270, 271, 274

DAEY, Martin 146

DAIS, Madam: ver DAEY, Mar-
tin

DALIRO: ver Áltiro

DAMAS, Paulo António: ver
DAEMS, Paulo António

DANTAS, André da Rocha 117, 124
António 107
Miguel Correia 107

DAULTRY, André 205

DELGADO, Francisco Dias 107

DESERTO, João do (Frade) 5, 6

DESSA, Pedro Marinho: ver SA,
Pedro Marinho de

DIAS, Francisco (o Moço) 153
Gonçalo 124
Henrique 83-86, 88, 89, 149,
300, 301, 305, 306, 310, 315,
316, 348, 21, 38, 40, 46, 53, 57,
60, 60, 132, 139-141, 143, 147,
157, 161, 164, 168, 170, 171,

190-194, 197, 198, 222-230, 234,
244, 245, 247, 250, 253, 255, 293,
296

Jerónimo (Padre) 188
João (Padre) 34
Marcos 124

DINIZ, Manuel Gonçalves 205, 104

DOCTRI: ver DAULTRY, André

DRAGO, Simão 307

DUARTE, André 22

E

ENSENS, Adpo: ver EYSENS, Adpo

EYSENS, Adpo 256

EQUE, Joa: ver HECK, Joa

ESTRALDA, Teodoro de: ver
HOOUSTRALEN, Teodoro
van

F

FAGUNDES, Domingos 318-319,
328, 348, 349, 6, 8, 15, 20, 20,
53, 104, 141, 143, 161, 166
Gaspar 46
Mateus 42, 104, 161

FALCÃO, Francisco da Costa
(Padre) 265, 317, 105
Francisco de Sousa 107, 110
Leão Marinho 110
Pedro Marinho 205, 310, 18,
84, 109, 114
Vasco Marinho 107, 110, 112

FALCATO, António Carneiro 323,
346, 19

FAR.A, Francisco de 323
Pedro da Silva 23

FARO, Diniz de (Dom) 229
Estêvão de (Conde de) 229

FEBO 317, 319

FERNANDES, Antônio 153
 Miguel 86, 295, 38
 Vasco 114, 307

FERREIRA, Diogo Lopes 48, 107
 Domingos 16, 48, 104, 222, 224
 Gaspar (Padre) 130, 132, 136,
 138, 143, 241, 242, 106
 Gaspar Dias 92, 96, 114-118,
 121, 124, 127, 131-137, 221, 225,
 226, 229, 234-238, 240-248, 272,
 276, 281, 195
 Martim 84, 133, 148
 Sebastião 257, 264, 346, 18, 46,
 48, 104, 106, 146, 161, 194, 229
 Simão 206
 Simão (Padre) 132, 133

FERRO, Ambrósio Francisco 151,
 153

FIGUEIRA, Gaspar 278, 279
 FIGUEIREDO, Simão de (Padre)
 265, 336, 338, 346, 347, 8, 9,
 10, 19, 60, 106

FILIPE II (de Espanha) 171
 III (de Espanha) 229
 IV (de Espanha) 173

FLORIM, Chan: ver CHAMP-
 FLEURY, Pedro

FONSECA, André de Almeida da
 48, 51, 52, 68, 308
 Baltasar da 114, 242, 307

FRANCA, André Dias da 41, 42

FRANCIS, João Lourenço 323, 18

FRAZAO, Francisco 49, 66

FRÓIS, Cosma 42, 43, 237
 Isabel Gonçalves 102

FURTADO, Tristão de Mendonça
 209

G

GAMA, Pedro Correia da 41, 56,
 95, 210-212, 216, 217, 220-222,
 226, 252

GARCÉS (Capitão) 226, 228

GARCIA 75

GARDTZMAN, Jorge 154

GARRIDO, Melchior Manuel 280

GARRO, Lopo Curado 149, 155

GERARDO, Alberto: ver WEDDA.
 Alberto Gerardo

GESMAN: ver GARDTZMAN,
 Jorge

GHYSELIN, João 144

GODINHO, Francisco 337

GÓIS, Isabel de (Dona) 42, 47, 62

GOMES, Antônio 19
 Fernão 179, 18
 Francisco 17
 Matias 107
 Pedro 281

GONÇALVES, Antônio (Padre)
 106
 Isabel: ver FRÓIS, Isabel
 Gonçalves

GUARDA, João Alvares da 41

GUIMARAES, Sebastião de 326

GUINT, João 205

GUTERRES, Lourenço 68, 264,
 280, 340, 344, 105, 141

H

HAMEL, Henrique 327, 19

HAUS, Henrique van 329, 337, 338,
 348, 349, 6, 7, 33, 34, 45, 50,
 51, 66, 69, 71, 78, 81-84, 86, 87,
 99, 102, 179, 180, 251

HECK, Job 264

HEINS, Luis 294

HENDERSON, Jaime 219, 222

HENDRICK, Frederick (aliás Mansveld) 142, 146, 257

HENRIQUE (Dom, Rei de Portugal) 166, 170

HENRIQUES, Afonso (Dom, Rei de Portugal) 173, 175, 179, 190, 195-197, 30, 205
Matias 265, 94, 105

HOL, Alardo: ver HOLT, Alart

HOLANDA, Adriana de (Dona) 110
Agostinho de 51
Arnáu de 264, 338, 339, 18, 106, 146
Baltasar Leitão de 72, 73, 107
Fernão de 115

HOLT, Alart 258, 86

HOMEM, Baltasar de Matos 264, 9, 107, 124.
Gonçalo de Matos 124
João de Matos 318, 323, 9, 29.

HOOGSTATEN, Teodoro van 205, 261, 264, 303, 304, 331, 84, 85, 87-89, 94, 95, 103, 120, 131, 134, 135, 137, 138, 158, 174-176, 180, 181, 244, 251.

HOROSCO, Francisco Lopes de: ver OROSCO, Francisco Lopes de

HUITONOVEM, ver: UYTENHOVEN, António

I

ILHA, Manuel Alvares 153

INACIO (Frade): ver SÃO BENTO, Inácio de (Frade)

J

JARDIM, Marcos (sargento francês) 315

JESUS, Estêvão de (Frade) 115, 116.

JOÃO (Dom, IV Rei de Portugal) 95, 120, 144, 170, 173, 187, 192, 195, 199, 201-203, 208, 209, 211, 213, 218, 228, 293, 300, 301, 304, 305, 308, 331-333, 31, 72, 83, 86-88, 115, 118, 130, 147, 249
(Frei): ver RESSURREIÇÃO, João da (Frade)
(Mestre, holandês) 314, 329
(Oficial holandês) 312

JOL, Cornélio 114, 219

JUNÍPERO, Frei: ver SÃO PAULO Junípero de (Frade)

L

LACERDA, Diogo de Oliveira de 124

LAMERGEN (holandês) 43

LAMILHANA, Francisco Berenguer de 299

LEITE, João Dias 18

LICHTHARDT, João Cornelisz. 48, 51, 54, 55, 62, 307, 235, 297

LIEBERGEN, Arnaldo van 257

LIMA, João de 107

LINDANÃO: ver LINDENOV, Cristóvão

LINDENOV, Cristóvão 205

LINS, Bartolomeu 109
Cristóvão 109, 110
João 257

LIRA, Gonçalo Novo de 39, 199

LISBOA, Francisco de: ver ABREU, Francisco Lisboa de

LISTRY, João 102

LOBO, João Baptista (Padre) 265,
19, 91, 105

LOPES, Francisco (o Estrela
d'Alva) 119, 120, 124, 161, 163,
222, 234, 256, 259, 265, 296
João 204
Tomé 205

LUTERO, Martinho 267, 296, 297,
307, 341, 203, 266

M

MACEDO, Francisco 107

MACHADO, Antonio 234-236
Manuel 191
Manuel (Padre) 106
Martim 12
Pedro 107

MACIEL, Diogo da Costa 265

MADALENA (Dona, sac) 335

MADEIRA, Amaro Lopes de 264,
318, 323, 346, 18, 42, 47, 54

MAGALHÃES, João de 211, 222,
234, 247
Pedro (Frade) 24

MALBURG (militar holandês) 257

MANSFUEL: ver MANSVELD

MANSVELD: ver HENDRICK,
Frederick (aliás Mansveld)

MANUEL (Dom. Rei) 132

MARALDUS, M. A. 103

MARIN, André 50, 51

MARINHO, Pedro 78

MARIZ, António Pinheiro de 19
Francisco Carneiro de 264,
326, 106
João Carneiro de 326, 106
Manuel Carneiro de 106

MARTINS, Amaro 119
Inácio (Padre) 137
João 153

MATOS, Baltasar de: ver RO-
MEM, Baltasar de Matos
João de 279, 280

MAZAGAO, Domingos Gonçalves
107
Manuel Gonçalves 124

MELO, Antonio de Magalhães
de 19
Cristovão Gomes de 71
Henrique Teles de 79, 80
João Gomes de 205, 310, 8,
86, 114
Maria de (Dona) 310

MENDANHA, João Cordeiro de
323, 19, 107

MENDES, Alvaro (Padre, de El
vas) 256
Inácio 18
Manuel Rodrigues 114
Simão 18

MENDONÇA, Gaspar de 30, 264,
321, 340, 342, 344, 35, 53, 100
João de 204, 107, 143, 147,
158, 165
João de (Padre) 91, 135, 162,
168
João Furtado de 124
Tristão de: ver FURTADO
Tristão de Mendonça

MENEZES, Pedro César de 120,
219, 223, 233, 239

MERCADO, Abraão de 319

MESQUITA, Alvaro Teixeira de
264, 323, 346, 19, 106

MESTROLA (cirurgião francês)
349

MILHANA: ver LAMILHANA
Francisco Berenguer de

MINA, António 226, 228

MIRANDA, Estêvão Machado de
151, 153
Manuel de 328
Manuel de Araújo de 18

MONCHY, René de 205

MONTALVÃO (Marquês de) 133,
148, 149, 202-204, 209, 215, 219,
313

MONTANTE 281

MONTEIRO, Miguel Bezerra 323,
107

MORAIS, Manuel de 13

MOREIRA, Mateus 153

MORENO, Baltasar Gonçalves
348, 40
Martim Soares 84, 85, 37, 41,
70, 72, 76, 77, 84, 85, 89, 114,
125, 175, 189-191, 193, 196, 236,
249, 251, 253, 274, 278, 289

MOURA, Manuel Rodrigues de
153

MOURO, António 183

N

NASSAU, João Ernesto (Conde
de) 150
João Mauricio (Conde de Nas-
sau) 81, 83, 86, 87, 90-92, 94,
96-98, 100-103, 111, 114, 121,
123-125, 127, 128, 130, 131,
142, 144-146, 148-151, 203-208,
210-212, 217-222, 224-227, 231,
234-245, 247, 271, 274, 276, 280,
281, 293, 299, 301, 308, 314,
315, 341, 39, 195, 197, 200, 245

NAVARRO, João Lostão 150, 151

NEGREIROS, André Vidal de 95,
109, 129, 146, 218, 262, 292-
296, 301, 302, 331, 332, 37, 40,
41, 43, 47, 48, 50, 51, 57, 61,
63, 70, 72, 75-81, 84-89, 91, 94,
101-103, 114, 115, 125, 131-134,

137, 149, 158, 159, 167, 170,
171, 175, 188-191, 195, 221-223,
225, 231, 232, 234-238, 241, 249,
251, 253, 256, 259, 274, 278-
282, 286, 289, 299

NEIVA, Manuel João de 105, 94

NÉVOA, Gaspar Gonçalves 124

NICOLAS: ver CLASEN, Nicolau

NUNES, João 232, 6

O

OLIVEIRA, Antão de 185
Antônio 307-309, 311, 319, 329,
36
Diogo Luis de 41
Domingos de Aguiar de 323
Francisco de 319
Gonçalo de 36
Luiza de 42, 47, 54
Manuel 274
Marcos 124

OPATRIA: ver PATER, Adriano
Jansz.

OSQUENDO, António de (Dom) 46,
47, 173

ORANGE (Príncipe de) 151, 228,
242, 304, 83, 97, 150, 194, 197

OROSCO, Francisco Lopes de 104

P

PACHECO, Leandro 110
Nicolau Aranha 118-122, 124-
127, 129, 222, 234
Pantaleão Rodrigues 23
Pedro Aranha 121, 124

PAIS, Ana 125, 34, 35, 42-46, 53,
69, 78, 80, 102, 130, 131, 179,
251
António 51
Cristóvão: ver ALTERO.
Cristóvão Pais de
Diogo 44, 182
Eusébio 226

PAIVA, Estêvão de 15
 Jerônimo Serrão de 262, 74,
 81, 83, 237
 Manuel João de 265, 340, 344

PARAUPABA, Antônio 151
 PARENTE, Bento Maciel 220

PASSOS, Cosmo de Crasto 264.
 281, 323, 346, 18, 94, 106

PATER, Adriano Jansz. 46

PAULO (Mestre) 264

PAVÃO, Pedro Manuel 74

PELNES (Capitão) 205

PENHA, Simão Alvares de la 210-
 212, 220-222, 224

PEREIRA, Brás de Barros 326, 18
 Diogo 151
 Domingos 129, 294, 296
 Francisco de Brito 44
 Francisco Mendes 151
 Gaspar 326, 105
 Gregório de Barros 264, 104
 Henrique Afonso 206, 207
 Manuel de Araújo 104
 Nuno Alvares (Dom) 187
 Pedro da Cunha 264, 106
 Salvador 326, 149
 Vicente de Sousa 151

PESSOA, Antônio Fernandes (o
 Mingau) 107, 157, 164
 João: ver BEZERRA, João
 Pessoa
 Maria 35

PICARD, Alexandre 56-59

PIMENTA, João 107

PIMENTEL, Rodrigo de Barros 84,
 127, 325, 109, 112, 149, 179, 199

PINHEIRO, Diogo 153

PINTO, André Jorge (Padre) 106
 Heitor (Frade) 171
 Jorge Homem 259
 Manuel 257

PIRES, Marcos 18

PISO, Guilherme 125

PISTOL: ver PISTOR, Frederico

PISTOR, Frederico 206

PITA, Baltasar da Rocha 88
 Inácio 7, 8
 Valentim da Rocha 117, 124

PLAQUE, Daniel 264

PONTE, Rodrigo da (Frade) 5, 6

PORTO, José do 151

POTI, Antônio 46

Q

QUEBEDO, Lourenço da Cunha
 de 106
 Pedro Correia de 107

QUEIROGA, Manuel Camelo de
 59, 72, 73, 265, 330

R

RABIER, Gerardo 257

RAMALHO, Manuel 314

RAMOS, Francisco 336, 8, 17, 42
 44, 60, 104, 142-144

REBELO, Francisco 50, 57, 74, 75,
 79, 80, 83-86, 96, 257
 Manuel (Padre) 106

REGO, Cosme do: ver BARROS.
 Cosme do Rego
 Francisco do: ver BARROS.
 Francisco do Rego

RESSURREIÇÃO, João da (Frade)
 346, 9, 19, 20, 49, 105, 135, 162,
 182

RIBAGUERO, Fernando de
 (Dom) 52, 53

RIBEIRO, Baltasar (Padre) 106
 Manuel 178
 Manuel (Padre) 265, 335, 105

RICARDO, Mateus 10

RIDDER, Nicolau de 55

ROBLES, Manuel Soares 10, 18,
 104

ROCHA, Jerônimo da 265, 90, 107,
 198
 Luís Alvares da 24
 Pedro Francisco da 108
 Vicente Gomes da 61

RODELA (indio) 182

RODRIGUES, António (Padre)
 105
 Francisco 120
 Francisco (do Porto) 257
 João 73

ROSADO, António (Frade) 39

ROTRES, João 329

S

SA, Manuel Ribeiro de 115, 135,
 340, 105
 Miguel Fernandes de 326
 Pedro Marinho de 82

SALGUEIRO, António Gomes 148

SALVADOR, Manuel Calado do
 (Frade) 52-55, 60, 62, 63, 69,
 71-74, 76, 79, 80, 84, 85, 90, 98,
 100-102, 104, 105, 107, 109, 121-
 124, 128-130, 134, 140, 180, 226,
 229, 246, 248, 265, 294, 295, 312,
 313, 322, 323, 335, 340, 341,
 343-345, 20, 34, 53, 89, 91-94,
 103, 105, 140, 183, 200, 225,
 236, 299, 300

SAMPAIO, Pedro da Silva e (Bis-
 po) 93, 96, 141, 209, 210, 240

SAN FELICE, João Vicente: ver
 BAGNUOLO (Conde de)

Marco António 80, 81
 Paulo Dias 226

SAN MARTIN, Gregório de Zúni-
 ga y (Dom) 107

SÃO BENTO, Inácio de (Frade)
 292

SÃO PAULO, Cornélio de (Fra-
 de) 6
 Junipero de (Frade) 99-101,
 109

SARAIVA, Duarte 312

SCHKOPPE, Sigismundo von 62,
 66, 74, 76, 77, 82, 92, 257

SCHOTT, Guilherme 257

SEBASTIÃO (Rei) 166, 179, 291

SERPA, António Coelho 19

SEPULVEDA, Luís da Costa 309,
 323, 346, 19, 104

SILVA, António da 318, 319, 323,
 346, 19, 104, 159
 António de Freitas 256
 António Pacheco da 53
 António Teles da 223-226, 228,
 230, 231, 261, 294-296, 301-306,
 331, 332, 334, 335, 341, 342, 37,
 38, 41, 43, 52, 70, 72, 75, 76,
 79-81, 83, 101, 118, 145, 178,
 180, 189, 190, 236, 246, 250,
 251, 254

Ascenso da 57, 78, 80, 84, 86,
 96, 331, 47, 61, 90, 134, 188
 Diogo da 143, 309, 323, 18, 108
 Francisco de Figueiredo da 16
 João Batista da 118, 122
 Manuel Barbosa da (Dr.) 107
 Maria da (Dona) 71
 Pedro da (o Mole) 95, 97, 98
 Pedro Correia da 125

SILVEIRA, Francisco Bravo da
 77, 79, 86
 João da 151

SIMAO (Frade) 115

SNIDER, Chisaen 271

SOARES, Bartolomeu 11

Gabriel 257

Manuel 18

Manuel Filipe 270-272

Paulo Brandão 90, 104

Sebastião Falcão 107

SOLER, Margarida 237

Vicente 237

SON, André: ver HENDERSON,
Jaime

SOUSA, Diogo de 23, 24

Domingos Ferraz 231, 232

Duarte 107

Francisco de (Dom) 74, 75

Henrique Mendes 107

João Barbosa de 338

João Rodrigues de 86

Manuel de 158

Vicente Rodrigues de (ou
COSTA ?)SOUTO, Sebastião do 57, 83, 96,
314

SOUTO-MAIOR, Paulo da Cunha

109, 145, 146, 149, 210, 217,

218, 331, 76, 77, 84-87, 90, 134,

143, 145, 158, 161, 165-167, 171,

172, 222, 234, 247, 256, 259

STACHHOUWER, Jacó 66, 113,
119

STEMBOR, Frederico 205

T

TABORDA, Antônio Gomes 302, 7,
10, 18, 46, 48, 51, 64, 104, 222

TAPPER, Abraão 148, 205

TAVARES, Aires 105

Antônio 19

Francisco Rodrigues 19

João 182

TAVORA, Alvaro Pires de 240
Maria 323TEODOSIO (Dom): ver BRA-
GANÇA, Teodósio de (Dom)

TAVES, Jacinto de 15

TEÇAO, Antônio Álvares (ver o
seguinte)

Antônio Gonçalves 331, 47, 50,

61, 64, 90, 134, 143, 161, 166,

167, 222, 235, 236, 280, 284

TIMBO, Domingos Dias 105

TOLNER, Carlos 205, 207

TORNEL, Carlos: ver TOLNER,
Carlos

TORNEO, Francisco Cardoso do 23

TORRADO, Pedro Dias 108

TORRE (Conde da) 139, 142, 146,
258, 308, 311, 316TOUR, Francisco de la 264, 77, 130,
138, 175, 176, 181TOURLON, Carlos de 102, 125, 142,
146-149, 205TRINDADE, Anselmo da (Frade)
115, 116, 244, 19, 105

U

UCEDA, (Duque de) 229, 230

UCHOA, Antônio Borges 322, 7,
18, 46, 104, 143

Manuel de Sousa 157, 164

Mateus de Sousa 130, 41, 106

UFFELE, Gillis van 90

URBANO VII (Papa) 201

UYTENHOVEN, Antônio 205

V

- VALBEQUE, João de: ver WAL-BEECK, João van
- VALE, Fernão do 319
Simão do 114, 307
- VALOR (Capitão) 226, 228
- VANDERLEI, Gaspar 264, 310, 316, 37, 100
- VANDFORTE, Baltasar: ver VOORDE, Baltasar van de
- VANDLEI, Gaspar: ver VANDERLEI, Gaspar
- VANDLIBERGEN, Arnau: ver LIEBERGEN, Arnau van
- VANDLOR, Andre 205
- VANDUERVE, Pedro 90
- VANUFLO, Gillis: ver UPFELE, Gillis van
- VARELA, Simão 105
- VASCONCELLOS, Bartolomeu Cabral de 236, 237
Cristóvão Lins de 109-116
Inês Lins de 110
João de (Prade) 23
João Mendes de 202
Zenóbio Actoli de 235, 257, 259, 263
- VELADA (Marquês de) 67
- VELANES, Francisco 124
- VELASCO, Ana de (Dona) 180, 182, 187, 197
- VELHO, João 124
- VEIOSO, Paulo 302, 327, 347, 6, 7, 18, 46, 48, 50, 64, 90, 143, 162, 166
- VERÇOSA, Hipólito Alonso 75, 77
- VICENTE, Pedro (Padre) 106
- VIEGAS, Antonio 191
- VIEIRA, António 264
Gaspar de Almeida 130, 265, 105
- João Fernandes 96, 114, 117-119, 121-124, 130, 205, 207, 239, 245, 261, 262, 270, 271, 282, 291-293, 296, 297, 300-303, 305-307, 309, 311, 315, 316, 317, 321-325, 327, 328, 330-339, 343-349, 5, 8, 9, 11-13, 17, 18, 20, 24, 26, 29, 30, 33, 35-46, 48, 50-54, 59-63, 69, 71, 75, 76, 78, 79, 81-85, 88-91, 94, 95, 98, 101-103, 109, 114, 115, 117, 125, 130-133, 137, 139, 142-144, 146-149, 158-161, 165, 169-176, 183, 187-195, 221, 223, 225-229, 237, 243, 246, 249, 251, 253, 273-281, 283, 285, 286, 289, 290, 292, 299
- Sebastião Afonso 107
- Simão 326
- VILA-FRANCA, João Lopes 158, 161, 164
- VILAR, Gaspar Fernandes: ver VILAS, Gaspar Gonçalves
- VILAS, Gaspar Gonçalves 315, 316, 124
- VILELA, António (o Moço) 151, 153
- VILHENA, Francisco de (Padre) 202, 209-212
- VINAIS, João: ver WYNANTS, João
- VITORIA, Lourenço Nunes 206
- VOORDE, Baltasar van de 331
- VRIES, David de 314

W

WALBEECK, João van 327, 179

WEDDA, Alberto Gerardo 264, 180

WILLEMS, Hans 256

WITH, Gilberto de 125, 261, 303

WYNANTS, João 256

XXIMENES, António Nunes 265,
326, 40, 106.

COLEÇÃO PERNAMBUCANA
1ª FASE

I — Pernambuco seu Desenvolvimento Histórico;	— Manoel de Oliveira Lima
II — Vocabulário Pernambucano;	— F. A. Pereira da Costa
III — Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano;	— Padre Lino do Monte Carmelo Luna
IV — Dicionário Topográfico, Estatístico e Histórico da Província de Pernambuco;	— Manoel da Costa Honorato
V — Nova Lusitânia — História da Guerra Brasileira;	— Francisco de Brito Freyre
VI — Os Tempos de Lima Cavalcanti;	— Costa Porto
VII — Ensaio Pernambucano;	Vários autores
VIII — Diálogos com Agamenon Magalhães;	— Padre Romeu Perêa
IX — Luís Álvares Pinto — Arte de Solfejar;	Estudo e edição preliminar do Padre Jayme Diniz
X — Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844)	
XI — Diário de um Soldado; Olinda Conquistada;	— Ambrósio Richshoffer
	— Padre João Baers
	— Traduções de Alfredo de Carvalho
XII — Arruar — História Pitoresca do Recife Antigo;	— Mário Sette
XIII — Estudos Pernambucanos;	— Alfredo de Carvalho
XIV — Os Tempos de Duarte Coelho;	— Costa Porto
XV — Tempo dos Flamengos;	— José Antônio Gonsalves de Mello
XVI — Notas Dominicais;	L. F. de Tollenare
XVII — Viagens ao Nordeste do Brasil;	Henry Koster
XVIII — Subsídios para História da Educação em Pernambuco;	— Ruy Bello
XIX — Os Tempos de Gervásio Pires;	— Costa Porto
XX — O Brasil que Nassau Conheceu;	Edição de Leonardo Dantas Silva

OUTROS LANÇAMENTOS:

— Folclore;	— Vários autores
— Verdevida (O Tempo Simultâneo);	
— Fascínio do Candomblé;	— Maria do Carmo Barreto Campello de Melo
— Pequeno Calendário Histórico-Cultural de Pernambuco;	— José Amaro Santos da Silva
— Ritmos e Danças — Frevo;	— Leonardo Dantas Silva
— Monumentos do Recife;	— Leonardo Dantas Silva
— Mouros e Judeus na Tradição Popular do Brasil;	— Rubem Franca
— História do Futebol em Pernambuco;	— Luiz da Câmara Cascudo
— Cancioneiro Pernambucano;	— Givanildo Alves
— O Imperador Itinerante;	— Leonardo Dantas Silva
	— Fernando da Cruz Gouvêa

COLEÇÃO
PERNAMBUCANA
2ª FASE

I — História da Guerra de Pernambuco	Diogo Lopes Santiago —
Edição Integral
II — Anais Pernambucanos	— 1493-1590; F. A. Pereira da Costa
III — Anais Pernambucanos	— 1591-1834; F. A. Pereira da Costa
IV — Anais Pernambucanos	— 1835-1865; F. A. Pereira da Costa
V — Anais Pernambucanos	— 1666-1700; F. A. Pereira da Costa
VI — Anais Pernambucanos	— 1701-1739; F. A. Pereira da Costa
VII — Anais Pernambucanos	— 1740-1794; F. A. Pereira da Costa
VIII — Anais Pernambucanos	— 1795-1817; F. A. Pereira da Costa
IX — Anais Pernambucanos	— 1818-1823; F. A. Pereira da Costa
X — Anais Pernambucanos	— 1824-1833; F. A. Pereira da Costa
XI — Anais Pernambucanos	— 1834-1850; F. A. Pereira da Costa
XII — Raras e Preciosas Vistas e Panoramas do Recife	— 1755-1855; Gilberto Ferrez
XIII — O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade	Frei Manuel Calado
(2 vol.)
XIV — Primeira Viagem do Santo Ofício a Pernambuco	— Confissões e Denúncias —
(1593-1595)
XV — O Monitor das Famílias	(Edição comemorativa a visita do Imperador Dom Pedro II a Pernambuco — 1859)
XVI — Memórias de um Senhor de Engenho	— Júlio Bello
XVII — Os Azevedos do Poço	— Mário Sette
XVIII — Apartamento de Cobertura	— Hilton Sette
XIX — O Seminário de Olinda e seu Fundador, Azeredo Coutinho	— Monsenhor Severino Nogueira
XX — Fontes para a História do Nordeste do Brasil	— Fernanda Ivo Neves
XXI — Sé de Olinda	— José Luiz Mota Menezes
XXII — Capiba — O Livro das Ocorrências	— Lourenço da Fonseca Barbosa
XXIII — Estudos Pernambucanos	— José Antônio Gonçalves de Mello
XXIV — Anais Pernambucanos — Índice Onomástico	— Geny da Costa e Silva
XXV — Igreja e Estado no Brasil Holandês	— Frans Leonard Schalkwijk

A edição desta obra teve a coordenação editorial e supervisão gráfica da Diretoria de Assuntos da FUNDARPE, órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado de Pernambuco, sendo impressa pela Companhia Editora de Pernambuco – CEPE. A edição, integrante da segunda fase da Coleção Pernambucana, tem o patrocínio do Governador Roberto Magalhães Melo, sendo: Vice-Governador Gustavo Krause Gonçalves Sobrinho; Secretário da Fazenda, Luiz Otávio de Melo Cavalcanti; Secretário de Turismo, Cultura e Esportes, Francisco Austerliano Bandeira de Mello; Diretor-Presidente da FUNDARPE, Roberto José Marques Pereira; Diretor do Patrimônio Histórico, Roberto Jorge Dantas da Fonte; Diretor de Assuntos Culturais, Leonardo Dantas Silva.

Recife, agosto de 1985.